

The book cover features a romantic yet mysterious illustration. A man with dark hair and a black diamond-shaped tattoo on his cheek is shown from the chest up, wearing a dark, ornate coat with a high collar. He is embracing a woman with long, vibrant red hair styled in a braid. She is wearing a flowing red dress and has her eyes closed, leaning her head against his. They are standing in a garden with red roses and dark, leafless tree branches. In the background, a large, multi-towered castle with a clock tower is visible under a cloudy sky. Red petals or leaves are falling around the couple. The overall mood is gothic and romantic.

NATALIA JASTER

TRICK

FOOLISH KINGDOMS
BOOK ONE

Avisos



A PRESENTE TRADUÇÃO FOI EFETUADA DE MODO A PROPORCIONAR
AO LEITOR O ACESSO À OBRA,
INCENTIVANDO POSTERIORMENTE A AQUISIÇÃO.

O GRUPO NÃO TEM O OBJETIVO DE OBTER LUCROS, SEJA
DIRETA OU INDIRETAMENTE.

SELECIONAMOS LIVROS QUE ESTÃO SEM PREVISÃO DE PUBLICAÇÃO
NO BRASIL, ASSIM, AFIM DE PRESERVAR DIREITOS AUTORAIS
E CONTRATUAIS DE AUTORES E EDITORAS, O GRUPO PODERÁ
RETIRAR SEM AVISO PRÉVIO, SUSPENDER O ACESSO
AOS LIVROS QUE SERÃO LANÇADOS POR EDITORAS.

PREZEM PELO GRUPO, NÃO DISTRIBUAM LIVROS
FEITOS POR NÓS EM BLOGS, PÁGINAS DO FACEBOOK E GRUPOS ABERTOS.

NUNCA FALEM SOBRE LIVROS QUE FORAM FEITOS
POR NÓS PARA AUTORES(AS), DIGAM QUE LERAM NO IDIOMA ORIGINAL.

PRESTIGIEM SEMPRE QUE PUDEREM OS AUTORES COMPRANDO
SEUS LIVROS, AFINAL ELES DEPENDEM DISSO NÃO É MESMO?

SALEM WITCHES

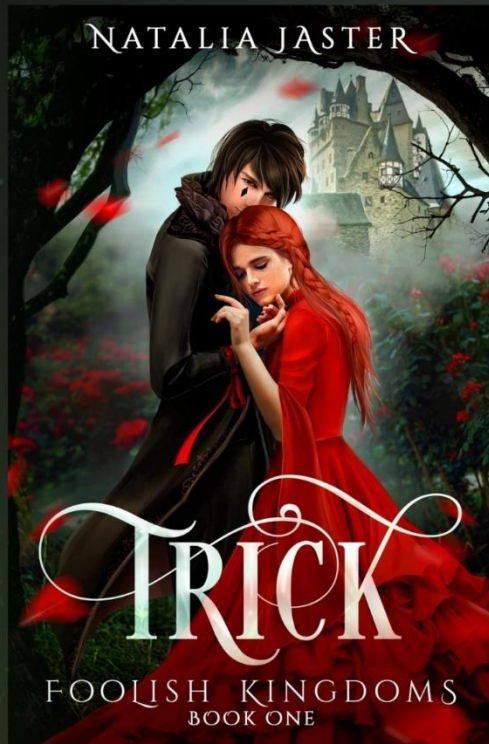
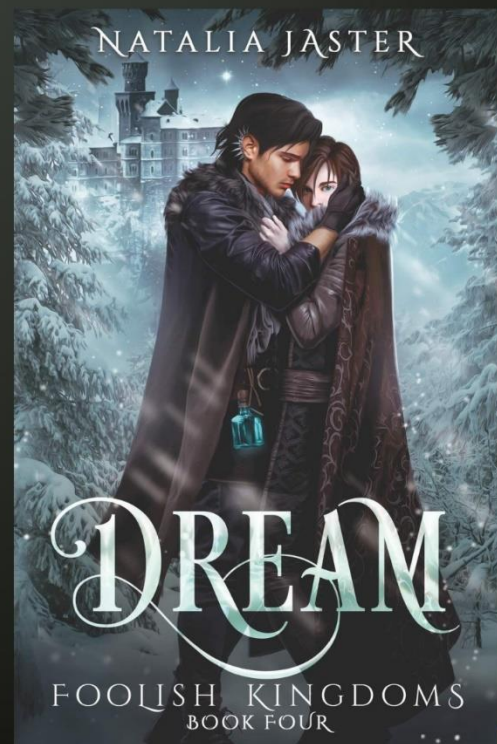
TRADUÇÕES



Setembro, 2020

FOOLISH KINGDOMS

ORDEM DE LEITURA





SINOPSE

Ele é um bobo da corte mau. Ela é uma princesa justa.

É amor proibido.

No Reino da Primavera, Poet é conhecido. Ele é jovem e bonito, um amante de homens e mulheres. Ele se apresenta na corte, beija como um canalha e zomba com a língua de prata.

No entanto, entenda: ele é apenas a alma mais astuta e manipuladora que pode bancar o tolo. Pois Poet guarda um segredo. Um pelo qual a Coroa o algemaria. Um que ele arriscará tudo para proteger.

Infelizmente, serão necessárias mais do que palavras inteligentes para enganar a princesa Briar. Convencida de que ele está manipulando mentiras e versos, esse incômodo justo de uma garota está determinado a expô-lo.

Mas nem todas as falsidades são diabólicas. O segredo de Poet é delicado, vinculando o bobo da corte à princesa em uma aliança improvável... e acendendo uma atração sem fôlego, tão atraente quanto proibida.





PRÓLOGO

BOBO DA CORTE

Venha aqui, minha querida. Eu tenho uma história para compartilhar. Divertirei você, prometo. É o que eu faço melhor. Se você considerar minha roupa, com seus babados e vibrações, será mais óbvio.

Sim, venha até mim, e não tema, porque sou renomado. Minhas unhas estão arrumadas, minha pele é boa e meu sorriso perversamente bonito. As cortesãs dizem isso enquanto riem atrás de seus cálices. Seus dentes raspam as bordas, os lábios pintados de vinho enquanto falam das minhas habilidades: as que eu realizo nos corredores, assim como nas camas, com variados gostos e... companheiros.

Eu sei o que as pessoas pensam, pois estou em sintonia com os sussurros deste castelo. Eles flutuam em uma brisa vertiginosa, fácil de capturar se você for astuto.

Não mencionei que moro em um castelo? Você aprenderá mais sobre isso em breve.

Na verdade, tenho sua atenção. Esplêndido.

Meu nome é Poet. Qual é o seu?

Que silêncio. Deixe-me adivinhar.

Agora permita-me listar meus atributos. Posso girar no chão como líquido, fazer círculos de malabarismo ao seu redor ou roubar a respiração com um rodopio. Falo com a língua afiada de um trapaceiro. Se você pedir gentilmente, eu a deliciarei com uma rima, algumas linhas de verso fiadas em





ouro. Se você perguntar ainda mais gentilmente, eu poderia lhe agradecer com essa rima em particular. Como você quiser.

Eu sou uma bugiganga, um servo da coroa. Eu sou um enigma, uma agenda oculta.

O melhor para iludir você.

Eu sou a melhor piada que você já conheceu. Se você me irritar, eu vou te derrotar com palavras, pois as espadas são os brinquedos dos cavaleiros, enquanto eu uso armas mais criativas.

Isso não significa que não sei como usar com uma lâmina. Pois eu posso. E eu usei. Muitas vezes, carreguei uma comigo enquanto saía furtivamente desta fortaleza, entrando e saindo de sombras, com os guardas nem os sábios. Uma adaga era necessária naquelas noites, e chegar ao meu destino precioso, meu querido pequeno segredo, valeu a pena o risco.

Ainda assim, minha inteligência é mais aguda que uma adaga. E oh, esse é o maior triunfo, porque vence até o mais real deste reino. Pois apenas um homem inteligente sabe como se fazer de bobo. Passei minha vida, todos os dezenove anos, aprendendo como.

No entanto, nenhuma dessas habilidades pode fortalecer o coração, nem o proteger de partir. Recentemente, aprendi bem essa lição. Então, deixe-me contar uma história de como perdi uma batalha de vontades.

Não para o meu rei. Não para a minha rainha.

Não. Eu perdi para uma garota.





CAPÍTULO UM

PRINCESA

Eu respirei fundo, o aroma floral, e segurei. Segurei bem e firme.

Ao longe, além das muralhas do castelo, o pôr do sol se reunia no horizonte. Uma rajada de vento passava pela paisagem. As flores cantavam e as ervas batiam palmas.

Ao redor desta fortaleza estava a cidade baixa. Ao redor de ambos, as colinas de flores silvestres. E ao redor das colinas, a floresta floral onde pétalas brotavam das árvores.

Uma nação de renascimento e arte.

Agarrando a borda da varanda, exalei e olhei para a vista. O pai costumava dizer com muito carinho que este lugar trazia à tona o espírito de todos. Em mim, especialmente.

Se ele estivesse vivo hoje, se ele me conhecesse agora, ele estaria errado.

Uma quinzena viajando me levou a Whimtany, o Reino da Primavera, o chamado mundo alegre, longe do eterno Outono de minha própria terra. Todos os anos, os membros da realeza viajavam para esta região, para uma reunião de trégua entre as quatro estações.

Era uma causa importante, mas eu ainda sentia o mesmo puxão exaustivo em minha alma que sempre sentia ao estar aqui. Eu não queria ser uma convidada da Primavera. Não queria participar do banquete de boas-vindas hoje à noite, nem queria beber ou dançar.

Certamente não queria dançar. De modo nenhum.





Claro que isso não era sobre mim. E uma princesa nunca fica de mau humor.

Olhando para longe da vista de Whimtany, voltei para os limites da minha suíte: vasos cheios de botões de cerejeira, instrumentos musicais em exibição, roupa de cama de linho leve como asas de uma borboleta e as cores verde e rosa da primavera. Os tipos de cores que pareciam acordá-la no momento em que seus olhos pousaram neles.

Fui criada em vermelhos e marrons sensíveis. Mista, o sereno Reino do Outono. Minha casa.

Um mês. Um mês neste castelo, e então eu poderia voltar.

Meu baú de viagem fora desembalado e minhas roupas guardadas. Enrolada em um roupão, fui para o guarda-roupa para escolher algo para vestir à noite.

Foi quando eu vi. Uma fita escarlate amarrada em um laço. Tremia sobre os travesseiros da minha cama.

Eu dei uma volta completa, examinando o cômodo.

Ninguém. Sozinha.

Mas alguém esteve em meus aposentos. E eles queriam que eu soubesse.

Ninguém havia me concedido um favor de boas-vindas ainda. Essa fita era um novo estilo de saudação Whimtany? Foi escolhido um tom de Outono especificamente para me reconhecer?

Eu não era estranha a este reino, com seu gosto por folia, mas isso era esquisito. Verdadeiramente esquisito, mesmo para esta terra alegre. E a única outra pessoa que esteve aqui era uma empregada, uma garota tagarela que veio trazendo lençóis e fofocas.





A fita poderia ter sido um equívoco aleatório, uma decoração inadequada ou suprimento de conserto. Só que eu não conseguia me lembrar de estar lá há alguns minutos, muito tempo depois que a criada saiu.

A porta teria gemido se alguém tivesse entrado - alguém que teve a coragem de entrar sem a minha permissão. E eu deveria ter ouvido o barulho da varanda.

Quem quer que tenha sido, ele ou ela deve ter se movido silenciosamente pelas minhas costas.

Quem tomaria essa liberdade? Um nobre?

Não confiava em uma lembrança dada anonimamente. Apertando meus lábios, fui até a cama, peguei a fita, coloquei-a na gaveta mais próxima e limpei minhas mãos.

Pronto. Avante agora. Eu abordaria o item atrevido mais tarde.

A porta se abriu. Minha mãe pulou para dentro, voou direto para a cama e se jogou nela.

— Mmm — ela murmurou, suas pálpebras tremulando fechadas quando ela bateu as mantas. — Sua cama é confortável.

Coloquei as mãos nos quadris. — Mãe.

— Todas essas penas.

— Mãe.

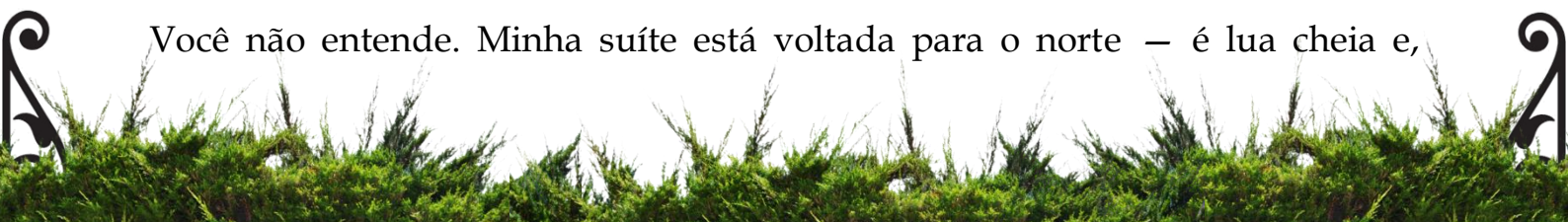
— Sim, querida filha?

— Você não está dormindo aqui hoje à noite.

Ela se aconchegou no chão. — Oh, tão suave. Tão majestoso. Vou descansar bem esta noite.

— Eu sei que você me ouviu.

Minha mãe, a rainha Avalea de Mista, lançou um gemido dramático. — Você não entende. Minha suíte está voltada para o norte — é lua cheia e,





portanto, dá azar dormir sozinha. Nós devemos unir forças. Uma mulher nunca sabe quando um fantasma pode se infiltrar em seu quarto para reivindicá-la na calada da noite.

— Você é adulta agora, — respondi. — Você estará por conta própria.

— Tão rigorosa com sua mãe. O que eu fiz para merecer isso, Briar?

Até a voz mal-humorada dela soava rouca. Eu olhei para a expressão dela, sentindo uma onda de ternura. Eu a amava. Ela me amava. Esse não era o problema.

O pai era o problema. Sua memória vivia entre nós, dormindo em nossos quartos, festejando em nossa mesa. Diariamente, ele nos unia e nos separava. Há muito tempo, eu fiz o meu pior para ele. Eu não pude desfazer isso, e ele se foi - e não importa quantos anos se passem, não importa como tentei reparar e me consertar, para ser perfeita para os que sobraram de nossa família, a culpa era eterna.

Eu não mereço mamãe. Eu não me permitiria me aproximar dela.

Por que e se eu a perder também?

Ela fez uma demonstração de agitação, não apenas com os olhos brilhantes, mas com todo o corpo, com os membros esticando até o final da cama e o aroma fresco de maçãs de casa infundidas em seus cabelos — vermelhos como os meus, mas envelhecidos para um tom enferrujado. Além de nossas madeixas, não éramos parecidas. Quando eu nasci, o povo de Mista havia previsto outra joia. Eles me ganharam, ao invés.

Para os ingênuos e não-inspirados, as princesas deveriam ser adoráveis, dos sapatos às tiaras. Uma princesa possuía os traços desejados: cachos longos, boca rosada, alta. A realeza era o auge da beleza.

Ninguém imaginava uma princesa feia ou simples. Ou, as Estações proibem, afiadas. Uma princesa era o broto da flor, não o espinho.





A suposição era bastante estúpida. Mista não havia previsto uma garota como eu. Uma baixa, de dezoito anos, rosto simples, cotovelos protuberantes, com íris opacas, feições apertadas e o corpo de um galho. Não via nenhum problema com isso, exceto que me fazia parecer muito com meu pai morto e não o suficiente como minha mãe viva. Seus súditos queriam que a futura rainha fosse honorável, mas também uma duplicata da mãe: radiante e transbordante do que chamavam de sociabilidade.

Ela era uma governante sábia, mas tinha maneiras amáveis de fazer as coisas. E eu teria o meu próprio governo um dia, exercitando um bom julgamento e uma mente firme. Eu não exigiria a adoração das pessoas, apenas seu respeito e lealdade.

Enquanto isso, eu precisava estar em casa, não aqui, perdendo a chance de fazer contribuições sempre que possível. Embora eu fosse a próxima na fila do trono de Outono, as negociações de paz excluía os descendentes. Como parte do costume, as reuniões eram restritas aos atuais governantes. Impraticável, se alguém me perguntasse.

As idades diferiam entre os filhos das terras. O garoto de Verão estava no seu oitavo ano. Como Inverno tinha duas rainhas, seu sucessor era um sobrinho de onze anos. E a filha de Primavera ainda estava no berçário. Ainda não havia base para nos encontrarmos e nos unirmos; portanto, para esse fim, permanecia a única jovem nobre que participava desse evento.

Mamãe me queria perto. Sua esperança de compartilhar minha cama não tinha nada a ver com luas e aparições completas, e tudo a ver com recriar a primeira vez que ela me trouxe aqui, quando eu tinha seis anos e precisava dela ao meu lado para descansar. Quando ainda éramos uma família completa. Quando este lugar ainda não continha lembranças dolorosas.





Desde então, ela tentou reacender aquela noite, como se fosse uma cura. Chegou ao ponto em que suas tentativas e minhas recusas se transformaram em um ritual. Ela cutucava, e eu inventava a desculpa de que ela chutava durante o sono.

– Oh, não, – disse mamãe. – Você parece zangada. O que é desta vez? – Ela deu um tapinha no espaço a seu lado. – Venha. Junte-se a mim nessa cama macia. Me fale sobre isso.

A visão dela estendendo os braços para meus problemas me sufocou de saudade. Eu queria me enrolar com ela e me explicar, minhas palavras mantidas seguras contra seu peito. Eu queria dizer a ela que ela deveria ter me deixado para trás em Mista, onde eu poderia ajudar a administrar o reino na ausência dela, em vez de deixá-lo para seus conselheiros.

Eu me recusei a, no entanto. O próprio ato de confidenciar qualquer coisa, a qualquer pessoa, me deixava enjoada.

O presente misterioso que recebi era outro assunto inexplicavelmente incômodo. Mas se eu mostrasse a fita para ela, ela só me provocaria por levar o gesto muito a sério.

Recuei para o guarda-roupa enquanto dizia: – Precisamos nos preparar para o banquete.

Um comentário bobo, já que eu era a única que não estava vestida. Também saiu mais severo do que eu pretendia.

Um espelho de maquiagem pendia acima da penteadeira. Ao escolher um vestido sóbrio, mas imponente, de veludo marrom, no reflexo vi mamãe se encolher, me irritando com remorso. Abri minha boca para me desculpar quando ela forçou um sorriso em seu rosto. Ela balançou as pernas para o lado da cama e correu em minha direção, os quadris se projetando de um lado para o outro. Como ela se movia dessa maneira tão facilmente?





— É isso que você está vestindo? — ela perguntou.

— Sim. — eu respondi.

— Não. — Eela disse. — Não neste reino.

Alcançando por cima do meu ombro, ela enfiou a mão no guarda-roupa, cheia das cores do outono de Mista. Ela retirou uma alternativa, um novo design que encomendou às costureiras.

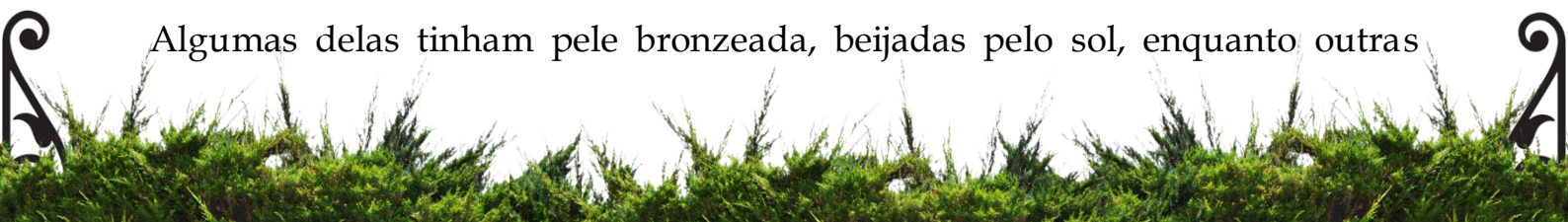
Eu obedientemente deixei ela me abotoar, me prendendo no vestido. Era de seda rubi, mangas na altura do cotovelo e um decote quadrado - um decote quadrado baixo. O corpete tinha uma brecha no centro, permitindo que um pano debaixo aparecesse. A bainha se agitava em volta dos meus joelhos, enquanto uma saia mais longa de seda mais leve e vermelha brilhava por baixo.

Dois enfeites se seguiram: um cinto feito de rubis em forma de folhas e um par de grampos de cabelo. Mamãe discutiu comigo, declarando que os cliques deviam varrer metade dos cabelos do meu rosto, deixando o resto rolar imprudentemente pelas minhas costas, à moda das senhoras de Whimtany. A ideia me deixava desconfortável. Uma garota do Outono não fazia isso - tranças e toucas reinavam em Mista - e permitir que meu cabelo passasse desenfreado pelas minhas costas era uma receita para emaranhados.

Além disso, minhas madeixas flamejantes chamariam o tipo de atenção masculina que eu não ligava, apesar de não ser comprometida. Na penteadeira, passei uma escova pelo cabelo, enrolei as mechas em uma trança no alto da cabeça e preendi com os grampos. Eu era uma futura monarca, não uma sereia.

Mamãe levantou as mãos. — Oh, Briar. Desisto.

Nem um momento depois, a companhia chegou em um turbilhão de vestidos de pétalas. Sete cortesãs, da minha idade. Meninas da Primavera. Algumas delas tinham pele bronzeada, beijadas pelo sol, enquanto outras





tinham pele mais escura, como zibelina. Em comparação, eu era pálida como farinha.

Elas correram para o quarto tão rápido que, quando pararam, deslizaram pelo chão e esbarraram uma na outra, depois explodiram em uma gargalhada coletiva que poderia ter dividido o teto.

Cadence. Fae. Lisette. Vale. Posy. Questa. Rhiannon.

Uma fila de reverências:

— Sua Majestade.

— Sua Majestade.

— Sua Majestade.

— Sua Majestade.

— Sua Majestade.

— Sua Majestade.

— Sua Majestade.

Uma pausa. Eu esperei enquanto as Sete Tolas finalmente se lembraram de si mesmas. — Sua Alteza. — Elas me disseram em uníssono, mas não com a mesma alegria que se dirigiram à mãe.

Elas foram direto para ela, cercando-a como filhotes de cachorro, balançando suas caudas, gritando um sobre o outro em emoção. “Bem-vinda de volta, Majestade” , e “Sentimos sua falta” e “Estou desmaiando durante o banquete” e “Haverá tanta frivolidade” e “Estou apaixonada” e “Ela está sempre apaixonada” e “Mas estou *realmente* apaixonada.”

As Sete listaram os convidados que viriam hoje à noite, todos os nobres, homens e mulheres. No entanto, elas continuaram voltando ao entretenimento, insinuando sobre uma grande performance enquanto retinham os detalhes. Elas lançaram uma a outra um olhar conhecedor e jorraram sobre o delicioso segredo.





Havia uma linha tênue entre diversão diferenciada e diversão da Primavera. Sem dúvida, seríamos submetidas a um engolidor de espadas com braços de ogro.

Fiquei na penteadeira, vendo o grupo modelar seus vestidos, abrindo suas saias. Elas cantarolaram uma música e começaram a dançar, circulando-se levemente.

Enquanto mamãe ria com elas, apertei minhas mãos no meu colo. Eu me sentia como uma criança trancada dentro do meu quarto, olhando para as crianças que brincavam ao ar livre.

— Junte-se a elas, Briar —, incentivou a mãe. — Vá. Por mim.

Eu já a tinha machucado uma vez. Eu não poderia recusar.

Participei da dança, constrangida, porque isso não terminaria bem. Embora criada para andar com graça, aulas de dança foram desperdiçadas em mim. Isso ficou claro desde a infância, pois eu não tinha ritmo natural. Eu não tinha a capacidade de girar como as outras garotas, cada osso do meu corpo tenso como se eu tivesse sido pregado.

Mamãe levantou-se do poleiro junto à lareira encapuzada. — Se vocês me dão licença, senhoras —, anunciou ela, as borlas em volta da cintura batendo juntas. — Façam companhia à Briar.

Ela apontou o dedo na minha direção e murmurou um silencioso *“fique”*, depois saiu.

Eu resmunguei interiormente. Eu tinha certeza de que as outras também. Elas não reagiram verbalmente a mim pisando nos dedos dos pés. Em vez disso, elas sorriram para o meu rosto, embora eu as visse trocando olhares muito diferentes por cima do ombro.





Posy se afastou de nós e começou a mexer nas minhas coisas. Meus sapatos alinhados ao lado do guarda-roupa. Minha cesta de lenços. Minha pena favorita.

Então ela correu para a janela e a abriu. Nem um instante em seu devaneio, ela ofegou: – Oh, minha Primavera! É ele!

A dança se desfez. Pandemônio se seguiu. As meninas correram para o peitoril.

– O que no mundo?! – Apertando a cabeça através do vão.

– Alteza, você deve dar uma olhada. – Sussurrou Posy.

– Um longo olhar. – Fae ronronou.

– Alteza, podemos assisti-lo da sua varanda? – Questa implorou.

– Você está louca? – Vale perguntou, passando o braço escuro pela cintura de Posy. – Ele vai nos ouvir lá.

– Se o grito de Posy já não o alertou. – Disse Rhiannon.

– Ele também nos verá. – Acrescentou Lisette.

– Não, ele não vai –, argumentou Questa. – Ele está... ocupado.

Cadence passou o dedo pelo peitoril. – Diabo, me leve.

– Me faça prisioneira. – Fae alterou, ganhando uma rodada de risadas.

– Sua Alteza –, Posy gorjeou. – Você perderá ele.

Não, eu não perderia. Demorei a alcançá-las, mal disposta a fazer alarido sobre algum macho. O grupo se separou, permitindo que eu espiasse pela janela e fingisse interesse por ele. A vista abrangia não apenas as colinas de Whimtany, mas também um dos jardins do castelo abaixo. Arbustos altos e dalias baixas.

E, como uma aceleração repentina do pulso, lá estava ele.





CAPÍTULO DOIS

PRINCESA

Em algum lugar da cidade baixa de Primavera, um contador de histórias escrevia uma fábula, um florista arranjava caules e um apicultor inspecionava suas colmeias. A vida girava. Seguia em frente, assim como as nuvens.

E ainda assim parou. A vida parou em todos os lugares, exceto no jardim, onde uma dália foi arrancada por uma mão masculina estendida. Dedos ágeis giravam a flor, depois enfiavam o caule atrás da orelha de uma donzela cuja cabeça pendia em um gemido extasiado.

O casal se abraçou. Minha boca se abriu, calor enchendo minhas bochechas.

Ele. As costas dele, pelo menos. Ele estava preocupado demais em devorar a dobra do pescoço de sua consorte para fornecer uma perspectiva clara.

Camadas escuras de cabelos grossos e despenteados provocavam sua nuca. Aquele cabelo cavaleiresco, no entanto, não pertencia a um cavaleiro. Um homem de armas não exibia tinta preta nas unhas curtas, nem uma pilha de fitas em volta do pulso.

Acima da calça escura, uma túnica listrada moldava nos ombros e braços, com punhos vermelhos enrolados nos antebraços. Um breve momento em que ele virou para o lado, revelou um colarinho incomumente alto, tingido do mesmo vermelho que os punhos.

Vermelho. Outono.





No entanto, ele não poderia ser de Mista. Minha mãe e eu tínhamos viajado com apenas um membro do conselho e uma pequena comitiva de cavaleiros.

Além disso, eu seria pressionada a esquecer uma pessoa vestida como ele. Ele era definitivamente um cidadão da Primavera, embora seu guarda-roupa me parecesse muito ousado e teatral para torná-lo nobre, mesmo neste reino da criatividade. No entanto, apesar do meu ponto de vista, eu conhecia material caro quando o via. Isso descartava a possibilidade de ele ser um servo humilde.

Um dos artistas da corte, talvez? Um escultor ou pintor?

As Sete lutaram entre si para dar uma olhada. Cadence murmurou: — Eu não a reconheço.

— Talvez ela seja uma nova acrobata residente —, adivinhou Vale. — Ela tem o corpo de um.

— Não. Ele não dorme com os artistas inquietos.

— Oh, eu sei! Ela é sobrinha do falcoeiro. — Disse Posy, como se de repente se lembrasse.

Com base nos movimentos do par, eles não eram... bem, eles *não eram*.

No entanto, como ousar participar disso! Eu repreendi minha consciência e estava prestes a fechar a janela quando o garoto se desembaraçou da garota e depois estalou os dedos. O barulho, agudo, mas tão arrogante, ricocheteou nas paredes de pedra, dispensando prontamente sua companhia. Eu me senti carrancuda quando a garota partiu através de um portão.

Ao mesmo tempo, uma criatura pequena e alongada surgiu de um canteiro floral. Quando isso aconteceu, o garoto ajeitou o traje e seguiu a trilha do animal. Uma rajada de ar enviou pétalas que pululavam em torno da bota





do garoto enquanto ele caminhava — não, isso estava errado. Caminhar era uma descrição muito comum para como ele se movia. Fluido e furtivo.

Isso equivale a migalhas. O que me inspirou a continuar observando-o, como se exhibições mais indecentes pudessem acontecer a qualquer segundo, eu não sabia. A princesa em mim bufou em voz alta.

E foi aí que ele parou.

Apertando as mãos sobre as bocas risonhas, as cortesãs se abaixaram. Eu não tinha pensado em fazer isso. Eu fiquei lá, segurando o peitoril.

Sua cabeça inclinou-se para o lado em consciência, sugerindo seu perfil. Eu me orgulhava de ter uma boa visão e peguei uma sugestão de um sorriso se formando.

Ele me ouviu. Ele sabe que eu tenho assistido.

Eu pensei que ele poderia se virar e olhar para mim. Em vez disso, ele continuou. Ele atravessou o jardim, junto com a criatura que disparou em torno de seus calcanhares, e desapareceu por uma porta no extremo oposto.

As Sete Tolas voltaram a aparecer. Cadence fez um ruído feroz, um experimento arbitrário entre um suspiro e um gemido. — Conheço outros lugares em que ele pode estalar os dedos.

As cortesãs gargalharam.

Fae disse a ela: — Você é superficial.

— Não importa para Poet.

Eu teria me assustado com a observação grosseira se não estivesse distraída. Poet. Esse era o nome do garoto? Que tipo de assinatura ridícula e pretensiosa era essa?

Novamente, seu traje não passava por um criado, nem um aristocrata, mas por uma pessoa pertencente a uma classe totalmente diferente. Um garoto que usava fitas no pulso.





Uma delas tinha sido vermelho. Escarlate.

Cadence interpretou mal minha expressão. —Perdoe— me, Alteza. Isso foi desagradável da minha parte.

Ela não parecia ter se arrependido.

—Eu devo me vestir —, eu me ouvi dizer, muito emocionada pela ansiedade, eu queria dar uma segunda olhada na fita da minha gaveta, para lembrar que eu já estava vestida.

Meu anúncio levou as meninas para a porta. Enquanto elas trotavam pelo corredor, um comentário abafado e a risada de resposta das cortesãs invadiram meu quarto.

Fui até a cômoda, peguei o tecido escarlate por dentro e coloquei-o no meu pulso. O tom brilhava tão quente quanto a que ele usava.

Nos quatro reinos, o presente de uma fita simbolizava a estima de uma pessoa por outra. Mas isso não parecia mais um presente. Parecia uma provocação, talvez uma conquista.

Como uma piada.



Enquanto eu descia o corredor, minhas saias abanavam minhas pernas e roçavam o chão. Hera se enroscava em pilares, subindo a pedra da mesma maneira que sobre o exterior do castelo. As alcovas exibiam vitrais que mostravam os numerosos jardins do castelo.

Encontrei a saída certa e saí, atravessando um dos campos, aventurando-me por um longo caminho em direção às ruínas de uma torre. Costumava fazer





parte do reduto séculos atrás. Hoje, as flores cobriam as paredes destruídas, criando o que os habitantes consideravam um jardim antigo.

As pessoas raramente vinham aqui, o que tornava perfeito para segredos. E eu adorava conhecê-lo neste lugar. A atemporalidade disso.

Um piscar de olhos. Duas piscadas. Três.

— Pziu —, veio o sinal familiar por trás. Minha consciência aumentou, reprimindo a lasca de culpa que senti por estar aqui. Em vez de *psst* de volta — eu não era mais uma garotinha — me virei para o som e bati meu pé em resposta. Eu duvidava que chegasse aos seus ouvidos, não importava o quão afinado. Houve poucos casos em que usei meus pés de maneira alegre. Ou fiz qualquer coisa assim.

— Servo. — Eu sussurrei.

— Mestre. — Ele sussurrou de volta.

— Menestrel.

— Monarca.

Dedos me cutucaram nas costelas. Eu me virei novamente para Eliot, esbelto, ajoelhado, um sorriso precioso atravessando seu rosto antes que ele abaixasse a cabeça.

Pensativa, tentei sorrir. Nós nos reunimos dessa maneira desde aquele dia mágico e terrível em que tínhamos doze anos de idade. No entanto, eu me preocupava que não pudéssemos permanecer assim para sempre, explorando nossas classes sociais em diversão ociosa, como se elas não fossem reais.

— Posso me levantar? — Eliot perguntou.

— Você pode. — Eu recitei.

Ele ficou de pé e me puxou para um abraço. Recebi seu abraço, afundei nele. Aquele dia inesquecível do mercado de nossa infância - e os dias,





semanas, meses e anos de cartas secretas que se seguiram - nos amarraram, apesar do tempo e da distância.

Gentil Eliot. A única razão pela qual eu ansiava visitar Whimtany.

Meu único amigo de verdade.

E um servo. Uma transgressão.

Trate um ao outro com bondade e dignidade, mas não se desvie da sua classe social. Casar dentro de sua Estação e temporada. Viva e morra lá.

Intitulado com intitulado. Servo com servo. Comerciante com comerciante. Camponês com camponês.

Areia com areia. Folha com folha. Neve com neve. Flor com flor.

As Estações mantinham esse padrão social. Nossas terras aliadas nos libertaram de casamentos de conveniência pela paz. Se algum de nós se encontrava em apuros e necessitava de ajuda, negociávamos de outras maneiras. Um tratado secular cuidava disso.

Os monarcas podiam casar como quisessem e com o sexo que desejassem, como as Rainhas do Inverno, desde que essas escolhas refletissem classe. Brincadeiras casuais entre hierarquias não eram levadas a sério, mas qualquer coisa além disso, amizades íntimas e assim por diante, era proibida.

É claro que as pessoas violavam essa regra a portas fechadas. Como uma princesa dando o exemplo de sua terra, ninguém suspeitava que eu fosse uma pessoa assim.

Apesar disso, me permitia essa indulgência única, ignorando a dor que a acompanhava. A vergonha de sentir vergonha em relação a Eliot. Eu lutei a cada momento, às vezes até o ponto em que me ressentia.

— Briar. — Ele murmurou no meu ombro.

— Eliot. — Respondi.

Nossos nomes. Muito melhor. Muito pior.





Eu queria ter um irmão. Se ele e eu tivéssemos a mesma linhagem, morando no mesmo reino, não teríamos que nos esconder assim.

Quando ele se afastou, eu o segurei rápido. — Ainda não. — Eu disse.

— Não sou o sortudo!? — Ele obedeceu, me abraçando. — É meu dever particular manter a princesa de Mista sã entre esse monte de patetas. Como é um abraço? Eu tenho praticado. Quer dizer, eu não pratico com outras princesas. Não que haja outras com quem praticar, e mesmo que houvesse, elas me acertariam se eu as tocasse. Não que eu iria as tocar, porque bem, donzelas são um bando imundo. Exceto por você. O que quero dizer é que já faz muito tempo, se você me entende, então eu quero acertar o momento. Está certo?

Eliot riu mais do que uma galinha. Quando éramos mais jovens, eu tentava controlar o balbúcio dele, beliscando seu braço toda vez que ele se desviava, mas então aprendi que seria mais fácil limpar um fosso com uma concha.

— É incomparável. — Respondi, depois percebi com contrição que não havia contestado sua observação sobre me manter composta enquanto estava nas garras da Primavera. Eliot era mais para mim do que uma muleta.

— Nem tudo sobre Whimtany é pateta —, admiti. — Apenas a maior parte.

— Você ainda é difícil, não é? Você age como se nunca tivesse estado aqui antes. É como se você estivesse com medo de que as paredes fossem te devorar. Elas não fariam isso, eu acho. Por um lado, elas são feitas de pedra e vidro, que não têm dentes. Por outro lado, elas estão cobertas de hera, então...

Antes que ele partisse pela tangente, eu dei um passo para trás. — Deixe-me vê-lo corretamente.

Pesquisamos as aparências um do outro. Ele tinha crescido tão alto quanto um pé de feijão, enquanto minhas pernas não conseguiram se esticar.





Caso contrário, ele parecia o mesmo. Olhos ensolarados. Orelhas grandes. Desarrumado e elegante na roupa de músico. Não só ele era um amigo, mas também um menestrel que tocava alaúde e cantava. Suas baladas eram um pouco fantasiosas em suas letras, com noções de amor cortês e todo o resto dessa tagarelice, mas agradável.

— Eu aprovo —, declarei. — Você superaria um Real qualquer dia.

Ele sorriu, depois olhou a trança empoleirada na minha cabeça. — Eu nunca vou entender o Outono. Como assim, com esse estilo? Você é hóspede da Primavera, sabe. As meninas usam os cabelos soltos aqui.

— Eu não sou uma garota.

Ele riu alto demais. Eu o silencieiei enquanto tentava não rir de volta, o que era difícil. Eu não ouvia suas risadas infecciosas há um ano e sentia falta delas. Eliot era uma daquelas pessoas que fazia os outros rirem simplesmente de ouvir sua alegria. Não importava se a piada ou comentário era realmente engraçado. Eu faria um comentário irônico, e ele o consideraria barulhento, e logo eu me juntaria a ele.

Certa vez, rimos por um minuto inteiro, enquanto os sinos do castelo tocavam. Eu ainda me lembrava disso.

O cheiro familiar de madeira e alecrim que flutuava de sua pele se misturava a novos aromas. Detectei notas de vetiver âmbar e esfumaçado, que não vinham naturalmente dele. Não, eles vinham de outra pessoa.

O rubor dele. Seus lábios inchados.

A maneira como seus olhos brilhavam: incuravelmente apaixonado.

— Você foi cortejado. — Eu soltei, a revelação pulando da minha língua.

O rubor de Eliot se aprofundou. Envergonhado, ele olhou para os sapatos, estranhamente mudo. Não era romântico entre nós. Eliot preferia





garotos, e eu preferia qualquer coisa, menos romance. Então, por que essa notícia agitou meu intestino?

Eu sondei: — Conte-me sobre ele, seu ganso.

Eliot derreteu contra uma parede, braços nos quadris. — Não posso lhe fazer justiça. Eu vou explicar errado.

— Você não vai. — Argumentei.

— Ele me inspira. E quando nos apresentamos...

— Ele é músico?

— Eu sou o músico. Poet é mais do que isso.

Poet de novo. Aquele garoto descaradamente vestido que estava acariciando uma garota poucas horas antes de se alimentar da boca de Eliot. Parecia que muitos estavam apaixonados por esse personagem, o que não poderia ser um bom presságio para o meu amigo.

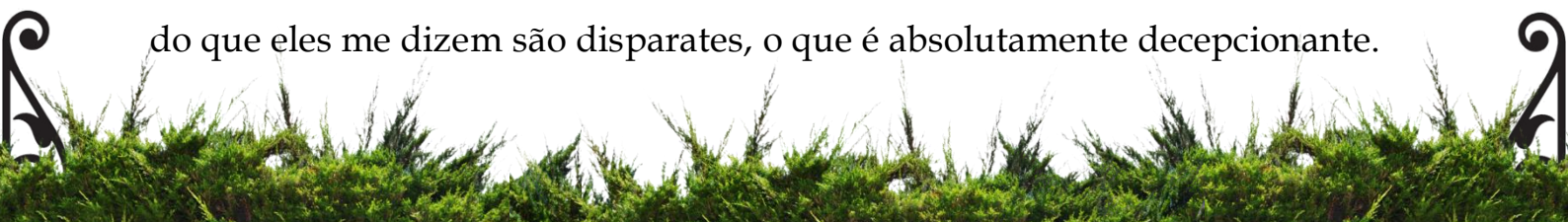
— O que mais? — Eu questionei.

— Oh, não me faça responder a isso —, implorou Eliot. — Eu não quero estragar tudo. Porque eu vou, não vou, se eu te contar? Você terá que se ver no banquete.

Minha mandíbula torceu. Desde quando ele não elaborava seus pensamentos?

— Eu vou gostar dele? — Eu perguntei, já sabendo a resposta. — Vou dar a minha bênção?

— Absolutamente não. — Ele alisou seu conjunto. — Por favor, pareço seduzido? Dizem que sim depois de uma sedução apropriada, mas eu não olhei para o meu reflexo para verificar. Isso me faz parecer mais musculoso? Ouvi dizer que o amor tem esse efeito, mas você não pode acreditar em tudo o que os cozinheiros dizem. Eles estão bêbados a maior parte do tempo. Muito do que eles me dizem são disparates, o que é absolutamente decepcionante.





Isso era mais parecido com ele. Mesmo assim...

— Briar, não me olhe assim —, ele implorou com um sorriso triste. — Você certamente é a única que não gosta dele. Todo mundo — de nobres, jardineiros e artistas — está à mercê de Poet, mas não se preocupe. Sua bênção não será necessária. Ele é bom para mim, mas ele não me pertence. Ele compartilha a si mesmo.

— Compartilha a si mesmo.

— Muito dele mesmo. Ele não se preocupa com isso, o que significa que eu sou o tolo do bobo.

— O que do quê?

— Enganado é o meu destino. Eu só queria ter sua força de vontade. Talvez você possa me ensinar como resistir. Isso é aprendível?

Sua melancolia saltou para mim. Esse Poet havia seduzido meu amigo, mas o sedutor não retribuiu os afetos de Eliot. Na minha janela, senti falta de ver o rosto do garoto. Mas, com suas roupas e o estalar alto de seus dedos, não foi preciso um gênio para concluir que ele era devotado a ninguém além de si mesmo.

Eu sabia o que fazia com o espírito de Eliot quando alguém o enganava. Durante as negociações de paz do ano passado, um escudeiro repugnante namorou meu amigo e depois o deixou de lado sem pensar duas vezes, como se Eliot nunca tivesse significado nada para ele.

Concedido, Eliot tendia a se deixar levar e praticamente começou a planejar suas núpcias depois de apenas alguns beijos. Seus modos de pegajosos foram desagradáveis para o escudeiro.

Ainda assim, eu ansiava com a intensidade ardente de um inferno dar um soco na cara daquele palhaço por desconsiderar meu amigo tão





insensivelmente. De qualquer forma, o escudeiro já se foi há muito tempo, servindo a propriedade de um barão por razões pelas quais não me importo.

O que eu testemunhei no jardim de dalias estava pesado sobre meus ombros. Eliot possuía uma alma aberta e confiante. Ele não tinha a armadura de que precisava mais tarde, quando o desgosto certamente chegaria.

Alcansei sua mão e apertei — Você é inestimável e, algum dia, o pretendente perfeito verá isso. Até então, se você é enganado, é porque você escolhe ser. Os sentimentos podem ser controlados; está ao seu alcance se elevar acima deles.

Eliot espiou entre os cachos. — Você acha?

Eu sabia que sim. Ou pelo bem dele, esperava que sim, porque temia vê-lo machucado novamente.

Como eu desejava que todos soubessem o que Eliot significava para mim. Mas embora eu odiasse manter em segredo a nossa amizade, fazia isso de bom grado. Ele era minha única exceção às regras pelas quais eu vivia. Fora isso, eu não desafiaria este mundo.

Ninguém mais valia a pena. Ninguém jamais chegaria perto.





CAPÍTULO TRÊS

PRINCESA

No grande salão, os convidados se movimentavam violentamente. Margaridas verdes e rosa brotavam das mesas. Videiras de mais flores esgueiravam-se pelas colunas. A cúpula de vidro do teto oferecia uma vista do céu noturno. A melodia de uma flauta saltava pela conversa.

No limiar, engoli bolos de ansiedade na garganta. A umidade batia nas palmas das minhas mãos, mas meu coração se escondia em segurança no meu peito quando batia, batia, batia.

Tanta Primavera em um só lugar. Nenhum lugar para evitá-la.

O furão era novo. Eu nunca tinha visto ele aqui antes. O roedor perseguia debaixo das mesas de cavalete, seu corpo peludo pulando em torno de dezenas de pés.

Dois jovens cortesãos beijaram de boca aberta sobre a mesa, as pontas das línguas deslizando uma contra a outra. Eu fiquei boquiaberta com eles. Eu não tinha ideia de que bocas poderiam beijar dessa maneira.

Só então, o peso do olhar de alguém me dominou. Desviei minha atenção da luxuriante tela e examinei o corredor, apenas para encontrar os outros convidados absorvidos um pelo outro. O peso pode estar vindo de qualquer lugar. Sua presença subiu pelo meu pescoço como dedos, me desafiando a tremer.

— Sua Alteza Real...





O valor de um salão de rostos desviou na minha direção. Felizmente, ninguém percebeu como eu estava encarando o casal. Ninguém, exceto a fonte desse peso invisível.

Uma princesa não recua.

Uma princesa se adapta onde quer que vá.

Pensando naquele beijo, apertei meus lábios. Eu dei um passo à frente e a agitação da atividade recomeçou. O peso foi levantado.

As Sete Tolas conversavam à minha esquerda. Vale e Posy entrelaçaram os dedos e beijaram as bochechas uma da outra. Cadence os punha carinhosamente. As meninas se alimentavam mutuamente de morangos em creme e usavam vestidos de amores-perfeitos e peônias, as mangas curtas e os decotes expondo a pele. Argolas florais cobriam suas madeixas de soltas.

Eu dei um tapinha na trança no meu cabelo.

Sobre o que aquelas garotas conversavam? Elas me diriam se eu pedisse? Ou elas mentiriam porque eu era uma princesa e não tinham escolha a não ser ser cordiais?

Talvez na próxima vez que invadissem meu quarto, eu as chocaria. Eu diria a elas que decidi deixar de ser princesa, fugir, aprender a usar uma lâmina e me comprometer com a vida inteira roubando carruagens por uma causa nobre. Ou que planejava me juntar a um bando de ciganos. Que eu estava decidida a me tornar uma andarilha pária na floresta, dormindo em tendas ou carroças.

Eu, uma desviante na floresta. Ridícula e selvagem. Enlameada.

Se fizesse tal proclamação, receberia uma reação inesquecível. Em vez de impressionar as garotas, posso aterrorizá-las, convencê-las de que enlouqueci. E, bem, elas estariam certas.

Vi os nobres no estrado. Os reis e rainhas das Estações.





Silvia e Doria do Inverno. As mais velhas dos monarcas. Óculos, cabelos brancos espumosos e décadas de autoridade régia vincando seus rostos.

Rhys e Giselle do verão. Uma união de vitalidade. Um marido forte na casa dos trinta e uma esposa dez anos mais nova. Rhys tinha uma selva como bigode e Giselle uma voz de apito — ela constantemente parecia surpresa.

Basil e Fatima da Primavera. Ambos com vinte e seis anos, eles eram um par de monarcas gordinhos que gostavam de terminar as frases um do outro, rindo na cara redonda do outro e esfregando o nariz juntos. Uma partida de amor alegre.

Avalea do Outono. A viúva da Realeza.

A visão solitária de minha mãe no final da fila apertou meu coração. Claro que ela me queria aqui com ela. Ela não tinha mais ninguém. Ela foi roubada de um marido desde que eu tinha doze anos.

Minha culpa. Para sempre.

Particularmente, eu ansiava por casa, onde meus pensamentos não tinham tempo para desviar e todo tempo para rotina.

Em público, cumprimentei os nobres e sentei-me ao lado da mãe, resignando-me a sofrer educadamente até meia-noite. Como a boa garota que eu era. Como princesas eram.

Os visitantes podem ter duas coisas garantidas neste banquete. O primeiro: uma overdose de pratos da Primavera para despertar o paladar. Damascos em pratos canelados. Espargos e ervilhas ensopadas em molho. Tortas inchadas com carne de porco de Whimtany.

Eu mastiguei e observei. Dezenas de bocas conversando, comendo e beijando.

O segundo prazer: música. Eliot apareceu, alaúde na mão. Este era o domínio de um menestrel, onde as palavras caíam dele para o conteúdo de seu





coração, e todos ouviam. Certa vez, ele me confidenciou, enquanto se escondia nas ruínas, que gostaria de morrer cantando.

Eu fiquei com ciúmes disso. Não sabia como queria morrer, o que queria fazer quando acontecesse.

Tampouco queria ponderar a morte. Meu pai já havia feito o suficiente dessa coisa chamada morrer.

Eliot começou a tocar, seus dedos habilmente puxando as cordas. Ele cantava como mel, denso e doce e derramando sobre o salão. Era tudo o que pude fazer para não me inclinar para a frente, apoiar os cotovelos na mesa e descansar o queixo nas mãos - as maneiras adequadas da mesa sejam condenadas.

A música descreveu um encontro proibido entre os amantes de posições sociais opostas. Prestei menos atenção à letra do que ao teor do meu amigo.

Quando a música terminou, eu liderei os aplausos. Essa era a nossa tradição, um detalhe camuflado dentro da alegria: minha promessa de aplaudi-lo antes que alguém o fizesse. Ele e eu trocamos um breve olhar conspiratório. Eu bati palmas e bati palmas.

Então eu parei.

Os servos apagavam todas as luminárias e castiçais montados, cobrindo-nos na escuridão. O crepúsculo atravessou a cúpula de vidro, iluminando o local onde Eliot estivera, agora substituído por uma cortina de névoa subindo de dois caldeirões posicionados nas extremidades opostas do palco de apresentações. Dentro da névoa estava o contorno de uma figura masculina.

Ele se curvou. Seu braço direito se inclinou em direção ao chão; a esquerda erguida para o teto, o dedo indicador e o polegar posicionados para cima, enquanto os outros dedos desapareciam na palma da mão. Seus movimentos correspondiam aos mesmos movimentos do jardim.





Instantaneamente eu soube.

De um canto invisível, os acordes do alaúde de Eliot se entrelaçaram pelo salão novamente. O garoto na névoa começou a dançar, devagar, mas sem sequência, a cabeça jogada para trás. Ele se tornou um fio de fumaça, se contorcendo e desordenado.

Os convidados ficaram em silêncio. Caí em um tipo diferente de armadilha, que me dominou com uma inquietação febril. Eu nunca me movi dessa maneira, ou testemunhei alguém fazer isso. Eu me perguntava o que era necessário, que sacrifício o corpo fazia, para se tornar a coisa ilimitada em que ele havia se transformado. Especulei se era possível que um corpo se dobrasse tão longe de suas dobradiças que ele se soltou e voou para longe.

Quando ele torceu, vi a linha de sua mandíbula, a inclinação de sua orelha. Pele e tendões brilhavam dentro e fora da névoa. Sob minhas saias, meus joelhos pressionaram juntos.

Outras coisas físicas ocorreram sob o meu vestido também. Coisas particulares que me horrorizaram e... me emocionaram. Em protesto, mordi meu lábio inferior e me mexi no assento. Eu costumava ser uma garota tão fervorosa, mas depois paguei por isso. Então, nunca mais.

Ele parou. Assim a música. Isso me deu a chance de lembrar que eu o reprovava por lealdade a Eliot. Meu amigo, que não conseguia enxergar além de seu encantamento para escolher sabiamente seu amante.

Aquele garoto. A escolha errada.

Nos raios da cúpula, ele pressionou um dedo nos lábios. Silêncio, ele poderia ter dito.

Um dos criados, que deveria estar aguardando, jogou-lhe um pequeno globo. Uma bola.





Quando o garoto pegou, outra rodada de música começou, com o alaúde de Eliot e o flautista unindo forças, junto com alguém tocando um tambor. Ao ritmo deles, o estranho enviou o globo pelo braço. Seus braços balançaram, se unindo e deslizando em ondas rápidas, lançando um caminho intrincado para a bola seguir. De palma para palma, cotovelo para cotovelo, ombro a ombro.

Ele jogou a esfera de lado atrás dele. Quando a mão oposta a capturou, uma bola se tornou duas. Enquanto ele as manipulava, o par se multiplicou em três bolas. Então quatro, depois cinco, depois seis. O garoto as jogou em direções rebeldes, em volta da cintura, embaixo das pernas. Tudo isso enquanto dançava, fazia piruetas e rolava pelo chão.

Ele pegou as esferas com os pés nus, na nuca, na região lombar. Ele usou todo o seu corpo.

Terminou cedo demais. Uma a uma, quando pousaram em suas mãos, ele jogou seus adereços para os convidados pegarem. Quando o salão se acalmou, o garoto sacudiu o pulso, produzindo uma vela fina. Ele soprou, acendendo o pavio, a chama surgindo do nada. O nevoeiro e seus dedos hábeis devem ter nos impedido de perceber algum par de pederneira e aço, porque não havia como ele ter apenas...

Os espectadores ofegaram. O garoto saltou em uma série de jogadas acrobáticas com uma mão pelo corredor, carregando a vela acesa com ele, rompendo a névoa, chicoteando-a como um chicote.

Vindo direto para mim.

Meu coração acelerou. Eu me virei, minhas costas batendo na minha cadeira. Eu não percebi que a toalha da mesa estava sufocada em meu aperto mortal até que fosse tarde demais. Eu inconscientemente a puxei, enviando canecas para cima.





O garoto elástico caiu em uma mão e nos dois joelhos. Não na minha frente, como eu previra, mas na frente de minha mãe, a quem ele ofereceu a vela tremeluzente.

— Meus companheiros monarcas das Estações —, gabou-se o rei Basil da Primavera. — Apresento-lhes Poet, o bobo da corte de Whimtany.

Os nobres se recuperaram do choque encantado e explodiram em aplausos, cavaleiros masculinos e femininos bateram com os nós dos dedos nas mesas, e as Sete Tolas chiaram como ratos excitados. O clamor fez o chão tremer.

— *Hurrah!* — Eles gritaram.

O garoto levantou a cabeça, revelando-se no brilho tostado do salão. E eu soltei a toalha de mesa. Eu poderia ter deixado cair meu cálice de néctar, se o estivesse segurando.

Eu esperava um rosto agradável.

Não foi isso que me cumprimentou.

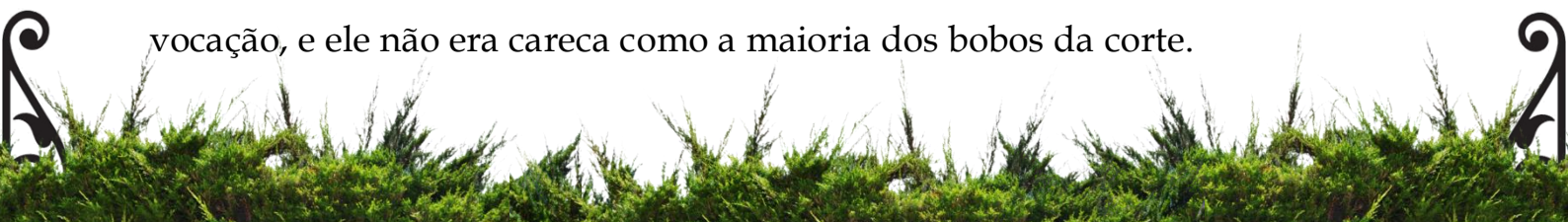
Eu vi lábios cheios e um monte de problema. Vi depravadas íris verdes.

Um diamante longo e preto atravessava um olho divertido, cortando sua testa e bochechas. Um fio mais simples de preto se alinhava no outro. Ele era jovem, mais próximo dos meus anos, talvez me excedendo em um ou dois.

Poet. Um bobo da corte. Um adorável.

Como eu não percebi o que ele era no momento em que seus membros começaram a girar?

Deve ter sido o traje. Ele não tinha o típico conjunto heterogêneo com abas e um chapéu de sino. Em vez disso, vestia uma calça colada cinza e uma camisa sem mangas com babados enfeitados com fios brilhantes na gola. Toda a sua aparência desafiava a tradição. Nenhum naipe ou bastão marcava sua vocação, e ele não era careca como a maioria dos bobos da corte.





Ele me ignorou, concentrando-se em minha mãe, seu braço estendido para oferecer a ela a vela em uma divertida imitação de cavalheirismo. Com uma risada genial, ela aceitou a luz e a enrolou no pilar mais próximo.

Enquanto os convidados rugiam, Poet levantou-se, abriu bem os braços e deu uma série de reverências extravagantes a cada mesa. Seu sorriso revelou um dente superior ligeiramente torto, o incisivo espreitando avidamente do resto dos dentes. Um defeito escondido dentro dos babados.

Honestamente, eu não tinha motivos para não gostar dele. Não quando eu mal o conhecia.

Era por causa de Eliot, eu disse a mim mesma. Absolutamente por causa de Eliot, que estava no canto com os outros menestréis, seu olhar apaixonado se derramando sobre Poet. Porque esse espetáculo de garoto estava usando meu amigo.

Um dos criados entregou a Poet uma bolsa. Dela, ele retirou mais seis velas e as distribuiu aos monarcas, uma oferta de reverência. Usando o atarraxamento da minha mãe, eles criaram suas próprias chamas, iluminando parcialmente o salão mais uma vez.

Com uma reverência final, o bobo da corte se afastou, me excluindo do gesto. Eu fingi não me importar. Eu até cheguei a murmurar audivelmente.

Eu deveria ter mantido minha boca fechada.

Poet parou no meio da caminhada, captando o som no ar. Ele girou, girou literalmente e examinou o salão como se de repente se lembrasse de algo importante.

Hmm, disse essa expressão. Eu negligenciei alguém. Quem poderia ser?

Ele procurou no meio da multidão. As Sete riram numa tempestade de primavera, enquanto eu resistia à vontade de afundar na minha cadeira e desaparecer.





Seu olhar flutuou pelo salão, depois se agarrou a mim. Parecia aquele peso invisível de antes.

Meu corpo soou um alarme interno quando infinitos pares de olhos se fixaram em nós. Recusando-me a me encolher, levantei meu queixo. Nosso público assistiu enquanto ele caminhava em minha direção, deslizando a mão na bolsa. Por mais petulante que fosse, eu aceitaria a vela estúpida e depois a deixaria intencionalmente apagada. Enviaria uma mensagem dizendo que eu achava suas acrobacias ausentes, indignas de elogios.

Minha palma virou para receber a vela. Poet vasculhou a bolsa, deu um tapinha na camisa e depois checou debaixo dos pés. Ele veio de mãos vazias. Ele encolheu os ombros para a pobrezinha de mim, as fitas em torno de seu pulso batendo e se afastou da minha mão patética e estendida. Pairava como um mendigo, não ganhando migalhas, nenhuma saudação. Um julgamento público. Um corte direto.

O salão explodiu em gargalhadas. Ele jogou a isca e me deixou balançando.

Eliot, o traidor, apertou um punho na boca para esconder suas risadas. Minha mãe me ofereceu um sorriso divertido, mas conciliatório.

Contemplei a fita na minha gaveta. Poderia ser usada para muitas coisas, além de expressar admiração por alguém. Para sufocá-las, por exemplo. Para prender os pulsos, interrompendo a circulação.

Um par de acrobatas equilibrando-se sobre grandes aros rolou pelo corredor. Ao sinal de Poet, eles deslizaram para o chão e começaram a dançar enquanto giravam os aros - acima de suas cabeças, ao redor de suas cinturas. Um cenário de fundo enquanto a música continuava e os convidados se desviavam, abandonando suas refeições em busca de diversão.





Poet saiu do salão. Com o passar do tempo, comecei a relaxar, pensando que era a última vez que eu o veria. Infelizmente, ele voltou menos de uma hora depois. Ele havia trocado de roupa, vestindo um gibão cravejado, ajustado ao invés de acolchoado, e um cachecol amarrado em várias camadas que escorriam pelo peito. Sua calça se juntou em botas dobradas nos tornozelos.

As cabeças de todas as mulheres se viraram, acompanhando o progresso do jovem bobo da corte enquanto ele andava pela multidão. Por algo que Poet disse, a tesoureira da corte balançou o lenço no ar e convulsionou com tanta risada que as lágrimas vazaram em suas rugas.

Nas quatro Estações, existiam dois tipos de tolos nascidos: o louco e o simplório. Ambos pertenciam à coroa. Os loucos eram considerados perigos para a sociedade e trancados em masmorras, dentro de cada castelo e através das terras. Os simplórios eram forçados a servir de várias maneiras, dependendo do reino.

Primavera os usava como diversão. Basil e Fatima os distribuíram por todo o país para grupos de viajantes ou para nobres - aqueles que não estão aqui na residência - que favoreciam esse tipo de entretenimento em suas propriedades. Por esse motivo, não havia tais tolos vivendo no reduto de Whimtany.

Mas na primavera também existia um terceiro tipo de tolos. Um único: o bobo.

Um tolo licenciado, um produto de treinamento. Ao contrário dos tolos nascidos, os bobos não eram de propriedade de seus soberanos. Eles eram servidores de alto escalão, especializados na arte da performance, na sinceridade e na sátira e na transformação de uma frase. Como profissão, eles viajavam com circos e feiras por Whimtany.





Todos, exceto o bobo da corte. O mais valorizado de seu ofício, ele residia no castelo, designado para entreter a Coroa - com a liberdade de aconselhar e influenciar a monarquia.

Eu não gostava disso. Um homem deve ser um conselheiro de confiança da realeza ou um artesão. Não os dois.

Se o bobo da corte não favorecesse alguém, essa pessoa se tornaria alvo de zombaria. Se uma princesa pensasse que seria isenta, é melhor pensar novamente.

Eliot havia mencionado uma vez em uma carta que o bobo da corte anterior morreu de febre, logo após as últimas negociações de paz. Aparentemente, Poet o substituiu.

O jogo do meu amigo vacilou quando sua atenção se voltou para Poet, que se apoiou casualmente na beira da mesa das Sete Tolas e começou a flertar. O furão que eu vi antes deslizou seu braço, empoleirou-se em seu ombro e quase cortou o dedo mindinho de Questa quando ela tentou acariciá-lo. Posy parecia suplicar a Poet, brincando enquanto ele balançava a cabeça, roubava um morango do prato de Vale e o enfiava na boca. Mastigando, ele piscou e deixou as meninas jorrando.

Minha faca espetou uma fatia de presunto envidraçado. Por algum milagre, eu testemunhei a cena e ainda consegui manter minha comida para baixo.

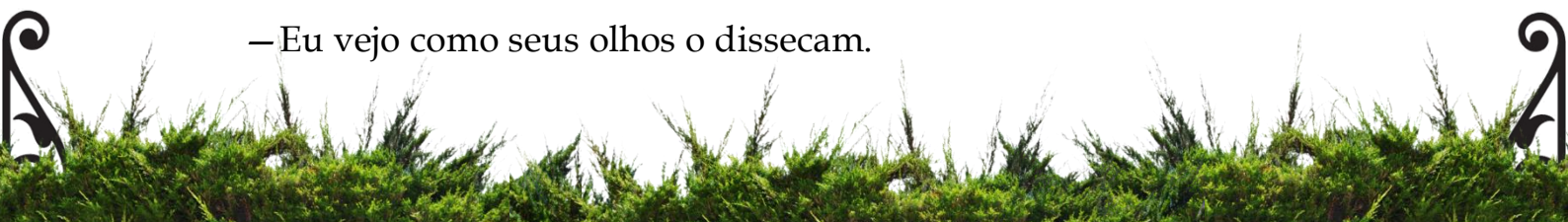
— Você está bem? — Mãe perguntou, me olhando com curiosidade.

— Sim. — Eu disse.

— Disseram que ele planeja nos encantar com versos amanhã. Ele parece ter bastante efeito sobre o público.

— Passe o sal, por favor.

— Eu vejo como seus olhos o dissecam.





— Ele quem?

— E seu queixo enruga como pergaminho quando você está irritada, querida. Não permita que algumas velas inofensivas façam isso. Ria disso. — Ela mexeu na cadeira. — Aqui, eu vou lhe mostrar como rir.

Coloquei meu guardanapo antes que ela pudesse fazer qualquer coisa desse tipo. — Se você me der licença, eu terminei.

O rosto da mãe caiu. Ela ficou rígida na cadeira. — Bem. Vá.

Depois de me despedir do Monarcas, me retirei do salão, me apressando sem sequer dar um adeus silencioso a Eliot. Mesmo com tantos que moravam no castelo, estava quieto à noite. Era preciso se esforçar para ouvir o barulho da armadura ou a conversa murmurada, distante como se estivesse escondida atrás dos armários.

Tochas se inclinavam das partições, chamas pulando no ar. Andei, envergonhada e confusa com a minha atitude em relação a um estranho, preocupada com o coração do meu amigo e me sentindo culpada pela minha grosseria com a mãe.

Pelo menos quinze minutos se passaram antes que eu percebesse que havia me desviado para uma parte desconhecida do castelo, uma passagem de lustres de ferro reluzentes e espelhos redondos emoldurados por flores brancas. Se alguém estivesse no ângulo certo, poderia ver infinitos reflexos de si mesmo.

Estudando meu semblante, suspirei. Mãe estava certa. Meu queixo enruga quando alguém me dá nos nervos.

Lembrando o estilo de dança do bobo da corte, tentei um oscilar e desisti. Apoiando as mãos nos quadris, balancei a cabeça e me repreendi: — Você brinca, Briar.

— Pelo contrário, princesa. Esse é o meu trabalho.





Meus olhos voaram para a borda do espelho. Eu congelei quando uma voz masculina falou.

"Ela deixa seu trono.

Ela sai de sua casa.

À noite, ela perambula.

O escuro, dela.

Ai, princesa...

Você não está sozinha."





CAPÍTULO QUATRO

PRINCESA

Prova de que não devo dançar, nem mesmo sozinha. No espelho, eu o vi se materializar atrás de mim. Não que ele aparecesse das sombras, mas como entrou na luz. Como se o lugar tivesse esperado por ele, em vez de ele invadir.

Primeiro a varanda. Então o grande salão. E agora aqui.

Fiquei enraizada no lugar, queimando com mortificação, pega de surpresa mais uma vez. Certamente, meu rosto deve ter ficado vermelho.

Poet cruzou as mãos atrás das costas e entortou uma perna, dobrando-a atrás da outra, o dedo apontado contra o chão. Uma pose que, a qualquer momento, poderia derreter em algo rude e ousado. Um patife que se comportava como um dançarino.

Seus olhos percorriam o comprimento, largura e profundidade de mim. Quaisquer que fossem as conclusões que ele tirou dali, o diamante pintado com mais da metade de seu rosto parecia obscurecer seus pensamentos. Ele inclinou o queixo, um pequeno vinco se formando ao lado da boca.

Sua grosseria não tinha limites se ele achava aceitável ridicularizar uma princesa na frente de seus colegas e depois segui-la pelos recantos desse complexo. Liguei minhas mãos na minha frente e o nivelei com um olhar furioso. Esse garoto precisava ser lembrado de seu lugar, com quem estava lidando.

Em tom meloso, ele disse: — Alteza.





—Servo. — Eu recortei, deliberadamente escolhendo me dirigir a ele por seu status inferior.

Um sorriso de resposta apareceu em seu rosto, seu incisivo torto saindo como um truque. Ao vê-lo, mil coisas estranhas aconteceram no meu peito.

Ele seguiu em frente. Eu me recuperei a tempo, me sacudindo do espelho para encará-lo. A proximidade aumentou sua altura, me apresentou seu perfume. Arrebatamento e inteligência. Âmbar e vetiver.

Eu desviei dele, tentando colocar distância entre nós. Mas Poet continuou avançando em mim, combinando cada um dos meus movimentos até que começamos a circular um com o outro.

—Gostaria que eu lhe mostrasse como é feito? — Ele ofereceu.

—Como o que é feito? — Eu perguntei.

—Como girar, girar, virar. Você teve um começo interessante.

—Não, obrigada.

—Falou como uma nobre de raça pura. Agradeça-me quando terminar com você, querida. Seria meu prazer. Bobo da corte e princesa. Olhos bonitos e olhos prudentes. Nossos corpos girando e girando.

—Eu não ligo para dançar.

—Ouça —, ele cantou em voz baixa. — Eu ouço lixo.

—E eu não gosto de ser espionada. — Eu bati.

—Os bobos da corte não espiam, sua Outono. Eles não precisam, pois não têm nada a esconder, nada a procurar. E as pessoas se entregam livremente, pois não são tão discretas quanto pensam. Enquanto isso, nós, bobos da corte, ouvimos e vemos tudo, pois esse é o nosso ofício.

—Eu sei o que você está fazendo. Poupe-me as palavras bonitas.

—Mas eu as salvei apenas para você.





— Você desperdiçou o esforço. No entanto, se você está sufocando por atenção, posso citar sete outras donzelas que estariam enrolando sua prosa.

— Mmm. Aprecio muito a companhia de uma garota. Apenas sete, no entanto? Isso é ofensivo. Por falar em bisbilhotar — Ele disse. — entendo que você quer dizer donzelas que bajulavam e mexiam na sua janela enquanto você me observava.

Meu pé direito tropeçou. Imaginei-me aterrissando no chão, sugado como uma estrela do mar. O bobo ágil estendeu a mão para parar minha queda, mas recuperei o equilíbrio antes que seus dedos fizessem contato com meu cotovelo.

Continuamos circulando um ao outro. Nossas figuras se multiplicaram nos espelhos.

Uma revolução: minha coroa vermelha de tranças e sua franja marrom despenteada.

Dois: meu cinto de rubi e suas pulseiras de fita.

Três: destreza e tensão.

Quatro: uma bobina enrolada.

— Uma princesa não espia —, afirmei. — Ela observa.

— E reze para contar. O que você viu?

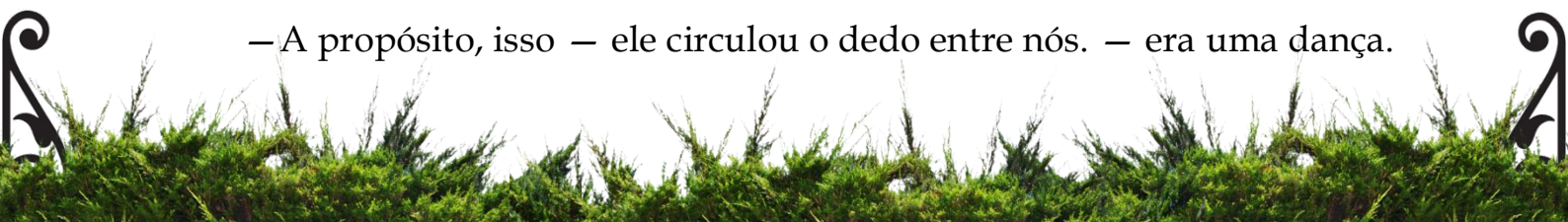
— Não me lembro. A paisagem me distraiu.

— Qual paisagem? Minha ou do campo? — Com os olhos brilhando, ele colocou a mão na boca e sussurrou: — Cuidado ao responder, Alteza. Estou memorizando o que você diz, caso esteja se perguntando.

— Eu não falarei.

Como se coreografado, ele parou. Eu me atrapalhei, irritada por ter permitido que ele assumisse a liderança em primeiro lugar.

— A propósito, isso — ele circulou o dedo entre nós. — era uma dança.





— Isso não conta. Eu não estava me concentrando.

— Precisamente. Essa é a razão pela qual funcionou. — Na verdade, ele parecia amigável quando disse: — Meu nome é Poet.

— Por quê? — Eu perguntei, meu tom acusatório.

Ele sorriu. Houve uma pausa em que ele olhou, e eu esperei.

Então eu perdi minha paciência. — A pergunta era para ser respondida.

— Tenho certeza que sim.

— Eu sei quem você é.

— Todo mundo sabe quem eu sou —, proclamou com um desdenhoso aceno. — A atrocidade é que o rei Basil e a rainha Fatima raramente me anunciam do jeito certo nos banquetes. Sem trombeta estridente. Não há carruagens.

Comecei a meio rir, meio zombar. — Você é um servo. Você tem sorte de justificar uma introdução.

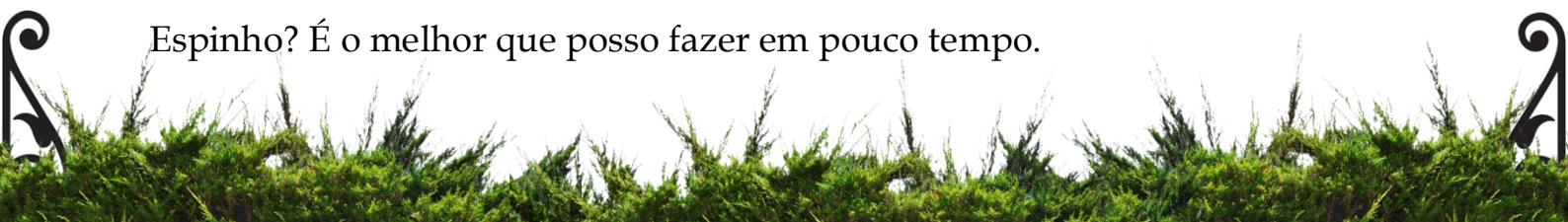
Eu tentaria me perdoar por isso mais tarde. Minha criação e consciência deveriam ter sabido melhor do que menosprezar sua posição. Foi cruel.

Seu olhar se estreitou, banhado em castanho quente das chamas. Sua resposta pisoteava o local onde minhas desculpas deveriam estar. — Com prazer e habilidade, — ele roubou minha mão e inclinou a cabeça até que a respiração dele afundou em meus dedos — eu sou decididamente mais do que isso.

O toque provocou a resposta mais estranha, me lançando sobre uma onda do oceano. Poet se endireitou, me puxando para terra firme. — As palavras a abandonaram, querida?

Afastei meus dedos. — Você não pode me abordar dessa maneira.

— Perca esse pensamento. Mas algo mais compatível, eu concordo: Doce Espinho? É o melhor que posso fazer em pouco tempo.





— Fique longe de Eliot.

Os cílios do Poet bateram de surpresa. Eu falei muito livremente. Chamar um criado pelo seu nome corria o risco de expor minha proximidade a Eliot, mas que assim seja, se isso significasse protegê-lo.

Meu inimigo se recuperou rapidamente. — Ah, Eliot. Criador de melodias, tocador de alaúde e flauta, cantor de destinos. — Ele levantou uma sobrancelha. — Afastar-me dele, como?

— Ele é... meu amigo.

— Encontrou um, não é?

Nas décadas seguintes, eu me parabenizaria por ter mantido a postura diante do tapa dessa observação. Ele foi informado sobre minha indiferença e decidiu ser desagradável com isso. Bem, e daí?

Por outro lado, como ele ousa! Baseado no jeito que ele me olhou, a dor que eu senti deve ter se revelado para ele, rastejando em algum lugar entre meus punhos cerrados e a boca trêmula. O que ele viu roubou a alegria de seu rosto.

— Seu pedido foi sério. — Disse ele, confuso.

— Claro que foi sério —, eu assobieei. — Não importa o quão popular você seja, ou com quantos acessórios você pode fazer malabarismos de uma só vez, ou com quantos giros você pode nos confundir, ou quão hipnotizado Eliot é por você, ou que ele esteja ciente de seus caprichos promíscuos. Você é um libertino insensível e arrogante, que pensa que pode fazer o que quiser, com quem quiser e acredita que é tumultuado porque suas palavras são feitas de ouro e outras coisas.

— O coração de Eliot não tem preço. Ele não estará a par de uma sedução sem sentido, ou direi a seus soberanos como você me abordou neste corredor.





Vou levá-lo para a masmorra, para uma boa providência, vou encontrar minha própria vela e enfiá-la na sua garganta. Marque minhas palavras.

Poet chocado. — Agora estamos chegando a algum lugar.

— Perdão? — Eu exigi.

— Que explosão de tal auge de refinamento. Você já ouviu falar de riso? Foi apenas uma brincadeira, excluindo você do meu pequeno favor no banquete. Se isso te insultou...

— Eu não me importo com isso. Só me importo que você deixe meu amigo em paz.

— Impossível, já que trabalhamos juntos.

— E isso será tudo. Você irá trabalhar com ele, não acariciá-lo. Nós estamos entendidos?

— Como você quiser —, ele reconheceu. — Exceto por uma coisa: eu não seduzi o adorável Eliot.

Eu recuei. — Eu não acredito em você.

— É tudo o mesmo para mim, Doce Espinho.

— Pare de me chamar assim. Eu proíbo.

— Estávamos concentrados para distrair oito membros da Realeza. Nosso triste menestrel estava tão ansioso quanto uma virgem madura na noite de núpcias. Minhas piadas não estavam ajudando, então eis que eu o beijei para acalmar seus nervos. Ele tinha um gosto delicioso, eu não mentirei, mas não foi apaixonado.

Primeiramente, sacudi os termos *madura* e *virgem*.

— Nervos —, repeti. — Você deve estar brincando.

Poet colocou a palma da mão no peito. — Quem, eu?

— Eliot toca para a Realeza desde a juventude. Ele não fica nervoso.





— Ele fica quando se apresenta ao lado do bobo da corte de Whimtany pela primeira vez em frente ao Monarcas. Vocês todos são estimados, e eu fiz o meu nome no ano passado. Tantas expectativas elevadas. — Ele suspirou. — A vida é dura. Mas eu garanto que durante o beijo eu não estava.

— Segure sua língua! — Eu disse, minhas bochechas ardendo. — Evidentemente, os bobos da corte não vêem tudo, se você falhou em perceber a resposta de Eliot.

— Evidentemente, você não conhece seu amigo, se você aceitou o que ele lhe disse de coração e assumiu que eu fiz o diabo com ele. Conheço nosso menestrel há quase um ano. Eu poderia ter lhe dito que ele exagera, sempre a balada amorosa que anda.

— Então você deveria saber que ele romantizaria um beijo. — Eu apartei exasperada.

— Uma ninharia de beijo —, ele corrigiu, depois deu de ombros. — Meu erro.

Aquele encolher de ombros. Essa contração repulsiva de seu corpo, como se não tivesse grandes consequências.

Quando encontrei Eliot no salão antes do banquete, pensei que Poet fizera coisas fatalmente íntimas com meu amigo, o usara por prazer. A dúvida entrou na minha cabeça. A noção de Eliot trotando daqui para lá porque ele teve que se apresentar para os Monarcas ao lado do famoso Poet não era exagerada. Tampouco era a possibilidade de Eliot ter interpretado mal o beijo e deixar que seus sentimentos se afastassem dele.

Eu conhecia Eliot. Suas emoções o sugavam de um instante para o outro. Todo o desastre com aquele escudeiro provou isso.





Mas eu não conhecia Poet. Eu não sabia quem ele era, apenas o que ele era “um bobo da corte” e do que aquilo o tornava capaz. Ele poderia estar mentindo. Ele poderia estar fazendo um excelente trabalho.

Talvez ele tivesse o poder de ler mentes. Assim que meus pensamentos vieram à tona, ele entrou em ação, caminhando em minha direção até minhas costas baterem na parede.

Meus sentidos afiados e embaçados ao mesmo tempo. O corredor do outro lado escureceu para um breu, mas consegui ouvir nossas exalações fugindo em seu caminho. Minhas saias farfalharam contra suas pernas, mas eu não conseguia lembrar exatamente qual vestido eu usava.

Ele riu. — Um bobo da corte não encurrala uma garota. Ele a honra no meio do quarto, onde ela pertence.

Ligando meus dedos com os dele, ele retornou à nossa posição original no centro do corredor. Só que desta vez, ele nos juntou, apertando suas mãos macias nas minhas, esticando nossos braços para os lados e continuando o círculo.

Eu imitei seus passos, muito pasma para resistir.

— Minha preferência para ambos os sexos não é um segredo —, disse ele. — Mas um vira-lata ganancioso, eu não sou. Eu tenho minha própria moral. Pode-se dizer que eu me compartilho seletivamente.

Ele nos virou na direção oposta, seus ombros se ajustando, girando sem problemas. — Portanto, eu não fodo rapazes ou donzelas que usam seu ardor como o sol, abertas e brilhando por todo o lugar. Tirar proveito dos inocentes é o que chamo de ardilosa, sórdida luxúria.

Eu separei nossas mãos e me mantive firme. — Você não deveria usar linguagem vulgar comigo.





—Onde está a loucura em *foder*? É uma palavra adorável. Eu gosto de palavras adoráveis.

—Eu não confio em você.

—Por quê? Os bobos da corte não mentem, e por que devemos tentar?

—Você se disfarça em verso. Você mal me conhece, embora isso não o impediu de desprezar minha pessoa em público. Isso não é confiável.

Outro sorriso, mais desse dente. —As velas novamente. Você não quer estar neste reino, com essas pessoas, mas meu gracejo fez você se sentir deixada de fora. Ah, mas acredito que você mereceu isso. Fui informado sobre você: a princesa adequada a quem os súditos de Outono respeitam, mas não adoram. Quanto ao resto, eu vi com meus próprios olhos. Vejo isso enquanto falamos, um tumulto justo de sardas se multiplicando várias vezes dentro de planos de vidro.

—Espelhos são meras superfícies. Você não me conhece.

—Permita que o tolo elabore: *Certa vez vivia uma princesa feita de nós impenetráveis e espinhos impossíveis. Ela era magra como uma pena, se você preferir, com olhos como a chuva, por medo da dor* — não, cessarei as rimas, pois elas não se tornaram você.

—Que tal uma dose açucarada disso: *a princesa vivia entre folhas de cobre e vermelho. Elas floresciam do lado de fora do quarto arrumado, onde ela guardava o coração* — firme, solitário, seguro.

—Mas eis que, em um suntuoso banquete no Reino da Primavera, ela assistiu um dueto de amantes se beijando. Suas línguas tremulavam, ostentavam-se. E a princesa, com um desejo tão triste sob o vestido, fez uma careta e suspirou: ousar, dançar, fazer.





Gavinhas de sua respiração se agitaram contra a minha garganta. Meus seios incharam, a seda do meu corpete deslizando para cima e para baixo em seu gibão.

O olhar do Poet era o peso que eu sentia no grande salão, pois eu olhava o casal moldando a boca. Ele me viu.

—Ok, ok, eu a deixei perturbada. — Ele inclinou a cabeça. — Então eu te conheço? Estou perto?

Espontaneamente, meus dedos saíram para tocar as faixas em seu pulso. Eu queria desenrolá-las.

Ele pegou seu pulso. — Não é educado, tocando o que não é seu. A fita que eu lhe dei não foi suficiente? Você quer mais de mim? Cuidado com o que você pede.

Lívida, peguei minhas saias de rubi e passei por ele. Eu sabia há um tempo agora que a fita escarlate tinha vindo dele. E fui inteligente o suficiente para descobrir seu objetivo: a fita me marcou. Era o jeito dele de destacar a renomada princesa abafada como entretenimento.

Bem, eu não daria a ele a satisfação de pensar que me importava com seus altos e baixos. Ou que eu poderia ser marcada, especialmente por um menino. Um servo.

— Boa noite —, ele murmurou. — Doce Espinho.

Eu parei. Cavando meus sapatos de salto no chão, olhei por cima do ombro para onde o bobo da corte permanecia - onde ele me soprava uma centena de beijos presunçosos.





CAPÍTULO CINCO

BOBO DA CORTE

Permita-me o seguinte: não me arrependo de nada.

Ela mereceu o que recebeu. Ela mereceu o que eu dei.

Os bobos da corte não precisam se explicar, não precisam negociar, não precisam se desculpar.

Ai! Eu não comecei a lamentar todos os meus movimentos, ou me afogar em tudo sobre ela, porque ela ainda não havia me devorado. Não naquele momento.

No banquete, ela poderia ter rido do meu brilho, e eu ficaria satisfeito. Eu não teria mexido no momento precioso dela pelos espelhos.

Deixe-me contar o que aconteceu na manhã seguinte. Enquanto os riachos do amanhecer corriam pela janela do meu quarto, como cobertores cobriam minha pele, enquanto minha psique se desviava e rodava...

O maldito estrondo de alguém batendo na porta interrompeu meu sono de beleza. Eu rolei meu esplendor nu mais fundo na cama, meus dedos balançando em direção ao som ofensivo. — Vá embora.

As batidas abomináveis ficaram mais altas. A voz de ferro ligada àquela batida resmungou: — Por favor, Poet. A Coroa solicitou sua audiência para as negociações de paz.

De bruços, apertei um travesseiro na parte de trás da minha cabeça. Primeiro, a ordem significava que eu perderia o treinamento inicial com o





grupo residente do castelo, que eu também supervisionava, sendo seu companheiro de jogo, peça central e líder.

Segundo, as conversas exigiriam a máxima atenção, um problema considerando o meu cansaço - agora que eu tinha acordado - tornei-me imediatamente consumido por essa confusão envolvendo Eliot. Foi um belo desperdício de um adorável nascer do sol para recordar o prato fumegante de merda de cavalo que eu me servi ontem.

Felizmente, eu gostava de garotas, todo orvalho suculento sob as saias. Na verdade, houve outros momentos em que provei com fervor uma boca masculina, um peso musculoso preso embaixo de mim.

Concedido, eu era exigente. Eu me cuidava, imaginava-me cauteloso. Eu dificilmente pulei de uma cama para a outra sem previsão e uma profunda compreensão do meu companheiro de brincadeira.

Já aprendi minha lição uma vez. Isso não aconteceria novamente.

Gostei de Eliot, mas até meu beijo de pena, não misturei profissionalismo com prazer. Eu sabia muito sobre o que o desejo fazia com a pele, sabia muito sobre as noções de olhos de corça do menestrel. Eu me afastei dele muito rápido ontem à noite, deixando-o dar um pulo rápido nas conclusões. Eu deveria ter notado a mudança depois de tomar seus lábios para um passeio.

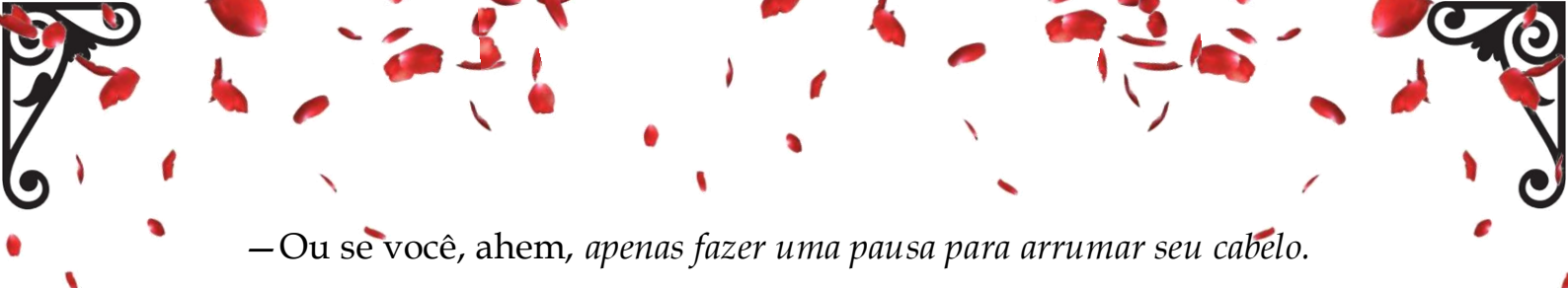
Beijo amaldiçoado. Aquela princesa estava certa.

Joguei o travesseiro da minha cabeça e me virei para encarar o teto, passando as juntas dos dedos sobre o abdômen. Hmm. Princesa Briar. Um quebra-cabeça mais complicado.

— Poet? — O guarda repetiu. — Esteja ciente de que fui instruído a, er, jogar seu elegante traseiro nu por cima do meu ombro, se você demorar.

A colcha reuniu em volta da minha cintura quando me sentei. — Isso está certo? — Eu perguntei.





—Ou se você, ahem, *apenas fazer uma pausa para arrumar seu cabelo.*

Isso era desnecessário, ameaçar meus hábitos de higiene.

O teatro era minha natureza. Assim, suspirei alto e dramaticamente. Deslizando para fora da cama, girei meus ombros e depois estiquei os músculos dos meus braços sobre a cabeça, afrouxando as dobras. Em geral, eu detestava tensão no corpo.

O tapete de pele do guarda-roupa fazia cócegas nos meus pés enquanto eu debatia o que vestir. De jeito nenhum eu planejava me mostrar sem parecer meio preparado.

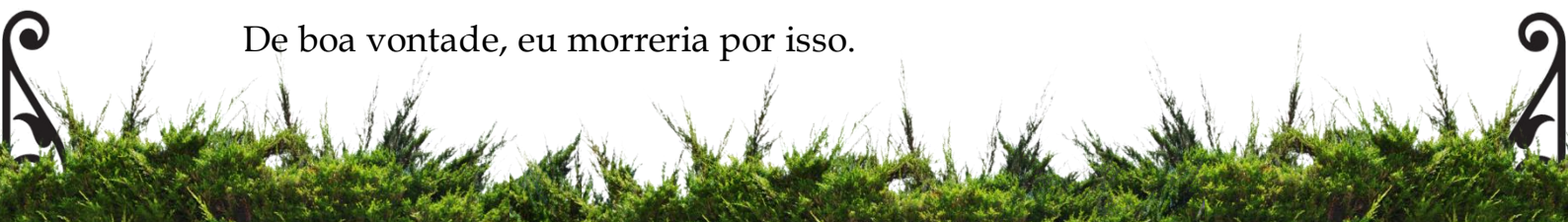
Em todas as variações, cada reino tinha suas cores. Rosa e verde para a Primavera, amarelo e laranja para o Verão, vermelho e marrom para o Outono, azul e roxo para o Inverno. Enquanto isso, os corantes e fios universais de preto, branco, cinza, prata e ouro se estendiam através da divisão.

Como bobo da corte, me recusava a restringir meu traje a uma estação ou a outra. Eu convenci meus soberanos de que usar as cores de todos os reinos aumentava minha criatividade. E eu pretendia parecer uma boa figura onde quer que fosse, então evitava o traje tradicional do bobo da corte. Infelizmente, os outros tolos treinados nesta terra preferiram o absurdo de uma roupa, alegando que ela distinguia seu ofício. Bem, o que quer que eles imaginassem, desde que eu não precisasse me conformar. Além disso, eu gostava de parecer o melhor de todos, como um bobo da corte deveria.

Vesti-me atentamente, resumindo se meu casaco pendia do meu corpo para o melhor efeito. Inspeccionando as mangas, meu olhar se desviou para as fitas que abraçavam meu pulso. Eu sorri para elas e então levei uma faca de manteiga no peito.

Diariamente, eu vivia e respirava por essa dor.

De boa vontade, eu morreria por isso.





Essa princesa tentou tocar as fitas na noite passada. Minhas articulações endureceram, reencenando fisicamente o trágico instante em que ela estendeu a mão para os fios de tecido.

Pateticamente, meus reflexos vacilaram, quase deixando-a fazer contato. Eu deveria ter me afastado mais rápido, pois essa parte da minha vida não seria tocada por ninguém, especialmente não por alguém da Realeza.

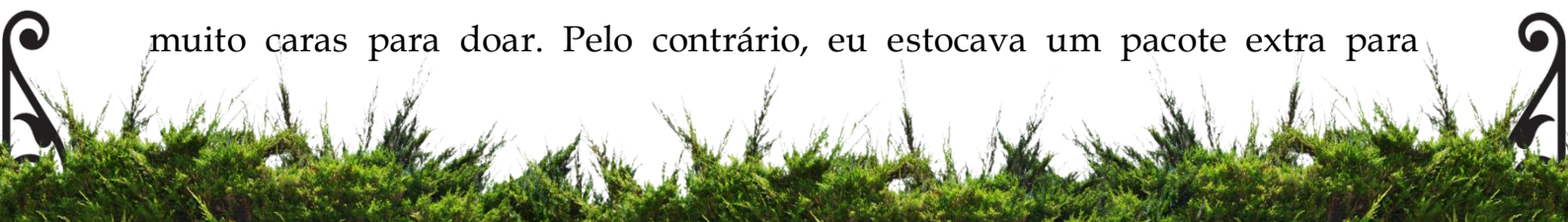
Ah, eu sabia quando estava sendo vigiado. Fiquei vigilante disso, pois precisava. Ela estava em sua janela, cercada pelas Sete Adoráveis na época, seu olhar de Outono me espionando no jardim de dalias. Minha companheira, sobrinha do falcoeiro, confessou uma aposta com as amigas para me encurralar e colher um momento de prazer.

Quem era eu para privar a garota da moeda? Eu fiz o meu melhor, sugando e deixando a prova manchada em sua pele.

Enfim, a princesa. Eu a dei o troco por ser intrometida mais tarde, observando por trás de uma cortina no grande salão enquanto ela navegava na atmosfera. Para uma nobre, ela era uma coisa espinhosa, com dicção em forma de agulha, nem uma ponta suave na língua e um rosto pouco bonito - e todo mundo sabia que uma princesa deveria ser bonita. Que pena desperdiçar cabelos ruivos arrebatadores em uma personalidade pálida. Qualquer que seja o inferno que eles colocavam na água do banho Real em Mista, isso lavava o espírito de seus poros.

Já ouvi o suficiente sobre ela das muitas línguas fofoqueiras deste castelo. De fato, sua reputação de espinheiro havia sido rida em meus ouvidos até o dia anterior à sua chegada.

Querendo ver se essa reputação era válida, fiz dela a primeira brincadeira da noite. A fita escarlata na cama dela não veio do meu pulso — elas eram muito caras para doar. Pelo contrário, eu estocava um pacote extra para





ocasiões especiais como as negociações de paz, nas quais as tiras de tecido se tornavam marcadores. Escolhia aqueles que poderiam ser um exemplo, não como um ataque cruel, mas como uma provocação. Sempre, eles riram de si mesmos no final, porque minhas piadas eram tão boas, tão perceptivas, tão bem colocadas.

A princesa não riu. Essa reputação a abrangia dez vezes. Mas é uma pena.

Pode-se dizer que nossos caminhos se cruzaram no corredor dos espelhos. Eu já tinha terminado com ela. Procurar a mesma pessoa mais de uma vez ficava velho rapidamente.

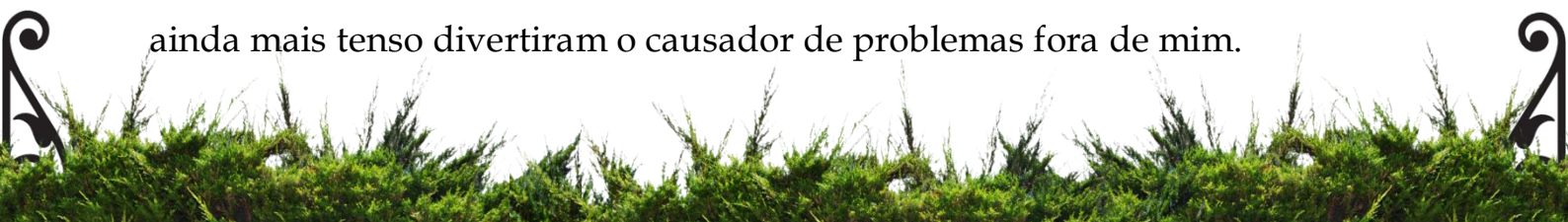
Que cena madura como sua silhueta tentou recriar minha dança de forma livre. Ela fez um trabalho tão ruim que eu oscilava entre lisonjeado e irritado, e ninguém dizia que Poet de Whimtany já passou por uma oportunidade de brincadeira.

Em minha mente, eu flertei com alguns rascunhos de verso antes de escolher as linhas certas para ela. Minha grande entrada valia a pena: as sobrancelhas da nobre colidindo com sua linha do cabelo, aquele olhar de absoluto espanto no rosto.

Confusão. Uma palavra agradável e rechonchuda, talvez generosa demais para aquela criatura elegante do Outono, aquela princesa da terra de Não Poderia, Não Deveria, Não Faria. Ela engoliu meu verso e depois revidou com o julgamento, ameaçando dizer aos meus soberanos que eu a tinha encurralado.

Como se eu fosse substituível. Engraçado isso.

Eu poderia ter avisado a ela que provocar um tolo habilidoso era um erro, mas onde estava o jogo nisso? Não era meu estilo ferir, ainda não consegui me conter. À primeira vista, seu rosto tenso, lábios apertados e temperamento ainda mais tenso divertiram o causador de problemas fora de mim.





Então me ofendeu. E ninguém insultava um bobo da corte e se safava. Se algum nobre precisava de uma fatia de sinceridade, era aquela garota. Ela se tornou a rara exceção quando minha voz esfaqueou em vez de formigar. Ela atingiu sua marca, não exatamente como uma brincadeira, mas ainda como uma faísca.

Eu soprei a franja da minha testa. Toda essa tagarelice mental me desgastou.

Batida sangrenta número três. — Senhor?

Ugh. *Senhor* me entediava. *Senhor* pertencia a homens de armas, músculos e nenhum cérebro. Eu não era *senhor*, mas *Poet*.

Passei um pincel em um frasco inestimável de tinta para a pele e passei-o pelas pálpebras inferiores. A linha de cor se estendeu até a borda, ao lado dos meus cílios. Um mero fio de cor fazia maravilhas para aperfeiçoar - e disfarçar.

Com um estalar de dedos, Tumble cutucou seu rosto peludo por trás de uma cortina, seus olhos redondos iluminados com energia depois de cochilar por dez horas. Ele duraria quatro horas antes de se esgotar novamente. O furão correu pelo chão e subiu no meu ombro.

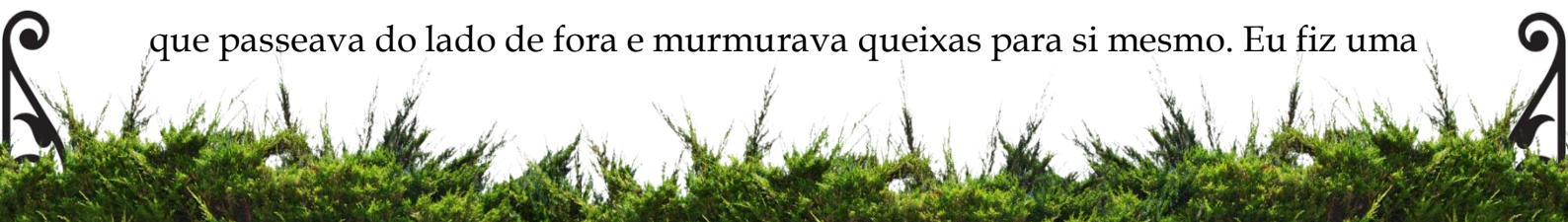
Minha cabeça girou em direção a ele. — Aplausos por sua escapada, meu amigo. Ela recebeu nossa ficha.

A princesa mantinha a porta do quarto destrancada, permitindo que Tumble se escondesse e entregasse a fita vermelha sem ser detectado. Eu ensinei bem meu companheiro.

Ele mordeu meu dedo, já ficando inquieto. Se não fosse contratado logo, ele ficaria irritado.

Como outra pessoa pequena que eu conhecia.

Tumble chiou. Saímos do quarto, cumprimentando o boi de um guarda que passeava do lado de fora e murmurava queixas para si mesmo. Eu fiz uma





piada, algo muito amador para saborear. Não era meu melhor esforço, mas tinha uma desculpa, pois Tumble mordiscou minha manga, roubando minha concentração.

— Ei —, eu repreendi, empurrando seu rosto do material. — Nada disso.

De qualquer forma, a carranca do guarda se dissolveu em uma risadinha. Pelo preço de uma brincadeira desleixada, fui perdoado por atrasar. Às vezes, era fácil demais.



Na sala do trono circular, pétalas de vitral cortam o coração de cada janela. No centro da sala, a Realeza estava sentada em uma mesa redonda. Papéis, tomos ilustrados, tinteiros e jarras de água com menta e sidra intocada adornavam a superfície da madeira.

As rainhas enrugadas do Inverno me estudaram. A governante de Outono olhou em discrição para a diversão. Duas gargalhadas rolaram da boca dos meus soberanos montanhosos da Primavera. A rainha do Verão se abanou enquanto seu marido me decapitava com os olhos.

Eles discutiram o Dia da Brincadeira, o carnaval anual que a Primavera organizava para celebrar o fim das negociações de paz. As festividades aconteceriam em um mês, mas os preparativos estavam em andamento. Como um gesto de unidade mais grandioso, os Monarcas discutiram a possibilidade de permitir que os servos e aldeões de Whimtany participassem do evento. Uma novidade, como geralmente era exclusiva da monarquia, da nobreza da Primavera, de seus artistas e de seus artistas contribuintes.





O arrogante rei do Verão se opôs, depois aceitou que os inferiores pudessem comparecer à última hora do festival. E eu disse que era como ser convidado para a parte de uma orgia quando todos tinham que se limpar.

E não o impressionou.

Eu não tinha buscado ar desde a minha chegada. Eu abri as portas duplas da sala, cheguei tarde na festa e cantei minhas desculpas, depois comecei a concordar com certas sabedorias e matar outras. Zombando das preocupações hiperbólicas sobre certas linhagens que produzem rebelião criminosa, acenando em seus rostos duplos padrões sobre o mundo natural.

Depois de quatro horas, acabei de plantar minhas costas no trono da rainha Fátima, engancha as duas pernas em um braço e amarrar minhas mãos atrás da cabeça. Eu já havia feito isso antes, na tentativa de provocar Sua Majestade e aliviar um de seus raros maus humores.

Fátima riu, mas depois pigarreou. Isso significava que eu tinha um minuto para sair da cadeira dela. Eu usei aquele minuto para meditar, ouvindo o arranco frenético das garras de Tumble enquanto ele perseguia um carretel de fios em fuga pelo chão.

—O que é isso? Um bazar boêmio? — O rei do Verão latiu, empurrando a pena para baixo. — Já tive o suficiente. Não vou dividir esta sala com uma doninha.

—Ele é um furão —, corrigi. — Basta perguntar a ele.

—Rapaz, eu não estava falando sobre o furão.

Ah! Como é notável que ele considerasse minha presença uma ameaça. Eu deveria ter assumido que a explosão não era sobre Tumble. Não quando esse monarca era conhecido por cuidar e mimar sete filhotes de cachorro, um aquário de tubarões e uma chinchila malcriada.





O rei Rhys recuperou sua pena e a bateu contra a mesa como um cetro.
— Proponho um rascunho emendado indicando quem pode participar dessas discussões e quem não pode.

Minha cabeça caiu na direção dele. — Você não me quer aqui porque não consegue lidar com ser ridicularizado, Majestade? Estranho, como ouvi dizer que os reis podem lidar com muitas coisas. Guerra e fome, por exemplo.

— Proibimos nossos herdeiros desses procedimentos, mas ele está aqui.
— O homem bateu a mão em minha direção. — Por quê?

Oh, por favor. Eu poderia dizer a eles o porquê. — É porque sou mais bonito que seus filhos.

Eu já havia exagerado o suficiente no comentário para ganhar uma rodada de risadas.

A Primavera era a estação simbólica de renovação. Portanto, era o reino anfitrião eterno das conversações de paz, o que significava que a Coroa poderia convidar quem de seus consultores desejasse para esta reunião. Além de ser o premiado artista e gerente da trupe de atuação da corte, o rei Basil e a rainha Fatima me valorizavam como confidente em questões grandes e pequenas. Saúde, comércio, disputas nas aldeias e queixas dos camponeses.

Desde a minha nomeação, eu me tornei o queridinho deles, a única alma no castelo capaz de convencer meus soberanos de bordas, argumentar com Basil e Fatima, para abordar os monarcas sempre que a petulância os dominasse.

Eles confiavam em mim, dependiam de mim. Eu precisava disso.

E venha agora. Eu não tinha passado a manhã inteira vomitando humor. Apoiei bons argumentos quando eles surgiam, e eles surgiam, mas não de forma consistente. O ponto estava em conhecer a diferença e usar o bom senso.

E eu nunca estive errado. Jamais.





Verão podia gritar tudo o que queria sobre a minha presença. A Coroa da Primavera certamente o deixaria saber quando eles se importassem.

— Este não é um lugar para brincadeiras ou tolos. — A monção de voz do rei Rhys havia subido mais uma oitava nessa última nota. — É um local de progresso, linhagem e padrões. Devemos nos orgulhar de refinamento. Um rascunho da revisão a selará, nos ordenará o direito inalienável de governar sem interferência, para que possamos nos concentrar, ou pelo menos ser poupado de uma cabeça latejante. Para quem contestar — ele me lançou um olhar. — O documento será incontestável.

— Você sabe, caso esqueça quem está no comando —, esclareci ao grupo. — Eu posso ficar tão irritado com a exclusão que protestarei e reunirei artistas, jardineiros e criados ao meu lado. Vamos roubar cota de malha e marretas do arsenal e saquear aldeias. Mas desde que haja um pergaminho indiscutível, não se preocupe. Minha ausência nessas conversas deve protegê-lo do estresse ou da ruptura de um vaso sanguíneo. Eu costumo ter esse efeito.

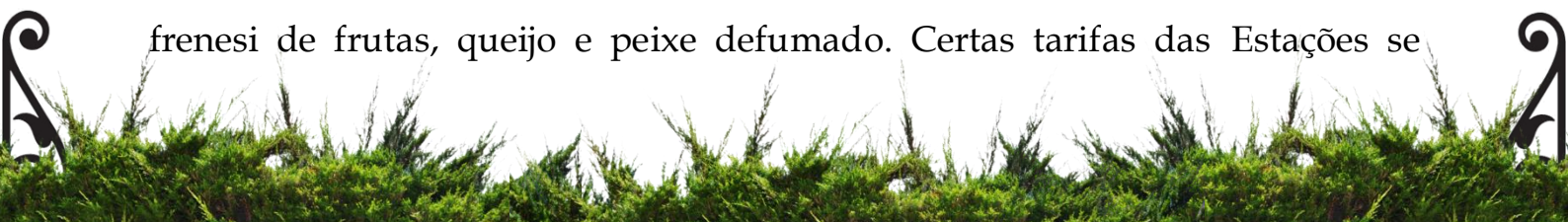
O rei Rhys se contorceu. Era culpa dele. Se ele quisesse um galo verbal justo, eu responderia com serenidade. Quero dizer, sério, ele continuava se deixando aberto para isso.

Fiz um gesto para o cálice de água com menta com um toque delicado do meu dedo. — Eu colocaria alguns espíritos nisso.

— Faça-o parar. — Resmungou o rei do Verão para o da Primavera.

Basil acenou para eu sair. — Oh, Poet, levante suas nádegas da cadeira da minha esposa antes que o açoitemos. E descanse seus pensamentos. Tenha uma maçã — ele sugeriu. — Elas são um presente do Outono.

— Você é muito gentil, Sua Majestade. — Saltando do trono, fui para a mesa do banquete, ladeada por páginas de rosadas e abastecida com um frenesi de frutas, queijo e peixe defumado. Certas tarifas das Estações se





misturavam apenas em momentos importantes como esse, permitindo que as peras copulassem com amoras, por exemplo.

Limitamos o comércio a recursos essenciais. Ervas da Primavera, cordas do Verão, grãos do Outono — já que produziam a maior quantidade e qualidade — e peles do Inverno. Só para citar alguns.

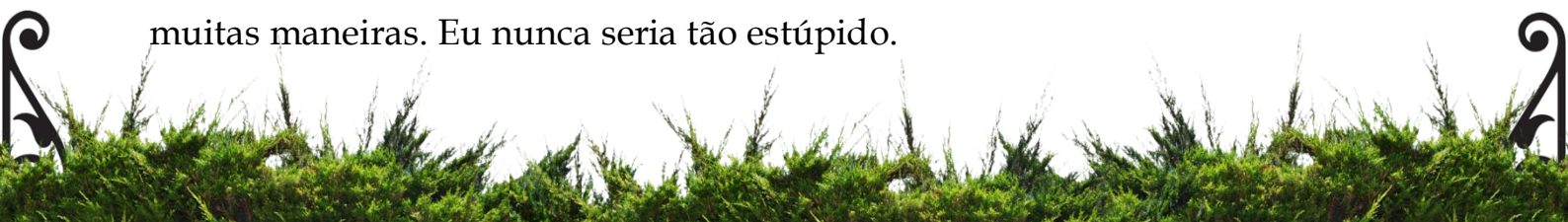
Com exceção da ajuda de emergência, qualquer coisa sem importância foi excluída, como sementes de árvores e flores, frutas e a maioria dos vegetais. Os reinos também proibiram seu povo de cruzar fronteiras ou mudar de cidadania. Da melhor maneira que pudemos, vivemos igualmente, mas separadamente, determinados a manter a ordem natural das coisas. Porque perecem o pensamento de qualquer coisa ser "não natural", o que quer que isso signifique.

Selecionando um trio de maçãs, fiz malabarismo com elas por sessenta segundos preguiçosos, depois mantive uma e mandei as outras voando de volta para a pilha. Virando a oitava cadeira - privada do falecido rei do outono - eu coloquei no bolso meu presente e montei no assento.

A rainha do Outono, toda quadris e peito como um travesseiro maravilhoso, me ponderou seriamente. De acordo com as línguas, a viúva amava sua filha. Após o banquete, me ocorreu que Outono poderia tirar uma conclusão falsa, suponha que eu tenha escolhido sua prole por mais de uma piada. Para melhorar o argumento, eu não era conhecido por ser cavalheiresco.

Era uma vez um bobo da corte, arrebatador demais para ignorar. Protegendo a castidade de sua filha, a rainha o proibiu, sob pena de castração pública, da presença inaugural da princesa.

Como se eu fosse perseguir uma conquista tão pontuda e arrogante. Além disso, dormir com uma princesa era um negócio perigoso e traidor de muitas maneiras. Eu nunca seria tão estúpido.





Sem tocar membros da Realeza, membros do conselho ou artistas residentes. Todo o resto era jogo limpo. Essa era a minha regra.

Eu assenti com a cabeça para a rainha do Outono, oferecendo minha gratidão silenciosa pela maçã. Com um sorriso modesto, ela assentiu de volta.

Bem, bem, bem. Eu não poderia estar mais errado sobre ela. Ouso dizer que ela não tinha tantos espinhos na bunda quanto a filha, que teria respondido de maneira diferente. O pulso no pescoço da princesa teria pulsado com desdém.

Então, imaginei pressionar meu dedo na inclinação da garganta daquela garota. Imaginei contar esse pulso agudo, imaginando quantas batidas levaria até que seus lábios se separassem para respirar.

—Seja razoável, Verão —, repreendeu a rainha Fatima, me tirando do pensamento. —Poet não é qualquer tolo.

O rei Rhys, o podre, bufou. —Um tolo treinado ainda é um tolo. Ele não tem negócios nas negociações de paz. Nesse ponto, esqueça que a Primavera tem uma abundância de artistas. Porque suas Majestades precisam de bobos, quando você já possui simplórios como o resto de nós, está além da minha imaginação. Os simplórios são verdadeiros idiotas. Melhores idiotas. Certamente, eles devem proporcionar diversão suficiente.

Condenação fodida. Eu arrastei minha mão pelo meu rosto.

Por melhores idiotas, ele quis dizer bens móveis. As Estações representavam a natureza sem aceitar totalmente o mundo natural. Uma noção que me enojava. Eles consideravam simplórios e os inerentemente loucos propriedade legal da Coroa, vendo as mentes distorcidas como estranhos acidentes de nascimento, portanto uma desgraça. A existência deles envergonhava o povo, que exigia ser distinguido dos tolos nascidos.





Assim, a Realeza os reivindicava e abusava deles, tirando-lhes os direitos. Eles prendiam os loucos e os simplórios para atender às necessidades das Estações, desde que não fossem contraproducentes, desde que fossem capazes e manipuláveis.

Verão os fazia estripar peixes, redes até os dedos sangrarem e trabalhar como marinheiros. Inverno os usava como isca de caça e assuntos científicos. Outono os atribuía a campos e pomares, apesar de fazer os trabalhos mais básicos possíveis, como colher maçãs machucadas e podres do chão.

Primavera usava tolos nascidos como diversão. Basil e Fatima os jogaram em feiras itinerantes e propriedades de nobres cujos gostos por entretenimento se inclinavam dessa maneira. Composto por acrobatas e dançarinos como eu, o conjunto residente do castelo era o único que não incluía simplórios.

No entanto, eu testemunhei o tratamento deles e detestei. Os festivais os drogavam e depois os faziam trocar socos por esporte. Eles eram contidos e atraídos para os estoques. Ah, e eles eram forçados a fazer truques de animais para que as pessoas pudessem vê-los cair.

Meu queixo travou. Algum dia, isso poderia acontecer com...

Basil levantou o dedo. — Nós gostamos de variedade. Bobos da corte são todas as artes performáticas reunidas em uma pessoa, com acréscimos de inteligência e sabedoria. Eles podem imitar um simplório de uma hora e ser um conselheiro perspicaz na próxima. Um acrobata ao amanhecer, um bardo ao entardecer. É inestimável.

— É excessivo. — Disse o rei Rhys.

— É lisonjeiro —, esclareci. — Minha ambição ao longo da vida é ser excessivo. Para um rei me chamar assim, oh garoto! A propósito, falando em excesso, como estão seus tubarões de estimação?

A cor impregnava a garganta do homem. Ele franziu os lábios.





Então aconteceu. Seus bigodes tremeram com alegria relutante, inspirando-o a levantar o cálice em um pseudo-brinde. — Pare, rapaz. Você fez o seu ponto.

Naturalmente, eu tinha. Pois quando eu deixei de influenciar uma pessoa?

Ontem à noite, talvez.

Mentalmente, joguei esse pensamento pela janela antes que me deixasse mal-humorado.

Para o bem ou para o mal, eu poderia ter mordido o rei um pouco mais. Sorte a ele, senti-me misericordioso.

Até que ele abriu a boca do sapo mais uma vez. — Eu posso ver o apelo de um bobo da corte à Primavera. Eu admito, há uma elegância versátil em sua raça irritante. Não é como simplórios. Por mais lucrativos que sejam para o trabalho extra, eles não são tão maleáveis ou atraentes de contemplar como criados. Se tivéssemos mais espaço nas masmorras, eu os trancaria com os loucos quando eles não forem necessários, no subsolo onde eles não podem ser vistos ou ouvidos. Porque eles nem conseguem chorar respeitosamente.

Lentamente, ameaçadoramente, inclinei meu rosto em direção a ele. Eu me treinei no ofício da apresentação, dancei na frente do meu reflexo, dominei as expressões dentro de uma superfície de vidro — conheci intimamente o corredor dos espelhos — para que minha mente se sintonizasse com o que os outros viam, o que eu os deixo ver. Eu senti quando minhas íris escureceram para uma sombra assassina.

De fato. Sua declaração parecia muito menos bárbara do que empregar um tolo treinado vestido com renda. Em que palavra ele orgulhava seu reino? Refinamento?





O resto da comitiva, que apoiava a posse dos tolos nascidos, murmurava sua empatia ao rei do Verão. A única que não participou foi a rainha Avalea, que fez anotações e guardou seus pensamentos para si mesma.

Isso se transformou em um momento escorregadio quando reagir visceralmente causaria danos espetaculares. Eu deveria ter lambido meus lábios e afundado meus dentes no rei.

O problema era que eu não podia confiar em mim mesmo para falar sem me entregar. Não quando as fitas em volta do meu pulso se agarraram a mim para proteção.

Basil e Fatima desfrutavam de seu bobo da corte, mas por trás das risadas, eles governavam de maneira firme e sólida, me controlavam tanto quanto eu os controlava. Eles sabiam quando me satisfazer, e eu sabia quando recuar. Eles me deram uma voz, que planejava usar em meu proveito algum dia.

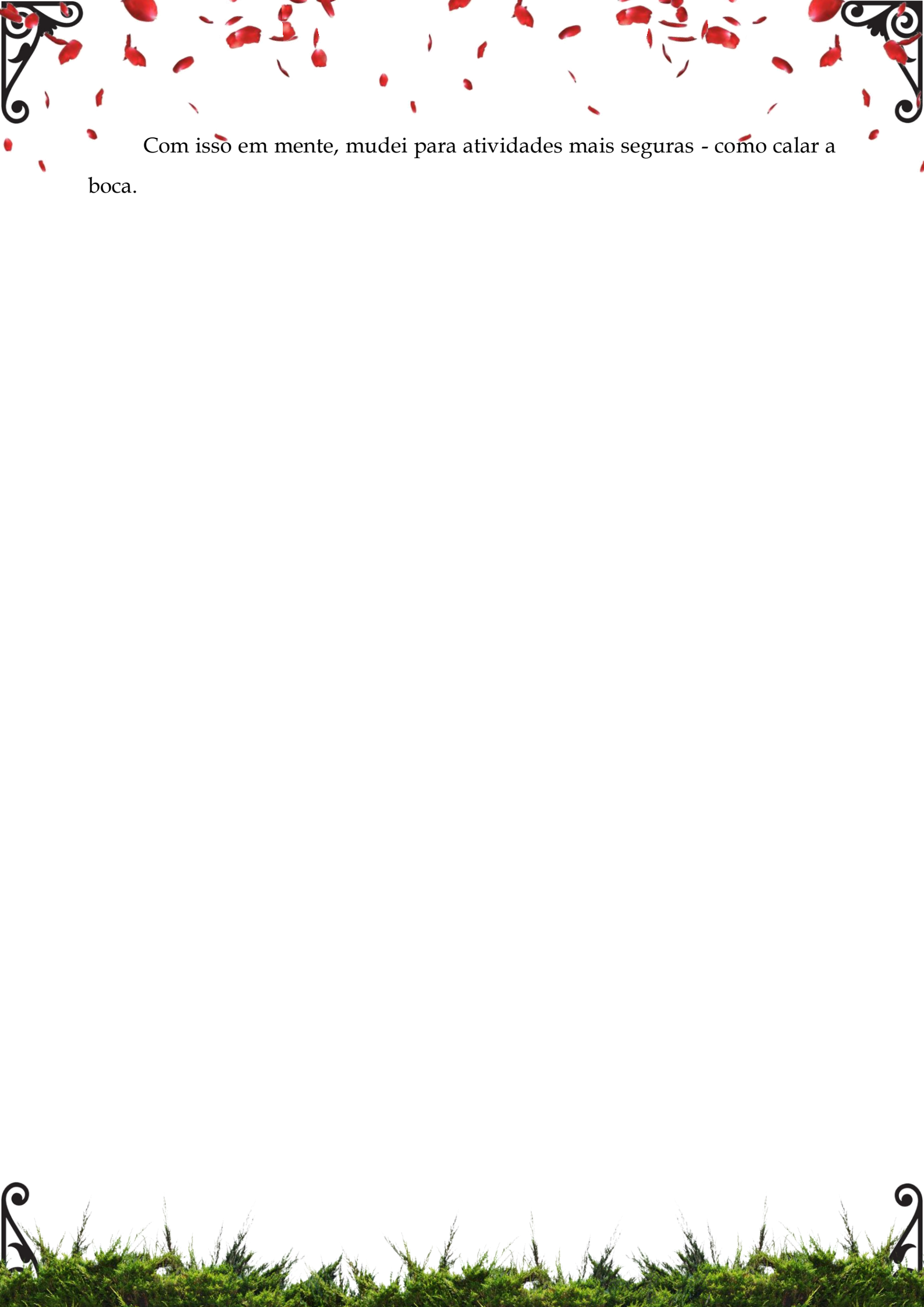
Os bobos da corte tomavam partido de seus governantes, não de si mesmos. Por fim, eles não representavam ameaças de poder ou tinham grandes ambições além do humor.

Eu era a exceção a essa regra. Mas, pelo que eu tinha em mente, não podia me arriscar.

Ainda não. Eu precisava de mais tempo para conquistar a Coroa da Primavera.

O que fosse necessário, eu não falaria até que o desejo de amordaçar verbalmente o idiota do Verão diminuísse. Eu virei minha cabeça para esconder o caos, meu olhar consumindo as partículas de poeira nadando na luz da janela. Agarrei-me a uma lembrança de mãos minúsculas agarrando em manchas semelhantes, tentando pegá-las.





Com isso em mente, mudei para atividades mais seguras - como calar a boca.



CAPÍTULO SEIS

BOBO DA CORTE

Um verso. Um enigma. Uma história de coragem e bravura, cavaleiros e trasgos.

A raiva tem um efeito profundo na criatividade de uma pessoa. Olhando para trás, lembro como isso me ajudou a recuperar minha voz naquela noite, em um caso íntimo da realeza e de seus colegas. Apenas os menestrelis e eu fomos convocados para envolvê-los, minhas palavras saltando para o céu, vasculhando o jardim de dalias. Como peça central, eu me superei...

— No verão —, narrei — a cor amarela amadurece e o sol grita. E entre os ossos do Inverno, todas as coisas cristalinas brilham, todo som é audível, hesitante e... —, levantei uma sobrancelha para os filhos dos nobres. — ... pronto para lançar um feitiço.

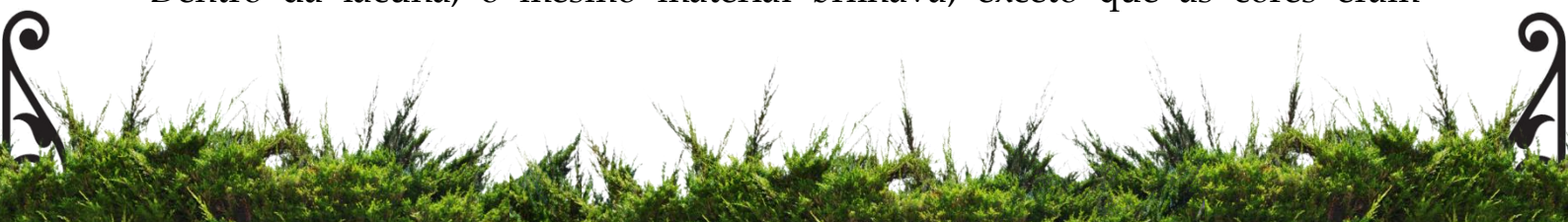
Bocas de dentes abertos abriram sorrisos. Eu conhecia alguém que adoraria ouvir esse recital, em meio às rosas e verduras do jardim. Aquele alguém teria adorado as bolhas flutuando da varinha com sabão do médico da corte - uma de suas mais recentes invenções.

Aquele alguém teria adorado estar aqui comigo.

Eu suprimi o desejo para me concentrar. *— E no outono...*

Eu pretendia apontar para a rainha Avalea. Sério, eu tinha.

Mas lá estava sua filha, sua maravilhosa raiva me cortando. Ela usava brocado de marfim e ouro, o vestido dividido no centro, do corpete à bainha. Dentro da lacuna, o mesmo material brilhava, exceto que as cores eram





revertidas dentro do padrão. Aparas douradas rodeavam suas mangas recortadas. Impressionante. Não o tipo de roupa que uma garota da Primavera exibia, mas de bom gosto da mesma forma. Se ela não tomasse cuidado no futuro, acabaria me superando.

Com base na maneira como ela mexia no vestido, puxando os ombros e agitando a palma da mão sobre a clavícula exposta, a peça de roupa não era sua preferência pessoal. O decote era condizente com Whimtany, mas a cobertura da pele em qualquer outro lugar me fez refletir sobre quais atrações existiam sob a costura apertada.

Pena que ela insistia em prender o cabelo. O coque trançado, salpicado de pérolas, não fazia muita justiça.

Com propósito, deixei meu olhar viajar por ela, atravessando e correndo profundamente. Entre nós, apenas entre nós, tornei óbvio, deixando meus pensamentos serem conhecidos.

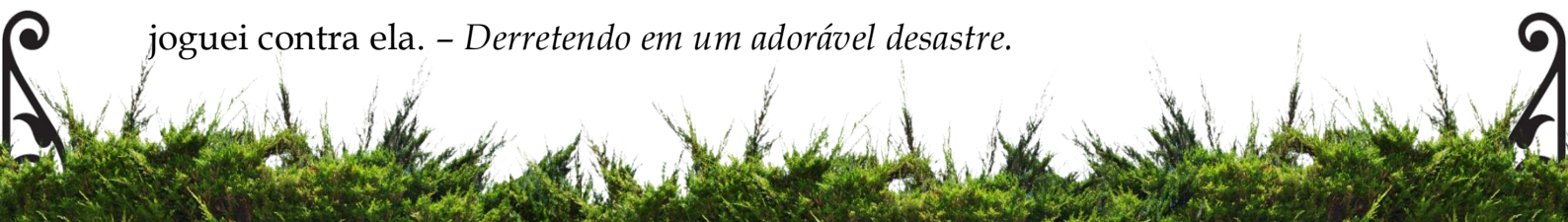
Ela viu e apertou os lábios. Fascinante. Eu nunca fiz alguém me odiar com tanta devoção. O marfim, ouro e vermelho dela — inocência e possivelmente fogo — me atraíam como uma mariposa.

Ela era uma amora que nunca fora cortada de seus espinhos. Uma conicidade rígida que nunca fora acesa, distorcida - se separava.

Eu acreditava que tinha acabado com ela, mas eu era um ser inconstante. Como pude resistir a ver aonde esse desafio levava? Além disso, ficava entediado com todo mundo.

Não. Eu a culpo. Ela faz todo mundo ser entediante.

— *E no outono —, repeti, prendendo a princesa na grama, — especiarias polvilham as árvores, enquanto as mulheres interpretam sonhos à luz de velas, as velas acesas durante a longa noite. —* Agitei as próximas palavras na minha boca e as joguei contra ela. — *Derretendo em um adorável desastre.*





Se não fosse pela garganta dela, eu teria atrelado a princesa a uma estátua. Mas não, eu não era cego. Eu vi o desconforto dela e poderia ter me alimentado daquilo.

Por favor, o que eu estava procurando? Eu deveria estar trabalhando para fazê-la rir, não odiar.

Afastei o momento e segui em frente. Abrindo os braços, fixei minha atenção em Basil e Fatima. — *E aqui na primavera, a vida estica seus membros. Empilhamos nossos pratos com flora e fauna. Artistas e guardiões prosperam, e nobres têm um comportamento parecido com uma ninfa.*

— *Então vá em frente e brinquem, docinhos, e louve, nossos soberanos por esta revelação. Pelo amor de Whimtany, dou a todos uma brilhante recepção.* — Eu me curvei. — *E um adeus brilhante.*

Os convidados brindaram à saúde de nossos monarcas e exploraram o local. As crianças atacaram, colidindo com minhas pernas e me implorando para contar outra história. — Por favor, por favor, por favor, por favor, por favor, por favor, por favor, por favor, por favor, por favor, por favor, por favor, por favor, por favor!

— Queridos —, eu lamentei. — Eu fiquei sem histórias para a noite.

— Nãããããããã. — Eles choramingaram.

— Mas eu tenho uma alternativa. — No estalar dos meus dedos, Tumble atacou o gramado, galopou em torno de suas pernas e fugiu. Eles perseguiram, espalhando-se pelos jardins enquanto seus pais se apressavam em segui-los.

Primavera recebia seus convidados. Verão entrava em um jogo de taças.

Idosas do Inverno pareciam desesperadas por tomar um ar, trabalhando por um caminho a pé como se fosse uma peregrinação para chegar ao fim. Silvia murcha espirrou, seu corpo balançando com o som. Calando-a, Doria enxugou o nariz da esposa com um lenço.





Outono conversava com o médico da corte enquanto ele mostrava a ela como a varinha de bolhas funcionava. E onde havia Outono, deveria haver sua filha.

Deveria estar. Ainda assim, não estava lá. A eremita não perdeu tempo desaparecendo.

As Sete Adoráveis dançavam como duendes em uma missão de glamour. Duas delas — Posy e Vale, se bem me lembro de seus nomes — entraram no caminho da varinha de bolhas. Cadence, a única que eu conhecia intimamente, chamou minha atenção sob seus cílios, suas feições cortadas como uma gema, os penhascos cobiçosos de suas maçãs do rosto em meu caminho. Ela me chamou assim em uma ocasião anterior. O resultado foi agradável, uma brincadeira entre seus lábios, minha mão entre suas pernas.

Ela balançou as mamas para mim em um convite tácito. *Faça malabarismos com elas, se quiser.*

Minha frustração podia usar um alívio. Um encontro iria massagear a tensão da reunião de hoje e o que quer que mais fervesse dentro de mim ultimamente, qualquer instinto frívolo que me levasse a assediar a princesa não uma, mas duas vezes.

Eu debati sobre onde levar Cadence por uma repetida de nossa última vez juntos, quando uma voz doce se envolveu em minha cintura, esperançosa e agarrada.

— Seu discurso foi magnífico. — Disse ele.

Eliot. Droga.

Ele chuvejou na minha pele, penetrou na minha consciência. Como eu não podia dar o que ele queria, tinha que corrigir esse problema.





Isso não tornava mais fácil virar e encará-lo. Ele brilhou para mim, a vontade de agradar espirrou em seu rosto angelical. Se eu abrisse meus braços, ele se lançaria neles.

E tudo isso com um beijo casto? Que diabos!

Amaldiçoe-me por não reconhecer aquele olhar agitado de admiração antes. Vi na noiva de lorde Peyton pouco antes de minha cabeça desaparecer sob suas saias, e depois de uma semana, o próprio lorde Peyton e lady Marigold, e o aprendiz do escultor.

Eu não poderia fazer isso aqui, rejeitar Eliot enquanto as bolhas enxameavam por todo o lugar abandonado.

Eu ofereci minha mão. —Caminhe comigo.

Eliot aceitou, suas orelhas grandes corando. Levei-o a uma seção particular do jardim, a um crescente de arbustos. A lua cheia nos vidrava em prata.

Eu trouxe a sobrinha do falcoeiro aqui ontem. Lembrando disso, soltei Eliot. Ele provavelmente pensou que eu pretendia terminar o que começamos com o beijo. Ele não sabia que eu pretendia terminar, mas não de uma maneira brincalhona. Eu segurei seu olhar. — Eliot

—Poet, você acha que uma melodia complementaria um de seus poemas? Eu estava me preparando para compor uma, brincando com ideias na minha cabeça, mas... isso tornaria uma música e não mais um poema? E não estou dizendo que vou anotar, mas se fizesse, se você quisesse... ou seja, se você concordar, isso significaria que o poema morreu? Eu não quero que meu alaúde o mate, entende. Apenas torne o poema mais agradável - não que isso não fosse legal antes. Mas quando um poema deixa de ser um poema? Também pode ser uma música? — Ele abaixou a cabeça e falou com minhas botas. — Eles podem se misturar?





Se ao menos ele estivesse realmente se referindo à arte. Eu andei com cuidado. —Depende.

—Eu certamente gostaria de fazer isso por você —, ele se apressou. — Quero dizer, pelo poema.

Adorável Eliot. Talvez se ele não fosse tão gentil, e eu mais lascivo, eu poderia explorar. Eu poderia encurralá-lo, silenciá-lo e ver o que isso fazia com o nosso repertório. Ele parecia ser um esplêndido beijador.

Eu não tinha dúvida de que o reino nos aprovaria juntos. Amantes da mesma habilidade, peças de destaque para este mundo bajular. Ele seria certo para mim, e eu para ele — meu coração era capaz de bater daquele jeito, naquele ritmo.

Um bobo da corte não se compromete, nem mente sobre seus sentimentos. Por mais que a princesa puritana gostasse de pensar que me conhecia, arruinar a alma pura de Eliot não estava na minha agenda.

Além disso, meu coração foi tomado. Eu tinha espaço lá para apenas um amor.

Eu estava olhando para Eliot por muito tempo e com muita ternura mal direcionada. Eu tinha certeza disso, porque ele estava lá, brilho e leveza, encorajado pelo que viu.

— Eliot, querido. — Comecei.

— Poet. Se um garoto chama outro garoto de '*querido*', é o mesmo que quando diz para uma garota?

—Eu chamo a todos de querido(a) . Eu chamo a todos de meu amor. Eu chamo a todos de qualquer coisa que eu queira, pois são todos iguais para mim.

— Oh. — Ele franziu o cenho de maneira fofa. — Certo. O que eu quis dizer-





—Eliot. — Afastei os cabelos para o lado, estupidamente pensando em confortá-lo. Mesmo na penumbra, vi o sangue cobrindo sua pele. Isso me impediu por tempo suficiente para ele roçar seu mindinho sobre o meu e piscar nos meus lábios.

Inferno mau. Eu nunca disse que ele não era de todo atraente, ou que eu usava meu profissionalismo como armadura. Ele sabia de mim, mas se ofereceu em uma enunciação ofegante, cavalcando nessa corrente sem preocupação. Diabólico, egoísta, me perguntei se eu havia julgado mal sua resiliência. Se eu não tivesse que machucá-lo, afinal, e pudesse fazê-lo se sentir bem, brincar com ele sem machucá-lo - apenas por uma breve volta, até que sua paixão se dissipasse.

— Você deve saber... — Tentei novamente.

— Sim? — Eliot insistiu, ainda me tocando.

Eu tive que deixar isso claro. — O que aconteceu ontem à noite...

Os passos Reais pararam no caminho. Um calor de desaprovação me pegou pelas costas. Eu peguei o choque vermelho de seus cabelos na minha visão periférica. Ela ficou por perto, observando por trás de um arbusto à minha esquerda.

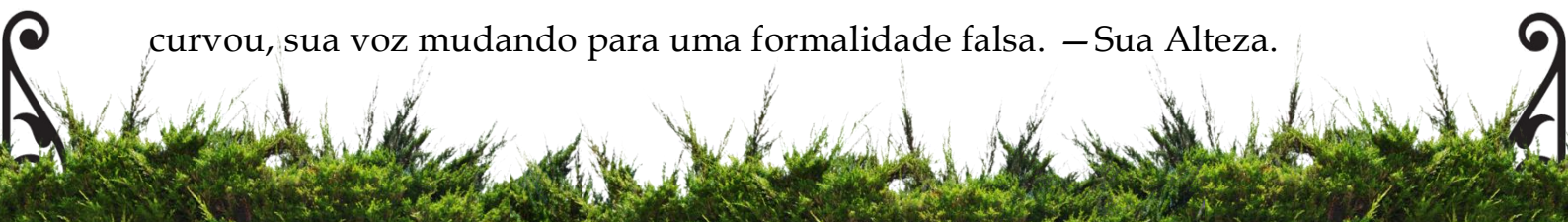
Meus lábios tremeram. Quando eu a espiei, arrepiou seus espinhos, mas ela poderia fazer o que quisesse, não é?

Afastei-me de Eliot e pressionei um dedo na minha boca. *Silêncio.*

Caminhando para o mato, empurrei meus braços e arranquei os galhos. Ela deu um pulo para trás, olhando para mim por entre a brecha.

— Boa noite, princesa. — Eu disse, então murmurei, *senti sua falta.*

Isso a levou a ir. Como o queixo até as estrelas, ela passou por cima da vegetação e entrou na pista de terra. Os olhos de Eliot esbarraram nela. Ele se curvou, sua voz mudando para uma formalidade falsa. — Sua Alteza.





Com um olhar derrotado, ela acenou para ele. — Ele sabe sobre nós, Eliot.

O rosto do menestrel se enrugou em confusão quando ele olhou entre nós. Pensando sobre isso - eu não conseguia entender por que demorei tanto tempo para questioná-la — como essa nobre se tornou amiga de um inferior?

Eliot olhou para a princesa, implorando-lhe com uma pergunta silenciosa que a deixou inquieta, o que eu achei estranhamente cativante. Ela se importava com ele, o que ele pensava, como se sentia.

Os olhos dela tropeçaram em mim. Eu poderia adivinhar o porquê. Ela estava decidindo o quanto contar sobre o nosso encontro na noite passada. Sem surpresa, ela pretendia deixar de fora as partes boas.

— Poet estava dando um passeio, — disse ela. — Ele nos viu conversando nas ruínas antes do banquete.

Eliot empalideceu. Se seus olhos estavam arregalados antes, agora eles saltavam das órbitas. — V — você, hum, ouviu o que dissemos? — Ele perguntou-me.

— Não —, ela deixou escapar. — Ele estava muito longe para isso.

Eliot não a ouviu. Ele ficou boquiaberto para mim, aterrorizado. Eu fingi refletir sobre isso, gostando da maneira como a princesa se contorcia, mas não tanto quanto o menestrel hiperventilava. Então eles se encontravam nos jardins antigos — as ruínas. Constantemente, eu percebi.

O que eles disseram durante esse encontro deve ter sido sobre mim. Mais uma vez, eu poderia adivinhar.

Eu já mencionei isso para ela antes: os bobos da corte não mentiam.

Eu deveria ter alterado isso: nem sempre.

E, aparentemente, era com isso que ela contava. Ela esperava que eu apoiasse sua falsidade.





—Não ouvi nada —, assegurei a Eliot. — Mas uma princesa e um menestrel sozinhos? Uma visão intrigante que me envolveu.

—Depois que nos despedimos, eu o vi observando e expliquei —, disse a princesa. — Eu deveria ter inventado alguma coisa, mas fui pega de surpresa.

Eliot segurou seu ombro. — Está tudo bem. Podemos confiar em Poet.

Ela colocou a mão sobre a dele, incapaz de encontrar seu olhar. Hã. Por que ela sentia a necessidade de manter nosso encontro real com ele? Nada de impróprio aconteceu.

Por outro lado, nossas definições de indecorosas eram léguas separadas.

Coloquei a palma da mão no coração. — Eu não direi a uma alma.

O menestrel se dissolveu em um sorriso. A princesa zombou.

—Gostaria de uma palavra.

Claro que sim. Mais de uma palavra, certamente.

Na hesitação de Eliot, ela falou em um tom gentil. — Não vamos demorar. Eu apenas desejo saber o que aconteceu nas negociações de paz.

Ele relaxou, depois me sobrecarregou com um olhar de desejo antes de nos deixar. A nobre e eu ouvimos a música de um flautista flutuando do gramado principal.

Ela me avaliou. Eu pinteí linhas finas de ouro e mechas verdes escuras ao redor dos meus olhos. Damas pretas e verdes cobriam os ombros e acentuavam as algemas do meu casaco preto na altura do tornozelo. O fato de eu me perguntar o que ela pensava das minhas escolhas criava um gosto amargo na minha boca.

O vestido dourado brilhava, mas o rosto não. Ela parecia violada, como se eu tivesse deflorado suas visões de mundo arrumadas e agora tentasse possuí-la. Quão duro eu teria que esmagar essa barricada para rompê-la completamente?





Eu estava com vontade de descobrir. Enquanto Eliot reprimia meus vícios, ela os agitava para a vida. Enquanto eu queria fazer Eliot se sentir melhor, eu queria fazê-la se sentir pior.

— Poet. — Disse ela.

Eu mostrei meus braços para os lados. — A seu serviço.

— Você é desprezível.

— Absurdo. Você não me deu tempo para ser desprezível.

— Eu te avisei para deixá-lo em paz.

— Você não deve dizer a um bobo da corte o que fazer.

— Eu sou uma princesa e você é uma criado —, declarou ela. — Eu posso fazer você fazer o que eu mandar.

— Se você pensou que eu iria rasgar o coração do nosso amigo em sua frente, você é mais burra do que um idiota. Isso é entre Eliot e eu. E aqui está outro pensamento selvagem: ele não é criança. Você não é a guardiã dele. O que lhe dá o direito?

A princesa corou, desviando o olhar para as camas de dália rosa e verde.

— Foi um acidente. Eu não planejava te encontrar aqui. Eu queria um tempo para mim e... eu não sabia do que você era, ou o que você faria com ele, se eu teria que lidar com você. Eu só queria ter certeza. — Ela me encarou e se irritou.

— Você trouxe essa outra garota aqui. Aquela para quem você estalou os dedos.

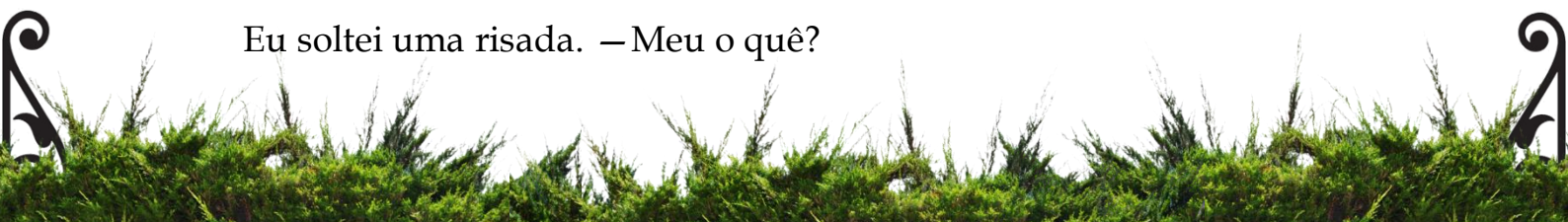
— Eu não estalo meus dedos nas mulheres. Eu reservo isso para o meu furão. É o único som ao qual Tumble responde.

Isso a deixou perplexa. — Oh. Entendo.

— Claramente, você não vê.

— Tanto faz. Pelo que sei, é aqui que você atrai seus consortes. Este é o seu covil oficial de devassidão.

Eu soltei uma risada. — Meu o quê?





— Você estava dando encima dele.

— Por compaixão. E ele estava me cutucando também.

— Mesmo que eu esteja errada sobre você, contra o qual estou apostando, não vou me desculpar por assumir. Eliot é muito importante, e todo mundo diz que você é uma bugiganga.

Para isso, eu poderia ter feito uma dúzia de respostas malcriadas. — Eles dizem? — Eu pensei. — Enquanto eu brilhar, tudo bem.

Ela resmungou. Para seu crédito, eu não previa a garota se defender com uma vulnerabilidade tão crua. Ela e Eliot devem se conhecer bem. Isso fazia dele uma fenda na armadura dela.

Eu também tinha uma dessas. Em nome da minha, percebi que não reagiria de maneira diferente do que ela, se suspeitasse que um estranho estivesse se aproveitando.

— O que você sente pelas pessoas que brinca? — Ela perguntou.

— Eu não sinto. — Eu disse.

— Você parecia ter investido nisso ontem à noite. Comigo.

— Isso não faz de você especial, princesa. Eu tenho um histórico completo de metas. Por que isso te incomoda tanto? Se você prestasse mais atenção, já teria visto: os convidados não estavam rindo *de você*. Se você soubesse como se divertir e tivesse certeza de si mesma, também teria rido. Você poderia ter conquistado alguns admiradores. Você poderia aprender uma coisa com sua mãe. Parece que você não herdou os encantos dela.

— Eu não ligo para o que seu povo pensa! — Ela estalou, sua voz tremendo como uma folha. — E eu também não me importo com o que você pensa. Eu tenho coisas melhores para fazer e não uma pitada de que me envergonhar. Eu sou quem eu sou. Se isso não for suficiente, muito ruim. Julgue-me, se desejar. Mas me mostre respeito.





— Para uma garota que não se importa com o que o povo Whimtany pensa dela, essa é uma resposta poderosa e estrondosa. Tão ansiosa para se enfurecer, tão sem fundações. — Eu a estudei. — Seus olhos, como eles gritam comigo.

— As opiniões de um bobo da corte são irrelevantes, já que tenho poucas expectativas desse tipo.

— Ora, ora. Sua pirralha superior.

— Conte-me. Você tem família?

Isso foi imprevisto. E indesejável.

— Não tenho relações neste castelo. — Respondi, cauteloso.

— Bem, desde que fui criteriosa em perguntar primeiro, posso deduzir a situação. Você sabe qual é o seu problema?

Minha boca torceu com alegria. Isso deve ser interessante.

— Você não tem ninguém. — Disse ela.

Meu sorriso caiu como uma ponte levadiça.

— As cortesãs continuam falando sobre você. Você não somente é uma bugiganga, mas elas me dizem que você está sozinho neste reino. Você tem admiradores em abundância, mas não tem parentes. Ninguém que se importa. Ninguém que precisa de você. Além do mais, você não tem princípios. Essa é uma combinação lamentável.

— Agora você está sendo cruel. — Respondi.

A princesa teve a decência de parecer envergonhada. Fechei a última polegada de espaço entre nós, desinteressado em agir arrogantemente neste campo de torneio. Prefiro parecer tão ofendido quanto me senti.

— As Coroas da Primavera discordariam de você, pois minhas observações políticas e sociais são muito importantes para eles. — Eu disse.





— Você os aconselha a se animar, a se alegrar sem ter que sentir o peso da responsabilidade. Você pode ser inteligente e franco, mas realmente não se importa com as pessoas mais do que com você. Você daria sua vida por eles? Porque eu daria. Pelos meus súditos, eu daria. Você pode dizer isso sobre alguém?

As fitas bateram no meu pulso, como se quisessem me lembrar. Como se eu precisasse lembrar.

Corrigir ela não faria diferença. Esta nobre pode ser amiga de um menestrel. Ela pode ser leal ao seu povo, mas sem dúvida tinha suas limitações sobre quem importava em seu mundo. No final do dia, ela era como o resto deles: ignorante.

Minha história, *qualquer pessoa* nela, não importaria para ela.

Ela tomou meu silêncio como confirmação. — Você não pode dizer isso porque está muito ocupado zombando e ridicularizando por esporte. Eu tenho princípios. Tenho um propósito significativo porque levo a vida a sério.

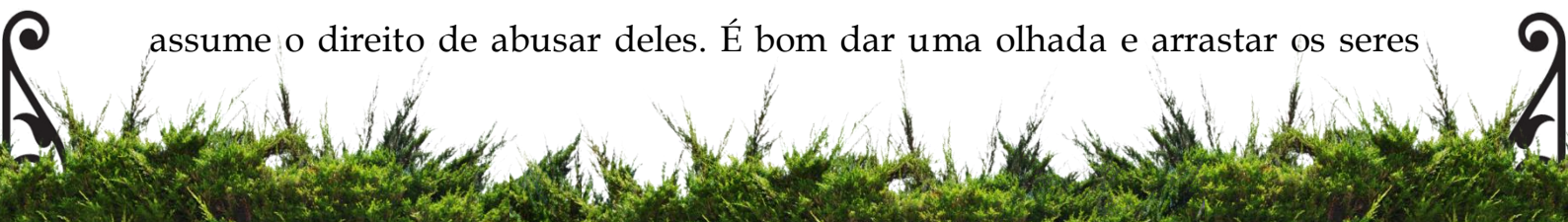
Eu zombei. — Sem mencionar que você herdou esse propósito. Como essa vida séria está funcionando para você? É feliz?

— É responsável. É honrosa.

— O que exatamente é desonroso ou imoral em rir, dançar, desenrolar essa trança ridícula? — Puxei uma mecha de cabelo dela. — Você é amaldiçoada? Você vai se transformar em loba se jogar a precaução ao vento? Você vai machucar alguém?

— Você acha que sou tola.

— Você acha que bobos são tolos —, eu disse, ajustando meu tom para parecer irônico e objetivo, em vez de hostil. — Os membros da realeza acorrentam os loucos, trabalham os simplórios e desprezam os dois. Você assume o direito de abusar deles. É bom dar uma olhada e arrastar os seres





menores, não naturais, mas quando alguém faz um truque de tamanho pequeno, você tem uma birra. Se você não consegue lidar nem com isso, renuncie ao seu direito ao trono para que outra pobre alma possa assumir a manopla.

Ela empalideceu. Por natureza, trocadilhos, o Outono era uma nação benevolente. Embora possa ser menos cruel, isso não perdoava Mista. E ela sabia disso.

A princesa lambeu os lábios, produzindo um brilho úmido que chamou minha atenção. — Se eu não pudesse lidar com pessoas como você, não estaria aqui.

Nossa discussão prosperou nesse cenário, com os grilos tocando e a flauta soando pelos jardins. Prometi a mim mesmo que nunca colocaria minhas mãos em alguém da Realeza, mas nesse recanto de dalias e orgulho, mudei minha fodida mente.

— Oh, doce espinho. Isso é porque você não está perto o suficiente. — Falei, acariciando meu polegar no braço dela.

Ela respirou fundo e depois se inclinou, roçando sua manga contra a minha. Todo cheiro de Outono, coisas resistentes e coisas caídas, lascavam minha confiança.

— Como é isso? — Ela desafiou em um sussurro.

Aplausos. Porque em algum momento entre o salão da noite passada e o jardim desta noite, ela encontrou coragem. E eu perdi a minha.





CAPÍTULO SETE

PRINCESA

O espelho da penteadeira jogou meu reflexo de volta para mim. Minha camisola pendia do meu corpo, o decote descendo pelas curvas dos meus ombros. O coque no meu cabelo caiu contra o meu pescoço.

Um maço de pergaminho repousava sobre a mesa. Bati a pluma da minha pena contra a tábua em pensamento, depois larguei o braço. A ponta vazou na página, deixando uma mancha preta. Eu tinha planejado usar esse tempo para refletir sobre o estado atual de Mista, elaborar novas ideias para promover seu bem-estar. Uma lista de perguntas, preocupações, comparações, benefícios e desvantagens, pontos fortes e fracos, para mamãe e eu examinarmos mais tarde.

Mas meus pensamentos se perderam, como vinham fazendo desde o jardim, três noites atrás. A lembrança do confronto. Os trevos de seus olhos e a tinta retorcida ao redor deles, o desenho como um portão de ferro, se fecharam para estranhos. Um sorriso tocando nos cantos de seus lábios. Eu querendo estender a mão e dar um sorriso.

Ele se aproximando. E eu respondendo igualmente.

E então nos separamos, voltando ao gramado principal separadamente para que os convidados não tivessem a impressão errada. Minha tentativa de conversar com as rainhas do Inverno. O olhar de minha mãe me pegando olhando para Poet.





Eliot cercado pelas Sete Tolas. Movendo os lábios, murmurando as palavras para uma velha balada - como costumava fazer nas garras da incerteza - e depois espreitando Poet.

Poet olhando para mim do outro lado do gramado. Eu lutando para permanecer calma.

Eu o toquei. De propósito.

Nunca antes eu havia me pressionado contra alguém dessa maneira. Eu não gostava.

Neste mundo, as mulheres tinham poder. Poderíamos herdar tronos sem ter que nos casar, ou poderíamos escolher nos juntar a alguém.

As mulheres poderiam ser cavaleiras ou costureiras. Elas poderiam ser guerreiras ou mães — ou ambas. Elas poderiam ser educadas ou não. Alfabetizadas ou não.

E era escolha delas. E ao mesmo tempo, não era.

A classe ainda reinava. E, apesar disso, sofri o toque de uma pessoa abaixo de mim. Eu me sentia intrigada, confiante, tonta, feroz. Descasque a princesa e lá vivia uma garota. Descasque a garota e descubra um coração que corria ou parava, dependendo do que um garoto dizia ou fazia. Apesar do meu poder, ele poderia me desarmar, me fazer fazer coisas que eu normalmente não faria. Coisas absurdas.

Eu usei táticas de bronze para silenciar Poet: uma voz suave, proximidade. Por quê? O que havia acontecido comigo?

As sensações de estar perto dele ressurgiram e, com elas, os relutantes movimentos de curiosidade. Um tipo forte de dor aninhava-se no meu corpo, em um lugar que eu só me permitia considerar em raros momentos de desamparo e frustração. De desejo.

Piscando, soltei a pena. Ela bateu contra o papel e rolou pela borda.





Você faz bobos de tolos.

Suas palavras foram ainda mais potentes que sua presença física. E ele estava certo. A mancha de vergonha que senti durante o banquete não se compara à maneira como deixamos os outros serem tratados.

Outros. Esse também era o problema: nos permitíamos pensar neles como um outro, não como um de nós. Eu poderia preencher páginas contestando nossos manifestos sobre igualdade e humanidade. No entanto, eu não fiz. Concordava com Poet, mas deixá-lo influenciar minha escrita me desconfortou.

Papai teria me aconselhado a pensar sem pensar, depois escrever sem refletir. Sua orientação me deixou perplexa, embora eu tenha sentido tanta falta. Na minha mente, eu vi o rosto dele. Mas a voz dele - o tempo o dissolvera, da mesma maneira que a água engolia gotículas de sangue.

A angústia nadava nos cantos dos meus olhos. *Queria que você estivesse aqui.*

A porta se abriu. Mamãe entrou no quarto e parou atrás de mim, tendo vindo me dar boa noite. Já era tão tarde? Olhei para a vela na minha penteadeira. Doze barras marcadas na cera indicavam a passagem de cada hora. De fato, a chama havia queimado até a próxima linha.

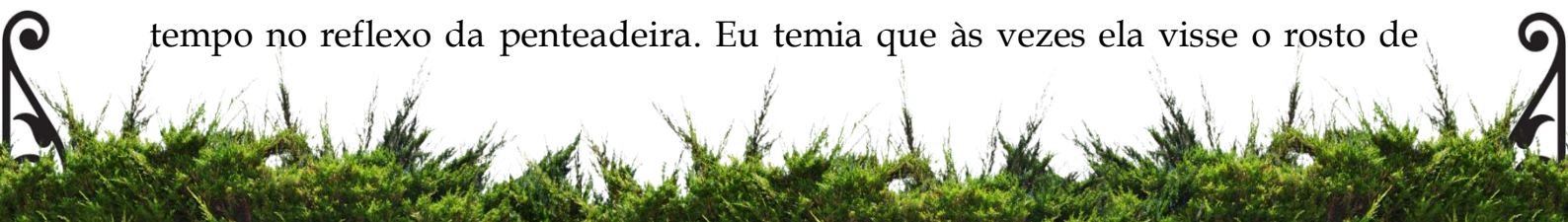
— Como está minha querida? — Ela perguntou.

— Querida. — Eu respondi.

— Você tem se comportado na minha ausência? Ficar longe dos pretendentes? Evitando escândalos?

— Sim. Sim. Sim.

— Então eu deveria ter te criado melhor. — Ela brincou, embora uma pitada de verdade oscilasse em suas palavras. Ela me olhou por um longo tempo no reflexo da penteadeira. Eu temia que às vezes ela visse o rosto de





papai lá, a vida que eu havia tirado dela. Estar em Whimtany apenas sufocava ainda mais nosso relacionamento.

Toquei o bobo da corte. Eu não confio nele.

Sinto falta do pai. Sinto falta de Mista.

Eu sinto sua falta.

— Querida. — Ela agarrou o encosto do meu assento. — Eu só quero que você tenha alegria nestes dias. Você poderia fazer amigos aqui. Ou se há algo que você gostaria de falar...

— Eu não consigo descobrir por onde começar essa análise. — Eu disse, apontando para o pergaminho em branco. Não era inteiramente verdade. Eu sabia por onde começar. Eu simplesmente não consegui escrever nada.

Suas feições se levantaram. Ela se moveu para pegar uma cadeira ao lado do fogo. — Gostaria da minha ajuda?

— Estou cansada —, eu disse, parando-a. — Talvez amanhã.

— Entendo... muito bem, então. Amanhã — ela murmurou. — Não esqueça...

— De apagar as velas. — Eu terminei.

Trocamos sorrisos estranhos. Ela estendeu a mão, seus dedos alisando meu cabelo e ajustando meu coque. Eu jurei que parecia acordar e adormecer. Como proteção e solidão.

Um castelo poderia ser um lugar tão formal e cerimonial. Mas com ela, amoleceu em uma casa, com pedaços de conforto. Almofadas e cobertores. Vapor de uma panela de chá. Uma escova de cabelo.

Eu me perguntei o que ela faria se eu pegasse um lenço da mesa e o usasse para bater no pulso dela, ou se eu enfiasse minha língua nela, ou destampasse meu pote de bálsamo de pele colorido e o esfregasse no queixo





ou agarrasse minha pena e escrevesse meus segredos no pergaminho para ela ver. Ações que eu teria praticado anos atrás.

Mamãe foi embora. A brisa de Whimtany atravessou as rachaduras da janela, inundando minhas narinas. Levantando-me, me arrastei para o vidro e abri a janela, inalando uma vista de flores silvestres.

Cada reino tinha sua Coroa, seus nobres, seus cavaleiros, seus servos, seus médicos, seus camponeses e seu gado. Mas os reinos também tinham diferentes paisagens, mentalidades e especialidades.

Humilde, caridoso e prático Outono. A terra de Mista, com persianas vermelhas como beterraba, alvenaria cor de noz e torres planas. Nosso castelo presidindo campos de milho e trigo e pomares pingando peras. O cheiro de maçãs e lã úmida. O barulho das folhas. Construtores, palha, fazendeiros e moleiros.

Introspectivo e estoico Inverno. A terra de Iradis. Um mundo branco. Uma fortaleza em forma de lâmina cercada por um lago congelado, a superfície invertendo o mundo de cabeça para baixo. As covas afundadas, as bibliotecas, as tapeçarias. Estudiosos, escribas e caçadores.

Incansável e temperamental Verão. A terra de Perilyn. Uma fortaleza esculpida em um penhasco à beira-mar. O chamado cavernoso de pavões, corredores revestidos de aquários e cachoeiras cobertas. Conchas inestimáveis e ar salgado. Brejos e pântanos, com répteis venenosos. Pescadores e barqueiros. Fabricantes de redes, cordas e velas.

Flutuante Primavera. A terra de Whimtany. Seu castelo de hera, pedra branca e vitrais. Tetos abobadados, torres circulares e câmaras redondas. Os numerosos jardins reais: os jardins de dália onde conversei com o Poet, as ruínas fluorescentes onde conheci Eliot, um labirinto em espiral, um gramado de tulipas xadrez, uma extensão de mandris de glicínias, lagos preguiçosos de





lótus e muitos outros para listar. Guardiões da flora e fauna. Todos os tipos de artistas.

Esses mundos também possuíam seus próprios ciclos naturais. Estações dentro das Estações.

Inverno passa por diferentes estágios em um ano. Meses de geada, depois neve e gelo.

Verão arqueava da escuridão, para o sol, para um calor que brilhava nas pessoas.

No outono, as árvores ficam coloridas durante parte do ano. Nos meses seguintes, as folhas secavam. Depois disso, caem, rachadas e quebradiças. Então tudo começava de novo. A terra derrama seu pelo e, eventualmente, volta a crescer.

A primavera tinha chuva e nuvens, depois céu azul e fragrância brotando, depois crescimento à medida que a terra floresce, e depois outro frio e uma investida de ervas daninhas. Atualmente, era época de floração em Whimtany. A alegria aberta da vida. A lua selvagem do imprevisível. A queda livre em espiral. Um tempo para perder o controle.

Pensei na fita escarlate que o jovem bobo da corte havia me deixado, me marcando como sua mais nova vítima. Fechando a janela, fui até o guarda-roupa. Peguei um vestido de lã castanha, preso na frente, junto com uma capa combinando. O capuz protegeria meu rosto do reconhecimento durante a patrulha noturna.

Da minha gaveta da cômoda, peguei seu pequeno sinal de afeto. Eu deveria ter lidado com isso antes.





Supus que ele reivindicasse um quarto perto do resto dos artistas do tribunal, perto de Eliot. A partir daí, não foi difícil localizar a porta de Poet. A entrada mais ostensiva de todas, florescia em um buraco separado. Também ostentava uma placa que dizia: *Bobo da Corte de Whimtany*.

Abaixo disso, *me dê uma rima, e eu lhe darei tempo*.

Revirei os olhos. Exibido.

Ele tinha um nome verdadeiro? Ele usa aquelas fitas na cama?

Manter a fita escarlate mandaria a mensagem errada, deixaria o tolo se meter comigo. No momento em que ele atendesse a porta, eu a deixaria cair na palma de sua mão e sairia - com os ombros endireitados e definitivamente antes que ele tivesse a chance de abrir a boca.

Recostando-me, virei minha cabeça para a esquerda e para a direita para verificar o corredor. Foi um ataque cardíaco chegar aqui, evitando os guardas. A distante e virginal princesa de Mista passeando do lado de fora da porta do carismático bobo da corte à noite não ficaria bem. Os rumores eram o inimigo.

A aldrava ecoaria muito alto. Meus dedos bateram levemente na superfície de madeira.

Eu esperei, depois tentei mais uma vez.

Nada.

Poet ainda não parecia do tipo que estaria dormindo. Nenhuma luz sangrava debaixo da porta, nem qualquer som do quarto. Ele poderia estar fazendo quem sabe o quê, festejando em algum lugar deste lugar ou na taberna da cidade, depois de ter encantado os sentinelas a levantarem a ponto levadiça e o deixarem passar pelo portão. Talvez ele tenha levado Eliot com ele, com a intenção de causar mais danos ao meu amigo.

Todos os dias, ao entardecer, eu tirava um momento livre das minhas obrigações sociais para encontrar Eliot nas ruínas floridas. Dos muitos assuntos





que poderíamos ter abordado, ele se concentrava em apenas um. Em vez de me dizer como sua família estava, ou sobre seus mais recentes empreendimentos musicais, ele continuava falando sobre Poet. Ele pedia meu conselho enquanto andava pela periferia do jardim antigo.

Até agora, mantive minhas respostas neutras. Eu queria estar errada sobre o Poet. Ele poderia estar dizendo a verdade, que planejava remediar a situação com Eliot antes de eu interrompê-los na outra noite.

Mas isso foi três dias atrás. O que Poet vinha fazendo desde então? Se ele não dissesse algo para Eliot em breve, eu diria.

E se Poet pudesse entrar furtivamente nos meus aposentos com a fita, eu poderia fazer o mesmo. Advertindo a mim mesma para ser rápida, passei pela porta e entrei em seu quarto, fechando a divisória atrás de mim. O brilho da lua além da janela tornou o local visível. Uma luz azul se lançava no chão e nos móveis.

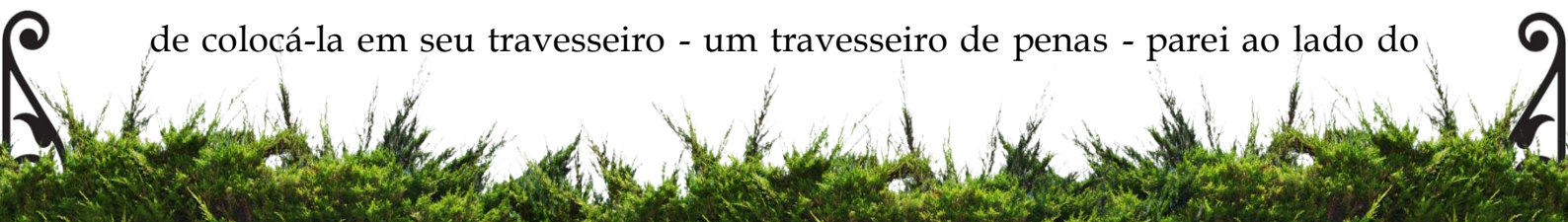
Eu me demorei. Fiz muitas coisas na vida, mas invadir os aposentos particulares de alguém não era uma delas.

Uma moradia espaçosa e vaidosa. Bem guardada, mas um turbilhão de perfume, cor e textura.

Suas posses excederam as de um criado. Um guarda-roupa ornamentado, um prato de uvas caneladas e uma banheira. Um espelho de pé - que notável - e uma mesa cheia de frascos e pincéis finos. Andei na ponta dos pés, abri as tampas e reconheci o conteúdo como as tintas que ele usava em sua pele. Um baú aberto sustentava adereços de sua comitiva, como as bolas que ele manipulava, anéis grandes e tacos.

Sua cama. Um pasto de tons de verde.

Minha mão enraizou na minha bolsa e encontrou a fita. Com a intenção de colocá-la em seu travesseiro - um travesseiro de penas - parei ao lado do





colchão. Calor subiu pelos meus ouvidos quando eu o imaginei lá, seu peito nu exposto, seu braço caindo sobre a borda. Os lençóis pendurados em seus quadris.

Quais homens e mulheres testemunharam essa visão?

Uma trava gemeu e clicou. Eu congelei quando a porta estremeceu. Então eu corri para trás de uma tela em mudança, agachando-me.

Passos deslizaram para dentro do quarto. O bobo da corte poderia viver barulhentemente, mas ele se movia em silêncio.

Engolindo, espiei através de uma fenda na tela. O perfil de Poet apareceu, seu corpo vestido com uma capa comprida e o que parecia ser uma camisa e uma calça simples. E nenhuma obra de arte em seu rosto, pelo menos nenhuma que eu pudesse dizer.

O arranhão das garras me alertou para outra presença. Olhei para baixo e para dentro das órbitas de um verme. O furão, Tumble. Ele olhou para mim através da fenda, debatendo se deveria gritar e avisar seu mestre ou ficar do meu lado e ficar quieto.

Não havia outra opção senão ficar boquiaberta e rezar para a criatura me mostrar misericórdia. Foi assim que ficamos, presos em um confronto enquanto Poet vasculhava seu guarda-roupa.

Bom furão, falei sem som. Legal, legal.

O mascote de Poet inclinou a cabeça. Ele passou o nariz pela fenda e cheirou, seus bigodes retorcidos se contorcendo.

Meus olhos voaram de volta para o bobo da corte, que enfiou as mãos em um par de luvas de couro trançadas e depois dirigiu um objeto reluzente para a bainha do cinto. Lutei para identificar o item e desejei não ter conseguido. Alarme e confusão colidiram.

Por que ele carregava uma adaga?





Ele estalou os dedos. Tumble tomou a decisão de me perdoar. O animal se afastou, seguindo Poet para fora do quarto.

Eu me levantei. A fita poderia esperar.

Eu o segui quando ele virou as esquinas e desceu as escadas, a capa batendo nas pernas, o furão nos calcanhares. Uma vez, duas vezes, ele virou de um lado para o outro para verificar o perímetro. Eu pulei para fora da vista. Ele continuou, optando por passagens vagas que eram estranhas para mim.

Poet se dissolveu em um túnel preto. No final, ele chegou a um portão trancado que ele destrancou com uma chave. O portão se abriu e o levou para o exterior.

Contei até dez antes de emergir, correndo pela grama e me escondendo atrás de um estábulo na cidade baixa. Tínhamos corredores secretos em Mista que direcionariam as pessoas para fora da cidadela durante uma invasão, mas fiquei maravilhada que um bobo da corte tivesse acesso às defesas de Whimtany.

Entre os aromas de cevada e esterco, os cavalos resmungavam. Poet guiou um dos animais até a saída e falou calmamente, enquanto Tumble subia na estrutura do garoto e pulava no alforje com um guincho. Equilibrando seu peso no estribo, Poet passou a perna por cima das costas nevadas do cavalo e a conduziu a uma marcha moderada para fora da aldeia.

Ele carregava uma arma e andava furtivamente pelo complexo. A coroa confiava nele. Os quatro reinos viviam em paz, mas isso não garantia uma eternidade. Tivemos nossa parcela de infratores da lei e anarquistas. Os seres humanos poderiam ser amargos ou gananciosos, vencidos por queixas ou luxúria de poder.

Poet poderia ser um espião para um grupo desconhecido de rebeldes. Ele poderia ser perigoso.





Primeiro, roubei uma palheta de cascos - o único item portátil e afiado disponível - da sala de arreios. Então roubei um dos cavalos, uma égua em condições de alcançar o bobo da corte e a menor ansiedade das minhas opções. Sussurrando como meu pai me ensinou, apressei-me a selá-la. Felizmente, a égua relaxou. Eu poderia ser uma nobre abafada, mas me identificava com essas criaturas, e elas tendiam a responder. E eu era boa em cavalgar.

Eu montei e a incentivei a avançar. Mantendo o ritmo, avistei o corcel branco de Poet subindo a colina de flores silvestres à frente. No topo, ele entrou na floresta floral. Fui forçada a viajar através da floresta a partir de Mista. Enquanto estava na Primavera, fiz o possível para evitar esse lugar até a hora de voltar para casa.

Em algum lugar lá dentro, meu pai morreu.

Não me lembro onde aconteceu. Fiquei feliz com isso.

Na linha das árvores, eu vacilei, depois fiz a escolha. Resignando-me, prendi a fita de Poet a um arbusto, para que uma equipe de busca não precisasse me encontrar mais tarde.

Ele abandonou a via principal e atravessou o mato. Fiquei longe, mas perto o suficiente para perseguir o brilho perolado do cavalo. A floresta engrossou, galhos emaranhados. A ansiedade encharcou minhas mãos. Eu não tinha plano. Eu não tinha ideia de onde, ou para quem, ele estava indo. Se eu tivesse usado meu cérebro, teria arrancado tiras do meu vestido para marcar o resto do caminho. Que idiota da minha parte esquecer isso!

Continuamos assim até que eu calculei que estávamos perto das aldeias periféricas de Whimtany - aldeias de mais artistas e criadores de animais. No entanto, nesta área densa, permanecemos isolados deles. Olhei para trás e depois me virei, apenas para puxar as rédeas. Poet se foi.





Nós trotamos mais longe nas profundezas antes que eu nós parasse novamente. A tensão no meu corpo deixou a égua nervosa. Ela se movia inquieta de um lado para o outro, então eu deslizei para o chão e deslizei a palma da mão sobre o pelo.

Perto dali, um riacho tombava e mordiscava sua margem. De algum lugar acima, uma coruja piou. Eu podia muito bem admitir. Eu perdi o garoto. Tinha que ser meia-noite a essa altura. Eu teria que esperar até de manhã para seguir nossa trilha para casa.

— Não entre em pânico —, eu disse a mim e ao cavalo. — Nós ficaremos bem.

— Hoooo. Hoooo — O pássaro piou de um poleiro invisível.

— Oh, cale a boca! — Eu assobieei.

— Hoo — hoo — hoooooooo!

Eu parei. Isso não era uma coruja.

Uma risada mesquinha seguiu. Um corcel branco trotou para fora das sombras, sem seu cavaleiro, e começou a mastigar folhagem. Eu alcancei o freio do animal.

— Eu não faria isso se fosse você —, alertou uma voz esperta. — Ele é uma coisa nervosa.

Virando, meu olhar se conectou com um par de olhos impiedosos.





CAPÍTULO OITO

BOBO DA CORTE

Eu tive muitos visitantes indesejados, geralmente no meu quarto tarde da noite. Meus talentos e minha influência sobre a coroa me renderam admiração e ressentimento. As pessoas haviam se imposto ao bobo da corte de várias maneiras, oferecendo intimidade, ameaças ou suborno. Mas nunca fui perseguido assim, a caminho do segredo.

E lá estava eu, pendurado de cabeça para baixo, minhas pernas presas a um galho de árvore. A princesa e eu na luz das estrelas. Nós dois mantemos armas, mas a minha estava presa na bainha, e eu ainda não a tinha descoberto. Isso viria em breve.

Eu queria fazer muitas coisas para ela então. Algumas razoáveis, outras não. Ela me seguiu, perseguiu minha privacidade, chegou muito perto antes de eu detectar a presença dela, e eu estava me sentindo absolutamente brutal com isso.

Agora tome cuidado. Gosto de usar ferramentas improváveis em brincadeiras. Adagas de arremesso, por exemplo.

E nunca saí do castelo sem uma adaga. Rotas isoladas. Noites enganadoras. Você sabe. Mas vamos lá, eu não sou violento, não importa que ela tenha levantado meus defesas mais vezes do que eu poderia lidar.

Lembro-me de sentir meu músculo da mandíbula palpitar. Lá fora, ela poderia ter se machucado, se perdido ou sido emboscada por bandidos — ou outra milha, e ela poderia ter visto o que não deveria.





Como ela, você suspeitou de mim de atos atrozes? Intenção maliciosa?

Preste atenção, pois vou esclarecer as coisas...

Seus olhos se arregalaram no instante em que ela se virou para mim. O cabelo dela estava selvagem, mechas vermelhas tremendo ao redor de seus ombros. A visão puxou um ponto dormente no meu peito. Era melhor ignorá-lo.

Tumble saltou do alforje para explorar. Eu o alimentei antes, então ele não podia estar com fome. Mas provavelmente, ele procurava bolotas para brincar.

Agarrando o galho, virei o lado direito para cima e caí agilmente sobre meus pés. Eu notei a princesa quando entramos na floresta, e tarde demais, porque eu deveria ter ouvido meu intruso muito antes. No entanto, eu ainda a peguei.

— Você é boa —, eu admiti, depois apontei para mim mesmo. — Mas você não é tão boa quanto eu.

— Você escapou do castelo —, disse ela. — Por quê?

Eu aplaudi. — Bem feito. Ficar de olho em mim depois da hora de dormir, ou talvez seja uma coincidência que você me viu. De qualquer forma, estou aqui sem nenhum motivo especial. É uma noite prateada. Uma causa de prazer...

A ponta de algo afiado espetou entre minhas pernas. Olhando para baixo, tive a visão de uma palheta de casco estrategicamente direcionada para a minha virilha. Eu respeitava uma mulher que poderia fazer com que um objeto inocente parecesse mortal.

— Onde você vai? — ela exigiu. — Quem é você? E nada dessa *é segredo, é uma charada* tagarelice.





— Seja o que for que assumiu, desista. Eu não sou um traidor. Não tenho tempo na minha agenda lotada para traição.

— Você é um especialista em palavras e, portanto, um mentiroso. Eu sei do que sua língua é capaz.

E conhecia uma oportunidade quando a ouvia. Eu deixei minha voz cair em sua pele. — Você não começou a aprender o que minha língua pode fazer.

Sua postura se curvou, uma mudança menor que a menos aguda não reconheceria. Eu, detectei como se os movimentos fossem meus.

Ela estava assustada e corajosa, e estar aqui era imprudente dela. Ela lutou para manter o olhar no alto, o pulso batendo contra a garganta.

Eu poderia puni-la por isso, por buscar verdades que não lhe pertenciam. No entanto, medo e arrependimento não eram as respostas que eu queria extrair dela. Não, eu queria aquele batimento cardíaco, aquele botão irregular batendo no pescoço dela, doendo para explodir. Eu queria isso.

Os pelos finos em meus braços arrepiaram em protesto. Ela chegou até aqui, o que fazia dela uma ameaça. A última coisa que eu podia lidar era uma nobre suspeita.

Aproveitando seu choque momentâneo, tirei a palheta de seus dedos e comecei a contar uma história. — Ocasionalmente, tenho problemas para dormir, então me arremesso para estadias criativas. Quanto mais distância eu tenho, mais inspirado eu me torno, melhor eu descanso. — Eu devolvi o objeto para ela. — Entende? Minhas intenções são tão impecáveis quanto meu guarda-roupa.

— Que estranho você precisar de um cavalo da cidade baixa, quando tenho certeza de que a Coroa o forneceria de seus estábulos. Que estranho que você pegaria uma passagem secreta em vez de atravessar a ponte levadiça.





Tenho certeza de que você poderia ter flertado com os guardas e os convencido a deixá-lo sair.

Revirei os olhos. — Eu não estou prestes a me envergonhar e alimentar a fofoca da corte exibindo minha insônia. As aparências importam. De qualquer forma, sou confiável.

Ela levantou a palma da mão livre. — Então me entregue sua adaga.

Garota irritante. Ela estava me seguindo há um tempo.

— Pelo que? — Eu perguntei. — Talvez seja o bobo da corte que não pode confiar na princesa. — Quando ela não respondeu, peguei seu queixo entre o polegar e o indicador. — Estou esperando.

— Eu também. Se você deseja que eu confie em você: Me. Entregue. A. Adaga.

— Tãããão extremo. É apenas para proteger minha pele, não para esfolar pessoas. Embora esteja impressionado que tenha notado minha arma.

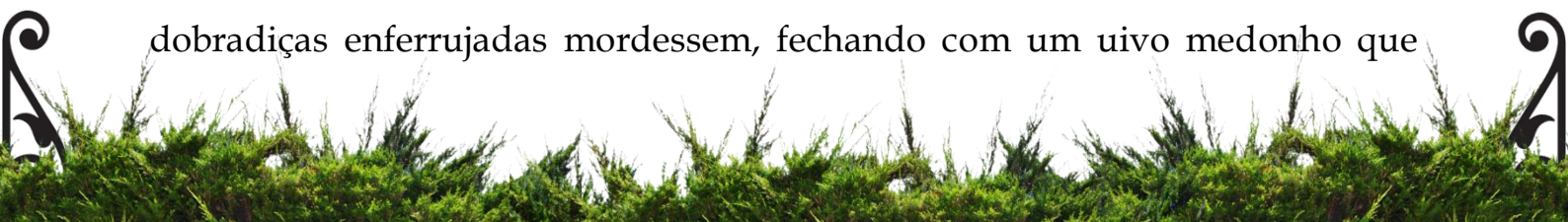
Ao lado dela, Tumble correu para cima da árvore e ao longo de um galho, incitando uma avalanche de pedras. Minha mão disparou para capturar uma e depois jogá-la na princesa, que ela pegou em suas mãos estendidas.

O momento apresentou detalhes importantes que ela não havia notado, mas eu percebi. Primeiro, o fato de ela ter soltado o freio da égua, permitindo que o cavalo vagasse livremente ao lado do meu. E dois, uma armadilha de caça — um modelo envelhecido, pelo que pude dizer de sua forma — um metro e meio de nós.

Uma premonição ruim surgiu em mim.

— Presto atenção às coisas. — Afirmou. Nesse ponto, ela sacudiu o braço, jogou a pequena pedra para o lado e selou nosso destino amaldiçoado.

A pedra bateu contra a armadilha de caça, fazendo com que suas dobradiças enferrujadas mordessem, fechando com um uivo medonho que





assustou os cavalos. Com isso, nossos cavalos recuaram, relincharam e fugiram para a noite.



— Vamos jogar um jogo. — Sugeriu.

— Não comece. — Disse a princesa, ofegando enquanto caminhávamos ao lado do riacho, com Tumble na caçada à nossa frente.

— Você percebe que já circulamos essa área duas vezes.

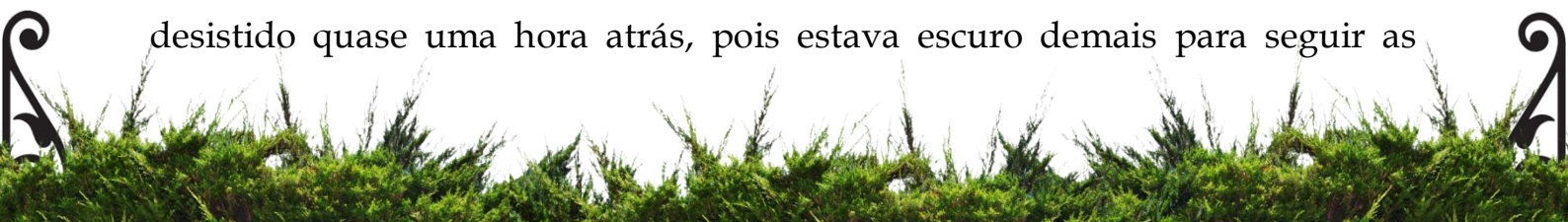
— Eu estou ciente.

— Estou entediado. — Eu zombava, apenas para irritá-la ainda mais. Ela estragou minha noite, me manteve longe da coisa amada que eu esperava a semana toda e nos deixou presos. Ter meus ouvidos agredidos por seu diálogo obsoleto acrescentou insulto à lesão. E lama endurecendo minhas botas favoritas até meus tornozelos.

Duas horas depois, ainda estávamos procurando os cavalos. Se fossem montarias reais, poderíamos aceitar a derrota e quaisquer repercussões que nos aguardassem. Ou poderíamos ter inventado uma mentira fina, que explicava nosso paradeiro - e estarmos juntos em primeiro lugar, a essa hora - e merecemos o perdão de Basil e Fatima.

No entanto, esses cavalos não eram da realeza. Eles pertenciam aos camponeses que precisavam deles, que podiam ser apegados a eles e que encontravam apenas um conforto moderado em nossas ofertas para pagar pelos animais.

Não obstante, nossas chances de recuperá-los eram reduzidas. Eu havia desistido quase uma hora atrás, pois estava escuro demais para seguir as





impressões deles e, por mais aterrorizados que os cavalos estivessem, eles podiam se esforçar até cinco quilômetros fora de alcance antes que o galope reivindicasse sua energia.

A princesa e eu tínhamos uma marcha de volta ao castelo à nossa frente. Eu precisaria dessas horas para pensar em como nos livrar disso. Justificar por que pegamos os corcéis das aldeias e por que estivemos aqui juntos seria complicado. Na verdade, eu poderia estrangular essa garota e me chutar.

Decidimos seguir o riacho, imaginando que os cavalos procurariam água. Tumble parou e choramingou para mim por causa do esforço. Puxei-o do chão e o joguei por cima do ombro, onde ele desmaiou.

— Mime-me, doce espinho —, eu disse. — Não aceitarei uma resposta negativa antes de voltarmos ou montarmos o acampamento. Veja bem, eu voto no último.

A princesa virou-se para mim, a barra do vestido roçando a terra. — Eu não vou desistir ainda.

De perto, sua testa brilhava com suor. Ela estava desgrenhada e atordoada de fadiga, inexplicavelmente diferente da figura que geralmente me cumprimentava, e isso a fazia parecer... natural... acessível. Encantadora.

Apreciei sua determinação, porém exigi um nova diversão. — Vamos chamar de cessar-fogo. Farei uma série de perguntas e você me estimulará com seu próprio lote. A primeira pessoa a mentir perde. Somos versados o suficiente para isso.

Duvidosa, ela cruzou os braços, depois os descruzou, depois os cruzou novamente. — É uma distração.

— Você é uma nobre. Eu sou malabarista. Isso nos acostuma a multitarefa. Continue então. — Eu balancei meus dedos. — Continue fazendo o que estava fazendo.





Com um suspiro, ela caminhou pela vegetação rasteira, seus quadris balançando e fazendo coisas atraentes para sua saia. O silêncio dela me permitiu começar.

Por que eu te incomodo? Do que você tem medo?

— Por que você é amiga de Eliot? — Eu perguntei.

Foi a pergunta menos invasiva da minha lista. Ainda assim, ela vacilou.

— Isso não é da sua conta.

— Não, não, não —, cantei. — Uma resposta insignificante.

— Você ainda não falou com ele. — Ela acusou por cima do ombro.

— Lamentavelmente. Eu não estou procrastinando, mas também não tenho pressa em rejeitar Eliot. Além disso, meus soberanos me mantiveram ocupado. Não houve um momento livre desde o jardim de dalias, e essa não é uma resposta para minha pergunta. Você é péssima neste jogo.

— Eliot não espera nada de mim. Quando estamos sozinhos, posso ser qualquer um com ele. Eu posso confessar qualquer coisa, e ele vai me entender.

— Parece que parece mais hipotético do que factual. Você confessa tudo?

Ela encolheu os ombros. Esperar que ela continuasse exigia um esforço monumental, mas eu não queria insistir. Mais do que eu queria admitir, queria que ela falasse de bom grado.

— Só sei que ele não me julgaria. Nós nos conhecemos quando tínhamos doze anos, em um mercado na cidade baixa. Meus pais... — Ela fez uma pausa, olhando para mim com desconfiança. Eu olhei de volta com sinceridade, convidando-a a entrar, e algo em seus olhos se soltou e tremeu.

Havia conhecimento comum em todo o país: a princesa do outono tinha dezoito anos e seu pai morrera seis anos atrás. Ela o perdeu aqui, em Whimtany. No entanto, isso não significava que eu, ou qualquer outra alma, soubesse tudo sobre isso.





— Eles estavam aqui para as negociações de paz —, disse ela. — E em um mercado da cidade, eu encontrei esse grupo de crianças que zombavam de Eliot porque ele estava tentando tocar alaúde para os transeuntes, mas o instrumento era muito grande para o corpo dele. Então eu o defendi. Aplaudi, o primeiro aplauso que ele recebeu. — Ela sorriu. — Eu o elogiei e repreendi as crianças por não apreciarem a boa música. Solicitei mais músicas de Eliot até que ele atraiu uma multidão e conseguiu que o rei e a rainha o notassem. O alaúde era muito grande, mas ele tocava com charme. Foi-lhe oferecido um aprendizado real. A família dele estava tão orgulhosa.

A família de Eliot morava em uma vila periférica. Ele escrevia para eles toda semana.

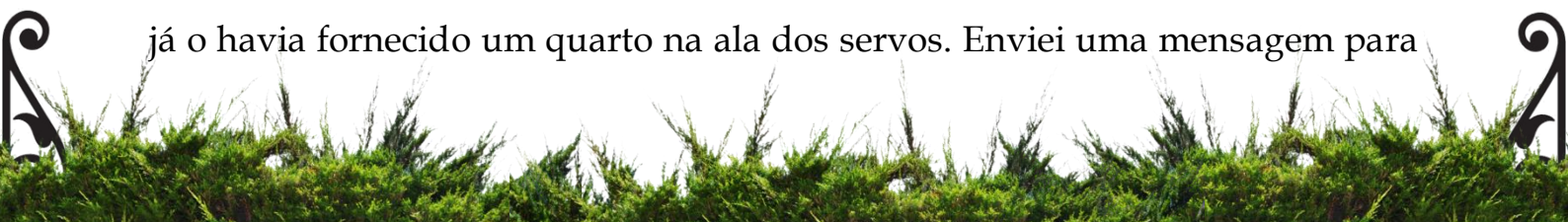
— Tivemos um tempo maravilhoso juntos, explorando as mercadorias dos artistas e guardiões. Foi incrível, ter companhia de alguém que não me via como uma princesa, mas apenas uma garota. Como eu estava lá, uma mercadora nos deixou experimentar suas melhores roupas, o que excitou Eliot sem fim. Em outra barraca, admiramos as gaiolas de pássaros e os habitats em miniatura de joaninhas em exibição. Comprei uma torta de frutas para ele e ele me ensinou a dominar um acorde. Roubamos um litro de cidra de um dos estandes, mas tinha um gosto vil.

Quando ela riu, o som entrou em mim. Sem que eu percebesse, saímos do riacho e viramos para o leste, uma direção que pretendia evitar com ela.

Ela parou quando eu fiz. — Quando meu pai morreu naquela noite...

Eu fiz questão de manter minha expressão em branco. Ele morreu na mesma noite?

— Eliot me encontrou nas ruínas horas depois... no jardim antigo, como seu povo chama. Seu aprendizado deveria começar no dia seguinte, e a Coroa já o havia fornecido um quarto na ala dos servos. Enviei uma mensagem para





ele e, quando ele veio até mim, disse que seria uma nova garota a partir de então, não a mesma que ele conheceu. E ele disse que estava tudo bem. Ele me tocou uma música até eu adormecer no colo dele. Eu o salvei e ele me salvou.

— Nos seis anos seguintes, escrevemos um para o outro longas cartas todos os meses. Eu usava um disfarce, entrava furtivamente na cidade baixa de Mista e os mandava de lá.

Aproximei-me dela, parando quando ela ficou tensa em resposta. Eu não estava acostumado a me sentir inadequado ou indesejado. Pior, a visão dela enrolada nas ruínas - uma criança sem pai - me pegou pela garganta.

Havia algo mais. Raramente eu invejava as pessoas, mas o pensamento de Eliot conquistá-la, confortá-la, trouxe à tona a competitividade em mim.

— Como assim, 'uma nova garota'? — Eu perguntei, porque não parecia certo para mim. De fato, parecia todo tipo de erro.

— Eu sou uma princesa. Não posso me dar ao luxo de ser eu mesma.

— Nesse caso, você poderia pelo menos ser criativa e se transformar em um unicórnio. Todo mundo gosta de um unicórnio.

— Minha vez —, ela anunciou, se virando para mim. — Quantos anos você tem?

Eu me levantei, flexionando meus braços. — Dezenove anos.

— Quem te ensinou?

— Principalmente sou um prodígio.

— E seu discurso? Quem te educou?

Eu evitei isso também. — Eu mesmo. São mais perguntas do que eu tenho, Alteza.

— De onde você vem?





—Você me perdoará se eu permanecer misterioso —, eu disse suavemente. —Não que eu seja do tipo misterioso - homens parecidos são chatos. Infelizmente, minha história é inexpressiva e prefiro impressionar.

Ela fez uma careta. — À custa de outra pessoa.

Alegre. Voltando a criticar minhas piadas.

Eu gemi nas árvores de pétalas, tomando cuidado para não deixar Tumble cair do meu ombro. — Meus espectadores se divertem. Eu faço pontos justos. Pode irritar as pessoas, mas eu alivio o golpe com o riso, e isso traz uma certa compreensão. Isso não é uma realização nobre? Não são esses princípios, Alteza? É meu ofício saber o que as pessoas precisam ouvir, com o que podem lidar. — Eu olhei para ela. — Como eu disse antes, sou um bobo da corte. Eu vejo tudo.

Infelizmente, a princesa parou de ouvir. Seu rosto ficou pálido, seus olhos se arregalaram quando se fixaram em um ponto atrás de mim. Ela apontou. — Você vê *aquilo*?

Irritado, eu me virei. Minhas articulações travaram ao ver garras, presas à mostra e um par de íris carnívoras e amarelas apontadas para nós.

Oh. Merda.





CAPÍTULO NOVE

BOBO DA CORTE

Deixe-me explicar com o que lidamos: um leenix. Era um enorme gato da floresta, nativo da Primavera, com a graça letal de uma pantera e incisivos nascidos do inferno. Possuía um apetite sem fundo e uma agilidade incomparável contra a qual minhas acrobacias não serviriam de nada.

Em suma, eu conhecia meu oponente. Eu teria aproveitado essa oportunidade - avistá-los eram raros - para observar os movimentos de nosso predador se não estivesse planejando nos espancar.

E assim começou uma dança perigosa...

O felino assobiou, suas orelhas animadas, seu pelo cinza arrepiando sua espinha. Meditava nas ancas, com vontade de saltar das bobinas invisíveis sob as patas.

Com passos medidos, eu me movi na frente da princesa, protegendo-a do gato enquanto colocava minha mão no topo da minha adaga. — Sua Alteza. Se você virar de costas, estará voltada para o noroeste.

Ela sabia o que eu pretendia. — Não —, ela murmurou. — Você não pode estar falando sério.

— Já que estou ocupado entretendo nosso ilustre convidado, essa é a direção em que você fugirá. E eu quero dizer, *fugir*. Tumble alcançará você. Siga-o. Ele a guiará para casa.

— Poet, não.





Embora os próximos minutos fossem doer, eu celebrei o tremor do meu nome em seus lábios. —Não traga de volta a ajuda. Se você o fizer, eu a desprezarei por isso. De fato, meu desprezo por você será lendário.

Ela não entenderia isso e não iria obedecer, mas eu tinha que tentar. Felizmente, qualquer que seja o dano que esse gatinho cause a mim, ainda poderia rastejar mais uma milha daqui. Eu não queria estar perto deste local quando a cavalaria chegasse. Era muito perto do que mais importava.

Imaginei um pequeno par de olhos, mais verde que o meu. Eles acenderiam, esperando minha chegada, sem saber que eu não estava vindo.

Tumble sentiu minha linguagem corporal e acordou chocado.

O leenix havia nos avistado muito antes de avistá-lo.

Eu segurei seu olhar. *Me engane, e eu o enganarei de volta.*

Nada disso significava que eu não estava com medo. Até a medula dos meus ossos, eu estava petrificado, mas também estava irritadiço. Eu tinha muito pelo que viver para tolerar essa besteira.

Inclinei-me para o belo espécime de um gato e depois bati os dedos. O momento se despedaçou em cacos de vidro. Tumble saltou do meu ombro quando o gato se lançou em minha direção com um rosnado selvagem, suas garras chicoteando o ar. Saí do caminho do leenix, rolei pelo chão e levantei-me, sacudindo a lâmina. O animal voou para mim novamente, um feixe líquido de cinza.

Atingiu. Eu abaixei.

Ele atacou. Eu girei.

Isso começou uma perseguição. Corri em direção a uma árvore, plantei um pé no tronco e me joguei de costas sobre a cabeça da criatura. O gato ainda estava coçando a casca quando eu caí atrás dele e aproveitei, golpeando com a adaga e cortando uma perna traseira.





Uivando, girou, a palma da pata batendo no meu pulso. Suas garras erraram minha carne, mas a força quase arrancou meu braço de seu encaixe e conseguiu tirar a arma do meu alcance, lançando-a na escuridão.

Um assobio ecoou pela floresta, distraindo o gato. Um flash de furão disparou entre suas pernas. Tumble mexeu em torno de suas quatro patas, desorientando o animal e evitando seus furiosos furtos.

Outro assobio. Seixos bateram contra o crânio da leenix, pontuados pelo grito de uma menina. — Ei!

Minha inimiga girou e golpeou as saias castanhas, mas não antes que a princesa usasse sua palheta para esfaqueá-la no ombro. Terminou rapidamente. Sangrando, o gato uivou e mancou no mato.

Inclinei-me para a frente, apertando minhas coxas e chiando quando Tumble se aproximou para me verificar. Bom, eu disse para a princesa sair com ele. Eles poderiam ter sido rasgados em pedaços!

Levantando minha cabeça, abri minha boca para esfolar a garota por sua estupidez, mas seus gritos penetrantes me pararam frio. A princesa estava deitada na grama. Seu corpo se espatifou entre as flores, o vermelho escorrendo pelo vestido e se acumulando na terra.

Meu coração gaguejou. Xingando, eu segui em frente, meus joelhos batendo na terra ao lado dela. Três vezes, a escolha foi roubada de mim, pois o corte na coxa não era pequeno. Precisávamos de ajuda, e o único lugar para encontra-lo era o último lugar que eu queria levá-la. O lugar para onde eu estava indo o tempo todo.





CAPÍTULO DEZ

PRINCESA

Os galhos nadavam acima de mim, torcendo e retorcendo. As árvores entraram e saíram da minha visão. Pétalas roçaram meu ouvido. Meus olhos encobertos com um peso terrível.

Ao meu lado, raízes de árvores expostas entrelaçadas. Maciço e atado em musgo rosa. Familiar.

Eu tentei sugar o ar. Raspei minha garganta e então percebi que os frenéticos gemidos vinham de mim.

Uma mão segurou meu rosto. Um timbre de veludo sussurrou para eu *respire, está tudo bem.*

Agarrei-me à voz, meus pulmões enchendo instantaneamente. Transpiração e Primavera, âmbar e vetiver, solo e animal.

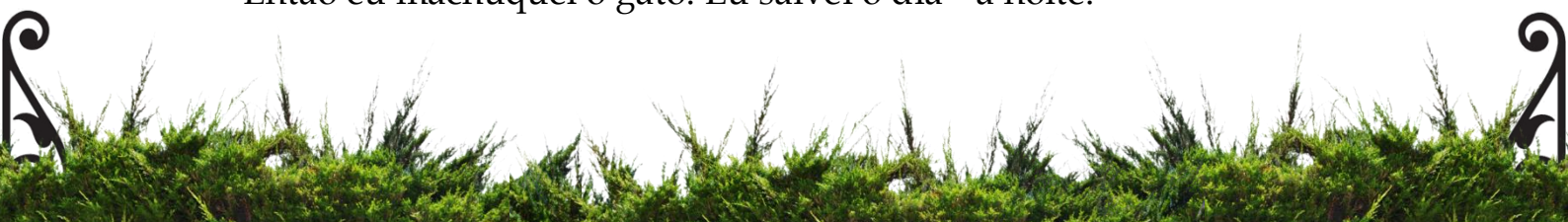
Algo pegajoso e úmido cobria minha coxa. Eu devo estar com problemas. Ou eu estava sonhando?

Onde estava o fantasma do pai? Estava aqui, sempre perambulando por este lugar?

Onde estava a mãe? Eu a queria. Eu queria ir para casa.

Olhos alarmados brilharam em mim, uma cor surpreendente em meio à desolação. Oh, era Poet. Sim, e havia um gato, um leenix. Ele atacou o bobo da corte, e o bobo da corte tinha feito essa coisa invertida para sair do caminho, mas não ajudou.

Então eu machuquei o gato. Eu salvei o dia - a noite.





Tonta. Cansada. Trêmula.

Algo chiou no meu outro ouvido, parecendo traumatizado. Uma cabeça felpuda e um pequeno nariz molhado cutucou meu queixo.

A grama desapareceu embaixo de mim. De repente eu estava pairando, meu corpo balançando no ar.

Poet me carregou, um braço preso sob os joelhos e o outro nas costas. Seu batimento cardíaco na minha bochecha, lembrando-me de quando ele dançou no grande salão. Me perguntei se o pulso dele soou assim naquela época e me perguntei como seria sempre que ele olhasse para mim.

Palavras borbulharam dos meus lábios. Eu murmurei algo sobre ele ser talentoso, o quanto eu o odiava, e que eu sentia muito. Eu também deveria ter me desculpado com o leenix. Só estava com fome. Ele sobreviveria?

Meu salvador descansou um dedo na minha boca para me calar. Ele começou a andar, seu peso batendo no chão.

Eu gritei. A dor me surpreendeu, queimando meu membro onde garras afiadas haviam rasgado através de mim. Minhas lágrimas encharcaram a camisa de Poet quando ele ofegou uma rima na minha têmpora. Eu ouvi enquanto chorava. E depois, ele prometeu que estávamos *quase lá, quase lá...* onde?

Uma janela. Um telhado de palha. Uma cabana.

Poet bateu na porta. Ele se abriu, revelando um rosto com pele feita de estopa sob cabelos prateados. A velha usava um avental e uma expressão turbulenta que se afrouxou de alívio ao ver Poet. Ela acenou para ele avançar.

Ele correu para o interior da cabana. Tumble desapareceu em uma sala dos fundos.

– Onde você esteve? – A mulher sibilou. – Não estou ficando mais jovem para me preocupar...





Estiquei a cabeça, piscando para tudo, cheirando ervas e fumaça de lenha. Bandas coloridas de material foram amarradas, formando cordas penduradas no teto.

Eu peguei pedaços do discurso da mulher.

— Nicu estava histérico...

— Foi um horror colocá-lo na cama. Lutou comigo com unhas e dentes ...

— Não nos preocupe desse jeito...

Seu olhar se desviou para mim, suas rugas se multiplicando em preocupação. — Quem é?

Poet falou com ela rapidamente. Ele explicaria mais tarde e outras coisas embaçadas e indecifráveis. Eu gemi quando ele me colocou em uma cadeira.

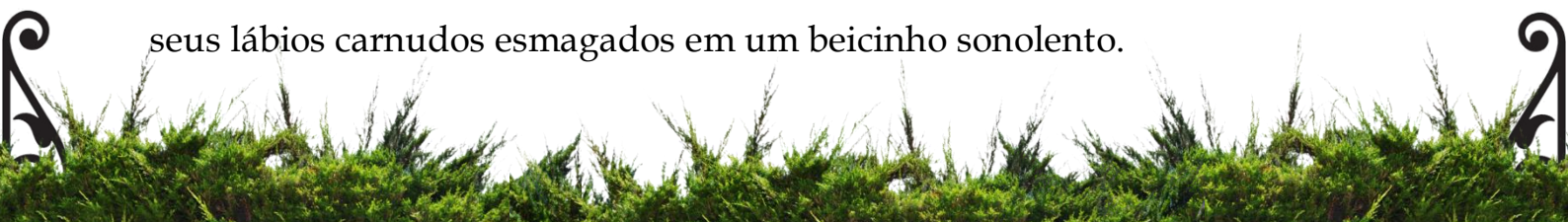
A mulher desapareceu e voltou com uma cesta. Ela vasculhou enquanto se ajoelhava aos meus pés, seus movimentos como de um falcão, seus braços como asas batendo. Ela arregaçou as mangas, levantou minha saia até os quadris, desembrolhou o material que havia sido arrancado do meu vestido para fazer um curativo — quando Poet fez isso? — e o sangue escorreu pelo corte.

As ordens foram lançadas no Poet. — Pegue um pano para mim. Pegue outra cadeira. Saia do meu caminho.

No meio do delírio, as palavras *perda de sangue*, *infecção* e *pontos* bateram na minha cabeça. Senti a cor sumir do meu rosto e o suor atravessar minhas palmas.

Uma voz rouca entrou na briga. — Papai?

À minha esquerda, um duende apareceu. Uma coisa esquisita, élfica, com um nariz arrebitado e olhos surpreendentemente inchados. Ele enfiou a cabeça por trás de uma das cortinas que dividiam os quartos. Ele piscou com a cena, seus lábios carnudos esmagados em um beicinho sonolento.





No entanto, no instante em que ele me viu, ele tropeçou para frente. Seus braços se estenderam em minha direção. — Ooooooh — Ele exalou, alegre.

Poet interceptou. Ele correu e pegou o duende... ou melhor, o garoto que tinha uma semelhança alarmante com um duende. Não que esses seres existissem.

Vendo Poet, a criança esqueceu de mim e sufocou o bobo da corte. Ele fez um barulho exaltado, conversando com entusiasmo até Poet beijar sua bochecha e murmurar, fazendo a criança ceder como se tivesse se matado. O garoto parecido com um elfo passou os membros ao redor do tronco de Poet, seus dedos cavando as costas do bobo da corte.

Meus olhos tremeram, reconhecendo as fitas esfarrapadas amarradas no pulso do garoto. Assim como o de Poet.

A criança havia dito *papai*. Quem ele quis dizer? Quem era o *papai*?

A mulher mencionou um remédio de dormir no armário e como o menino não ouvia nada. Na mesma nota, ela me perguntou: — Isso poderia ajuda-la também. Você tem alergias?

— Willow Dime. — Eu consegui, listando a erva da Primavera que quase me matou quando eu tinha três anos.

Ela trocou um olhar úmido com Poet e deu de ombros. — Bem, lá vai isso.

Poet levou o pretendente duende de volta para o outro cômodo. A mulher falou comigo em tom suave, mas sofri por muito tempo até que Poet retornasse. Ele pegou um jarro de uma prateleira e puxou o vinho pela minha garganta, que eu empurrei depois de dois goles sujos.

Minha respiração ficou superficial quando vi o fio. A agulha.

A ponta da agulha.

— Isso vai doer, jovem senhorita. — Alertou a curandeira.





Minha cabeça balançava para cima e para baixo para indicar que eu a entendia. Preocupava-me que, se tentasse falar, sairia como um gemido. Era um ponto discutível quando ela amarrou meus braços e tornozelos na cadeira, depois me deu uma colher de pau para morder.

Poet afundou atrás do meu assento, apoiou o queixo no meu ombro e envolveu minha cintura. Seja para me segurar ou me confortar, eu não tinha certeza.

—Dois pequenos furões brincalhões entram em uma taberna... — Ele começou no meu ouvido.

A mulher mais velha pressionou um pano no talho e o limpou. Eu chorei entre os dentes. E eu chorei mais alto quando a agulha cravou em minha carne, maravilhada como aquela criança élfica poderia sonhar através dos sons estridentes.

Uma sensação de puxão. A cabeça inclinada da mulher. Sangue nas mãos dela. Tremendo. Latejando.

Eu precisava me mexer. Eu precisava sair dessa cadeira. Eu odiava essa cadeira. Esta cadeira me matou.

Outra dor intensa sondou minha perna. Outra.

Eu arqueei em Poet. Ele segurou meus quadris e sussurrou outra piada travessa, à qual algo parecido com uma risada e um soluço me escaparam.

Uma lâmina nadou dentro da minha perna. Um barulho gutural inundou a sala.

Logo antes de eu desmaiar.





CAPÍTULO ONZE

BOBO DA CORTE

Até hoje, lembro-me bem dos seus gemidos contra a minha garganta. Oh, como eu me lembro.

Você pode imaginar minha surpresa em quanto tempo ela durou. Ela tomou a dor como um cavaleiro, riu das minhas farpas como uma rapariga de taberna e desmaiou como uma princesa. Um alívio elegante, para cada vez que ela soltava o cabo da colher, eu de rejeitava o destino — um bom jogador em verso, mas não na realidade.

Os olhos da garota desapareceram na parte de trás da cabeça. Foi isso.

Velha Jinny passou o ponto final. Por fim, carreguei a princesa inconsciente para a minha cama, aconchegando-a e aninhando o cobertor sob o queixo teimoso. Ela frequentemente provou ser divinamente imprevisível. Então, porque estávamos sozinhos, fiz algo fenomenal. Ajoelhei-me ao lado da nobre adormecida e a encarei. Verdadeiramente olhei para ela.

E foi assim que comecei a me sentir...

Como um idiota. Por tudo que mexi com as pessoas, negligenciei seu perfil requintado e, mais importante, não apreciei sua integridade. Eu não previ quão longe ela iria para ajudar um inferior. Essa princesa sufocante levou um golpe de leenix para proteger um bobo da corte - essencialmente um servo.

Quando ela não estava ocupada censurando minha própria existência, um lado tempestuoso surgia. Espinhosa como uma amora, ela ainda sonhava com a cor dos lábios.





Suspirei. Por mais que detestasse a dor da princesa, não consegui terminar minha última piada enquanto Jinny a consertava. Uma tragédia, desde que eu imaginei falar no ouvido da princesa, provocando risadas entre as lágrimas.

Não tinha sido uma tarefa para confortá-la. De fato, tinha sido... um privilégio. Para um soluço, ela precisar de mim era tão esplêndido e terrível quanto Jinny e Nicu precisando de mim.

Nicu.

Meu coração inchou quando me levantei e olhei para ele em seu próprio palete. Seus dedos se destacavam debaixo das cobertas, porque seus pés sempre ficavam muito quentes. Aquele monte de cabelos bagunçados cheirava para sempre a pó, luz do sol e leite. Eu amava tudo. Eu amava todo o meu filho.

Seu peito subia e descia, os movimentos quase imperceptíveis. Quando ele era bebê, aquele peito tinha me consumido com paranoia. Eu ficava acordado a noite toda para ter certeza de que ele estava respirando, colocando um dedo embaixo das narinas, tranquilizado por aqueles impagáveis impulsos de ar que atingiam meus dedos.

Atualmente, eu coloquei meus braços sob suas pernas e ombros, e me levantei. Colocá-lo na cama enquanto Jinny preparava a princesa era necessário, mas agora que ela monopolizou o palete de reposição, o que eu usava durante minhas visitas, é melhor não a deixar com Nicu. Eu não corria o risco de que ele a despertasse e a atacasse com abraços, ou corresse para a cama com ela, na esperança de fazer uma melhor amiga da princesa e rasgar seus pontos com entusiasmo.

Uma pena, de fato. Pois eles formariam um par bonito, enfeitando esta concha de chalé.





Equilibrando Nicu com um braço, fechei a cortina atrás de nós e entrei na sala da frente. Tumble dormia em cima do cesto de remendar, seu corpo torcido em torno de uma meia. Jinny se sentou em sua cadeira ao lado da mesa, enfeitando uma das minhas camisas, seu ritmo rápido sinalizando que eu havia queimado seus nervos hoje à noite. Ela se concentrou na roupa, fechando uma lágrima e esperando enquanto eu envolvia meu filho em uma montanha de colchas perto da lareira.

Nicu se inclinou e murmurou enquanto dormia. Limpei sua sobrancelha úmida com o polegar e, em seguida, sem a delicadeza habitual, caí no assento em frente à mulher que tinha sido uma mãe para mim desde que eu podia engatinhar.

Jinny apontou a cabeça para Nicu. —Ele é seu, tudo bem. Tentando encantar as donzelas no minuto em que ele as vê — disse ela, referindo-se à maneira como ele andava em direção à sangrenta nobre em emoção antes de eu intervir.

Uma porção de chá me esperava, com uma pitada de gengibre que me fez estremecer. Isso reacendeu a memória do meu eu de oito anos: aquele tempero queimando na minha língua quando Jinny me forçou a beber uma quantidade terrível, como punição por usar suas xícaras para praticar malabarismo depois que ela me disse para não fazer aquilo.

—Eu mereço isso. — Eu falei, levantando o chá.

Ela falou com o material em suas mãos. —Você merece pimenta de fogo. Pousei a xícara e belisquei a ponta do meu nariz. —O que diabos está acontecendo?

—Diga-me você.

—É uma história longa e inconveniente.

—Você é um mestre nisso. Vamos ouvir.





— Infelizmente, cheguei ao meu limiar de crise horas atrás. Estou cansado e não tenho energia para embelezar. Será um desastre se eu começar agora.

— Bem, tente —, ela repreendeu. — E deixe sua conversa chique no portão do castelo, jovem.

— Proponho que adiamos os desagradáveis até o dia seguinte, quando descansarmos e nossas barrigas estiverem cheias de alimento.

— Poet-

Eu vomitei meus braços. — Por que essa sugestão ganha um *Poet*?

— Você está certo. Eu sou velha demais para usar seu nome de corte de qualquer jeito, Fen ..

Meu dedo disparou para os meus lábios quando meus olhos foram para o nicho onde a princesa descansava. Eu me recusava a ter meu nome verdadeiro anunciado a uma distância de cuspida dela. O nome era privado e apenas para Jinny pronunciar.

— A garota me atrapalhou. — Eu defendi, abaixando minha voz.

— Mas ela não é apenas uma garota, é? Conheço uma dama quando vejo uma.

— Ela é uma princesa.

A velha Jinny virou a cabeça em minha direção. — Bem, seu gosto ficou caro —, ela respirou, espanto e apreensão em guerra. — Você quer dizer que ela é Briar de Mista?

— Ai de mim.

Jinny pode estar escondida neste paraíso floral, mas sabia das negociações de paz. Semanas atrás, listei a princesa como a única jovem real que compareceria à maratona.

Traçando meus dedos ao redor da borda da minha xícara, eu trabalhei através de uma versão branda dos eventos. — Sob a ilusão de que eu não estava





planejando algo bom, ela embarcou em uma busca louca para me seguir, depois assustou nossos cavalos e, em seguida, o leenix me surpreendeu. Eu disse à princesa para fugir, mas ela ficou no caminho.

Ela fazia isso em abundância. Tudo nela tendia a atrapalhar.

Por outro lado, se a princesa quisesse se tornar alfa, muito bem. Eu não tinha dilema lá. A maioria dos rapazes olhava para baixo para garantir que suas besteiras não caíssem até agora, mas nem minha masculinidade nem minha confiança sofreram. As joias do bobo da corte não estavam indo a lugar algum. Foram os outros órgãos vitais, localizados nas regiões superiores do meu corpo, que comecei a duvidar.

— Salvou sua pele, não é? — Jinny traduziu. — Concedido, agradecerei seu heroísmo quando souber que o resto dela é inofensivo.

— Isto é. Esse tolo esperto declara que não há preconceito no sangue da nobre. Lembre-se, eu sou um papai maravilhoso. Por isso, minha intuição paternal está intacta e detecta compaixão.

— Hmm. Eu me pergunto se é realmente a sua intuição paterna que a atesta. Como eu vejo, você está com manchas.

Aquele brilho cintilante dela era a forma mais pura de provocação. Um protesto pairou nos meus lábios. Eu deveria ter deixado escapar, ou zombado ou brincado, mas isso seria a coisa mais sábia a se fazer, e no que diz respeito a essa princesa, eu estava em um caminho destrutivo desde o banquete de boas-vindas.

Confiar na garota não era exatamente inteligente. Não importava se ela me resgatou, pois ainda havia uma gota de dúvida em minha mente, com a qual lidaria quando ela acordasse.

Jinny cortou o que eu poderia ter dito. — Ela pode lutar contra um corte, isso é certo. Ela durou um pouco antes de cair.





— Precisamente o que eu pensava.

— Muito melhor que você. O dia em que você sobreviver a um leenix é o dia em que me torno uma feiticeira.

— Não vamos exagerar.

— Me lembrou quando você tinha seis anos.

Eu gemi. Ela adorava contar essa história.

— Acabamos de voltar de uma feira —, disse ela com carinho. — Você e sua obsessão por feiras, sempre observando os palhaços, seu rostinho brilhando de reverência.

— Nem sempre. — Lembrei a ela, porque as feiras também tiveram seu lado ruim.

— Claro que não. Mas naquele dia em que chegamos em casa, você imitava aqueles bobos durante horas, girando de pedra em pedra na grama. E quando você caiu...

— Eu *tropecei*.

— E se arranhou, eu nunca vi isso quando esfreguei um pano úmido em seus joelhos. Você uivou como se tivesse sendo assassinado.

Meu cotovelo bateu na mesa quando eu apontei para ela. — Essa parte nunca aconteceu.

— Vá em frente. Negue.

— Estou mudando de assunto. Minhas desculpas pelo meu atraso.

— Você sabe eu sei melhor. Você nos deu um susto, mas não se desculpe. O único motivo para você ficar longe é se você se machucou ou suspeitou de problemas o seguindo.

Olhei para o meu filho, cheio de culpa, uma emoção severamente permanente, se é que alguma vez existiu. — Pedirei o perdão de Nicu pela manhã.





Colocando minha roupa e o fio dela na mesa, Jinny pegou minha mão. – Tenha isso em mente: o que aconteceu estava fora de seu controle. Você lutaria com um exército de leenix para estar aqui.

Esse era o conto que nenhuma alma na corte conhecia: eu tinha um filho, um filho radiante, pelo qual de bom grado descansaria meu pescoço no bloco do carrasco. Sua mãe, uma fogueira de cabelos negros, estava atravessando a floresta com sua família nômade quando nos conhecemos.

Vagando do acampamento naquele fatídico amanhecer, ela me encontrou praticando bananeiras no topo de um tronco caído. Eu tinha um peito nu e tinha uma figura decente de quinze anos. Foi por isso que a garota - ela tinha se orgulhado por seus dezessete anos - ficou para assistir e depois ficou por mais depois que passamos pelas apresentações. Desafiamos um ao outro a uma concorrência equilibrada nesse registro. No final, eu tinha perdido.

Ela trapaceou levantando a saia e olhando para mim tão avidamente, tão arrogantemente, que eu sabia para onde as coisas estavam indo. Naturalmente, minha ereção concordou com ela.

Nesse espírito, eu me peguei agarrando esse tronco por uma vida preciosa enquanto ela me montava e começava a mover. Ela me levou para casa mais tarde, me chupou em outro beijo e nunca mais voltou.

No entanto, ela foi educada o suficiente para me deixar um sinal de sua gratidão na porta de Jinny nove meses depois. Oh, a ironia da história se repetindo.

Aquelas íris verdes provaram que o bebê era meu. Ele ainda não me conhecia, mas soltou uma risada e estendeu um par de braços gordinhos, exigindo ser segurado. Daí em diante, o pequeno me possuía.





Ele fez outro barulho, algo que parecia "Nicuuuuu" para meus ouvidos, e foi assim que eu o chamei. Gostei da ideia de deixa-lo nomear a si mesmo.

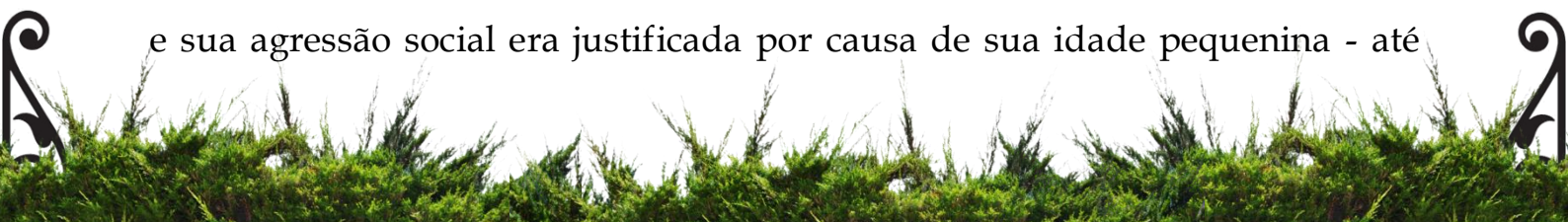
Era fácil perder os sinais no começo, pois os bebês faziam coisas incompreensíveis e choravam diariamente. Eles poderiam ser tão temperamentais e exigentes quanto Nicu tinha sido. No entanto, sua aparência - características fora de proporção decorrentes de contos populares - imediatamente me deu uma pausa. Nos livros de histórias, ele poderia ter sido um elfo, com aquele sorriso largo, e a maneira como seus grandes olhos saltavam de seu rosto e seu nariz se encolhia.

Talvez por isso a mãe dele o tenha deixado comigo - ela sabia muito antes. Ou talvez ela simplesmente não tenha escolhido negar o que isso poderia significar, embora eu tenha optado por ignorar o problema, ansioso demais para fazer o contrário.

Não foi até Nicu se aproximar de seu segundo ano que eu notei algo singular sobre seu comportamento. Meu filho tinha um coração gigante. No entanto, eu não percebi o quão gigantesco até passamos por um vendedor ambulante na estrada, para quem Nicu apareceu, agarrando a perna de pau do homem chocado e conversando, perguntando se o estranho queria voltar para casa conosco para jantar e ser amigos eternos.

Foi assim que Tumble se juntou à nossa família. Eu tive que comprar meu companheiro para arrancar Nicu do membro do homem.

Eu me apeguei a uma teoria. Morar longe da vila deixava meu filho com sede de atenção, assim como eu estava crescendo. Como seu pai, ele não era tímido. Em um festival, ele já saiu da minha frente para cumprimentar estranhos e se sentar no colo sem permissão. Em feiras e carnavais, onde os dramaturgos eram abundantes, ele conseguia se misturar e fugir da suspeita, e sua agressão social era justificada por causa de sua idade pequenina - até





certo ponto. Pois seu rosto dera às pessoas astutas motivo para olhar duas vezes.

Eu poderia ter previsto que ele superaria sua excitabilidade, exceto que eu conhecia meu filho por dentro e por fora. Meu intestino começou a sentir a permanência dele.

Jinny e eu o observamos atentamente. À medida que ele se tornava mais extremo - duvidoso irracional e discursos inventivos e ficcionais que ultrapassavam seus anos e total devoção a estranhos durante caminhadas pelas trilhas entre aldeias - nossas incertezas se enraizaram. Quem diria que Nicu um dia não tropeçaria nos braços de um vilão? Um sequestrador?

Paramos de levá-lo a passeios. Isso garantiu que os habitantes locais o esquecessem completamente, como as pessoas, envolvidos em seus próprios demônios e arrebatamentos.

Começou o segundo ato. Nicu não apenas martelava sua simpatia com quem conhecia, mas se perdia facilmente e não conseguia distinguir seu quarto da cozinha. Todos os tipos de espaços, distâncias e direções o intrigavam.

Começou o terceiro e último ato, pouco antes do terceiro ano. Pedi que ele pegasse um balde para Jinny, e ele desapareceu do lado de fora da cabana, depois voltou com uma de nossas galinhas gordas.

— Aqui. — Ele disse, entregando o animal a uma Jinny confusa.

A cena me congelou de terror. Levaria mais uma dúzia de ocorrências como essa para ser totalmente certo, mas eu já sabia. Aos olhos dos quatro reinos, meu filho possuía uma mente inclinada.

Não podíamos pagar um médico, muito menos confiar em um para examinar Nicu em segredo. Entregar um "meio-juízo" desconhecido para a Coroa poderia significar recompensas.





Desesperado por respostas, viajei para aldeias próximas e distantes para iniciar conversas hipotéticas e aleatórias com alguém especialista em artes da cura. Fingindo indiferença, peguei o cérebro deles e vim de mãos vazias. Não consegui descobrir o que causou a doença do meu filho, como era chamada ou o que fazer a respeito.

Havia o ditado: mantenha seus inimigos por perto. Um mês após o incidente da galinha, o destino me jogou no caminho da monarquia, quando desafiei um para uma partida acrobática no mercado. Um cavaleiro de Whimtany viu o espetáculo e me reportou a Basil e Fatima, que por sua vez me convocaram a tocar para eles. Em poucos dias, eu me tornei o novo bobo da corte.

Eu atravessava dois mundos: público e secreto. Se meus soberanos soubessem sobre Nicu, ele se tornaria propriedade legal deles. Por isso, passava meus dias me certificando de que isso nunca acontecesse, ofuscando a corte, abrindo caminho em suas boas graças e ganhando mais salários do que eu esperava de fazer de outra maneira. Meu trabalho precário alimentava e vestia minha família. Eu os visitava toda semana e mantinha Jinny em suprimentos.

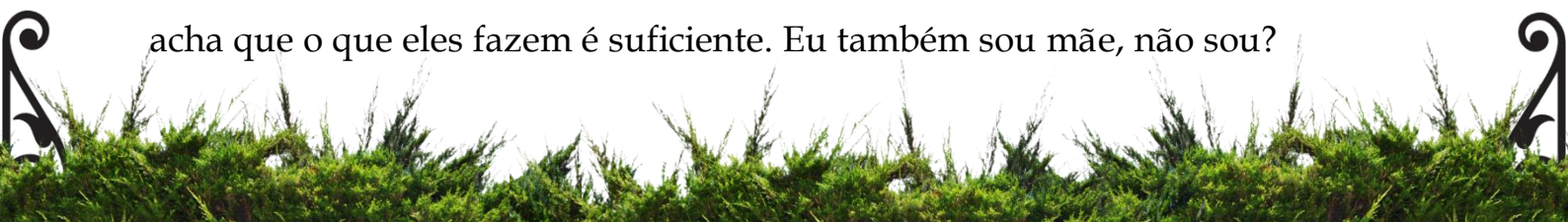
Enquanto Nicu permanecesse aqui, ele estava seguro. Desde que cutuquei o osso engraçado da Coroa, a par dos meandros de seu reinado, capazes de influenciá-los, eu tinha controle.

No castelo, eu vivia uma vida luxuosa. Em segredo, eu me preocupava todos os dias.

Não, com cada respiração que eu respirava.

Olhei para Jinny e disse: — Não é o suficiente.

Com a mão livre, a velha Jinny ancorou minha bochecha. — Nenhum pai acha que o que eles fazem é suficiente. Eu também sou mãe, não sou?





Eu relaxei em sua palma. — Não sei o que faria sem você.

Os olhos dela ficaram nublados. — Oh sim, você sabe.

Ela insistia no insuportável, mas inevitável. A princesa e eu deveríamos ficar até a ameaça de uma infecção passar e ela poder fazer a caminhada de volta. Sem mencionar, um infortúnio raro se alastrava: uma tempestade de primavera atingindo o meio da estação de floração. Brilhante.

Depois que Jinny se retirou, eu me aconcheguei com meu filho, seus dedos esmagando minha camisa. O descanso veio e passou, deslizando pelos meus dedos antes que eu pudesse pegá-lo. O amanhecer chuvoso se seguiu, atingindo o telhado. Meus músculos pobres se rebelaram contra o chão duro.

Um pequeno alguém riu. Uma pequena pessoa subiu em cima do meu tronco e puxou minha orelha. Eu fingi estar dormindo e fui recompensado com mais puxões de orelha. Sem abrir os olhos, segurei Nicu pela caixa torácica. — Te peguei!

Meu filho espiou de alegria. Ele mediu meu corpo com seus braços e pernas, como a corrente humana mais lamentável. — Não, eu tenho você! Você é meu prisioneiro, papai!

— Você não tem ideia, meu amor.

— Eu tenho muitas ideias. Quer ouvir uma? A chuva gosta de mim!

— Shh. — Meus braços envolveram sua cintura escassa. — Peço-te perdão. Diga que me perdoa por ter chegado tarde ontem à noite. Eu não quis fazer isso.

Ele inclinou a cabeça. — Tarde do que? Onde você foi?

— Deixa pra lá. — Ele não se lembrava, não estava pensando por que fomos degradados na sala da frente.

— Podemos brincar agora? — Ele perguntou. — Posso andar em seus ombros hoje?





—Seu desejo é uma ordem.

—Yay. Vi uma garota em algum lugar da cabana, mas ela se foi. Ela está pendurada de cabeça para baixo em uma nuvem que Jinny tricou no céu gramado. O cabelo da menina é o sol quando está louco. Hurrah.

Eu não podia negar meu orgulho por suas habilidades de contar histórias. Por mais absurdas que fossem, superavam as minhas.

—Não, ela está aqui —, eu sussurrei. —Ela está sonhando com flores tão altas quanto as árvores.

—Porque é de onde ela é —, acrescentou. —Ela tem pétalas nas bochechas.

—E espinhos para os ouvidos.

— Não, ela não tem. — A cabeça de Nicu virou de um lado para o outro.

—Eu quero vê-la!

—Mais tarde. Ela está machucada.

—Mmm. Ela parecia assustada ontem à noite. Como: *hehhh, hehhh, hehhh*.

—Ele fez uma careta, sua voz estranha em sua imitação perfeita do terror e ofegante da princesa.

— Um leenix a atingiu. Lembra do que eu disse uma vez sobre eles? Eles são perigosos. Eles não querem ser acariciados, então nunca tente.

—Leenix! — Ele falou.

—Nicu. O que acabei de dizer?

—Eu não sei. Ah, sim. Ele alterou sua voz para soar como eu, o timbre preciso a ponto de misterioso. — *Um leenix a atingiu. Lembra do que eu disse uma vez sobre eles? Eles são perigosos. Eles não querem ser acariciados, então nunca tente.* Eu quero brincar com os biscoitos de Jinny.

Isso significava que ele estava com fome. —Um leenix significa más notícias —, enfatizei. —Você não deve tocar em um. Como as pessoas, não é?





— Ficar longe das pessoas? — Ele perguntou em voz baixa que partiu meu coração. — Eu, hm ...

— Repita a nossa última conversa. — Solicitei.

— *Se você vê alguém que não é papai ou Jinny, deve se esconder.* — Recitou.

— Agora me lembre. O que significa esconder?

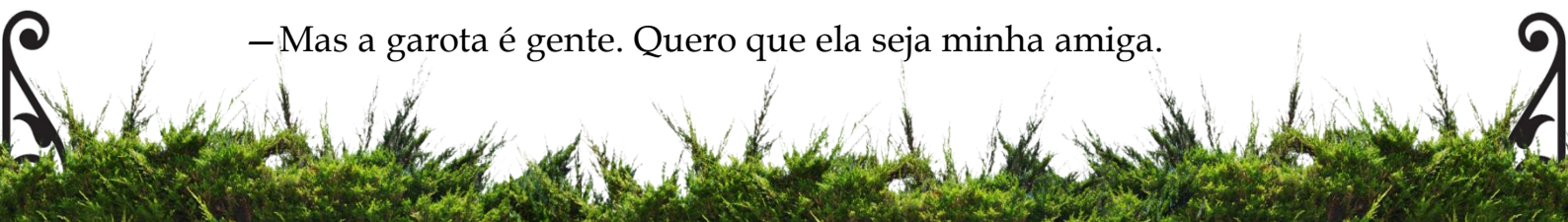
Ele bateu os dedos no meu ombro, jogando aquelas bolinhas na cabeça, porque essa era a parte mais difícil para ele. Para Nicu, seguir o caminho de alguém pode ser "esconder". Correr em direção a eles pode muito bem ser "fugir".

Alguns dias, não foi fácil com ele. Levantando-o, esperando que ele entendesse o que eu tentei ensinar a ele, tendo que me repetir muitas vezes enquanto usava as mesmas palavras. Lembrando de manter todos os objetos no mesmo local, para que ele não confunda coisas, como uma faca e uma colher, simplesmente porque um foi deixado onde o outro deveria estar. Suportando seus ataques e crises, seus ataques de confusão e frustração, sempre que eu o repreendia ou ele não compreendia algo. Suportando seu peso enquanto ele subia em cima de mim, não importava em que humor ele me pegava, quando às vezes eu não tinha energia para acompanhar. Não estar aqui para ele todos os dias, lidar com remorso e muito amor para uma pessoa levar... Confesso os dias em que isso me cansava.

Mas sempre, as características preciosas de Nicu, tudo de bom dele, superavam o resto. Ele era o meu tudo, meu pequeno país das fadas musical, nervoso e engraçado, brilhante e imaginativo, amoroso e alegre. Um tesouro, não um julgamento.

— Esconder significa não abraçar, não falar e... — O rosto de Nicu secou em decepção.

— Mas a garota é gente. Quero que ela seja minha amiga.





— Não até que eu diga que é seguro, pois sou eu quem decide.

— Eu sei o que é seguro. — Nicu explodiu em uma contagem de criaturas e moradores da floresta de Whimtany. — A raposa de cobre, besouro com chifres, esquilo, rato manchado, lagarta-

— E a fada Nicu. — Eu disse, fazendo cócegas em seus lados.

Quando ele veio ao ar, ele disse: — Sinto sua falta quando você está atrasado. Mal posso esperar.

Esfreguei meu nariz no dele. — Bem feito.





CAPÍTULO DOZE

PRINCESA

A tempestade me acordou. As nuvens que barulhavam interromperam o sonho que eu estava tendo sobre fitas e fios. Forcei minhas pálpebras a abrirem, minha visão turva enquanto tentava identificar a cama em que estava deitada e as paredes ao meu redor. Não era meu quarto em Mista. Nem o da fortaleza de Whimtany.

Esse espaço era do tamanho dos aposentos de um camponês. Um palete menor aninhado no canto, com um boneco de mão de gnomo apoiado no travesseiro. Cortinas emolduravam a janela em forma de caixa. Pingos de chuva respingavam no vidro, os riachos embaçavam a vista, o que indicava árvores Whimtany, casca grossa encimada por flores fúcsia.

A floresta floral da noite passada, onde segui Poet. Lembrei-me dos cavalos nos abandonando, raízes de árvores e musgo rosado, o leenix agarrando minha perna e o jovem bobo da corte me levando a algum lugar.

Aqui, para esta cabana. E aquela mulher de cabelos prateados. A agulha.

Um cobertor grosso envolvia meu corpo e arranhava meu queixo. Vozes abafadas vieram de uma parte desconhecida da casa, interrompidas pelo estridente riso infantil.

A estranha e Poet.

E aquele garoto élfico. Aquele que eu não imaginava, afinal.

O cheiro de vegetais fez meu estômago roncar. Eu deveria estar ansiosa sobre o que aconteceu ontem à noite, nosso paradeiro e há quanto tempo estou





inconsciente. Eu não confiava em Poet quando ele saiu do castelo, mas ele não fez nada para me prejudicar. Ele parou na frente do leenix, me disse para correr enquanto lidava com a criatura, sabendo que isso poderia significar sua morte.

Ele me avisou para não trazer uma equipe de resgate de volta para ele. Por quê?

Este chalé deveria estar por perto se Poet pode me carregar. Esse era o problema? Este lugar estava perto demais? O que ele não queria que uma cavalaria visse?

Tentei me sentar, mas estremeci com a sensibilidade na minha coxa. Erguendo o cobertor, descobri o pano manchado de sangue em volta da minha perna. A mulher mais velha tinha sido gentil cuidando da ferida.

E a criança... nada disso era o que eu esperava quando parti atrás do bobo da corte. Uma anciã e um jovem. Companheiros dificilmente mercenários. Se algum deles quisesse me machucar, já o teria feito. Minha mente racional concluiu que eu não era prisioneira, que eles não me usariam como moeda de troca por alguma causa nefasta.

Uma calma me envolveu ao ver minha capa pendurada em um gancho de parede e os sons de uma família dentro da cabana. Eu me sentei de pé quando a cortina que enchia a porta se mexeu. Uma ponta de um nariz grudou na abertura, seguida por um par de dedos curtos segurando o material, e então a cabeça do duende apareceu dentro. Ele tinha orelhas ovais, boca larga, uma crosta no pulso - amarrada com braceletes familiares de fita - e as mesmas íris de trevo que Poet.

Nós nos encaramos. Seu olhar pulou por mim, seus olhos eclipsando o resto do rosto. No instante em que ele percebeu que eu estava acordada, ele correu para o meu lado e começou a cantar.

— *Você é verão no meu bolso,*





*E Inverno gosta de roncar,
A primavera espera em um medalhão,
Mas o Outono é um tédio ... "*

As palavras totalizaram palavras sem sentido. Seja como for, sua voz tilintante rivalizava com a de Eliot. Quando ele terminou, seu arco - a confirmação final necessária para recolher quem era o pai - me tirou do transe. Eu aplaudi. Isso exaltou o garoto.

— Onde está o meu abraço? — Ele perguntou. — Eu recebo um abraço?

Sem esperar pela minha resposta, ele se atirou em mim. Eu ofeguei, meus braços girando em torno dele timidamente. — Pronto, pronto. Calma agora. — Falei.

Sem surpresa, eu me afastei e inclinei minha cabeça. Ele também. Que pedido ousado ele fez, doce, mas falou com uma ponta voraz. Um tipo de amizade frenética, mesmo de alguém tão jovem, que tocou uma corda.

As observações passadas que Poet fez em defesa dos tolos nascidos voltaram. Apreensão ocorreu algo feroz. Além de seu rosto, adorável e fantástico, se ele se comportasse assim em público, exigiria a atenção das pessoas como uma bandeira vermelha. Ao fazer isso, eles poderiam olhar mais de perto.

Eu poderia estar certa? Ou eu estava exagerando?

Algo que eu fiz ou disse pareceu domesticar o garoto. Ele relaxou o aperto nas minhas roupas, mas não se afastou. Ele piscou para mim com expectativa.

— Você pode ter merecido um abraço, mas eu não —, eu disse. — O que devemos fazer sobre isso?

O garoto contemplou. Eu sorri para ele em encorajamento.





Poet afastou a cortina. Seus olhos passaram por nós e se fixaram na criança e, imediatamente, o bobo da corte se transformou. O olhar em seu rosto mostrava tanta ternura que eu nunca vi dele.

Ele deve ter registrado meu espanto, porque, em vez de nos apresentar, deu um puxão na orelha do garoto. — Jinny está esperando por você. Ela queria que você pegasse o xale do quarto, lembra? — Ele colocou uma palma da mão ao lado da boca e disse conspirativamente: — Siga as fitas verdes. Rápido agora, e então ela deixará você se sentar perto da janela. A chuva está esperando pelo seu público.

Risos borbulhavam da criança. Ele pulou, rindo quando Poet bateu na sua pequena bunda ao sair.

A tempestade bateu contra a cabana com os punhos, a umidade caída e deslizando pelas vidraças como se estivesse desesperada para entrar. Sentei-me ereta, arrumando os cobertores em volta das minhas pernas, sentindo-me estupidamente real ao fazê-lo.

Poet arrastou um banquinho para a cama e sentou-se. Ele usava uma calça solta e uma camisa nova com os cordões abertos, revelando um decote profundo. Fios de preto cobriam a parte inferior dos olhos - eu tinha o desejo mais estranho de borrar a cor e fazê-lo parecer abatido - e tinta escura cobria suas unhas curtas. Fora isso, a simplicidade de sua aparência me perturbou.

O rosto nu dele. A roupa modesta. Bobo, mas vê-lo dessa maneira parecia íntimo, especialmente nesse espaço pequeno, sem mais ninguém aqui.

Ele equilibrava uma tigela de pão com sopa de brócolis amassada. Eu me perguntava de onde a farinha tinha vindo. Se fosse do castelo e não de uma vila vizinha, não seria um grão Whimtany. Seria de Mista, já que Basil e Fátima exigiam o melhor, e o melhor vinha das fábricas do Outono. Eu seria capaz de distinguir pelo gosto.





Poet soprou a sopa e levantou uma colher. — Abra bem, Alteza. Ou você é exigente? Venha agora, não há necessidade de fazer uma careta. Não é como se você escapasse por pouco de uma tentativa de mutilação de leão.

Peguei a tigela e a colher. — Eu posso me alimentar.

— Por favor faça. Sou bonito demais para fazer um trabalho ingrato.

— Eu não quis dizer... — Salvando o que restou das minhas maneiras, coloquei a tigela no meu colo. — Seguir você na floresta foi uma ideia descuidada. Eu estava pedindo problemas, então obrigada por cuidar de mim. A sopa tem um cheiro maravilhoso.

— Eu fiz isso.

Eu recuei. — Você?

— Eu esmaguei o brócolis. Sei que é uma tarefa crucial — declarou. — Para ser justo, sou eu quem deveria ser grato. Você e Tumble estariam em segurança se você me escutasse e corresse, e embora eu desejasse que vocês tivessem, é bom estar vivo. Por sua causa, eu estou em um pedaço, e meu f... — Ele parou. — Você deve saber, eu não estava emocionado por ter meu rosto delicioso arrancado. Ah, e não fará bem nenhum à sopa ficar na tigela.

Poet possuía vários tipos de inteligência. Eu estava começando a reconhecer as diferenças entre eles. Dependendo da inclinação de sua boca e da profundidade de sua voz, ele brincava por diversão, zombar ou julgar. Ou para disfarçar certas verdades.

Coloquei a colher na tigela e reuni coragem para perguntar: — Quantos anos ele tem?

Um silêncio paralisante se seguiu. Como uma nobre, as respostas foram entregues a mim em uma bandeja sob meu comando. Eu nunca tive que me humilhar e ganha-las.





Eu encontrei o semblante desconfiado de Poet. — Não direi uma palavra a ninguém. Eu juro.

Uma princesa não dá sua palavra de honra imprudentemente. Eu poderia muito bem ter esculpido em pedra.

Seus olhos fixaram-se em mim, muitas coisas desordenadas naquele olhar. Vê-lo assim, defensivo e vulnerável, prejudicou tudo o que eu pensava dele. O bobo da corte em roupas de camponês, tocando distraidamente as fitas nos pulsos e dedicado a uma criança. Todo esse tempo, eu estava errada em assumir. Eu não o conhecia.

Por nenhuma razão lúcida, eu queria sua confiança. Talvez fosse a nobre em mim. Ou talvez eu entendesse como era me esconder dos outros. Ou talvez eu não pudesse explicar.

Ele esperou um pouco. — Ele tem quatro anos.

— Posso perguntar o nome dele?

Mais uma vez, ele levou um momento para responder. — Nicu.

— Ele tem seus olhos.

— A natureza sabe o que é melhor.

Ainda vaidoso como um pavão. Nós rimos, mas o riso desapareceu rapidamente, como se tivesse sido cortado ao meio.

Ele olhou pela janela. Eu fiz o mesmo enquanto terminava minha comida.

— Coisas delicadas e ferozes. — Disse ele, as sombras das gotas de chuva cobrindo seu rosto, a luz das velas iluminando o resto dele.

— Nicu é... — Eu não ousei terminar, porque essa história pertencia a ele. Eu estava sem fôlego para descobrir a verdade, mas se eu cometesse o menor erro, não o faria.

Ele desviou todo o seu corpo em minha direção. — Aqui está a história de uma criança gentil que adora inventar músicas, sussurrar para a chuva,





lamber o açúcar do mindinho e jogar jogos de palavras. Ele vê e fala deste mundo em iridescência. Sua cor favorita é 'laranja feliz', ele acha que as partículas de poeira são fadas, ele come qualquer coisa desde que não tenha um recheio, ele adora animais e pessoas e não machucaria uma alma. O que mais sobre ele importa?

— Eu não sou tão cabeçuda quanto você pensa.

Ele listou a cabeça, esperando que eu me repetisse.

— Mamãe trata todos com benevolência —, expliquei. — Ela e meu pai me ensinaram a fazer o mesmo.

Isso não poderia ser novidade para Poet. Embora as mesmas leis sociais tenham prevalecido em Mista, agimos de maneira menos severa com os tolos nascidos do que os outros reinos. Dificilmente nos desculpava, mas todos sabiam que Outono não era violento com ninguém, exceto em questões de defesa.

O que Poet não sabia era que meus pais também me criaram sem preconceitos. Como eles, debati a injustiça contra aqueles que possuíamos. No entanto, fizemos isso a portas fechadas. Continuamos objetivos, mas severos em público, pois outros assuntos urgentes tinham prioridade sobre a alteração dessa lei. Reclamei com poucas decisões que mamãe e papai haviam tomado. Essa era uma delas.

— Princesa —, Poet brincou. — Isso não é um poema ou uma música. Isto não é negociável. Se houver alguma chance de trair minha confiança, conceda-me agora. Não darei esse passo de ânimo leve.

— Eu nunca dou nenhum passo de ânimo leve.

— Claro que não. Você cairia.

— Muito engraçado.





—Se o que eu disser a você deixar esta casa, e isso prejudicar um fio de cabelo do meu filho, eu retaliarei. Onde quer que você esteja, não hesitarei.

—Essa rima foi intencional? Eu não posso dizer.

—Para dizer o mínimo, não estou com disposição para rimar.

—Não acredito nisso por um segundo, mas acredito que suas ameaças nascem do amor. Da mesma forma, você terá que acreditar que não sou uma miserável. Eu concordo com seus termos, bobo da corte. Vamos considerar isso uma promessa verbal.

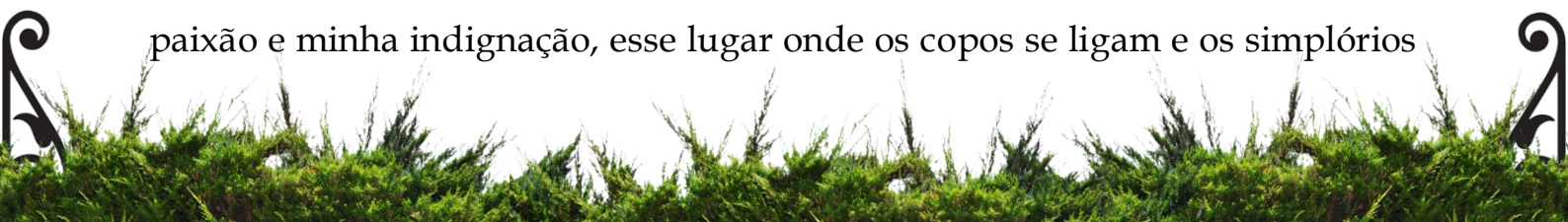
Minha resposta abriu sua mandíbula. Então começou.

Poet me contou como seus pais o abandonaram em uma feira e sobre a velha Jinny, a mulher que costurou minha perna. Como ela encontrou Poet em um berço atrás de uma barraca, criou-o neste chalé e depois ajudou a criar Nicu depois que sua mãe deixou o bebê na porta deles.

Poet esclareceu a condição de Nicu. Não em detalhes, mas o suficiente para entender a situação.

Uma memória contorceu o rosto de Poet. —Quando Nicu tinha dois anos, eu o levei a um festival pela primeira vez. Eu nunca esquecerei o olhar dele, tão bonito nele. E eu desviei o olhar por um mero segundo. Quando voltei, ele desapareceu. Ainda posso vê-lo, o lugar vazio onde meu filho deveria estar, esse pedaço de grama sombreada por alguém derrubando uma caneca, e eu detesto quanto tempo minhas malditas pernas levaram para me mover, e então eu estava correndo, correndo, furioso. A feira o roubou de mim e não o devolveu, e em todos os lugares que eu olhei, ele não estava lá. Eu matei minha voz gritando seu nome, e eu odiava o som disso, mas eu odiava mais o som dele não responder. Foi a manhã mais aterrorizante da minha vida.

—As feiras são magníficas e deploráveis. Foi aí que descobri minha paixão e minha indignação, esse lugar onde os copos se ligam e os simplórios





sofrem. Tomei o cuidado de não mostrar a Nicu as partes horríveis, mas, ao procura-lo, vi o que tinha visto muitas vezes. Tolos nascidos são forçados a lutar enquanto os espectadores apostam neles. Um homem idoso, que falava para si mesmo, sendo atraído. Uma mulher das ações sendo atingida por comida podre por crianças que queriam ganhar um prêmio. Eu ainda não sabia que meu filho era como eles, mas tinha um pressentimento. Imaginei aquilo acontecendo com Nicu.

—Minutos depois, eu o encontrei subindo no colo de uma cigana desavisada. Furioso não começa a se expressar... eu gritei com meu filho, o assustei. Ele recuou porque não entendeu, porque eu era um pai idiota e eu não sabia o que estava fazendo. Nicu não falou pelo resto do dia, com medo de me deixar com raiva de novo. Confesso que fui empurrado para perto dos meus limites, mas não levantei minha voz para ele desde então. Ele é meu batimento cardíaco. Ele é minha maior conquista —, disse Poet. —Ele é meu.

Suas palavras cresceram presas no final, a implicação difícil de perder. Nicu era dele. Não da coroa.

Poet falou claramente. —Eu não poderia dizer mais isso, Alteza. Eu não vou deixar ninguém tirar meu filho de mim. Ninguém diga que ele está danificado, inferior ou indigno, porque sua mente se curva de uma maneira diferente. Ele não merece ser detido e ridicularizado.

—A questão principal é a seguinte: o que é um tolo? São loucos que mutilam sua própria carne, aqueles que vêem o que não existe, aqueles cujas mentes flutuam na neblina? Alguns dos loucos são realmente violentos e devem ser contidos, colocados onde não podem ferir os outros ou a si mesmos - mas as masmorras não são a solução. E aqueles a quem chamamos idiotas, imbecis, tolos e simplórios não merecem o que recebem. Infelizmente,





ignoramos a distinção, agrupando todos como propriedade, porque qualquer coisa não natural não é natural. Como as estações dizem.

— Minha opinião? Um tolo é um homem que acredita que a glória pode ser encontrada na ponta da espada, e não na ponta da língua. É uma mulher que julga com os olhos fechados. São pessoas que inventam aberrações de especulações e rumores. É criado da ignorância. Esse é o truque cruel da vida.

— Um homem sábio faz uma lenda. Um boneco faz uma vergonha. Estar perto dos meus soberanos é uma bênção e maldição, veja, pois tenho influência lá. Se a Coroa me adorar, vou convencê-los a mudar sua lei. Não tenho escrúpulos com a realeza, exceto por uma coisa e, portanto, tenho mil escrúpulos com elas. Eles querem minhas histórias, mas não as do meu filho, mas um dia vou força-las a alimentá-las, pois sou o boneco que segura as cordas.

Engoli. Sua performance no banquete me cativaram, mas não se comparava à realidade dele. As perguntas abundavam. Os *comos, porquês* e o *que* de sua censura.

— O boneco que segura as cordas —, eu repeti, assentindo. — Você tem poder, mas não tem liberdade.

— Você vive meia-mentira, fala meias-verdades. — Ele concordou.

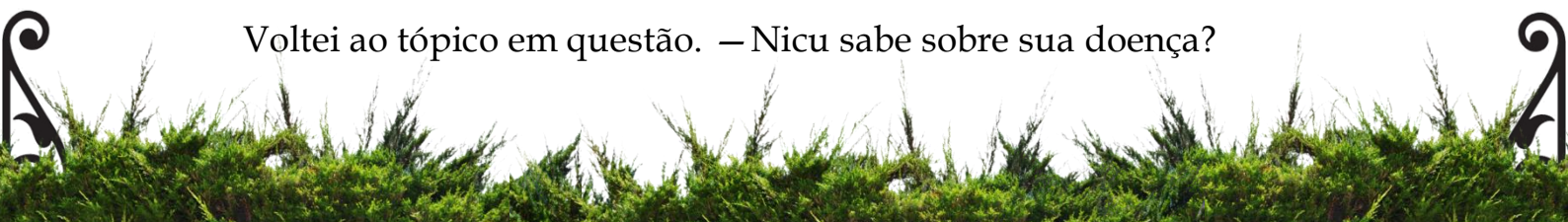
— E embora eles queiram que você seja honesto, você não pode falar o que pensa. Eles não querem o verdadeiro você. Eles querem um líder que pense como eles.

— Você desempenha um papel.

— Caso contrário, eles vão te punir.

Trocamos olhares. Passou uma quantidade significativa de tempo, tentando-me a dizer mais, porque me senti bem em não me conter.

Voltei ao tópico em questão. — Nicu sabe sobre sua doença?





— Ah. Depende do dia. Dissemos a ele parte disso, mas não tudo. Principalmente, ele acha isso intrigante. Embora ele se lembre de cada palavra do que dizemos, elas acabam perdendo seu significado para ele, e ele volta a ficar inconscientemente animado, e então explicamos a ele novamente.

Eu pensei sobre isso e muitas outras coisas. Se eu não via meios de contestar a lei, não podia imaginar que um bobo da corte fosse bem-sucedido. Ainda assim, Poet era inteligente, persuasivo e apaixonado. Uma faísca acendeu em mim que talvez... talvez juntos pudéssemos...

Não podíamos nada. Não quando eu deixaria este reino no final do mês. Se ele fosse cidadão de Mista, poderíamos trabalhar juntos.

Aqui não era Mista.

Quando meu olhar deslizou para suas fitas, sua boca se curvou. — Nicu fez para mim — bem, eu ajudei sem que ele soubesse. Amarrar nós por conta própria seria uma dificuldade. Você pode dizer que eu os uso como símbolos para marcar meus alvos, como símbolos de nós contra eles.

Nós contra eles. Eu me encolhi, insegura do meu lugar nessa declaração.

— Você as notará penduradas no teto da cabana, pois as usamos para ajudar a orientar Nicu. Está funcionando até agora.

Apertei o braço de Poet. — A fita que você me deixou. Poet, amarrei-a a um arbusto quando te segui. E nossas pegadas. Elas podem liderar uma equipe de busca aqui.

Ele ficou tenso até que eu o soltei. — Se eles encontrarem a fita, ela os atrairá para uma estrada principal, mas seguirão para o oeste depois disso, pois mais crimes são relatados a partir daí. É assim que Whimtany patrulha. Quando eles pararem lá, retornaremos ao castelo e um mensageiro será enviado para a unidade.





— Quanto às nossas trilhas traiçoeiras, a tempestade tomou conta delas. Estamos a sudeste do castelo, então essa área seria sua última parada, fora da rotina tanto quanto a superstição. Pois convenci a corte de que essas partes eram assombradas.

Eu olhei para ele. — Como você conseguiu isso?

— Sou Poet. — Disse ele, como se isso explicasse tudo.

— E a monarquia à parte, como você sabe sobre os procedimentos oficiais?

— Eu sou um beijador glorioso.

Eu ri alto. — Você é impossível.

— Sou? — Seu olhar estava explícito. Invasivo, como se estivesse vasculhando minha mente, passando por todos os pensamentos inquietantes que tive sobre ele.

Sem pensar em distração, empurrei a colher na boca, apenas para lembrar que estava vazia. Eu terminei a sopa.

O bobo da corte riu. Eu bati no joelho dele com a colher.





CAPÍTULO TREZE

PRINCESA

A chuva continuou ao longo do dia. Eu dormia e acordava, sedada de novo por um copo fumegante de líquido herbal que Jinny havia me trazido, mas me contorcendo com a dor ardente das garras do leenix - ele conseguiu cortar duas garras em mim, mas pelo menos não as quatro.

Eu flutuava entre escuridão e clareza. Uma forma masculina me encarando da porta cortinada. Uma mão varrendo os dedos sobre minha testa, murmurando uma rima para reprimir meu estremecimento.

Um sonho de mamãe e eu na cama, sussurrando debaixo de um cobertor. Outra visão do meu pai me olhando e eu correndo para a floresta, observando de um esconderijo enquanto ele procurava freneticamente por mim.

Gargalhadas de menino. Nicu em algum lugar da cabana.

Então quieto, os minutos passando. Acordei, olhando para o palete vazio à minha frente. Varrendo o cobertor para o lado, fiquei de pé e manquei até a porta. Precisando de garantia, uma olhada ao meu entorno, verifiquei na esquina e os vi.

Poet e Nicu.

Eles dormiam no chão da sala principal, embrulhados um no outro pela luz do fogo que morria. A cabeça da criança repousava no ombro do pai, enquanto Poet respirava uniformemente nos cabelos do filho. Ambos usavam expressões amassadas idênticas. Eu praticamente provei a doçura disso.





Me ocorreu que eu estava me recuperando no quarto de Nicu, o que ele compartilhava com o pai. O que significava que eu devia estar reivindicando a cama de Poet. Eu os teria acordado e insistido para que voltassem ao seu devido lugar, que eu ficaria bem no chão, mas eles pareciam tão pacíficos. Não tive coragem de perturbá-los. E algo me disse que Poet teria recusado de qualquer maneira. Ele era mais altruísta do que eu acreditava.

Eu tropecei de volta para o palete dele e me dissolvi nele. Depois vieram imagens dos olhos pintados do bobo da corte e de nós dois girando loucamente sob uma lua de Primavera, uivando à noite com um grupo de outras figuras. Então nós dois sozinhos, alcançando um ao outro, querendo, tocando.

Dançar, ousar, fazer.

Sacudindo-me acordada, ofeguei na luz do sol. As nuvens haviam se rompido em outro dia.

Levantei-me e puxei os restos do meu vestido, fazendo uma careta para o material desfiado e manchas de sujeira. Eu suava e dormia nele por duas noites.

Duas noites até agora. Eliot estaria andando de um lado para o outro. Mamãe ficaria fora de si, imaginando se havia perdido outro ente querido na floresta de Whimtany.

Meus olhos se fecharam. Sairíamos daqui em breve, agora que minha perna estava consertando.

Abrindo os olhos, examinei o quarto. Alguém me deixou um presente dobrado no palete de Nicu. Um vestido cor de linho com mangas compridas, amarradas nos pulsos e cheirando a lavanda. Suspirando, tirei minha própria roupa. Tomei banho com o pano, sabão e bacia de água que também me restavam, joguei-me na roupa e amarrei minhas botas.





Desenrolando minha trança e sacudindo meu cabelo, pensei nas Sete Tolas em seus aros florais. Imaginei-me cumprimentando-as assim, na minha glória esfarrapada e marcada por leões.

Refrescada, saí na ponta dos pés e tive meu primeiro vislumbre lúcido da cabana. Uma mesa redonda e duas cadeiras ao lado de uma lareira e caldeirão. Um armário segurando um almofariz e pilão, e potes de ervas, plantas e casca de solo. Pacotes de flores secas e vasos pendurados na frente de uma janela. Uma prateleira de guloseimas como mel e açúcar, certamente fornecida pelo salário de Poet.

Três cordões de fitas passavam do teto, cada um com o objetivo de guiar Nicu para uma parte diferente da cabana. Vermelho para o quarto dele. Verde para o quarto de Jinny. Rosa para a sala da frente.

Eu andei para fora. O chalé em forma de cogumelo estava isolado, escondido em uma pequena clareira onde um riacho borbulhante atravessava a grama. Embora o chão ainda estivesse molhado, o calor atravessou minhas bochechas.

— Você gosta de amoras?

Minha cabeça mudou para a mulher mais velha. Ela tinha uma voz que surgia da terra, da maneira que eu imagino que uma raiz soaria se pudesse falar. Onde a maioria das pessoas deixa suas palavras flutuarem, seu discurso tem uma qualidade firme, fechando cada palavra no final.

Ela estava ao lado de um curral, lar de duas galinhas e um pônei robusto, com uma carroça estacionada ao fundo. O braço dela pendia sobre uma cesta vazia pousada no quadril.

— Amoras? — Eu perguntei.

— Isso. — Ela apontou o polegar em direção a um arbusto carregado de pedacinhos rosados, nativos de Whimtany. — Um milagre, elas são.





Misturadas com os ingredientes certos, elas são boas para assar, circulação sanguínea, dores de barriga de Nicu, afastando a depravação do sono e impedindo um bebê indesejado. Aposto que elas podem fazer tudo, exceto reverter sua idade. Que outras frutas você poderia dizer sobre isso?

— Meu Poet e Nicu as amam. Não tenho certeza de você, então estou perguntando antes de colocar um biscoito de frutas no seu prato. Eu tenho um lote fumegante e pronto, se você quiser.

Eu banquettei na tigela de pão e confirmei que era o grão Mista, que o Poet deve ter trazido das lojas de Basil e Fatima no castelo. Nós a exportamos do Outono, e alguns barris haviam acompanhado mamãe e eu em nossa jornada aqui. Os biscoitos que Jinny ofereceu provavelmente eram da mesma qualidade.

Quando meu estômago roncou em resposta, a mulher sorriu. — Parece um sim para mim. Bom dia, Alteza.

— Oh... não há necessidade de me chamar assim. Não depois que você passou uma agulha na minha pele. Bom dia. Meu nome é Briar.

— Tem certeza?

— A menos que meus pais tenham mentido para mim.

— Eu quis dizer, você tem certeza de me deixar te chamar pelo nome? Não é apropriado, jovem Alteza.

— Estou cansada demais para o que é apropriado.

Ela mudou sua cesta para o quadril oposto. — Meus meninos me de velha Jinny. Suponho que fazer reverência não é necessário? Meus ossos não aguentam.

Eu sorri para ela. — Sou grata a você pelos pontos, pela comida e pelas roupas.





— Não seja boba. Eu tenho esse vestido desde que tinha a sua idade. E o bocado sobre sua perna não foi problema. Quando Poet apareceu, eu não tinha dinheiro para um médico. Agora temos a moeda, mas não podemos confiar em nenhum curandeiro com Nicu. Eu tive que aprender a ministrar aos meus filhos e tive que aprender rápido.

— Eu sempre guardei para mim. Nunca tive a intenção de estar perto de pessoas, exceto quando ia ao mercado trocar ervas. Estou cercada por medicamentos do solo, então consegui. — Ela apontou um dedo para mim. — Você tem sorte de não ter infectado. Forte, você é. Você estará andando melhor do que Poet amanhã.

— Onde ele está?

— Acabou de perder ele. Levou Nicu e Tumble para me pegar um lote de milefólio.

Fiz um gesto para o arbusto de frutos silvestres. — Posso te ajudar?

Ela fez uma careta. — Este trabalho não é adequado para uma princesa.

— Eu não tenho medo do trabalho. Em Mista, participo da colheita...

— Você trabalha nos campos? — Ela perguntou, surpresa.

— Governar os campos é conhece-los. Além disso, adoraria fazer algo em vez de ficar sentada. Eu nunca colhi amoras antes.

— Então eu serei a única a te ensinar depois do café da manhã. Apenas tome cuidado com sua perna. Sente-se na grama e colha as próximas ao chão. Eu cuido do topo do arbusto.

Depois que eu comi e lavei o biscoito com chá, Jinny demonstrou como colher os frutos logo abaixo da base do caule. Ela foi tão longe quanto cobrir minhas mãos com as murchas. — Deixe-me te mostrar.

Meus dedos ficaram rígidos. — Oh, e-eu estou bem.





— Você tem que ser gentil para impedir que elas estourem e drenem o suco, veja. Minha mãe me ensinou que tudo está na mão. Se fizermos o certo, teremos o dom da doçura.

Seu tom era reverente e avó, como se estivesse revelando um segredo a uma criança. Quanto tempo se passou desde que mamãe e eu compartilhamos esse momento? Quanto tempo desde que eu permiti?

Eu relaxei, cedendo às instruções de Jinny. Depois que ela me soltou, encontrei meu ritmo. Trabalhamos em silêncio, passando de mato a mato, amostrando provando a fruta. Embora eu continuasse sentada, meus músculos gemeram e o suor escorria em pedaços através do meu vestido. Ela não bisbilhotou ou me fez perguntas pessoais. Era surreal estar em algum lugar onde ninguém pudesse me encontrar, em vez de confinada a um castelo repleto de horários e obrigações, com olhos me seguindo onde quer que eu fosse, cortesãos atrás de mim.

Jinny fez um barulho de perplexidade. — Nunca pensei que veria um dia em que uma princesa tivesse as unhas endurecidas. Nunca pensei que veria um dia em que Poet amadurecesse por uma garota também.

Eu me levantei, derrubando minha cesta. — Não é assim entre nós.

Ela deveria saber que algo assim não era permitido de qualquer maneira. Um real e um criado nunca poderiam estar juntos, mesmo que quiséssemos. O que nenhum de nós queria. Certamente não.

— Nós nos odiamos —, eu disse. — Ele é alérgico a mim.

Jinny jogou um punhado de frutas na cesta. — Conheço esse garoto desde que ele era pequenino. Eu o criei. O Poet é impetuoso, por mais vaidoso que possa ser, mas é bom de coração. Ele adora seu filho, cortaria seus membros para manter a criança segura. Ele é cuidadoso lá, sempre foi. Se ele te odiasse, ele teria te costurado e levado como um saco de cevada por cima do





ombro, de volta ao castelo, não importa a hora ou quanto tempo demorasse, apenas para que você não estivesse por perto o suficiente para notar Nicu. Mas ele manteve você aqui. Ele falou sobre a criança dele e você o viu por si mesmo.

— Poet me apresentou formalmente a Nicu ontem, depois de nossa conversa. Nicu começou a me chamar de Garota.

— Aquele idiota vai abraçar estranhos até sufoca-los. Ele pode listar todas as ervas nessas partes, mas pergunte a ele onde encontra-las e ele não saberá do que você está falando. Pergunte a ele onde fica o norte, e ele apontará para seus pés. Pergunte a ele onde eu durmo, e ele não poderá lhe dizer. Poet confia em você sabendo disso. Respeita você, até. Olhe para você, colhendo bagas na lama comigo, dizendo que posso chamá-la pelo seu nome. — O olhar de Jinny me sondou. — Você é uma nobre que pensa diferente das pessoas. Estou certa?

Entendendo o que ela realmente perguntou, eu assenti.

Ela assentiu de volta. — E não ache que eu acredite nisso de você e Poet. Vocês se odeiam, você diz? O ódio é uma coisa miserável. Isso não é nenhum de vocês. Ele é um rapaz ativo, nascido com uma voz para temperar tortas, mas essas tortas nunca o fizeram corar. Isso não é ódio, então tenha cuidado.

Eu não me incomodei em corrigi-la.



Enquanto eu colhia as frutas, eu o observei.

O bobo da corte apoiando o filho no colo, fazendo perguntas e ouvindo a tagarelice infantil.

O bobo da corte erguendo e girando a criança tonta no ar, com Tumble correndo sobre os pés.





O bobo da corte que levantava Nicu do meu quadril cada vez que a criança interrompia meu trabalho e fazia um barulho por mim. O bobo da corte o jogava por cima do ombro, ignorando a birra do garoto e minhas garantias de que estava tudo bem, que eu gostava da companhia de Nicu.

O bobo da corte mantendo um olho constante em seu filho, agarrando Nicu em seus braços quando o garoto jovial perseguia uma vespa e se aproximava demais.

O bobo da corte enchendo uma banheira de madeira com água, dando um banho a Nicu e recitando um poema para a criança enquanto seca o cabelo.

Poet totalmente apaixonado por seu filho. E eu completamente impressionada com isso.

No final da tarde, eu não aguentava mais e me retirei para o riacho. A água caía na margem, lambendo as pedras. O sol espreitava através das árvores, borrando a grama com gotas de orvalho amarelas. Eu detestava essas florestas por seis anos. Nunca mais confiei em mim mesma nelas novamente.

Inesperadamente, algo mudou. Eu testemunhei felicidade aqui. O tipo corajoso, do tipo que eu não tinha mais, mas sentia falta. Meu peito tinha pena de Poet e Nicu pela intolerância que eles tinham que suportar. Meu coração invejava como eles podiam sorrir e rir, apesar da separação constante. Minha garganta apertada queria protegê-los. Acima de tudo, meu estômago estava preocupado com eles. O que eu poderia fazer para ajudar a situação deles? Poet precisava da minha ajuda?

O que aconteceria se eles fossem pegos?

Tirei minhas botas, enfiando os pés na corrente fria. Arrepios correndo pelas minhas pernas, peguei uma pedra do chão, rolando-a entre o polegar e o indicador.





Não, Poet não precisava da minha ajuda, já que não éramos amigos. Ele não me confidenciou por proximidade. Eu forcei essa situação a ele. Se dependesse dele, eu nunca teria posto os olhos nesta casa.

O conhecimento me aborreceu. O córrego falhou em me acalmar.

A brisa carregava seu perfume. Finalmente, eu estava aprendendo a detectar sua presença. Em breve, saberia como evitá-lo ou como pegá-lo antes que ele me pegasse.

Levantando-me e girando, senti mais agudamente o material do meu vestido golpeando minhas coxas. Poet estava parado entre duas árvores, as flores silvestres roçando seus pés, com traços de terra nos dedos dos pés. O decote amassado de sua camisa batendo contra sua pele.

Poet quieto era um Poet inconcebível. Sua expressão perguntou: *O que você está pensando?*

Eu esperava que o meu dissesse: *Qualquer coisa menos você.*

Eu não menti para Jinny. Um abismo existia entre ele e eu.

Mas eu menti para ela. Sem adornos, poderíamos ser camponeses, um menino e uma menina mais interessados um no outro do que em tarefas domésticas. Ansiava por elaborar um contrato comigo mesma, para impedir que minhas impressões sobre ele piorassem. Porque elas só poderiam piorar.

Para encobrir o silêncio, joguei a pedra no riacho. Ela pulou ao longo da superfície e mergulhou. Peguei mais e as bati contra as ondulações, observando enquanto elas pulavam e espirravam. Fazia uma eternidade desde que eu brincava em uma floresta. Especialmente nesta.

Por um capricho, inclinei a cabeça e estendi uma palma cheia de pedras.
– Com medo de testar suas habilidades contra uma realza?

Poet reprimiu sua surpresa. – Você me faz parecer um malabarista idiota.





—Garanto-lhe que você ganha a vida fazendo isso por si próprio.

—Se eu não soubesse melhor, diria que você estava brincando comigo.

Quem é você e o que você fez com a princesa do Outono?

—Ela está aqui, prestes a superá-lo com prazer.

Ele pegou uma pedra da minha mão, jogou-a sobre a cabeça e a pegou pelas costas com a mão oposta. — Esqueça isso. — Disse ele, em seguida, jogou o pedaço de pedra. Vimos como ela mergulhou na água com um baque sombrio.

—Uau. — Brinquei.

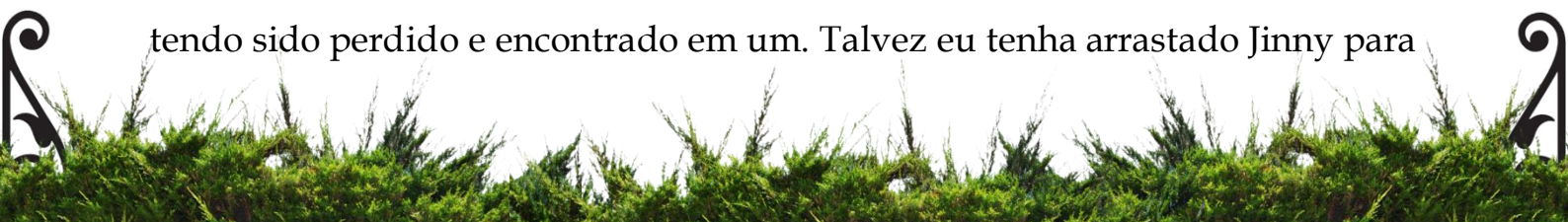
—Silêncio. — Disse ele.

Ele fechou os olhos e sacudiu o braço. A pedrinha girou, roçou a superfície como uma provocação. Após o quarto solavanco, girou e mergulhou. Poet girou e enfiou a língua para mim, a ação desencadeando meu lado esportivo.

Competimos, jogando pedras na ribanceira, a tarde passando. As pedras rolando, a água em cascata e os desafios sem palavras para ver quem poderia dominar um arremesso melhor nos distraíam. Nossos ombros roçando sinalizaram que nos aproximamos um do outro. Nós nos separamos, lançando um ao outro olhar acusador.

— Insisto que você me diga onde aprendeu seus truques — Eu disse. — Você não cresce isolado e milagrosamente aprende a ler, escrever versos, falar como um nobre, fazer malabarismos e dançar. Para começar, não comece a aprender política a ponto de aconselhar a monarquia após um ano de servidão.

Ele encolheu os ombros. —Feiras e festivais estão no meu sangue. Eu tenho uma relação de amor e ódio com eles. Meus pais biológicos acharam uma boa ideia me largar em um lugar colorido, e fiquei obcecado enquanto crescia, tendo sido perdido e encontrado em um. Talvez eu tenha arrastado Jinny para





os carnavais porque estava procurando por meus pais, mas fui para casa espantado com as vistas e os sons — e assombrado por eles. Fiquei arrasado, então fiquei longe dos simplórios. Estudei os artistas e... entendi como eles se moviam. Eu não consigo explicar. Eu me dei uma série de hematomas e ferimentos, mas repliquei seus movimentos até que eu pudesse fazê-los com os olhos vendados.

— Quando eu tinha idade suficiente para me aventurar sozinho, eu fiz. Toda semana eu encontrava a próxima atração, a próxima reunião caminhando por lá ou andando de carona em vagões. Eu observei todo mundo. Bobos, acrobatas, dançarinos. Encantei-os a me ensinar e, em casa, praticava e experimentava. Quando uma pétala girava ao vento, eu a imitava, criando meu próprio estilo. Quando me tornei proficiente o suficiente, me tornei um artista. Foi assim que ganhei dinheiro para ajudar Jinny.

— Ouvi contadores de histórias e músicos. Eu escutei o título, absorvendo o discurso deles. O que eu ouvi grudou na minha mente. Não sei por que nem como, mas tenho sorte.

Consciente da minha perna, arranquei cuidadosamente uma pedra da grama. — Você aprendeu puramente ouvindo-os?

— Não é assim que aprendemos o idioma para começar? Coisas mais estranhas aconteceram, princesa. Palavras e versos justos me atraíram. Eu me dediquei a eles. Foi intoxicante. Você sabe o que significa intoxicante? Isso significa diversão.

— As pessoas não podem avançar sem tutores ou livros. Ou experiência. Ou treinamento adequado.

— Não seja esnobe. Você está indo muito bem, usando o cabelo solto e tudo mais.





— Estou sendo pragmática. Eu fui criada em um castelo. Você está negando meus estudos.

— Estou dizendo que há outras maneiras de ser ensinado. — Ele parecia insultado. — Você pode fazer qualquer coisa se for apaixonado por isso e tão sortudo ou sorrateiro quanto eu. Aprendi minhas letras roubando qualquer coisa com escrita — pergaminhos, anúncios, cartas descartadas — e me ensinando. Ah, e eu cresci entre o povo comum, que tinha muitas opiniões sobre o reino, leis, vida, a monarquia. Digeri o que eles tinham a dizer e mexi com minhas próprias ideias. Eu descobri um talento especial para expressar essas ideias através da inteligência.

— Depois que a Coroa me chamou, eu me submergi mais na arte, para mim e para Nicu. Mesmo antes disso, a partir do momento em que vi o que simplórios tinha que fazer, pensei em como poderia ajudá-los algum dia. Eu aprenderei seus segredos a seguir?

Não ele não aprenderia. Não nesta floresta.

Embora eu hesitei. — O que você gostaria de saber?

Embora parcial, minha vontade o pegou desprevenido. Ele abriu a boca, mas depois a fechou, mudando de ideia.

— Sua Estação favorita. — Ele disse finalmente.

Isso me fez rir. Continuamos nosso jogo de atirar pedrinhas e pedras, abordando assuntos mais fáceis que se tornaram mais significativos apenas por falar em voz alta. Listamos nossas coisas favoritas, a regra era que eles tinham que ser prazeres simples.

Eu: as silhuetas dos talos de trigo, o rangido das rodas das carruagens, a sensação das mãos recém-limpas, um pincel bonito e gotas de tinta. Os aromas de maçãs, fogueiras e pinheiros.





Ele: o som do vinho se entornado em um cálice, gargalhadas, veludo na palma da mão, cócegas atrás dos joelhos, banhando-se na escuridão, pele corada e beijos.

Nós fofocamos e trocamos teorias sobre a corte, comparando as tradições da Primavera ao Outono.

Ele sabia como enrolar a língua. Eu podia mexer meus ouvidos - e, embora eu recusasse, ele não me deixaria em paz até que eu o mostrasse. Incapaz de acreditar no que acabei de fazer, coloquei meu rosto em minhas mãos e levantei minha cabeça, percebendo que estava rindo alto. Olhei para Poet e vi naqueles olhos turbulentos a prova de que me empolguei.



Ganhei nossa competição de arremesso de pedras e ordenei. Voltando ao chalé, recapitulei minhas melhores jogadas e as piores dele, como se estivéssemos em uma partida justa. Poet tentou contestar meu sistema de pontos. Eu o acusei de ser um mal perdedor.

O resto do caminho, ficamos em silêncio. Saboreei a trégua tácita que alcançamos.

Gostei desta versão do Poet. Eu acho que ele gostou desta versão de mim.

Eu deveria ter relutado, mas não me importei. Balançando os braços ao lado do corpo, eu não me sentia tão despreocupada há anos, nem mesmo com Eliot.

Poet parou e olhou para a cabana. A fumaça soprava da chaminé, dissolvendo-se no céu rosa-laranja e carregando o cheiro da ceia.

— Ele merece mais do que eu. — Disse Poet.





Eu comecei. — Isso não é verdade.

— Não há nada ruim em Nicu. Ele é espetacular, mas sua doença o põe em perigo, e isso é culpa minha. Pois sou eu quem o criou.

Toquei sua manga e seus olhos se voltaram para mim. — Você me disse o que acredita ser um tolo. Mas tem mais. Um tolo é um homem que vê seu valor no espelho, nos rostos de uma multidão, mas é cego para isso em outros lugares. Onde mais importa: aos olhos de quem ele ama e de quem o ama. Não se insulte dessa maneira.

Havia outra razão pela qual prometi manter seu segredo seguro. Eu sabia como era ser responsável pelo destino de alguém que amava. Da mesma forma, eu sabia a mordida de decepcionar os outros e dever-lhes muito mais do que eu era capaz de dar.

A diferença era que Poet não merecia essa angústia. Eu admirava sua força de vontade. Ele tinha estômago para fazer o mundo rir, quando o mundo riria de seu filho. Para dizer o que quisesse, sem dizer nada da sua vida. Ser o tolo amado, enquanto seu filho continuava sendo o condenado. Para deixar todo mundo pensar que ele não tinha coração, que ele possuía apenas humor.

Mais do que ser capturada em seu olhar, procurei pegá-lo no meu. Quando Jinny me costurou, eu sangrei, gritei e chorei na frente de Poet. Eu pulverizei o rosto dele com saliva. Ele me viu delirante e desajeitada, depois confiou seus segredos para mim.

Poet me viu em voz alta. E agora eu o vi quieto.

Eu considerava o luxo de ser honesta e precipitada com alguém. Eu devia estar faminta por isso, porque meu título, minha presença de espírito e anos de decoro desapareceram quando eu disse: — Abordei todo o meu reino. Tranquilei camponeses e cavaleiros reunidos com minha mãe. Mas sem





ninguém por perto, eu consegui te deixar sem palavras, e parece tão notável. E ugh... é horrível.

—Pavoroso — disse ele, por meio de acordo. — Pavoroso é uma palavra melhor.

Nicu correu para fora, quebrando nosso transe. —Papa! — Ele chiou. — Eu jantei sem você. Quer me ver dançar? Veja! Você também, Garota!

—Nicu — advertiu Poet. — Não tão rápido...

A criança mal havia parado completamente. Ele se lançou em uma rotação, inclinou-se como um carrinho fora dos trilhos e caiu no chão. Imediatamente, seu rosto se levantou para verificar nossas reações.

Poet cruzou os braços, um zombar leve pronto em seus lábios. Mas quando os olhos do garoto se voltaram para mim, eu não pude evitar. Eu sabia que o tumulto brilhava no meu rosto como um mau presságio.

Nicu começou a chorar.

Agarrando minha saia, corri em direção a ele. Eu o alcancei antes que Poet tivesse chance, a criança chorando se derramando em meus braços. Passei meus polegares por suas bochechas encharcadas e abaixei o olhar, convencendo-o a olhar para mim.

—Pronto — Eu disse. —Minhas quedas são muito piores que as suas. Lamentável de se ver.

—Você está mentindo para mim? — Nicu choramingou.

—Nem um pouco.

Ele fungou, mexendo no meu cabelo e ouvindo enquanto eu descrevia uma época em que eu praticava dança um grande baile, apenas para cair em uma erva daninha de Outono. Eu fiz parecer mais engraçado do que realmente tinha sido.

—Tenho medo de dançar agora. — Confessei.





— Por quê? — Ele perguntou.

— Não quero cair de novo e ficar envergonhada. Mas você? — Eu cutuquei sua barriga. — Você é corajoso. Você voltará a tentar novamente. Seria uma pena não o fazer, porque mesmo os pássaros precisam correr o risco de bater antes que possam voar. Até o seu pai caiu. Ele simplesmente não admite.

— A velha Jinny vai nos contar sobre isso, se perguntarmos a ela. — Disse ele, colocando as mãos em volta da boca.

— Então vamos. — Eu sussurrei.

O sorriso choroso e torto do garoto me desfez. Eu pensei que deixar Poet sem palavras tinha sido um triunfo, mas eu não sabia a metade até fazer Nicu sorrir.

— Não conpirem, vocês dois. — Poet se aproximou de nós, jogando junto. — Só porque eu não posso cair tão brilhantemente, é injusto me incomodar com isso.

O garoto riu. — Garota me contou, papai. Você não tem botas e não pode andar direito.

— Ai. Tenha pena das minhas falhas, eu imploro a você.

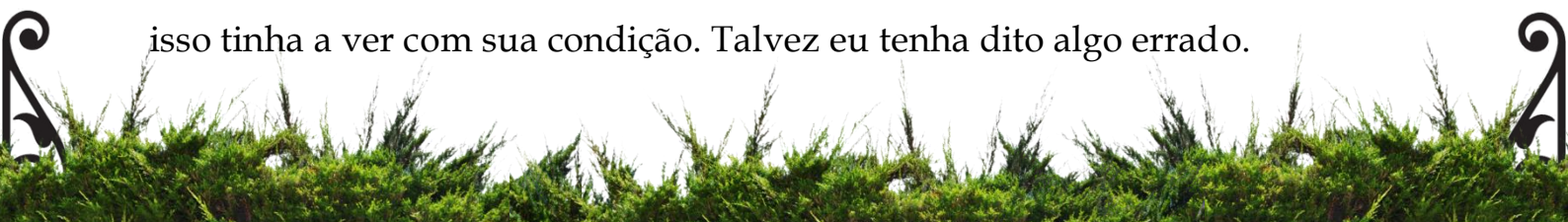
— Opa. Não.

— Bem dito, meu amor. — Poet estendeu a mão para Nicu. — É a hora do seu travesseiro.

Com a promessa adicional de uma história para dormir, Nicu se retirou de mim. Comecei a segui-los quando eles entraram, mas parei quando Poet me lançou um olhar violento por cima do ombro.

Fique aqui, ele murmurou.

Deve ter sido o carinho que o desagradou. A queda não tinha sido tão ruim, então Nicu poderia não ter chorado se eu não o tivesse encorajado. Ou isso tinha a ver com sua condição. Talvez eu tenha dito algo errado.





Poet voltou eras mais tarde, fechando a porta da frente e seguindo na minha direção. Eu me preparei para uma palestra. Sem uma palavra, ele agarrou meu pulso e me puxou com ele, não com força - nem com gentileza. Ele nos apressou passando pela cabana, através das árvores floridas, fora da vista e do ouvido.

— Agora veja aqui — Eu me irritei, tentando puxar minha mão de volta.
— Eu não sou um animal de carga. Eu sou sua superior. Solte!

Sem olhar para trás, ele alegremente jogou meu braço para o lado. Eu endireitei minha manga e caminhei atrás dele. Nós saímos da floresta novamente e emergimos em uma campina que mergulhou e nos segurou na palma da mão. Desde que eu esqueci minhas botas no riacho, a lama escureceu meus pés e manchou a bainha do vestido de Jinny.

Poet recuou mais dois passos. Amaldiçoando baixinho, ele se virou e voltou para mim.

Suspirei. — Eu não quis ofender. Eu só pensei em Nicu, mas sei que não era o meu lugar. Eu deveria ter perguntado primeiro...

Ele bateu um dedo nos meus lábios.

Ele agarrou meu rosto.

E ele me beijou.

Sua boca reivindicou a minha. Uma objeção inchou e morreu na minha garganta, silenciada pela inclinação da cabeça de Poet. Seus dedos passaram pelos meus cabelos, abrindo uma trilha no meu couro cabeludo. Agarrei sua cintura, pretendendo me puxar para trás, apenas para descobrir o efeito manipulador do toque.

Estremeci, deixando isso acontecer, permitindo que ele acontecesse. E oh, como eu me perdi. E... meu...





Com um gemido, ele separou meus lábios, prestes a me levar completamente ao calor dele. Um limiar em que peguei o sabor úmido da primavera. Tremores atingiram meu corpo, rasgando-me da minha fundação - e me jogando no chão.

Eu me afastei dele. Minha palma cortou o ar, apontando para sua bochecha. A promessa de uma rachadura atingindo as copas das árvores, a cabeça de Poet virando para o lado, uma marca furiosa marcada em sua pele.

É claro que seus reflexos serpentinos previam isso. Sem tirar o olhar de mim, ele pegou meu pulso a centímetros do rosto.

Ele me puxou para ele. — Eu não sabia que você se importava.

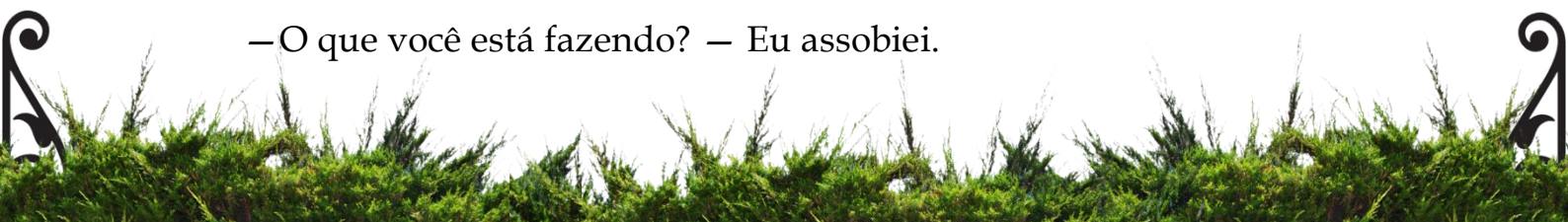
Minha respiração abriu um caminho através de mim. Eu me afastei, criando uma divisão entre nós. Se eu continuasse e não parasse, seríamos separados pela extensão da floresta, e eventualmente pelos corredores do castelo de Whimtany.

Cheguei até a fronteira do prado, onde eu me olhava como se esperasse encontrar um desastre. O remorso correu pelo meu pescoço, mas se foi por beijá-lo ou tentar atingi-lo, eu não tinha ideia. Não consegui captar as sensações para dizer quais estavam certas e erradas, quais eram eu e quais eram ele.

Na grama, a sombra de Poet se juntou à minha, submergindo-o em mim, sua camisa roçando em mim por trás. Seria fácil para minha cabeça balançar para trás e encontrar alívio em seu ombro. Para conceder a ele permissão, como qualquer outro admirador que ele seduzia.

Poet chegou ao meu redor. A ponta do seu polegar tocou nos meus lábios trêmulos, então ele usou os dedos para inclinar meu queixo, dando-lhe acesso ao meu ouvido. Sua boca brincou sobre a concha, uma manobra que me tirou a luta.

— O que você está fazendo? — Eu assobiei.





— Tudo. — Ele respondeu, sua voz cascalho e seda sobre a minha pele.

Ele afundou os dentes em mim. Afundei minhas unhas nas palmas das mãos.

Ele mordeu meu lóbulo. Mordi meu lábio.

— Doce espinho — ele murmurou. — Nós dois sabemos melhor. Nós somos hipócritas que ansiamos por isso.

— Discordo.

— A princesa discorda. A garota presa por dentro não.

Eu girei e o empurrei. — Como você ousa dizer a uma realza quem ela é! Não preciso que você me dissequer ou me conserte.

— Por onde começar — Cantou Poet. — Eu não estou conversando com uma nobre, estou conversando com uma jovem, pois isso tem um toque mais charmoso. Não estou presumindo, estou provocando. Eu não disse que você precisava de conserto. Eu estou negando que você está quebrada para começar. Aceite um elogio e termine com isso. Estou faminto, por isso, se você não vai enrolar, o jantar terá que ficar em segundo lugar.

— Consertar. Não importa o que você quis dizer! — Eu cheguei perto o suficiente para nossos narizes tocarem, apertando meu polegar e indicador juntos. — O que você sabe é esse pouco sobre carregar um reino, a vida das pessoas e séculos de ascendência em seus ombros.

— Só para esclarecer, estávamos nos referindo a um beijo. Você não recebeu a notícia de que Mista está sendo invadida, correto?

— Você não é o inteligente...

— Mas chega de mim — Ele se gabou. — O que vejo é uma garota com curativos na perna, não uma coroa na cabeça. Ela defendeu o bobo da corte que ela deplora e fez amizade com a criança que a sociedade espera que ela prenda. Ela dança na frente dos espelhos. Ela aprecia um menestrel. Isso faz um coração





autêntico, e é isso que faz um líder. É isso que a torna deslumbrante. Ai do mundo, ela prefere deixar as pessoas acreditarem nela tão fria quanto um bloco de mármore.

— Você leva duas vidas, mas tem a ousadia de me acusar de fingir. Você não tem direito!

— Minha desculpa tem um metro e meio de altura e tem meus olhos. Qual é a sua?

Minha desculpa também tinha meus olhos. Mas ele estava morto.

— Não estou tentando mudar você — Retrucou Poet. — Estou tentando descobrir o que já está lá. Você é a tragédia que não percebe isso.

— Não me ampare.

— Por favor — Ele zombou. — É meu ofício amparar todos.

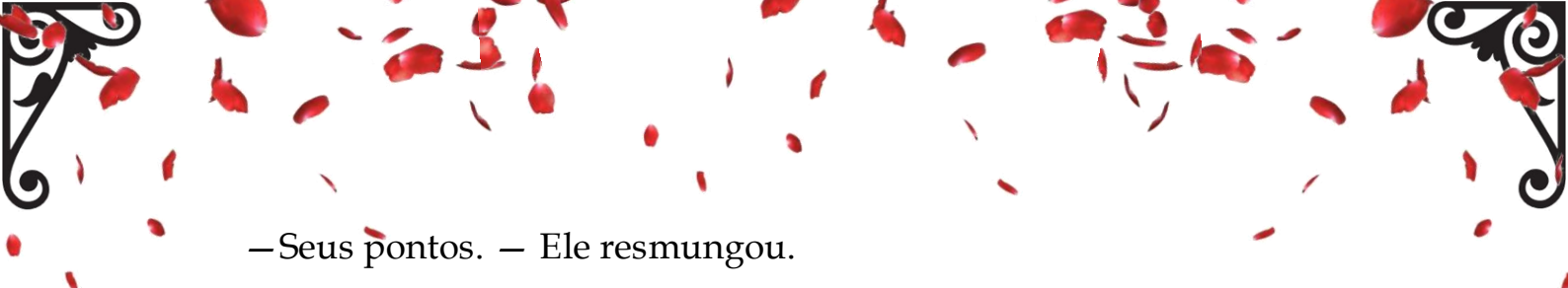
Foram dois longos dias. Meu pai deu seu último suspiro nesta floresta. Minha mãe não tinha ideia de onde eu estava, ou se eu estava segura. Meu melhor amigo se acreditava irremediavelmente apaixonado pelo garoto por quem acabei de trair nossa amizade. Fui desviada, cortada por um gato, costurada por um estranho, serenata por uma criança cuja liberdade dependia do meu silêncio e fui beijada “querido Outono! Meu primeiro beijo!” e criticada por um malabarista.

Com um grito de guerra, lancei para ele. Nós caímos na lama. Sua altura e destreza teriam superado minha falta de ambos, não fosse pelo meu temperamento. Sujeira se espalhou em nossas roupas enquanto rolávamos uma vez, duas vezes.

Caí em cima dele, meus punhos batendo em seu peito. — Como é isso para reflexos, hein? Não é mais tão ágil e rápido, não é?

Poet conseguiu trancar meus cotovelos nas minhas costas. Eu me contorci e me contorci.





—Seus pontos. — Ele resmungou.

Minha sanidade voltou. Embora não sentisse dor nem vi sangue, negligenciei minha lesão.

Derrotada, colapsei. Ficamos lá, chiando, o coração dele batendo na minha bochecha. Meus dedos pousaram em seu pescoço, um ponto de pulso que acelerou no momento em que o toquei.

Sem a concessão dele, eu manuseei o local. Ele engoliu em seco, segurando minha cintura, fazendo meus quadris dobrarem. Outro erro levantou sua cabeça feia, pior desta vez. Ele debaixo de mim, desgastado, sem ter para onde ir. Meus joelhos e saia se espalharam ao redor dele.

Eu não sabia quase nada de prazer físico amoroso, exceto o que tinha ouvido falar entre cortesãs. E, em certos momentos, pensei em todas as coisas que eu estava perdendo.

Eu encontrei o olhar encapuzado de Poet. Nossa briga não fez nada para impedir isso. Acabamos com tudo menos curiosidade. E necessidade.

Minha boca encontrou a dele. Seus lábios tremiam, úmidos e fumegantes sob os meus, com sabor de especiarias e chuva. Esboçamos os lábios um do outro com mais urgência, meu desejo pulando em resposta. Eu me desenrolei como uma fita, enrolando em torno dele.

E na minha fraqueza, encontrei poder: os meios para calá-lo.





CAPÍTULO QUATORZE

BOBO DA CORTE

Não tenho palavras grandiosas para isso. Lembrando daqueles dias, não consigo pensar direito.

A princesa acordando na minha cama, trocando sorrisos com meu filho, puxando segredos dos meus lábios.

A princesa trabalhando ao lado da velha Jinny na terra, imperturbável com a perspectiva de mãos e pés ásperos.

A princesa atirando pedrinhas, querendo saber sobre mim, se recusando a me informar sobre ela.

A princesa confortando meu filho e, portanto, batendo a merda no meu coração.

O peso selvagem da princesa me abrangendo, despertando meu sangue até que eu me despedi da minha sagacidade.

No meu refúgio, a princesa não era mais uma princesa. Nos meus braços, ela se tornou Briar.

Briar fodidamente me beijando...

Ela derreteu, derramando-se sobre mim, roubando meu fôlego, depois minha boca. Seus lábios abertos traçaram os meus, sem pressa, mas crescendo em confiança. Seus seios se arrastaram pelo meu peito e me endureceram em segundos. Eu esperava que ela sentisse.





Suas mãos agarraram minha gola enquanto minhas mãos destruíam seus cabelos. Uma videira de luxúria enrolou na minha espinha, uma dúzia de espinhos me picando docemente. Eu terminei.

Minha vez.

Com um grunhido, fui atrás do gosto dela. Meus lábios arregalaram os dela enquanto eu inclinava minha cabeça, empurrando ainda mais, minha língua acariciando nela. Eu me segurei em seus suspiros, lambi neles. Esses sons, uma batida rapsódica de música enquanto eu a lambia.

Sentei-me e trouxe-a comigo, selando nossas bocas juntas, suas entranhas cedendo para mim. Recuando, mordisquei seu lábio inferior, procurando puni-la por esse rumo dos acontecimentos.

Novamente.

Meu beijo bateu de volta nela. Ela quebrou, acolhendo meus puxões gananciosos em sua boca e língua. E assim, entre essas respirações, todo o inferno perverso se soltou.





CAPÍTULO QUINZE

BOBO DA CORTE

Eu deveria confessar meus pecados, dizer que foi um erro, mas detesto essa palavra. Você pensaria que eu estava tendo um flerte com isso, com base em quantas vezes eu me jogava nos braços de espera da estupidez, em sintonia com menestrelis e monarcas, com crianças que precisavam de mim e de princesas que não precisavam. No entanto, eu disse a você que os bobos da corte não dão desculpas.

Pelo contrário, nos transformamos em tolos brilhantes. Sim, fazemos nossa loucura florescer.

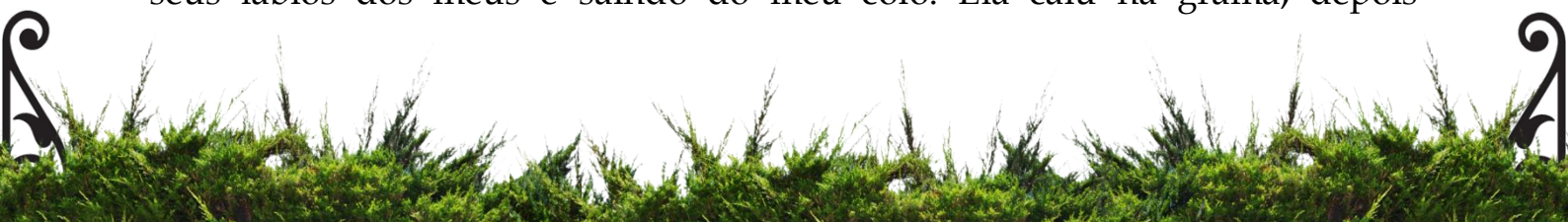
Segredos e filhos são outros assuntos. Eles são excluídos dessa regra, porque eu digo que sim.

Eu também digo o seguinte: seria impossível se arrepender de um beijo enlameado e enlouquecedor que esgota os amantes do ar e do intelecto, um beijo que zomba da razão.

Tampouco geraria muita história se eu me arrependesse de prová-la, pois o remorso tornaria a vida simples. Pois então eu poderia ter dançado com os lábios machucados, mas com a trindade divina intacta: minha consciência, minha astúcia e meu pau.

Em vez disso, eu me sentei lá, saboreando sua boca. O que significava desgraça...

O segundo beijo foi ideia dela. Ela começou, então terminou, arrancando seus lábios dos meus e saindo do meu colo. Ela caiu na grama, depois





cambaleou de pé. Para completar o drama, a mão dela disparou contra a boca: *O que eu fiz?* Rabiscado em rosa no rosto.

Oh, incômodos. Pressionando as palmas das mãos na lama para manter seu próprio tremor condenável, esperei até meu sangue esfriar e outra parte de mim esvaziar. Demorou um tempo impressionante. Eu não estava acostumado a me sentir insatisfeito com as consequências, nunca tive que me recuperar delas antes.

O anoitecer desceu, seguindo o caminho para o prado. Foi quanto tempo nos beijamos.

Eu peguei minhas reservas mentais, buscando esperteza, nenhuma delas adequada. — Sua besta! — Eu me engasguei falsamente.

A mão da princesa caiu, seus olhos se estreitando para piscar. Estendi meus dedos como uma donzela. Ela interpretou o herói, me ajudando a ficar de pé. O constrangimento entrou em cena quando nos livramos da sujeira, golpeando nossas roupas e penteando nossos cabelos, evitando o contato visual.

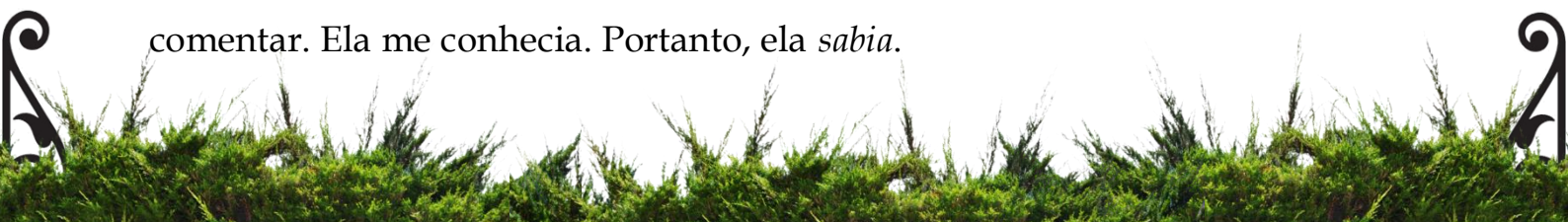
Lama riscava seu pulso. Quando limpei com a manga, a princesa ficou rígida. Era difícil não sentir sua repulsa - porque pelo menos um de nós tinha que dar o exemplo moral. Mas, por algum motivo absurdo, fiquei com raiva.

— Você está mais bagunçada do que eu. — Eu disse.

Os ombros dela caíram. — Eu não me importo.

Lá se foram os restos mortais do meu ego. Por ser um idiota, não sabia dizer se estava tentando agradar ou contaminar o humor, fazê-la rir ou provoca-la. Ambas as opções me atraíam.

Nos retiramos para a cabana, onde Nicu dormia com Tumble. A velha Jinny ficou quieta sobre o nosso estado sombrio porque ela não precisava comentar. Ela me conhecia. Portanto, ela *sabia*.





Dignidade questionável - leio a mente da princesa -, mas com a cabeça erguida, ela aceitou o julgamento tácito como se o recebesse de uma fila de monarcas. Ela sabia que Jinny sabia, e Jinny sabia que sabia, e eu sabia que as duas sabiam. E tão fodidamente adiante.

Jinny pode ter me provocado ontem à noite, mas dedicou dezenove anos ao papel de minha crítica mais severa. Sua sobancelha prateada, erguida para mim pelas costas da princesa, descartou qualquer piada. Minha querida guardiã não aprovava essas aventuras e teria raspado minha pele verbalmente se não estivesse ocupada servindo uma refeição à realeza.

Para o mundo, a princesa se disfarçava bem, mas podia ser impetuosa quando a natureza seguia seu curso. E eu era irresistível. Jinny tinha o direito de se preocupar, então eu a deixei à vontade com um aceno secreto da minha cabeça.

Naquela noite, eu escorreguei debaixo do cobertor com meu filho, sentenciando-me à privação do sono. Não foi tão ruim assim. Me deram seis horas lúcidas para ouvir a melodia de sua conversa sonambula.

E quando o sol se apegou ao céu, seus raios borbulhavam sobre a terra, viajei para uma vila vizinha. Lá, eu comprei e trouxe de volta um pônei - Jinny tinha um, mas ela precisava dele - para carregar a maldição real da minha existência para casa.

Como sempre, minha partida iminente causou um transtorno. Passei uma hora tentando acalmar Nicu. Ele jogou um ataque choroso, seu coração inundando a casa, meu coração pendurado no final de um laço.

Nicu achou que eu passava meus dias ganhando moedas em festivais. Um dia, eu diria a verdade, mas não encontrava necessidade agora. Ele não entenderia. Eu não tinha certeza se ele entenderia mais tarde.





Eu disse adeus a meu filho, e meu filho chorou, e este era o nosso destino toda semana, porque nosso reino via meu menino como um crime da natureza, e eu servia o reino com entusiasmo e ódio. Essa era a nossa história.

Minhas piadas não tiveram efeito sobre Nicu dessa vez. Por quê? Porque a princesa estava saindo também. Meu filho chorou que ela não podia ir, porque ela era amiga dele, e ele não queria perder os abraços dela. Ela fez a coisa errada, seu olhar piscando para mim em indecisão, solicitando orientação.

Nicu não a veria depois de hoje. Não se eu tivesse algo a ver com isso.

Então, o que essa garota fez para me confundir ainda mais? Ajoelhou-se diante do meu filho e alcançou o impossível, acalmando-o com um sorriso agradável e um discurso criado por... empatia.

— Também sinto falta do meu pai. Mas tenho que ser corajosa com isso

— Disse ela. — E acho que você pode ser corajoso. Vamos tentar juntos. Então, antes que você perceba, seu pai retornará. Ele sempre retornou, não é mesmo?

— Sim. — Nicu soluçou, apertando as mangas e descansando o rosto na dobra do pescoço.

— Então você tem sorte. — A princesa admitiu, sua expressão enevoada a traindo.

No chão empoeirado, a princesa deixou as lágrimas, baba e ranho escorrerem por sua pele. Ninguém, nem mesmo o meu eu magistral, controlara meu filho tão rapidamente e com tão pouco esforço. A princesa tinha magia. Seu desempenho exigiu meu respeito. Minha inveja.

Eu queria beijá-la novamente. Eu queria fazer uma piada disso.

— Conte uma história para a garota, para levar com ela. — Sugeri, ajoelhando-me ao lado deles.





Nicu se animou e nos deslumbrou com uma beleza sem sentido. A princesa o abraçou e agradeceu, forçando-se a deixar ir. Eu conhecia o sentimento.

Beijei o rosto do meu filho até Jinny sugerir que eu precisava sair antes que ele começasse a protestar novamente. Eu apertei as fitas em seu pulso. Apenas mais um beijo, mais um abraço.

Eu deixei. Pela milésima vez, eu o deixei.

A floresta consumiu o rosto de Nicu na janela, devorando a casa de vista. Guiei o pônei, com Tumble no alforje. Meu galão real sentou-se de má vontade, reclamando que ela podia andar.

— Continue. Negue-me a chance de ser um herói. — Falei.

Ela murmurou: — Você não precisa de mim para isso.

Ela não elaborou. Eu não perguntei, porque me faltava resistência verbal, porque eu a tinha preenchido.

Pelo menos ela não se queixou de ter os olhos vendados. Meu instinto me disse que ela não divulgaria a localização da cabana, mas meu instinto também me incentivou a beijá-la. E quando se tratava do meu filho, não me arrisquei. Cobri seus olhos com um pano e amarrei suas mãos.

Nós andamos e andamos, andamos e andamos. Entre os descansos e a marcha lenta do nosso passeio, a jornada demorou três vezes o tempo que deveria. Era o tipo de dia de Primavera cheio, cheio de ervas aromáticas de ervilhas, que parecia uma farsa.

Concentrei-me na trituração de galhos mortos sob os pés, um besouro se banquetando no cadáver de sua companheira e o cheiro do pelo do pônei penetrando em minhas narinas. O sol espreitava através das árvores como um aviso, ameaçando nos cegar a qualquer momento.





O que aconteceria quando chegássemos ao castelo. Meu palco e minha gaiola. Elevava-se acima das colinas, os dentes de pedra das ameias através dos parapeitos, a ponte levadiça de boca aberta, as torres de vidro esfaqueando o céu, a hera agarrada às torres redondas. Uma dúzia de bandeiras chicoteava as nuvens.

Avaliei regalias como meu quarto opulento, meu guarda-roupa e um bom vinho. Nada comparado ao meu filho, mas esses confortos, no entanto, atenuavam a dor. Eu precisava de um banho, um alongamento profundo da alma e uma audiência. Talvez um par de braços dispostos.

Não da princesa.

Eu a desamarrei então. Eu ainda tinha a chave do portão do túnel, afixada no meu cinto - eu tinha uma cópia da chave forjada quando cheguei ao castelo, para poder usá-la quando visitava minha família —, mas me esconder erea uma opção. A fortaleza de Whimtany apareceu quando passamos pelo barbacã, para a seguinte cacofonia: chifres soaram, guardas pisotearam os paralelepípedos para nos atender, e um rebanho de servos invadiu a cena, invadindo-nos como ovelhas.

Conduzidos à sala do trono, a princesa e eu trocamos olhares. Na natureza, criamos nossa história durante o único momento em que conversamos. Agora nossos olhares travaram por um instante. Os bosques florais, a cabana, o riacho, o prado, ali se foram.

Eu assenti para ela. *Deixe-me mentir.*

Ela desviou o olhar. Boa menina

Menino mau. Eu ainda queria beijá-la.

Basil e Fatima se levantaram de suas cadeiras e foram primeiro para a menina, expressando alívio. Então eles pegaram minhas mãos, radiantes e cheios de perguntas.





Eu me curvei e choquei uma história. A princesa viajou do complexo para homenagear o pai na floresta, onde se sabia que ele havia morrido. Eu a vi sair de uma janela e fiquei intrometido. A princesa desejava privacidade, saindo a pé e depois pegando emprestado um cavalo nos estábulos públicos da cidade baixa, com a intenção de compensar o dono mais tarde. E eu, procurando travessuras, segui o exemplo. Então, perdemos nossos cavalos e tivemos nosso confronto com o leenix.

Um eremita da floresta nos encontrou, nos deu abrigo e costurou a princesa. E não, o eremita não queria ser agradecido ou receber uma recompensa.

Sua Alteza me empalou com um olhar, magoada porque eu incluí o pai falecido da princesa em uma mentira, sem mencionar a citar falsamente por instigar os eventos para começar. Bem, desculpe. Ela sabia que teria uma desculpa melhor para estar na floresta do que eu. Tínhamos concordado com isso antes.

Para ser sincero, não foi meu melhor esforço. Mas a princesa usava um curativo, então ninguém nos questionou sobre os detalhes.

Minha aliada perdeu a compostura apenas quando Avalea do Outono voou para o quarto. A postura da princesa vacilou quando a mãe a abraçou em um abraço petrificado, agarrando a nuca da princesa e balbuciando: — Minha garota, minha garota.

Mesmo enquanto segurava a mãe, a princesa também se conteve. Na verdade, ela teve mais dificuldade em dizer adeus ao meu filho do que cumprimentar sua própria carne e sangue. Que injustiça da parte dela.

A rainha me envolveu com sua gratidão. A Coroa da Primavera insistia em um banquete de celebração, ao anoitecer de amanhã, permitindo que descansássemos nesse meio tempo. Eles levaram a princesa e eu em direções





opostas, e agradecemos a Primavera e, caramba. Eu me joguei em uma banheira, na cama e no dia seguinte, em roupas melhores.

Nós não nos vimos até a noite, quando uma nota deslizou debaixo da minha porta e a letra dela cortava através do pergaminho. *A torre leste captura a pós-luz.*

Lendo a mensagem, eu comprimi meus lábios para segurar uma risada. Se ela pretendia se comunicar dessa maneira, precisaria aprimorar suas habilidades.

Aquela torre em particular cheirava a cera fria e dava um espaço maior do que as outras. Subindo a escada em espiral, eu a encontrei em uma cachoeira de cetim, o pescoço preso em joias, o cabelo confinado a tranças. A noite caía através das fendas das flechas, as estrelas iluminando os degraus e seus dedos inquietos.

No meu gibão e colete, e com o delineado preto nos olhos, me senti pronto para ela. Curvando minha mão ao lado de minha boca, abaixei minha voz para um sussurro de barítono, pegando carona sua mensagem secreta. — Mas a pós-luz...

Ela girou com um grito, suas costas batendo na parede.

— não vai nos capturar — eu terminei. — Diga isso três vezes rápido, e eu lhe darei um desejo.

A princesa caiu na parede. — Voltando ao seu esplendor.

— Não estamos todos.

— Não. Acho que não consigo mais te ver da mesma maneira.

— Eu posso ter um problema semelhante em relação a uma certa nobre.

— Enrosquei meus dedos atrás de mim e parei na escada abaixo dela. — Gosto de olhar para você assim. Você gosta de me olhar de baixo?

— Isso é uma pegadinha?





— Toda pergunta é uma pegadinha.

Ela olhou para mim através dos olhos que eu queria roubar, para que eu pudesse ver o que ela viu. Meu eu distorcido ansiava por esmagá-la contra as pedras e mapear o vinco de seus lábios com a minha língua.

— Nós não somos iguais. — Disse ela, suas palavras cuidadosas na escuridão.

— Isso é verdade aqui e falso em outros lugares.

— Eu tinha um discurso preparado.

Eu bufei. — Discursos são um insulto à intuição.

— Entre outras coisas, eles também mostram que nos importamos o suficiente para fazer um esforço — Repreendeu. — Tudo o que importa leva tempo.

Eu dei uma olhada dupla. Ela estava certa.

Ela verificou a escada. — Mais uma vez, queria garantir que sou confiável. Vou manter tudo o que aprendi para mim mesma.

— Sim, você vai.

Porque quaisquer obstáculos emocionais e intrigantes que enfrentamos, eles não podiam se comparar à situação de Nicu. À medida que crescia, seus problemas aumentavam e os burros desse país o faziam pagar mais caro por ser diferente do que ela e eu por compartilharmos um mísero beijo.

Assim perto dela, eu inalei memórias do prado ilícito. Talvez o beijo também tivesse penetrado em sua mente, mas passaria. Teria que passar. Pelo bem do meu filho, eu não podia me dar ao luxo de ficar do lado ruim da Coroa. Estar intimamente familiarizado com os gemidos da Princesa do Outono me fez cagar nas leis deles - fundamentos que planejava atacar algum dia.

— Você viu Eliot? — Ela deixou escapar.





Eu arqueei uma sobancelha. Eu ainda não tinha visto o adorável menestrel, porque estava roncando desde nosso retorno. — Vou chegar a isso. Vou deixá-lo em paz.

— Devem ter sentido sua falta — comentou ela. — Muitos.

Ah-há! A expressão dela declarou: *eu te beijei, mas não serei uma em uma dúzia.*

Eu me entreguei aos outros, fiz mais com eles do que beijar. Esta princesa deve suspeitar que ela não era especial. Infelizmente, o que ela não conseguia entender, era que nenhum dos meus amantes jamais me viu de verdade. Ninguém mais conheceu meu filho.

Por outro lado, ela me pegou. Certamente, muitos sentiram minha falta. As paredes e os corredores de Whimtany seriam um local sombrio.

Não poderia acontecer para ela e eu de qualquer maneira. Esse era o ponto.

Quando não neguei o comentário dela, a expressão da princesa endureceu. — Então você vai deixar Eliot fora de suas aventuras. E você não ostentará outros na frente dele. Caso contrário, haverá danos para aqueles que você... engana.

— Engraçado — eu disse. — Aqui eu pensei que estávamos falando sobre o menestrel.

— O que aconteceu com você, esse foi um momento de fraqueza. Nós estávamos nos recuperando de circunstâncias terríveis. Isso nos dominou. Buscamos uma libertação do trauma, mas estamos de volta agora. Estamos acima disso. Não significou nada.

Apenas uma palavra cabia na minha boca. — Claro.

— Certo. — Ela cortou.





Os efeitos posteriores deste momento persistiram, matando meu apetite durante o banquete mais tarde, enquanto a princesa e eu nos sentávamos entre a nobreza, a mãe ao lado dela e as Sete Adoráveis ao meu. Eu ignorei a presença dela, como Sua Alteza me ignorou.

Eliot nos observava do canto, onde tocava o alaúde. Seus devotados olhos castanhos saltaram dela para mim, bebendo-nos com alívio.

Ansiando por uma história, a Coroa solicitou a história de nosso desaparecimento. Eu obriguei, me tornando o bobo da corte que eles desejavam. Levantando-me com um floreio aos aplausos, passei pela cabeça da assembleia, no meu elemento, onde eu pertencia. Ousando um vislumbre dela, respirei fundo e me curvei.





CAPÍTULO DEZESSEIS

PRINCESA

Papai costumava dizer que a mudança leva tempo, mas ele estava errado. Não demorou muito tempo para eu mudar. O vislumbre de uma família. Um belo conto. As lágrimas de uma criança. Uma confissão. Um ferimento. Uma opinião honesta. A traição de um amigo. A morte de um dos pais e o abraço de outro. Um toque - um instantâneo batendo em você com sua luz e sacudindo você de volta, abalado e piscando. Aqueles momentos rápidos eram o que mudavam as pessoas.

O que levava tempo era aceitar a mudança.

De pé na minha varanda, pensei em humor e imprudência, em tolos e ser uma líder. Pensei no sorriso de Nicu. Pensei na fita de Poet, que não tinha mais, porque deixei na floresta, amarrada a um arbusto.

Eu arrastei meus dedos pelos meus lábios. Eu ainda sentia o bobo da corte lá.



Mamãe se recusava a sair do meu lado. Ela continuou rodeando minha cintura ou alisando meus cabelos. Cada contato me ameaçava com lágrimas para combinar com as que espiavam seus olhos.

Ela me mimou. Ela afastou a empregada e preparou meu banho sozinha.





Eu estava com fome? Gostaria de ameixas no vapor em creme - o meu favorito? Como estava minha perna? Outro travesseiro ajudaria?

Sempre que eu pensava em afastá-la, seu rosto ansioso me fazia mudar de ideia. Eu estava faminta. Minha perna sobreviveria. Sim, outro travesseiro, por favor.

Quando me retirei, ela puxou uma cadeira ao lado da minha cama.

— Estou bem, mãe. — Insisti.

— Oh, eu sei — disse ela, colocando um casaco de pele sobre o assento.

— Eu vou ficar por apenas alguns minutos.

— Mãe-

— Não é problema.

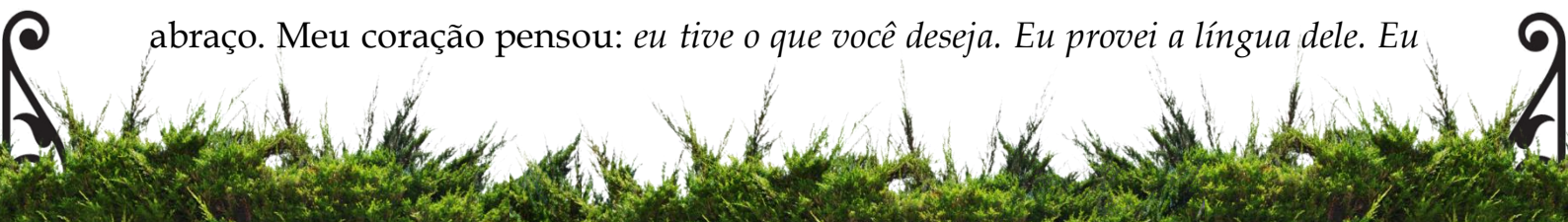
Ao amanhecer, acordei e a encontrei ainda lá, caída. Eu me permiti um sorriso privado, afugentando-o com uma carranca de desaprovação quando ela se mexeu.



Eu precisava de ar. Eu precisava do meu amigo.

Eliot me encontrou nas ruínas. Ele correu para o espaço, e avançamos um contra o outro, colidindo com um abraço. Quando nos tornamos um pedaço de braços desleixados, ele despejou um balde cheio de palavras no meu ombro. Imaginar Poet e eu perdidos para ele tinha sido doentio. Escrever música em sua cabeça não ajudou sua palidez verde. A monarquia estava em alvoroço, questionando a todos sobre o nosso desaparecimento.

Ele perguntou como eu estava e se ele estava me esmagando com seu abraço. Meu coração pensou: *eu tive o que você deseja. Eu provei a língua dele. Eu*





o coloquei em volta do meu corpo, e nada disso deveria acontecer, e não posso falar com você sobre isso, e sinto muito por roubá-lo de você, mesmo que brevemente.

Por favor. Me perdoe.

Sentamo-nos em um canto da grama, com os dedos entrelaçados e o corpo amassado. Minha bochecha se refugiou em sua manga, que alcançara uma suavidade sonhadora após anos de lavagens repetidas.

Eliot levantou a barra da minha saia, expôs minha coxa e assobiou à visão de meus pontos. Com qualquer outra pessoa, mostrar tanta pele teria sido indecente.

— Quantas vezes eu te disse, você não é imortal? — Ele brincou.

— É apenas um arranhão. Sou mais durável que as outras princesas que você conhece.

— E você não estava nem um pouco assustada.

— Não com o bobo da corte como meu escudo.

À menção de Poet, Eliot se afastou para pegar pétalas de um tremoço. — Ele também te enredou, não é?

Eu escolhi meus recursos. — Eu não estou certa do que você quer dizer.

— Você não quer me contar o que aconteceu, então deve ser o tipo de susto digno de músicas. Ele deve ter tido tempo para influenciá-la, se você está usando piadas para esconder coisas, mas eu posso aguentar, acredite. Você sabe que não desmaio facilmente, Briar. Bem, exceto por todas as coisas polvilhadas por Poet, mas você não precisa me proteger dos detalhes sangrentos, porque ainda vou sobreviver a eles. Não que isso não machuque minha alma por saber da agitação que você passou, mas você é minha amiga, e eu quero saber para que eu possa confortá-la valentemente. Quero dizer, se algo mais valer a pena mencionar, eu aguento. Eu sou um garoto grande - bem, não grande, mas você entendeu.





O remorso comeu nas minhas costelas. Nos seis anos juntos, compartilhei com ele todas as verdades possíveis.

Recostei-me, olhei para ele e manchei nossa amizade. — Se houvesse mais a dizer, eu diria. Mas honestamente não existe.



O castelo tinha dois campos de treinamento. Um para cavaleiros. Um para artistas.

Passei por este último com mamãe durante uma caminhada matinal, um raro momento de liberdade para ela. Ela falava sobre algo que a rainha do Verão havia dito - eu não sabia o quê, porque não estava ouvindo.

A trupe residente de Whimtany praticava na grama. Doze corpos lindamente esculpidos e lampejos de pele. Eles trocaram equipes. Eles dançavam. Eles equilibravam-se em vigas baixas e se sacudiam com seus membros graciosos estendidos.

Seis mulheres. Cinco homens.

Um Poet.

Ele pendia de uma árvore floral, usando os braços para puxar o corpo para cima até o queixo passar por um galho, depois se abaixou novamente. Ele fez isso repetidamente. Para cima e para baixo. Para baixo e para cima. Seus braços e torso nus se flexionavam, cordas de músculos tremendo de esforço, cobertas por um brilho de suor.

Ao expirar, ele caiu no chão e tirou uma bolsa de pele da grama. Soltando-a, ele inclinou a cabeça para trás e bebeu, a garganta bombeando.

Minha boca ficou com água.





Seu abdômen se contraiu quando ele torceu e jogou o braço em um amplo arco, jogando a pele de lado por cima da cabeça para outra acrobata. Ele fez isso sem aviso, mas a garota pegou sem quebrar o rodopio. Os dois riram.

Ele caminhou até ela, apontou o dedo indicador para o chão e circulou-o. Um pedido silencioso.

Ela piscou para ele e obedientemente executou outro giro enquanto ele inclinava a cabeça e avaliava os movimentos. Apesar de seu gesto atrevido, não havia nada de paquerador na cena. Suas expressões permaneceram tão concentradas quanto o resto da tropa. Eles levavam seu ofício a sério.

Ele falou com ela, oferecendo orientação, usando as mãos para descrever um movimento curvilíneo. Eu não sabia dizer se minha mãe ainda estava falando. Quando cruzamos a linha de visão dele, Poet ficou ciente de mim e ficou tenso, com as omoplatas travando.

O vinco de sua coluna. A cintura que afunilava e depois arredondava para trás.

A antecipação aumentou. Mas ele continuou aconselhando a garota, não me poupando um olhar.

Não até a distância entre nós crescer novamente.

Viramos nossas cabeças sobre os ombros, os olhos ardendo.

Minha respiração úmida e espessa. Um impulso de relâmpagos pesados. Uma dor profunda e enraizada nas coxas em lugares íntimos.





De manhã, interrogava minha mãe sobre as recapitulações das negociações de paz. À noite, minha empregada me amarrava em vestidos elegantes.

Entre: aparições na sala do trono para testemunhar a corte da Coroa da Primavera; uma visita real ao arsenal e uma pessoal à cozinha, onde agradei aos empregados pela hospitalidade e me familiarizei com seus nomes e sorrisos; refeições festivas adornadas com Poet; conjunturas privadas com Eliot; as Sete Tolas me cutucando por detalhes sobre como passar três noites com Poet na floresta; um torneio que Poet abriu com um discurso estrondoso enquanto estava parado no centro do campo.

Muitas noites olhando para o espaço. Como agora.

Quando criança, essa vida havia me ensinado todas as palavras reais que eu precisaria dominar. Hoje em dia, eu me perguntava sobre as palavras honestas que nunca considerei, aquelas que se acumulam na minha garganta.

Eu não sei. Eu estou assustada.

Não vá embora. Volte. Me deixe ir.

Estou aqui se precisar de mim. Não posso lhe dar o que você precisa.



Poet reclinado contra uma coluna. Um nobre pôs a mão no pilar entrelaçado de hera e se inclinou, com o rosto inclinado em direção ao bobo da corte a convite.

Meus passos diminuíram. Eu estava a caminho dos arquivos, pretendendo endereçar uma pilha de cartas de consultores em Mista, sobre





questões de comércio e disputas sociais. Mamãe deixou-me cuidar da correspondência enquanto ela estava ocupada.

Também planejei pesquisar a doutrina histórica sobre o tratamento para os tolos nascidos, na esperança de encontrar brechas ou qualquer informação que Poet pudesse usar a seu favor.

No caminho, eu entrei em cena. O nobre levantou um dedo, colocando uma mecha do cabelo de Poet atrás da orelha. O homem olhou suplicante, lascivo, para o bobo da corte.

Mas Poet parecia distraído. Ele virou a cabeça em pensamento. E ele me viu.

Uma princesa sempre mostrava contenção e propriedade.

Eu me virei, atravessando uma passagem aleatória para me afastar deles. Nos arquivos, me joguei no meu trabalho, examinando notícias e perguntas de casa. Eu não pensei nele com aquele homem, no que eles estavam fazendo, que Poet havia me garantido que ele não exibiria seus encontros - pelo bem de Eliot. Não era da minha conta.

Minhas sobrancelhas não enrugaram. Meu peito não estava oco. Meus olhos não ardiam.

Eu não me sentia desprovida de coisas que não podia citar. Não sentia decepção ou ciúmes.

Não podia. Eu não podia deixar essas coisas acontecerem comigo.

No meio da escrita de uma carta, meus dedos manchados de preto e meu pulso doendo, eu me assustei quando Tumble saltou para a minha mesa. Seu guincho ecoou pelo recinto. Entre seus pequenos incisivos havia uma nota, que ele largou ao lado do meu braço antes de galopar para longe.

Endireitando-me no banco, desdobrei a missiva e examinei o conteúdo. Duas palavras.





Nada aconteceu.



No grande salão, ele brincava. Ele fez malabarismos com moedas, arremessando-as em direção ao teto, e finalmente as jogou em direção a seus espectadores, fazendo todos suspirarem de prazer enquanto tentavam pegar as peças de ouro.

Ele passou por um duque que dizia ter olhos na parte de trás do crânio. Em uma série de movimentos atrás do nobre, Poet mudou a ordem dos talheres do homem. Sem esforço e rápido, para a hilaridade dos convidados, mas com o alvo sem saber de nada.

Na opinião da rainha Fatima, um terceiro cálice de vinho era demais para o marido. Poet convenceu-a a deixar o monarca drenar quatro, aos quais o rei Basil quase fez o bobo da corte de cavaleiro no local.

Outro dia, no gramado coberto de tulipas, Poet fez acrobacias com sua trupe. Eles se lançaram no ar e caíram no chão.

E em outro dia, nas lagoas de lótus, ele recitou poesia. Enquanto passeava pelas pontes de madeira que se cruzavam sobre a água, as palavras pareciam cetim em sua língua.

O guarda-roupa do Poet não tinha limites. Uma réplica caprichosa de uma coroa feita com padrões de tecido contrastantes, em vez de joias. Um chapéu de caçador com uma única pena. Um gibão de gola alta com uma faixa de bobo da corte costurada na manga esquerda e envolvendo o bíceps. Manga fina e um cinto solto pendurado em seus quadris. Um par de luvas com franjas.





Ele ostentava camadas de tinta preta e branca nas têmporas, curvando-se para fora nas extremidades. Outra vez, o marrom escuro cobria as pálpebras quase até as sobrancelhas e, sob cada olho, a cor diminuía em quatro pontos, como dedos palmados, terminando em pontos dourados.

Quando eu menos esperava, ele expiou sua primeira brincadeira comigo. Sentada em uma cadeira em meio aos mandris de glicínias, conversando com a mãe e as rainhas do Inverno, quando uma mão ostentando uma vela nos separou. O bobo da corte apresentou a vela que uma vez me negou. A sinceridade de seu gesto silenciou a multidão.

Meu coração deu um chute violento. Aceitei o presente, nossos dedos se chocando, convidando murmúrios e aplausos. Eu sabia de sete mandíbulas particulares que caíram.

Ele inclinou a cabeça. Ampliando sua voz para que todos possam ouvir, ele disse: — Sua Alteza. Isso está atrasado, pois o leenix não tinha chance contra esse valor. Foi uma honra ser salvo pelo Outono. E então, eu agradeço.

— De nada — Brotou da minha língua. — Eu resgato rapazes o tempo todo.

Sua boca se esticou em um sorriso. Ele acenou com a cabeça para Inverno, depois para minha mãe atenta, e girou nos calcanhares.

Debaixo do meu dossel à noite, repito aquele momento de louvor, que empurrou a lembrança do nosso beijo de volta à superfície. Se seus lábios poderiam fazer isso com os meus, o que eles poderiam fazer com o resto de mim?

A pergunta guiou meus dedos pelo meu estômago e por baixo da minha roupa de cama, onde eu escorreguei em um calor insuportável que fez meu corpo corar, minha boca se separar e minha espinha levantar do colchão. Minha mão sondou, procurando profundamente a resposta.





Pela primeira vez, não pude ajudar Eliot. Eu não podia atormentá-lo com letras horríveis de balada para fazê-lo rir, ou animá-lo com cidra trazida do Outono. Não pude implorar a Poet que alterasse seus sentimentos e fizesse Eliot feliz, por mais que quisesse.

O bobo da corte demorou cinco dias antes de partir o coração do meu melhor amigo.

—Sinto muito —, eu disse, depois arrisquei. — Você quer falar sobre isso?

Nos inclinamos contra a parede nas ruínas. Eliot balançou a cabeça, as costas curvadas enquanto olhava com olhos vermelhos para a grama. Essa versão fraturada dele, que eu nunca conheci, murmurou que ele queria ficar sozinho.

Eu fiz o meu melhor para impedir a mágoa que senti ao ser dispensada. Porque parte de mim entendia suas afeições não correspondidas.



Nos infernos subterrâneos, as pessoas viviam acorrentadas, instrumentos de tortura armazenados a uma curta distância. Eu queria ver se as condições de vida - se poderia ser chamado de vida - dos tolos enlouquecidos da Primavera diferiam do Outono. Me envergonhava perceber que não fazia ideia.





Poet saberia como cada estação se comparava. Ele teria feito um esforço para saber.

Cheguei ao topo da escada, que cavava na terra e desaparecia em uma poça de preto. Não foram as paredes escuras, nem as paredes cor de muco, nem o cheiro de urina e decomposição que me fizeram agarrar o corrimão. Pelo contrário, foi o gemido solitário me alcançando daquelas profundezas.

Era o som débil que uma pessoa fazia quando estava prestes a murchar. Meu pai produziu o mesmo barulho quando ele morreu, quando a floresta da Primavera ficou parada pelo menor momento, reconhecendo seu último suspiro. Eu tentei enterrar esse momento sob incontáveis amanheceres e entardeceres.

Tal barulho era a razão pela qual eu evitava as masmorras no Outono. Deixei minha mãe cuidar dos assuntos terríveis e desviei os olhos quando prisioneiros culpados encontraram seu criador sazonal no cadafalso. Lidar com esses horrores seria iminente, mas eu não tinha planejado suportá-los até ser forçada.

Não deixe que isso a subjogue. Tenha coragem.

Você é mais forte do que imagina. Você consegue fazer isso.

Meu impulso disse isso. No entanto, a racionalidade entrou, dizendo que eu não estava preparada para isso.

Como uma covarde, eu fugi. Com a cauda dobrada, corri pelos corredores, empurrei portas e corri por uma passagem sinuosa, não me importando para onde eu me dirigia ou quem me via. Eu bati em um ressalto, ignorei as exclamações assustadas das testemunhas e “ Sua Alteza?”

Acusações picaram minha mente. As necessidades das pessoas importavam mais do que a minha timidez. Se eu não podia enfrentar o sombrio, como eu poderia ser uma governante?





Meus pontos foram removidos ontem, então agarrei minhas saias e corri sem o fardo pressionando minha perna. O meio-dia me afogou em azul pálido quando eu pulei através de um portão, a partição voando largamente - e quase batendo em Poet no peito.

—Que diabos...— Ele se afastou do desastre.

Eu bati em uma urna. A panela atingiu o chão e se abriu como um ovo, espalhando pedaços de cerâmica. Suas mãos atacaram, me salvando de cair na bagunça.

Minha mão trêmula foi para o meu umbigo. —Oh —, eu falei. —Oh, e-eu... minhas desculpas.

Seu foco mudou entre a urna e eu. —Não se preocupe. As meninas tendem a se jogar na minha direção o tempo todo.

Estávamos em um pátio com vista para uma plantação de ervas a quarenta passos de distância. A gaze desfiada de nuvens voou acima. À nossa direita, sob um arco, a água deslizava três graus de rocha plana e escorria para uma piscina rasa.

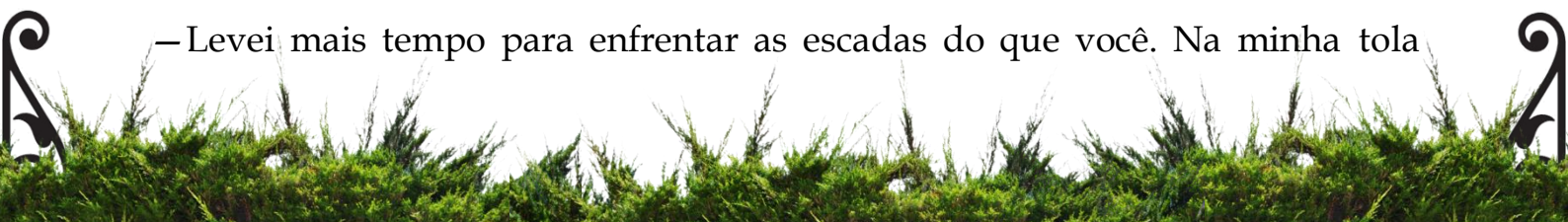
Os olhos do Poet se voltaram para mim com preocupação. —Docinho?

—Estou bem.

Essa turbulência não era como eu, mas aquele gemido de masmorra havia desencadeado um lado nervoso. Eu tinha que me recompor. Talvez ele tenha visto isso, porque, depois de examinar o pátio, Poet me guiou por baixo do arco. Escondidos lá, ninguém nos veria. Ninguém o veria ignorar meu protesto, me puxar para perto e aninhar minha cabeça em sua garganta. Contei a Poet o que havia acontecido, meus lábios em sua túnica, minha história contra seu pulso. Quanto mais eu me drenava, mais afundava no fio de seu abraço.

Ele acariciou minha orelha, esfregando o lóbulo com a ponta do polegar.

—Levei mais tempo para enfrentar as escadas do que você. Na minha tola





humilde opinião, você não conhece sua própria força. Ouça, basta olhar para o que você fez com a urna. Princesa desajeitada.

Soltei uma risada ofendida.

— Muito melhor —, ele entoou. — O humor tem seus méritos, afinal.

Agitação fresca. Minha voz e dedos continuaram tremendo, não mais de tristeza, mas de algo altamente impróprio. — Com você, penso em uma coisa, depois digo e faço outra.

— Isso se chama ser humano. Você não está sozinha nisso.

Possivelmente. Poet não me devia nada. Além de membros da realeza e menestréis apaixonados, ele tinha o direito de fazer o que quisesse, com quem quisesse. No entanto, depois que eu o vi com aquele nobre amoroso, o bobo da corte sentiu-se compelido a explicar em uma nota que nada de ruim ocorrera. Isso foi por minha causa ou por minha preocupação com os sentimentos de Eliot? Eu esperava pelo último ou por ambos?

Exceto por esse incidente, Poet não exibiu suas brincadeiras. Desde que rejeitou meu amigo, ele se absteve de piscar os olhos com alguém em público. Ele se importava com Eliot. Ele também se importava comigo.

Eu me contorci, me desembaraçando de seus braços. — Tenha um bom dia, bobo da corte. Obrigada pela sua ajuda.

Pela segunda vez, fugi. Só que desta vez eu não corri.





CAPÍTULO DEZESSETE

PRINCESA

Eu não conseguia dormir. A luz da lua salpicava meu cobertor enquanto eu torcia em frustração.

Quando meu pai estava vivo, ele costumava me tirar da minha suíte à noite e me levar a explorar. A mão suada dele iria embalar a minha enquanto passávamos pelos canais das torres de Mista. Entrariamos na sala de trabalho dos tecelões de cestas e investigariamos um repositório repleto de relíquias antigas. Eu brincava de me esconder com ele, acreditando que éramos invencíveis, que nenhum dano jamais chegaria à nossa família.

Fazia anos desde que eu explorava um lugar. Nunca sem o pai.

Eu corri da masmorra de Whimtany - desta vez. Talvez eu pudesse andar de um lado para o outro e procurar outros espaços desconhecidos até... me senti, recusando-me a analisar isso. Meus pés atingiram o chão e atravessaram meu quarto até o guarda-roupa. Lutei com um vestido de caxemira clarete, com uma capa combinando para o caso de eu decidir procurar ar fresco, e deixei meu desejo por espaço me guiar para fora da porta, um pequeno candeeiro em minhas mãos.

—Posso ajuda-la, Alteza? — Perguntou uma voz atenta.

Eu pulei, minha capa balançando. Um jovem guarda parou na entrada do salão. Placas de metal cavalgavam seus ombros. Ele parecia ser feito de pedras sob o uniforme.





Por outro lado, sua expressão obrigada acalmou meus nervos. Quando meu pai e eu brincávamos em Mista à noite, nós o fizemos com franqueza, porque possuíamos esses corredores. Como Realeza, tínhamos o direito. Demonstrar o contrário - um queixo abaixado, uma marcha hesitante - daria às pessoas uma pausa.

O mundo creditava a princesa de Mista por ser impetuosa. Uma garota com uma reputação tão pura quanto a nata, uma disposição tão seca quanto a pederneira, e não um osso ousado em seu corpo. Não quis dizer má vontade. Embora, como hóspede de Whimtany, me pareça desagradável tomar as mesmas liberdades que eu aceitaria em casa. Isso me beneficiou por fornecer à guarda uma falsidade.

Gerenciando um sorriso humilde, eu disse: —Confesso que você me pegou. É um pouco infantil, mas não consigo descansar. Eu procuro a companhia de minha mãe.

—Devo acompanhá-la? — Ele ofereceu.

Descoberta. Eu não tinha desculpa para recusar. —Obrigada, mas se há um caminho que eu memorizei, é o da suíte da minha mãe. Se houver, para que eu possa evitá-la quando ela estiver zangada comigo. Quanto aos traficantes noturnos, a lenda diz que tenho um rosto mais afiado que uma espada. Eu preciso apenas fazer uma careta, e o inimigo cairá de joelhos em derrota. Você não me privaria desse triunfo, não é?

Uma risada retumbou de seu peito. Sem mais delongas, ele se afastou. — Sua Alteza.

O humor tem seus méritos, afinal.

A confiança aumentou, eu deslizei por ele, meus passos acelerando em torno da primeira curva. Cheia de energia, agarrei uma coluna e me enrolei nela, derramando em outro corredor e parando. Em um dos recantos, Posy e





Vale saltaram de seus lábios, o sangue subindo pelas bochechas. Seus olhos se arregalaram quando me viram.

— Princesa. — Elas espiaram, balançando em uníssono.

— Oh, eu imploro seu perdão —, exclamei. — Eu não tive a intenção de—

— Nossas desculpas. — Disse Vale.

— Eu estou te perturbando.

— Dificilmente. — Disse Posy sem querer.

O abraço delas havia deixado suas roupas em frangalhos. Elas fizeram um show de restauração, brincando com hortênsias verdes e saias de pétalas de rosa. Eu fingi interesse em uma representação em vitral dos gramados quadriculados do castelo, embutidos em uma janela próxima. Bondade. Testemunhei seus toques tímidos, mas não fazia ideia de que isso se estendia além disso.

Elas vieram do mesmo contexto e reino. Elas não tinham motivos para esconder seus afetos. Eu tive um mero interlúdio, não uma união escandalosa.

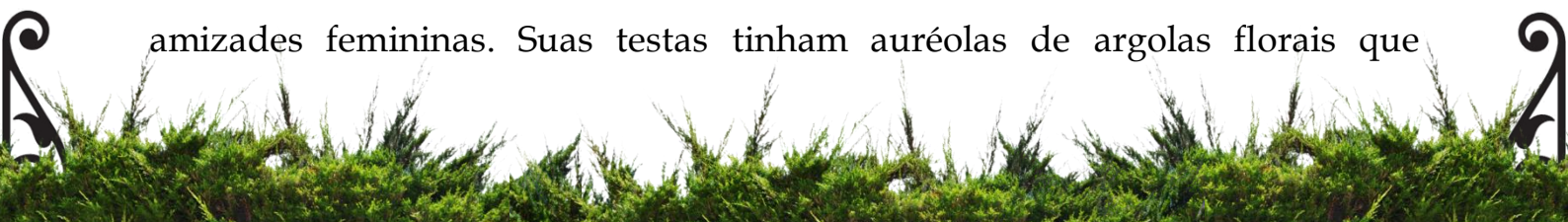
Inspecionei novamente a concha em que se esconderam e me perguntei como seria ousar assim. Encontrar alguém lá - de uma maneira diferente da maneira como conheci Eliot - e me arremessar nas sombras com ele.

— Você está perdida, Alteza? — Perguntou Vale.

— Não, eu estou...

Briar típica implicaria que não era da sua conta. Briar típica não teria sido pega, porque ela estaria em seu quarto, nunca tendo saído.

Minha presença as surpreendeu. E o que anos de conhecimento nos ensinaram uma sobre a outra? Meus esforços para conhecer essas garotas não haviam ultrapassado a superfície. A pele marrom tostada da Vale. Nariz diminuto de Posy e movimentos espasmódicos. Suas risadas fluorescentes e amizades femininas. Suas testas tinham auréolas de argolas florais que





acabavam desequilibradas devido ao hábito constante de inclinar a cabeça em conversas. Dificilmente uma impressão onisciente de quem elas eram.

Talvez não fosse o castelo que eu precisava conhecer melhor, mas seus habitantes. Uma crença de que a mãe estava tentando instilar por eras. Minha responsabilidade.

Confessei: — Estou explorando.

Posy se arrastou para frente. — Verdadeiramente?

— Você? — Vale acrescentou, sua descrença refletindo a de Posy.

— Eu —, eu respondi. — Você... isso é...

Uma princesa não balbuciava. Dobrei as mãos atrás das costas. — Gostaria de companhia, se vocês gostariam de se juntar a mim.

Eu esperava pasmada. Eu previ que elas apresentariam suas desculpas e fugissem para um lugar onde pudessem rir adequadamente de mim ou gaguejar sua aceitação por obrigação.

Elas não fizeram nada disso. Elas brotaram de seu esconderijo e ansiosamente amarraram seus braços nos meus. O alívio passou por mim.

Nossas saias tremulavam juntas, véus de cor, quando embarcamos. Posy e Vale provaram ser companheiras experientes, familiarizando-se com os espaços acessíveis de Whimtany. O quarto do alfaiate, onde pedaços de pano e carretéis de linha coravam sob o brilho do meu candeeiro. O laboratório do perfumista, repleto de flores secas, óleos e essências. A adega gelada, contendo misturas de bebida da primavera, rolhava e fechava, tilintando quando os tocamos. Posy reclamou de mamilos duros, enquanto Vale saqueava uma garrafa para que desfrutássemos.

Do que eu vi o vinho fazer para pessoas sãs, isso me atraía tanto quanto cuspe. Mas este não era o meu reino. Além do mais, as Sete Tolas golpeavam





seus espíritos e mantinham-no abaixo melhor do que a maioria dos cavaleiros. Bêbadas ou sóbrias mal fazia diferença no comportamento delas.

Elas roubaram um abridor, passando o vinho para frente e para trás. Recusei mais do que um gole.

—Estou impressionada, Alteza —, a voz de Cadence se intrometeu quando ela entrou na adega, surpreendendo-nos. Ela gesticulou ao redor da área, depois para Posy e Vale, depois para a garrafa em minhas mãos. — Abaixar-se a este nível. Eu não teria adivinhado.

Que eu me esgueiraria nas profundezas de uma adega. Que eu passaria minhas preciosas horas com duas das Sete Tolas. Que meus lábios empertigados tomariam uma bebida.

Eu não teria previsto isso também. Ainda assim, eu não ligava para a maneira pseudo-respeitosa em que ela insinuava. Como a mais paqueradora das sete, Cadence também se mostrava a mais ousada. Talvez ela acreditasse que sua beleza de orquídeas de pernas longas, com a lâmina de barbear, pudesse se safar de ter uma serpente como língua.

—Que surpresa agradável. — Eu disse secamente, então ergui uma sobancelha, esperando que ela fizesse o que sua estação exigia.

Ela fez uma reverência. Infelizmente.

Posy e Vale sorriram, animadas ao vê-la. Também se desculparam porque, enquanto falavam, tornou-se evidente que Cadence andava com elas antes de se separarem acidentalmente. Em vez de procura-la, o casal de amor absorveu seu momento e depois se juntaram a mim. Elas me acompanharam e esqueceram a amiga. Embora simpatizasse com Cadence, não pude deixar de me divertir ao ser escolhida.

Segundo Cadence, ela conhecia o gosto da Vale por essa adaga. Por isso ela nos encontrou.





— Não pretendíamos deixar você. — Disse Posy.

— Você fez o que tinha que fazer. — Respondeu Cadence.

Porque eu era uma princesa. Elas eram obrigadas a gostar de mim.

A resposta sarcástica da Cadence estragou minha fantasia de ser uma companhia preferida. Se eu quisesse dar a ela o benefício da dúvida, ela oficialmente me convencera o contrário. Agora que ela estava aqui, era apenas a cortesia que me forçou a convidá-la para nossa excursão.

Na sua língua, isso significava dominar o rebanho. — Lisette, Questa, Rhiannon e Fae também deviam vir. Não podemos fazer nada sem elas. — Seu pescoço balançou quando ela bebeu o restante do vinho. — Ninguém é deixado para trás. Sua Estimada Alteza não concorda?

— Não, eu não concordo —, respondi. — Esta não é uma fuga. É um passeio. Fae, Lisette, Questa e Rhiannon — Deliberadamente, listei-as em ordem alfabética. — Viverão para ver outro. Além disso, são muitas pessoas e causarão uma algazarra.

Sabidamente, Cadence optou por não questionar a decisão. Embora eu aposto minha coroação que ela nunca se curvou sobre um penico sem sua gangue.

Pegamos uma passagem aleatória e entramos na ala dos empregados, vindo de uma rota desconhecida que eu nunca havia exercido, apesar de já ter estado neste lugar antes.

Minha mente se revoltou com a perspectiva de ficar aqui. — Vamos lá. Estes são quartos monótonos.

Vinho engordando suas pupilas com impulsividade, as cortesãs trocaram um olhar que arranhou meus nervos, porque só podia significar uma coisa. Uma pessoa.





Eles correram para o quarto de Poet e bateram, rindo da sua pretensiosa placa. Percebi que elas o encontraram sem ter que procurar. Elas devem ter feito um esforço anterior para descobrir onde exatamente ele dormia, uma noção que penetrava um lado vil de mim.

Eu corri atrás das meninas. Meu silvo de — Não ele... — chegou tarde demais.

A porta se abriu. Poet se materializou, me atormentando com pensamentos impuros. Ele usava um par de calças penduradas na cintura, expondo a inclinação dos ossos do quadril. Eu olhei para o peito dele esboçado à luz das tochas, para as mãos que ele apoiava em ambos os lados da moldura.

Vale, Posy e Cadence o cobiçavam. Porque eu me afastei das cortesãs, sua atenção se fixou nelas primeiro, um recuo cavando no canto de seus lábios. Seus dedos batiam contra a porta, suas unhas curtas brilhavam com tinta ônix. — Bem, bem. Vocês três não são uma trilogia.

— Conte novamente. — Eu aconselhei.

Seus olhos se voltaram para mim. Eles se arregalaram e depois brilharam de alegria. Eu queria colocar essa expressão em uma caixa para guardar em segurança, olhar sempre que me apetecesse.

— Temos uma missão para você, bobo da corte. — Eu disse.

— Estamos procurando por você em alto mar. — Acrescentou Posy.

— Eu esperava nada menos do que isso —, brincou ele, me estudando. — O que posso fazer por vocês, adoráveis, que não fiz até agora?

— Eu posso citar algumas coisas. — Ronronou Cadence.

A implicação se arrastou pela minha caixa torácica. A troca deles desmentia o encontro anterior. Talvez ela já tivesse sido convidada em seu quarto antes. Isso explicaria o olhar de morte que ela me deu quando ele me





ofereceu uma vela nos mandris das glicínias, sem mencionar sua atitude impertinente hoje à noite.

— A princesa deseja explorar. — Anunciou Vale.

— Ela desenvolveu um caso dos desobedientes, não é? — Perguntou Poet.

— Eu não iria tão longe. — Avisei.

— Precisamos de um homem para nos proteger dos fantasmas. — Disse Cadence.

— Que fantasmas? — Outra voz bocejou.

Fechei os olhos com força. Isso não poderia estar acontecendo.

Eliot. Ele se aproximou de nós, arranhando seus cachos loiros bagunçados, piscando com espanto sonolento para o nosso grupo. Ele deve ter nos ouvido.

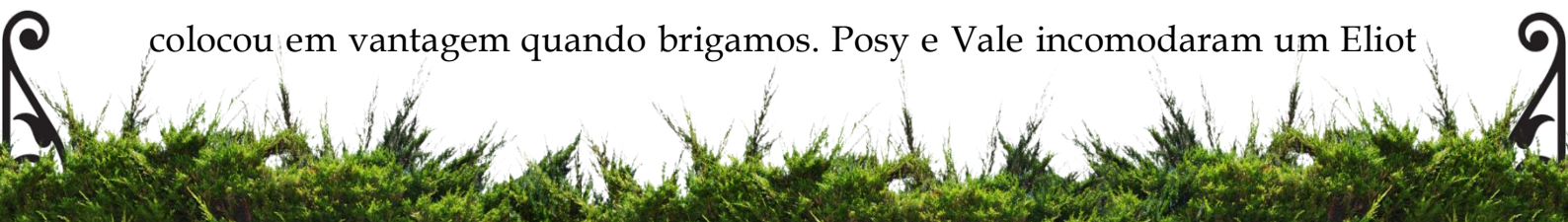
— Br- Sua Alteza. — Disse ele.

— Perdoe-nos se acordamos você. — Eu disse, meu humor na sarjeta. Ele não falava comigo desde que o Poet o rejeitou. Não acostumado a sua retirada, eu sentia falta dele e me preocupava como ele estava se saindo.

Falando em Poet, os olhos de Eliot dispararam em seu caminho e depois caíram na miséria. Cadence notou - todo mundo notou o menestrel e o bobo da corte observando um ao outro com cautela. Jurei que, se ela comentasse, as consequências envolveriam meus punhos e uma ida à enfermaria.

A teia se apertou diante dos meus olhos. Eliot apaixonado por Poet, mas pensando nele apaixonado pelas Sete. Cadence apaixonada por Poet, mas pensando que ele estava apaixonado por Eliot. Posy e Vale apaixonadas um pela outra e por Cadence. Eu apaixonada por ninguém. E Poet apaixonado por si mesmo.

Apesar de Eliot nos ouvir, a localização remota do quarto de Poet nos colocou em vantagem quando brigamos. Posy e Vale incomodaram um Eliot





enjoado para vir explorar conosco. Por sua vez, Eliot divagou desculpas. Cadence ordenou que ele fosse para a cama se ele fosse um pateta. Eu disse a ela que não havia necessidade de ser rude, com o que Eliot me disse - o mais breve e formalmente possível - que ele não precisava de um defensor, lembrando-se de me dirigir por posição no último momento.

Desafiador, ele mudou de ideia e aceitou o convite. Ele e o trio floral discutiram para onde ir a seguir. Tentei cercar a discussão calando os sussurros sobrepostos.

Poet estalou os dedos. Todo mundo parou.

Eu o odeio. Eu odiava que ele conseguisse o que eu não poderia. Eu odiava que ele machucasse Eliot e se entregasse a Cadence. Eu odiava o que ele me fazia sentir.

— Calma, calma. Há muita gente por perto, mas acredito que a princesa está no comando — Disse ele. — Sua Alteza, o ar fresco fará maravilhas para essa tropa chorosa. Proponho que exploremos o lendário labirinto. Isso te agradaria?

Os residentes do reino se iludiram acreditando nos desejos bem concedidos centrais do labirinto a seus visitantes. Era também um lugar atraente para se perder. Poet parecia confiante em como chegar lá sem ser detectado. Eu suspeitava que ele conhecesse esse castelo mais profundamente do que revelava. Eu queria ver quanto.

— Lidere o caminho. — Eu ordenei.

— Como você quiser. — Disse ele. — Me permita me vestir primeiro.

— Você precisa? — Cadence reclamou.

— Sim. — Eliot e eu dissemos.

Em menos de cinco minutos, Poet voltou ridículo. Um colete de couro carvão, uma camisa roxa saindo por baixo, botas altas sobre calça de ametista





é um crescente de manchas prateadas no canto do olho direito. Além disso, as pulseiras de fita. Só eu sabia a verdade delas. Como todos os meus pensamentos sobre ele e Nicu, eles derreteram minhas defesas.

O bobo da corte inclinou a cabeça. Entreguei-lhe o candeeiro, dando-lhe licença para nos transportar. Enquanto Poet trancava seu quarto, falei para Eliot que ele deveria pegar seu alaúde. Minha licitação teve o efeito desejado. Ele se iluminou e meu coração se alegrou.

Assim que Eliot reapareceu de seu próprio quarto com o instrumento preso às costas, Poet instruiu nosso grupo a dar as mãos para formarmos uma guirlanda. Ele de uma ponta, eu da outra. Seu pedido nos atraiu a insegurança e provocou risadas desajeitadas que tivemos que reprimir. Foi difícil quando ele nos puxou com ele pelo corredor.

Princesa. Cortesãs. Menestrel. Bobo da corte.

Real. Senhoras. Servo. Patife.

Em uma passagem compacta e indefinida, Poet nos deteve. Ele passou a palma da mão ao longo da parede lisa. — *Eles dizem, como dirão as pessoas, que a Primavera é uma coisa curiosa, pois tem muito a dizer. Dê uma chance, uma segunda olhada. E de acordo com a tradição, você pode encontrar uma porta.* — Ele esticou a cabeça para nós e sorriu como o diabo. — *E quem sabe o que mais.*

Ele pressionou a palma da mão contra a parede, revelando uma costura oculta que girava para dentro. Uma passagem secreta. Descemos a escada, amarrados, o candeeiro e a voz de Poet seguindo o caminho. Livre de testemunhas, algo contagioso assumiu, cortando a fita da tensão. No patamar e ao longo de um túnel, soltamos. Nós rimos e tentamos assustar um ao outro.

Mais longe no desconhecido, nossos barulhos ficaram mais altos. As cortesãs e Poet uivaram nas tocas, atingindo notas acentuadas de alegria.





Subimos outra passagem e explodimos acima da nuca do labirinto, um labirinto enrolado em verde e rosa que rolava na terra. Sua localização nos beneficiou. Os guardas de pé ao longo do parapeito não descobririam nosso clamor a essa distância. Embora Poet soprou o candeeiro e o colocou no chão, só para ter certeza.

A primeira pessoa a encontrar o centro ganharia um beijo de sua escolha. Nós nos dispersamos como ratos, noturnos e levantando cascalho. Pensei em Nicu, que nunca seria capaz de sair daqui. Pensei em Poet pensando em Nicu. Pensei em me lavar de história e tradição para esta hora. Eu supero a lei, buscando mais, diferente. Por um dia.

Este dia. As estrelas estilhaçadas de vidro morderam o céu. Eu corri, meus braços batendo, minhas saias mexendo nas minhas pernas. E pensei: *Depressa.*

Corra para o centro, corra para a menininha que eu costumava ser. Ela está esperando.

Depressa. Me encontre.

Ele me encontrou. Eu o encontrei.

Nós desviámos os cantos das sebes paralelas. Nossos olhares se chocaram, sem fôlego e um pouco arruinados. Surgimos em curvas opostas de um poço de desejos que agraciava o centro do labirinto como o cubo de uma roda.

De outras pistas, ouvimos as cortesãs "Boo!" E o grito pateta de Eliot. Eu o imaginei pulando um pé do chão, estragando aquelas garotas com gargalhadas. Elas o empurraram no que parecia uma diversão de boa índole. Meu coração vitorioso saboreava sua risadinha, o som desobstruindo meus pulmões. Me renovando.





Com passos cautelosos, o bobo da corte e eu rondamos o poço, um centro segurando milhares de sonhos. Ele ergueu as sobrancelhas em um inquérito perverso. Eu balancei minha cabeça em resposta, meus dedos flutuando sobre a borda.

—Sem beijos, sem desejos. — Ele rimava através da profundidade do poço.

—Sem vencedores, sem perdedores. — Eu concordei.

Posy chegou, seguido por Vale, depois Eliot, depois Cadence. Poet e eu sacrificamos nossa vitória e demos Posy as honras. Com o incentivo de Vale, Posy chocou Eliot agarrando seu rosto e beijando-o. Depois que a vergonha vazou de seu rosto, ele respondeu, encontrando a boca dela com um entusiasmo corado que me surpreendeu. Despreocupado, mas sempre dedicado aos meninos, ele a abandonou para Vale.

Eles jogaram pétalas no poço e desejaram. Eliot pelo luxo de envelhecer, Vale para saber como era a neve, Cadence um dia ver o oceano de Verão e Posy para sua irmã gestante dar à luz um filho "normal".

Ela poderia ter dito "saudável", mas, como todo mundo na sociedade, tinha outras preocupações: conceber um tolo.

O olhar do Poet permaneceu neutro. Ele anunciou que seu desejo era muito sagrado para compartilhar.

Eu conhecia esse desejo. Eu conhecia essa criança. Do tipo que Posy se preocupava em ter como sobrinho, sem o coração para suportar. Eu não a culpo por isso. Também não me detive no que as meninas pensavam dos tolos nascidos, quer as meninas estivessem ou não com a maioria. Pelo menos, eu não fiquei hoje à noite.





Eles desculparam Poet, mas se uniram a mim quando tentei pular a minha vez também. Espiei a pupila negra do poço e dei uma modesta esperança de que cada um deles conseguisse o que queria.

Eliot sorriu com carinho, Poet com suspeita. Posy e Vale pareciam movidas pelo meu gesto, enquanto Cadence podava seus lábios, quase me chamando de exibida.

Sentamo-nos ao redor do poço, nossas costas apoiadas nas pedras, nossas pernas abertas. Para meu prejuízo e felicidade, Poet e Eliot sentaram-se ao meu lado. Eu os mantive separados, enquanto eles me encaixotavam. A proximidade deles causou múltiplas sensações. Um surto de saudade. Uma pontada de culpa. Eu me contorci, sem saber qual garoto produzia qual reação, desesperada para não me inclinar em nenhuma direção específica.

Poet complicou o assunto. Escondido da vista, sua mão permaneceu no meu joelho, me transformando em uma estrela. Um lampejo branco-quente. Compelida, deslizei minha perna mais perto, batendo em seu pulso. Seus dedos flexionaram com indecisão e depois me cobriram, segurando-me para não fugir - na direção de Eliot, para fora do labirinto ou para o céu. Quem sabia onde, ou até onde, eu teria que ir para nos proteger um do outro.

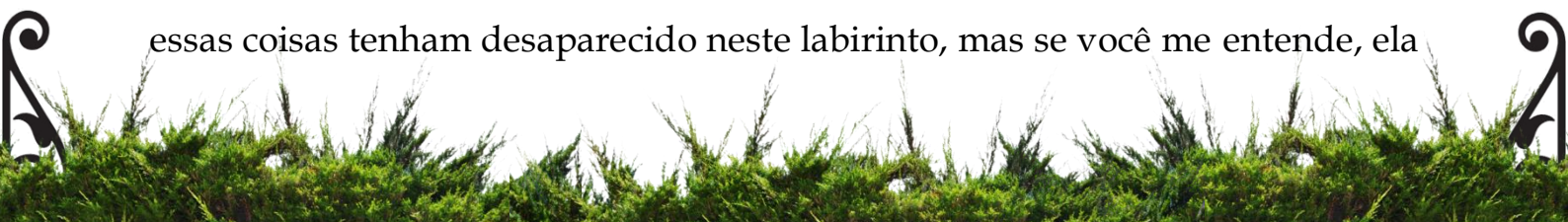
A intoxicação sensual afrouxou minha língua. — Por que somos diferentes? O que nos torna assim?

— As Estações. — Posy ofereceu.

— E nossas classes. — acrescentou Vale.

— Obviamente, não era isso que Sua Alteza queria dizer. — Disse Cadence, me surpreendendo.

— Ela quis dizer além dessas coisas —, disse Eliot. — Títulos e linhagens, Estações e criação e outros enfeites não nos impediram de vir aqui. Não que essas coisas tenham desaparecido neste labirinto, mas se você me entende, ela





está falando sobre rir e isso, sair sorrateiramente, querer ficar aqui, fazer desejos e se sentar como estamos, sem problemas - pelo menos ainda não. A noite não acabou, mas começou em primeiro lugar - não parece que somos diferentes. É isso que ela quer dizer.

— Vocês precisam definir *diferentes* mais a fundo, amores —, disse Poet.
— Gostos, maneiras, aparência, inteligência. Somos diferentes por inúmeras razões, e aí reside a incandescência, a verdadeira harmonia.

— Porque, se somos diferentes, há mais a aprender —, resumi. — Mais para descobrir.

— Mais para valorizar. — Eliot terminou.

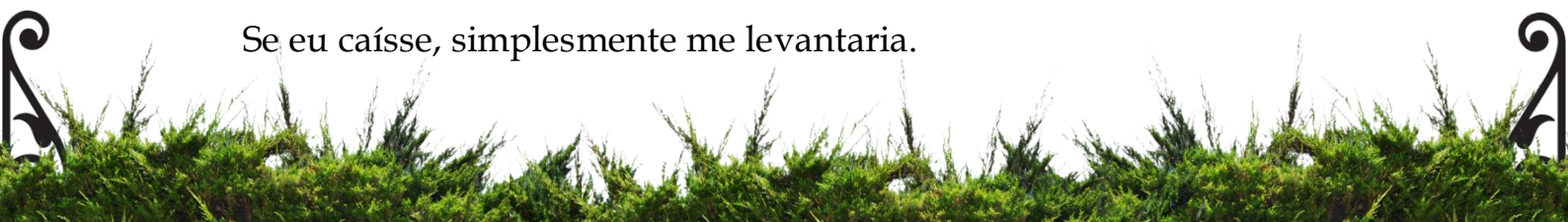
Enquanto a mão de Poet queimava minha perna, agarrando minha saia em suas mãos, joguei minha cabeça em direção a meu amigo. Eliot apoiou a testa na minha e sorriu, sem saber dos limites que eu andava. Seu toque e o toque do bobo da corte foram obscurecidos na escuridão um do outro. No entanto, sorri de volta, agradecida pelos dois, entregando-me igualmente a eles. Apenas neste local.

Nós nos ajudamos a ficar de pé. Eliot tocou uma melodia no alaúde. As meninas pularam ao redor dele, e então Vale e Posy flanquearam Poet, e Cadence me desafiou para o turbilhão, puxando meu pulso.

Mais para descobrir. Mais para valorizar.

O reflexo da lua banhou minha pele. Eu levantei meus braços e girei. Poet e eu nos separamos, mas do lugar em que ele girava Cadence, ele observava meus movimentos desajeitados. O fascínio agarrou seu rosto quando ele me encarou, através de mim, dentro de mim. Super consciente do meu corpo delineado em um brilho metálico, eu girei mais rápido, fora do alcance dele e mergulhei, não importando se eu tropeçaria.

Se eu caísse, simplesmente me levantaria.





CAPÍTULO DEZOITO

BOBO DA CORTE

Muitas coisas aconteceram conosco naquela noite. Muitas coisas que eu nunca teria previsto...

Ela girou, um prisma de palidez e vermelhidão, perdida em si mesma e neste labirinto. Eu a peguei, hipnotizada e memorizando. Pois, no amanhecer, ela mudaria novamente, lançando-se em sua face da Realeza, me deprimindo com sua reserva.

Que assim seja. Tínhamos nosso papel a desempenhar.

Muitos a achariam querendo olhares. Ela não tinha namorados ou admiradores fora dos caçadores de coroas. Em resumo, as pessoas eram cegas, e ela as cegou ainda mais. Eu queria tirá-la das raízes, expô-la por quem ela realmente era. Quando ela não se conteve, ela ainda se moveu com uma desajeitada falta de ritmo, mas sua coordenação terrível não importava, porque a dança a fazia feliz e essa felicidade a fazia a coisa mais brilhante neste jardim. Garota emocionante.

Me hipnotizou. Eu, o bobo da corte, que não era hipnotizado por ninguém. Cadence deveria ter se considerado sortuda por eu não a ter girado em uma das sebes, tão completamente que a folha do Outono me cativou. Mais uma torção de seus quadris e eu teria que tirar minha língua do chão.

O ritmo de Eliot tropeçou, apenas por uma nota, quando a cabeça dele passou de mim para ela. Eu precisava ter mais cuidado. Suportar seu rosto desanimado quando deixei meus sentimentos claros, e sua atitude sombria





desde então, tinha sido um tormento embaraçoso para nós dois. Ter minha atenção nos outros reabriria a ferida da batalha.

Ainda. Assim. Ela.

Maldita seja ela. Agora ela me fazia pensar em fragmentos, em vez da minha prosa lírica e líquida. Era aí que eu desenharia a linha. Minha voz não seria alterada. Ela já havia danificado as regiões indisciplinadas abaixo da minha cintura, incentivando-me a acariciar sua perna. Eu não podia deixá-la conquistar todas as partes essenciais de mim.

As Três Adoráveis me pediram um agrado. Acelerei por um verso morno no qual as projetei como personagens, para seu deleite gritante. Juntamente com as crianças e Eliot, essas criaturas encantadoras completaram minha audiência mais visceral. Enquanto Nicu, Jinny e a princesa eram os favoritos, pois eram minha audiência mais difícil.

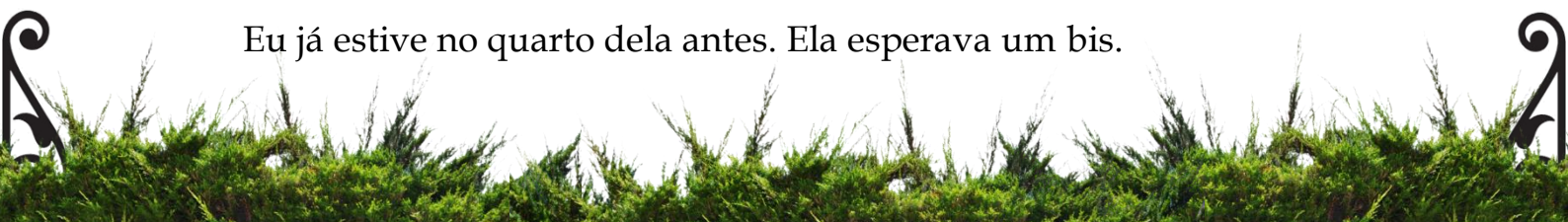
Corada pelos raios da lua e pela rebelião, Sua Alteza aplaudiu. Enquanto eu me curvava, inclinei minha cabeça e agradei com um sorriso travesso. Eu amei o que isso fez com seus aplausos, como minha atenção se prendeu em seus pulsos.

A rota para o castelo mostrou-se mais calma, o fim de uma era, quando percorremos um caminho de volta ao classes e às regras. A princesa percebeu tarde demais que havia deixado seu candeeiro para trás, em algum lugar do labirinto. Nós seguimos o nosso caminho através do túnel e subimos a escada secreta, Vale e Posy sussurrando doces palavras uma para a outra, Eliot conversando com a princesa enquanto mantinha uma frente formal e Cadence se sugando ao meu lado.

— A noite ainda é jovem —, ela sugeriu. — E nós também.

— Hmm. — Eu respondi.

Eu já estive no quarto dela antes. Ela esperava um bis.





Eu me sintonizei com a respiração suspensa da princesa, sabendo que ela tinha ouvido a proposta de Cadence para mim. Eu precisava resolver a tensão - ou alguém liberar a tensão de mim com alguns puxões substanciais. Assim, eu poderia ter aceitado a oferta da Adorável, enviando uma mensagem lúcida para Outono, lembrando a ela o que concordamos.

Eu poderia ter feito isso se Eliot não estivesse lá. A princesa teria o vigor emocional para superar isso, enquanto o menestrel não.

Eu preparei uma desculpa para precisar de meu sono de beleza, mas os guardas recém-postados do lado de fora do poço escondido me poupavam a tarefa. Minha mão agarrou o painel secreto da parede enquanto suas vozes flutuavam pela fenda. Eu segurei minha mão livre atrás de mim para parar o grupo, que se levantou, congelando como veados presos no alcance de uma besta. Inclinando a cabeça e ouvindo as brincadeiras dos guardas, calculei que eles estivessem ao virar da esquina.

Posy abafou uma risadinha escandalizada. Whimtany não se vangloriava do toque de recolher, mas ver um conjunto tão eclético brincando juntos irritaria as penas. Basil e Fatima nos tratariam de uma palestra que se arrastaria por pelo menos uma hora e depois me culparia pelo passeio. Pois quem mais poderia convencer esse grupo de mau comportamento?

Além disso, a princesa nos acompanhou. Não precisei me virar para saber que os olhos dela estavam esbugalhados. As damas de companhia eram uma companhia aceitável, mas não o bobo da corte e o menestrel da coroa. Parece mais suspeito agora que ela passou três dias - tempo suficiente para se relacionar - na selva comigo. Depois disso, sua reputação primitiva andaria na corda bamba.





O trabalho de um tolo nunca acaba. Eu acenei com a mão para meus companheiros. Eu distraía a vigília enquanto eles voltavam às câmaras de onde vieram.

Entrei no corredor, assustando os vigias, um homem - o mesmo bruto que me chamou na manhã seguinte ao corredor espelhado - e uma mulher. Eles deram meia-volta, segurando os punhos das espadas.

— Ah. Boa noite, amigos — eu encantei, apontando para a armadura deles. — Vocês não precisavam se arrumar para mim.

Funcionou. Com um pouco de trabalho de pés e gentilezas sutis, consegui que voltassem as costas aos meus companheiros, que saíam de trás do painel. Eles se separaram da barra negra de sombra e se esconderam pelo corredor, um por um. Minha princesa do Outono foi a última a sair.

Encerrando a réplica, dei uma noite heroica aos guardas e fui embora. A rota para a suíte da princesa exigia que ela usasse uma das duas passagens da ala dos servos, o que significava que ela tinha que passar pelo meu quarto, não importando qual ela escolhesse. Isso fez pouca diferença para mim até ouvir os guardas do posto deles.

— O que... quem era?

— Eh? O que você andou bebendo? Aquele era o Poet, seu idiota.

— Ele não. Essa outra figura. Eles correram pra lá.

Maravilhoso. Alcançando a nobre, roubei a mão dela, a puxei para a minha porta, a abri e a levei para dentro. Na verdade, eu posso tê-la rodado debaixo do braço quando o fiz.

— Você é maluco? — ela perguntou. — Qual o significado di-?

— Silêncio. — Eu disse, trancando a porta e pressionando a orelha na superfície.





Ou eles suspeitavam de um intruso ou alguém me perseguindo, ou eles apenas precisavam verificar a situação de acordo com seu dever. Eles não a reconheceram, mas se o fizessem, eles gostariam de saber o que ela estava fazendo nesta seção do castelo sozinha.

Ou não sozinha. Guardas em um reino pacífico poderiam ser totalmente inúteis, mas não eram idiotas. Seria coincidência demais encontrá-la logo depois que eles falaram comigo. Ou isso, ou eu estava sendo paranoico.

Botas bateram na minha câmara. A princesa empalideceu. De todos os lugares para ser pega, na minha morada libertina pode ser o pior.

— Venha. — Agarrei seus dedos, puxando-a através do quarto e para a minha cama, onde comecei a saltar com vigor. Bati meus braços, implorando:

— Não fique aí me olhando. Pule.

— Você perdeu o juízo.

— Perderei meus testículos se encontrarem você aqui. Agora pule e gema.

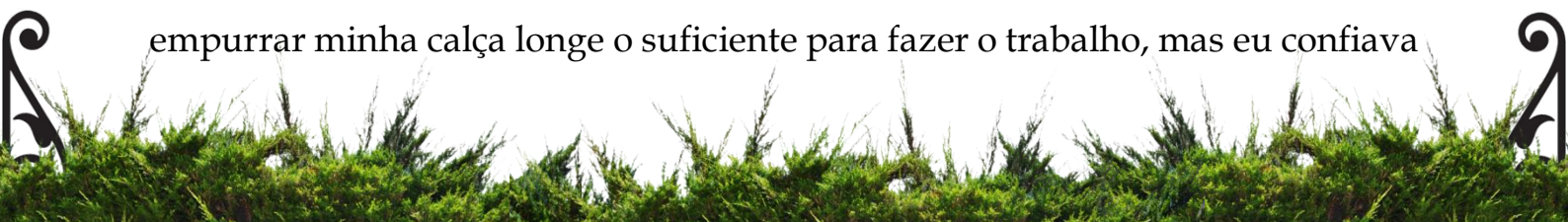
— O que?

Limando minha garganta, eu demonstrei. Uma sequência de gemidos luxuriantes, em ritmo com a cabeceira batendo contra a parede, amplificada da minha garganta, alta o suficiente para os guardas ouvirem. Eles pararam do lado de fora do meu quarto e deram uma batida hesitante. Eu falei para Sua Alteza, repetindo minhas instruções. Ela fez o que pediu, balançando fracamente no colchão e grasnando como um corvo frustrado, em vez de replicar uma fêmea no meio da paixão.

Outra batida. — Vá embora. — Eu gritei.

— Hum, Poet?

Eu não poderia ter corrido do meu bate-papo com os guardas e diretamente nos braços de uma mulher tão rapidamente, muito menos empurrar minha calça longe o suficiente para fazer o trabalho, mas eu confiava





que eles não calculariam esses detalhes. A questão era que eles acreditavam que eu tinha companhia, provavelmente com a pessoa que pensavam ter visto, provavelmente cortês. Eles não me pediram para admiti-los nesse estado aparente.

Sim, eu poderia ter respondido enquanto a princesa se escondia. Essa charada poderia ter sido excessivamente teatral da minha parte.

— Estamos procurando no corredor um possível espreitador que possa ter vindo por aqui —, disse o guarda. — Você viu alguém desagradável?

As molas da cama rangeram. Eu agitei meus braços, instruindo a princesa a se ampliar. Ela ronronou, mas saltou mais forte e gritou como se eu a tivesse beliscado fatalmente. Derrotado, deixei minha cabeça cair em minhas mãos - saltando tão alto que o topo do meu crânio bateu contra o teto.

Foi quando seus gritos começaram a rir. Batendo as palmas das mãos sobre a boca, ela convulsionou em histeria, lágrimas brotando dos olhos às minhas custas. A cena se tornou tão comicamente atroz que eu entrei em hilaridade silenciosa com ela.

A partir de então, ela melhorou, gargalhando e gemendo em uníssono. Sensivelmente, ela alterou a voz.

— Bem, er, mantenha sua porta trancada. E deixe-nos saber se você ouvir algo suspeito.

— Ayyyyyyy! — Eu uivava.

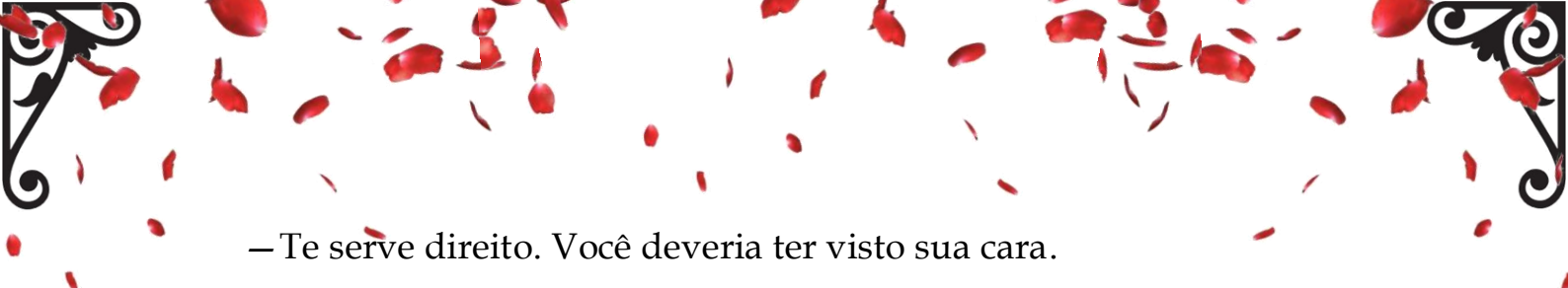
Eles marcharam para longe, rindo. Esperamos um minuto inteiro antes de desabar na cama, tombando e sufocando de alegria.

— Você é uma atriz terrível.

— Você é um amante terrível.

Petulante, aponte para minha cabeça. — Olha o que você fez! Eu vou ter um galo.





— Te serve direito. Você deveria ter visto sua cara.

Exausta, despreocupada, ela se jogou nos travesseiros. Caí ao lado dela, esfregando minha cabeça dolorida. Nossas risadas diminuíram, depois desapareceram completamente, varridas na realização. Estávamos no meu quarto iluminado pelas estrelas, bêbados e agora sozinhos. Até Tumble se foi, perambulando pelos corredores em busca de travessuras de bicho.

Enquanto olhamos para o teto, seus dedos roçaram os meus. Nenhum de nós se afastou, deixando distraidamente aquelas pequenas carícias deslizarem através das fendas precárias. Seu dedo mindinho montou meus dedos. Meu polegar acariciou seu pulso. Nós enroscamos, dentro e fora. Ela encontrou minha pilha de pulseiras de fita e os pelos ao longo dos meus braços ganharam vida, sem mencionar outro apêndice abaixo da cintura.

— A vida não é puramente racional. — Ela sussurrou.

— Nem puramente divertido ou irônico —, respondi. — Mas nós já sabíamos disso.

— Mas precisávamos lembrar.

— No poço, você desejaria algo ganancioso se estivesse sozinha.

— E você teria revelado seu desejo. E você teria dito sim a Cadence se Eliot não estivesse lá.

— Verdade. Ela não segura uma vela para você, mas eu posso tê-la.

— Você brinca comigo. Ela é linda.

— Ela é típica —, eu corriji. — Você é um espinho do meu lado. Você também é corajosa, compassiva, leal e totalmente marcante. Além disso, morenas são o solo, loiras o sol. Você é uma ruiva - toda coisa ardente e fluorescente no meio. Você é pura magnificência.





Meu olhar de soslaio encontrou suas sobrancelhas franzidas. — Por que você se compartilha quando aprendeu o que pode acontecer? Por que você faz isso?

Irritado, eu a deixei ir. — Da mesma forma, você não pode aceitar um elogio.

— Me chamar de espinho ao seu lado foi um elogio?

— Eu quis dizer isso carinhosamente. De fato, uma união imprudente me recompensou com um filho, mas ainda assim me desfiz como se isso não pudesse acontecer novamente. Você acha que é ruim ser um devassado casual, mas o que mais você me disse uma vez? Que o nosso beijo não significou nada?

— Acho que você deveria parar de fazer o que faz com as pessoas. É deplorável e está abaixo de você. Você deveria ter aprendido sua lição. Você é pai. E você vale mais que um encontro mediano.

— Muito sábia, Alteza. Eu deveria estar olhando mais acima da minha Estação. Talvez o rei do Verão caia morto por estupidez, e terei a chance de substituí-lo. A esposa dele é linda.

A princesa estava de pé antes que eu pudesse impedir. — Bem! Isso foi invasivo da minha parte. Não sei por que estou aqui.

Eu a machuquei.

Ela atravessou o quarto do outro lado, mas eu fui mais rápido, pulando na frente dela para bloquear a saída. — Um castelo é um lugar solitário —, eu disse. — Eu me diverti com os outros, mas não na medida em que você acredita. Com alguns, principalmente homens. Eles são mais seguros. Quanto ao resto, sou cauteloso e criativo. Corpos - mãos e línguas - podem contornar o óbvio, alcançando alturas enquanto ainda estão parcialmente vestidos. Além disso, existem muitas maneiras de conhecer o prazer sem que isso aconteça. Há arrebatamento em contenção.





Suas exalações aceleraram. — Eu me recuso a ser uma conquista. Você teve muitos visitantes aqui.

— Eles têm seus próprios aposentos para me receber. Isso não quer dizer que eu esteja com alguém desde nosso retorno, porque não tenho. Acredite: tentei aceitar avanços íntimos ultimamente, encontrar alguém tentador e não consegui. Você me viu com um homem, mas minha nota deixou claro que eu não aceitei a oferta dele. Por que, você quer saber? Isso é fácil. Pela minha vida, não consigo parar de pensar em você. E eu nunca tive mais ninguém neste quarto. Duvido que alguma vez tenha.

Surpresa, ela examinou o espaço novamente, seus olhos tropeçando em cada item. Todo pote de cor, todo têxtil. A extravagância seja condenada, cobiçava minha privacidade. Ter essa garota aqui descascava outra camada de mim. Pelo amor de Deus, embaralhei meus pés como um jovem patético e impaciente.

Eu implorei como um também. — Fique. — Eu disse.

— Por que você está fazendo isso?

— Porque não tenho forças para não fazer isso.

— Poet...

— Essa sua cara. Eu gostaria de torcer de mil maneiras, na tinta desta sala. Meu corpo quer despedaçar o seu corpo, fazer você cantar e suspirar, enchê-la com ruídos incoerentes. — Em um impulso docemente erótico, peguei a mão dela e beijei a palma da mão. — Diga que você me deseja como eu te desejo.

Ela fechou os olhos. — Isto está errado.

Por causa do meu filho, seu menestrel e os monarcas que reinavam sobre esta terra. Acima de tudo, todas as decisões que tomava colocavam Nicu na vanguarda. Quanto mais eu compartilhava com essa garota, mais ela saberia sobre ele.





Mas ela já sabia as partes cruciais. Ela era uma princesa frígida, mas era firme e não olhava para meu filho como os outros. Ela se importava com ele, tinha quebrado regras por ele com seu silêncio. O que fizéssemos aqui não mudaria isso.

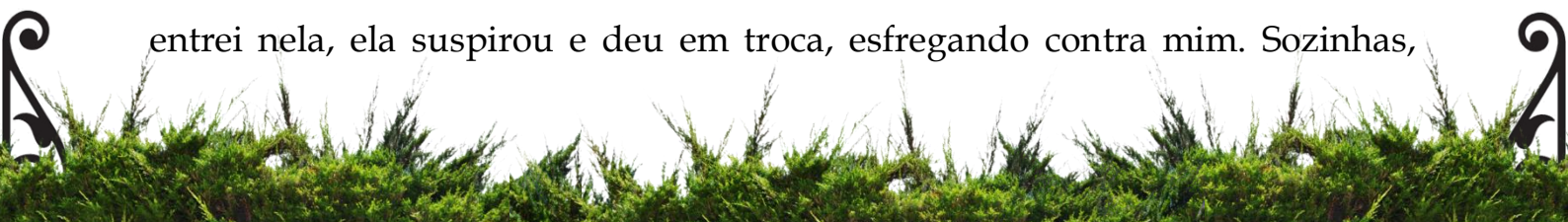
Quanto ao resto, desculpe. Eu não me importava.

Eu me aproximei, prendendo-nos, meu pulso no dela. Seu olhar segurou o meu, ancorado lá. Esperamos até que o outro estivesse pronto para se mover, e o fizemos, nossos braços e mãos alcançando com uma urgência lenta. Ao contrário do tumulto do nosso primeiro beijo, este demorou um pouco. Seus dedos roçaram meus ombros e depois apertaram minha nuca, e meu braço ousou em torno de sua cintura, minha mão livre subindo pela nuca para trancá-la no lugar.

Nós inclinamos. Nossos lábios sussurraram aqui e ali, dizendo *olá* novamente, *eu preciso de você* novamente. Um quase-beijo que acendeu cada impulso agitado. Foi necessária uma quantidade imortal de força de vontade para não a esmagar contra mim, mas como eu amei seu lábio inferior tremendo quando minha língua traçou sua forma.

Sem pressa. Ele continuou assim, beijinhos, um movimento ao longo dos lábios dela, meus dentes saindo para brincar. Ela respondeu como uma virgem, uma combinação de inocência e intensidade, e estranhamente, eu me senti como se estivesse sendo seduzido. Ela me seguiu sem hesitar, enrolando-se em meu corpo, enquanto eu gemia do fundo da minha garganta.

Nós nos separamos, mudando os ângulos de nossas cabeças, e depois ofegamos de volta um para o outro. Agora em um beijo encorpado. Nossos queixos se inclinavam, nossas bocas se vedavam e se espalhavam em uníssono. Minha língua afastou seus lábios, acariciando em molhado prazer. Quando eu entrei nela, ela suspirou e deu em troca, esfregando contra mim. Sozinhas,





minhas mãos puxaram suas costas para segurar suas nádegas, o beijo aumentando a ponto de agravar.

Não parecia gratificante, o tipo de sucção do passado dos interlúdios, a presunção de uma apresentação festiva. Não colhi as recompensas de um admirador.

Era mais. Isso, um beijo de uma garota e a felicidade.

Felicidade tranquila, felicidade curiosa. Oscilava nos picos dos dedos dos pés e nas bordas dos dedos.

Eu nos vi de olhos fechados. Eu pegando e sendo pego, puxando minha língua ao longo do céu de sua boca, seu gemido quebrando entre meus lábios abertos e lascando meu coração.

Ah, houve isso. Isso e além.

Poderia ter sido rebelião, a corrida idiota do proibido, exceto pelo engate no meu peito, as pregas doloridas na minha testa. Pois esse desejo parecia honesto, difícil, esse privilégio temporário. Arrancou o que eu conhecia anteriormente sobre sedução. Era eu, o bobo da corte. Este era eu, querendo ela.

Isso estava *faltando*.

Sem quebrar o beijo, nos atrapalhámos com os laços do meu colete. Quando eu dei de ombros, ela puxou minha camisa da cintura da minha calça, deixando-a pendurar ao redor dos meus quadris, e então abrimos a capa dela, e eu a joguei no chão. Nossas testas se encontraram. Eu a persegui até a cama, a desenrolei na cama, posicionado acima dela na cama. Apoiei-me nas palmas das mãos, metade do meu peso a consumia, meus joelhos manhosos entre os dela.

Ela soltou um fino fio de respiração, os restos do nosso beijo uma faixa de condensação em seus lábios. Passei a vista pela princesa, sua saia espalhada





sobre a colcha, sua mandíbula frouxa e as tranças de seu cabelo se esforçando para serem libertadas.

Inclinei-me e falei contra sua boca. — Posso tocar em você, princesa?





CAPÍTULO DEZENOVE

PRINCESA

Sim por favor. Toque me. Me beije.

Meu pulso assumiu um ritmo histérico, causando um efeito cascata por todo o resto do meu corpo. Eu nunca vi um garoto desse ângulo, nunca senti a largura de suas coxas dentro da minha, seus olhos ardendo por mim. Eu nunca experimentei uma alegria tão terrível. Tal medo e emoção. Autoconsciência e ousadia.

Poet, o bobo da corte de Whimtany, me colocou em sua cama. Muitos conheciam sua pele, mas eu sabia mais sobre ele do que qualquer um. Confiei no olhar que ele me agradava, na maneira como sua voz ficou rouca quando ele pediu minha permissão, porque tínhamos muito para apostar. Tanta coisa para dar.

Meu coração delirante disse isso. Não minha cabeça. Isso havia parado de funcionar há muito tempo.

Nossas respirações bateram no ar. Meus sentidos se apegaram ao cheiro de âmbar e vetiver. O calor avassalador de nós. A colcha de seda se mexendo sob minhas panturrilhas expostas.

Eu detestava a antecipação. A impaciência deve ter se espalhado pelo meu rosto, porque ele riu nos meus lábios, seu peito estremecendo. Não querendo perder, rastejei por baixo de sua camisa para sentir seu torso, o aperto brutal de seu abdômen, sua risada nas minhas mãos. Sobre minhas linhas de vida.





Meu toque diminuiu seu humor. Essa era a melhor parte.

— Eu vou brincar com você. — Ele flertou, queimando meu lábio com o polegar.

Claro que ele diria isso. — Eu exijo uma parcela igual.

— Por todos os meios, Alteza. — Mas então ele ficou sério. — Eu pararei quando você me mandar. Você só precisa dizer a palavra.

Em resposta, deslizei minhas mãos para o declive em suas costas. Plantando um beijo rápido nos meus lábios e dizendo: — Isso não serve. — Ele estendeu a mão para trás e guiou minhas mãos trêmulas em suas costas. Ele flexionou, e uma mecha de calor ondulou através de mim.

— Espere. — Ele brincou.

Sem esforço, ele me fez rir. A alegria drenou minha timidez persistente. Depois disso, paramos de conversar, deixamos de pensar de forma engraçada. Recuamos para o emaranhado seguro que criamos juntos, sem dizer uma palavra. Porque as palavras poderiam ser destrutivas.

Ele me deu outro beijo sensual, depois outro, longo e febril. Meus joelhos dobraram, tentando prendê-lo, mas o bobo da corte se manteve em cima. Agarrei seu traseiro com força, um pedido de mais.

Poet tremeu. Encorajada, usei um de seus movimentos contra ele e lambi o canto de sua boca.

Vitória. Ele caiu sobre mim, me cobrindo com o seu corpo de dançarino. Com um suspiro, cedi meus lábios sob os dele. Agarramos o rosto um do outro, inclinando o beijo para um efeito mais profundo, nossas línguas se contorcendo.

Eu deveria ter ficado perturbada com o volume duro que pressionava entre as minhas coxas. Em vez disso, minha cabeça ficou embaçada. Eu me





choquei arqueando a tensão, sensações serpenteando em muitos lugares para prestar atenção.

Ele se separou e prosseguiu pela minha garganta, seus lábios roçando a coluna. Na curva do meu ombro, ele aninhou, depois chupou profundamente. Minha cabeça bateu para trás, minha boca aberta.

— Você gosta disso? — Ele perguntou. — Diga. Você pode me dizer.

Não, eu não gostei. Era ruim.

— Sim. — Eu disse.

Os inchaços subindo do meu decote vieram a seguir. Seus lábios puxaram minha pele, chicoteando meu sangue em um frenesi. Meus calcanhares cravaram em suas pernas, minhas unhas destruíram seus cabelos e seus dedos soltaram minha trança.

Insuficiente. Eu não sabia o que fazer comigo mesma. Toda vez que ele alcançava um novo local, eu o queria em outro lugar.

Sem vergonha, eu o provei de volta. Meus lábios encontraram sua orelha e passaram pelo lóbulo. Ele murmurou, e seus zumbidos aumentaram para rosnar assim que eu aumentava a pressão. Quanto mais eu o descobria, mais desamparado ele se tornava.

Ele me tocou então. Suas mãos hábeis acenderam minha cintura, fizeram cócegas nas minhas coxas, acariciaram os lados dos meus seios. Procurei o manto de seus ombros e envolvi seus pulsos fortes. Nós fizemos isso em um jogo, trocando carícias.

Com ele, o mundo retrocedeu. Caímos em outro beijo proibido. Bocas fracas e inchadas, com muito a dizer, mas com menos vontade de dizer.

Isso aconteceu. Eu não tinha desculpa.





Estações nos ajudem, continuou acontecendo. Por trás de uma cortina ou de um recanto de jardim, seu braço disparava quando eu desfilava, a caminho de quem sabia onde, e me atraía para as sombras. Ele me beijava até o esquecimento. Eu o beijava com sinceridade.

Solavancos roçaram seus braços quando eu corri meu dedo mindinho pela cintura de sua calça, desejando me mover mais baixo, mas com medo. Eu adorava limpar a boca perversa de zombaria e piadas. Eu gostava que minha língua e mãos pudessem lhe causar esse mal.

Ele era impulsivo. Eu era calculista.

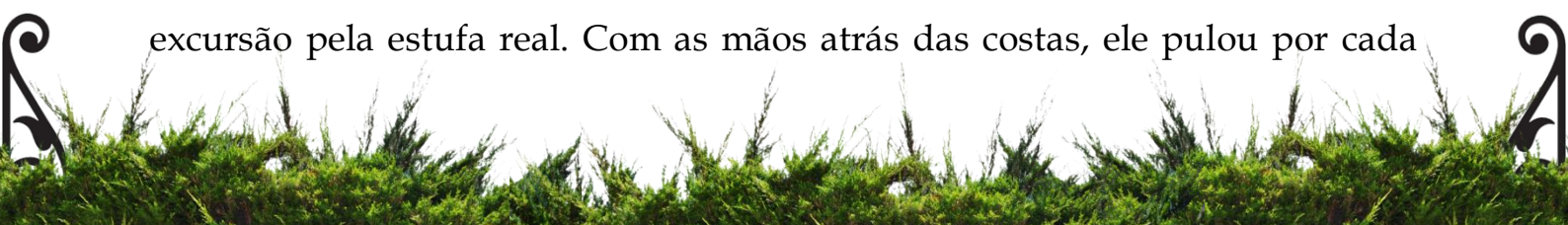
Sempre que Poet me queria, ele usava Tumble como mensageiro. O furão mostrou-se capaz de navegar por caminhos não detectados, as cartas do bobo da corte e minhas respostas apertadas entre os incisivos de Tumble enquanto ele corria para entregá-las.

Nós éramos sorrateiros. Em apenas uma semana, saqueamos o tempo. Todo encontro era cheio de riscos, cada ponta dos pés um furacão ressoava nos corredores. Isso fazia a rapidez necessária. E isso nos alimentava.

Às vezes, não falávamos. Nossos corpos assumiram, com muito a dizer.

Outras vezes, mal podia esperar para compartilhar quaisquer novas ideias ou pensamentos aleatórios que tive naquele dia, antecipando o que ele teria a dizer, o que pensaria sobre eles.

Muitas vezes, brincávamos e tínhamos que cobrir a boca um do outro para reprimir as risadas. Ou ele ronronava coisas que me deixavam em frangalhos, como quando ele acompanhou os sete monarcas e eu em uma excursão pela estufa real. Com as mãos atrás das costas, ele pulou por cada





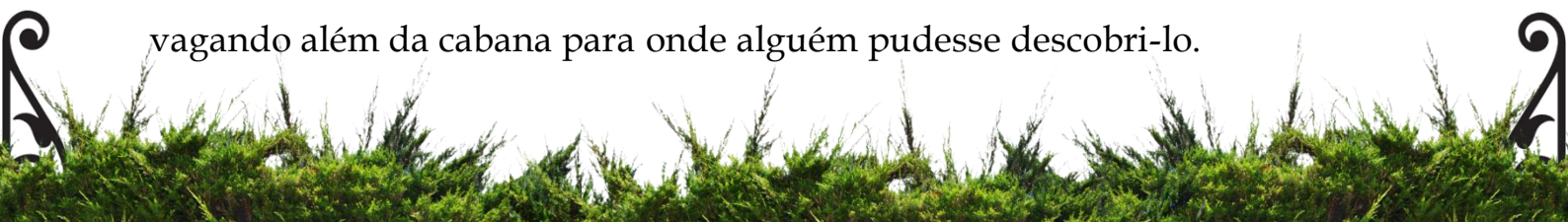
peessoa e murmurou comentários que as divertiam, um ardil para fazer parecer que não era uma ocorrência estranha quando chegou a minha vez. Eu estava bebendo de um cálice quando ele parou ao meu lado. Ele inclinou o queixo por cima do meu ombro e soprou insolência no meu ouvido. —Daqui a dez minutos, vou fazer você gemer.

Eu quase me engasguei com o néctar. E *dez minutos depois*, escondida em um buraco encoberto, minha cabeça caiu para trás enquanto Poet chupava a curva do meu pescoço e apalpava minha boca para reprimir os sons que eu fazia.

As coisas que duas pessoas podiam fazer juntas - me pareciam estúpidas. A proibição me impedia de receber conselhos das Sete Tolas, não importava o quanto eu estivesse me conectado a Posy e Vale. Eu nem poderia confiar em Eliot ou em minha mãe, por razões óbvias.

Numa noite mágica, Poet me ensinou um movimento de dança, alinhando a frente do corpo com a parte traseira do meu. Eu o paguei com um comentário objetivo sobre um verso épico em que ele estava trabalhando. Então nos deitamos cara a cara em sua cama e conversamos sobre o dia, as pessoas, nós mesmos. A frustração com minha exclusão das negociações de paz havia me superado, e Poet ouviu, desafiando meu discurso retórico com sarcasmo e franqueza. Ouvi suas histórias felizes e bem-humoradas de criar Nicu. Minha favorita era que, quando a criança começou a engatinhar, ele fez isso ao contrário.

Embora as circunstâncias também tivessem sua parcela de trevas. As confissões jorraram como se Poet estivesse cansado de se conter. Preocupar-se com o destino de seu filho acabava com Poet. Suas feições se contorceram quando ele admitiu o quão petrificante era, entrando em pânico com Nicu vagando além da cabana para onde alguém pudesse descobri-lo.





Às vezes, Poet queria gritar. Uma vez, ele fugiu para a floresta e soltou lá.

Eu mantive pensamentos da mamãe e papai para mim. Não porque eu não quisesse compartilhar, mas porque suspeitava que o bobo da corte veria através de mim. Que ele veria demais.

Confiamos, debatemos e refletimos. Então ele me rolou.

Tinha que ser uma violação da natureza, essas sensações primitivas. Eu não me reconhecia. Era como acordar ao anoitecer em vez de amanhecer. Com ele, eu me transformava em uma ninfa da mais alta ordem.

Ao nascer do sol, a apreensão, remorso e exaustão surgiram. As garantias de que eu me conteria a partir de então escaparam de mim mais tarde, quando Poet colocou as mãos em mim. Eu cansava de olhar por cima do ombro, mas todo o meu ser gritava com outros impulsos sempre que cruzávamos o caminho. Eu estaria com minha mãe ou na companhia de um dignitário. Poet caminhava na minha direção do outro lado do corredor, seguindo a coroa ou ladeado por sua comitiva de artistas. Ou os menestréis o acompanhariam, Eliot ao seu lado.

Quando passamos, o bobo da corte e eu não olhávamos, não reconhecíamos. Apenas nossos dedos nos denunciaram, fazendo contato. Acendendo.

Um dia, progrediu. Em uma torre não tripulada sob o céu do pôr do sol, ele me pressionou contra a parede, seus dedos pulando sobre minha caixa torácica. A modéstia fugiu de mim. Minha necessidade se revelou aos seus olhos perceptivos, que ferveram em resposta. Ele esperou que eu mudasse de ideia, certificou-se de que eu falava sério e prosseguiu.

Segurando meu olhar, ele me despiu. A tarefa complicada nos deixou ofegando até o vestido afrouxar. Foi quando minha timidez assumiu.





Poet aninhou meu queixo em uma palma e apoiou meu rosto na outra.
— Eu quero ver o seu corpo. Deixe-me conhecer seus segredos adoráveis, e eu os honrarei. Eu prometo.

Eu acreditei nele.

O decote do vestido flutuou para baixo. As tiras se separaram. Meus seios empurraram do tecido e entraram em suas mãos. O ar correu para eles, escovando a pele esticada, endurecendo meus mamilos. Em vez de decepção, vi reverência em seu olhar. Ele apalpou o peso deles, seus polegares circulando largamente e depois estreitando para os centros, me transformando em uma bagunça trêmula.

Ele amaldiçoou, e a vida explodiu quando ele inclinou a cabeça e beijou. Meu peito se esticou no puxão quente de sua boca, sua língua enrolando na ponta e depois se movendo para outra, sua boca apertando em torno dela. Ouvindo meu “Não pare”, ele me aproximou, mantendo sua promessa.



No grande salão, o bobo da corte dançava com adagas. Ele as sacudia, de cabeça para baixo, com o lado direito para cima. Ele girou e, sem fazer uma pausa para mirar corretamente, seu braço deu um chicote e executou um lance de costas. A adaga voou e atingiu um alvo de madeira apoiado na frente da sala.

Ele pulou, seus membros cortando o ar. Quando ele pousou, outra lâmina perfurou o centro.

Os convidados aplaudiram. Apertei minha bebida, picada por inveja e orgulho. Outros o queriam, mas esse bobo da corte era meu. Por enquanto.





No final do jantar, Poet percorreu o salão e me cumprimentou no estrado. Suado e corado, ele levantou uma caneca para mim. Mantendo minha expressão neutra, inclinei a cabeça e ele aceitou o convite para seguir em frente.

— Espere um momento, Bobo da Corte. — Eu disse, de repente, para provocar.

Ele girou. — Princesa.

— O decoro adequado exige que você dê algumas palavras de despedida primeiro.

— E isso seria?

Eu joguei fora da minha reputação arrogante. — Você ainda não desejou ao seu superior uma noite agradável.

Zombando, ele abriu os braços. — Tenha uma noite agradável.

— Espere um momento.

Ele me rodeou novamente. Escolhi esse momento com cuidado, pois todo mundo se preocupava com comida e conversas animadas. No entanto, senti o brilho da atenção de alguém em nós, embora não houvesse nada de errado nessa troca. Externamente, eu não estava flertando como os outros fizeram com ele. O melhor curso de ação era sair da cena como se eu não tivesse nada pelo que me desculpar.

— Os inferiores também se curvam aos seus soberanos antes de partirem.

Poet cedeu e depois se virou.

— Além disso —, minha voz forçou seus dedos a prenderem o cabo da caneca — eu gostaria que os inferiores observassem o protocolo padrão e me reconhecessem como uma princesa: Alteza, como é habitual. Não estou brava em esperar que você me fale assim.





Seus lábios se contraíram, por raiva ou diversão, eu não conseguia entender. — Tenha uma noite agradável, Alteza. — Disse ele, ao mesmo tempo em que caía em outra reverência.

Horas depois, eu fechei a porta do meu quarto, furiosa com o meu comportamento. Eu não poderia correr desenfreada assim novamente.

— Venha aqui. — Disse ele.

Eu me virei. Ele se levantou da minha cama, sem tinta para os olhos, mas ainda em seu traje. O bobo da corte estava no meu quarto, parecendo que ele pertencia aqui. Isso estava ficando fora de controle. Eu cutucava, e ele cutucava de volta, mas não podia continuar assim. Certamente, nos encontraríamos em apuros.

— O que estamos fazendo? — Eu perguntei. — Somos tolos?

Ele teve que empurrar a palavra. — Sim.

Eu me sentia incrivelmente jovem e impotente. Até ele, nunca me res senti da minha posição na vida.

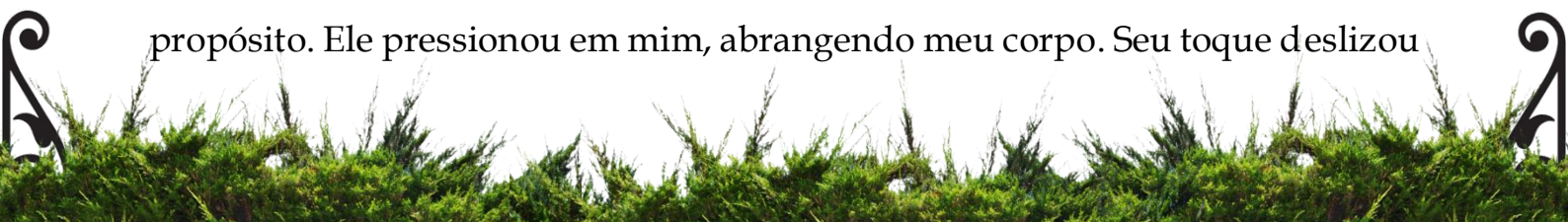
Poet torceu os dedos e repetiu: — Venha. Aqui.

Eu não *fui aqui* Eu me joguei.

Ele agarrou as costas das minhas coxas e se levantou, me levantando contra ele. Envolvi meus membros em volta de sua cintura, agarrando-o quando sua boca agarrou a minha, porque isso tinha que terminar em algum momento. Mas talvez eu pudesse marcá-lo primeiro.

Almofadas empurraram quando ele me colocou em cima delas. Lembrei-me de seus braços musculosos ondulando enquanto eles atiravam aquelas adagas no alvo. A visão causou uma corrida embaraçosa entre as minhas pernas.

Eu gemia embaixo dele, tímida e ansiosa enquanto ele se movia com um propósito. Ele pressionou em mim, abrangendo meu corpo. Seu toque deslizou





sob as minhas saias e subiu pelas minhas pernas lentamente, dando-me tempo para decidir. Eu balancei a cabeça, e a bainha estava em volta da minha cintura, o frio pinicando meus membros.

Senti o calor da mão dele antes mesmo de entrar na fenda das minhas roupas íntimas. Ele roçou os cachos e me segurou. Mordi o lábio, atordoada pela confusão de sensações. Quando ele beijou minha bochecha, ele pressionou mais forte sobre aquele local íntimo.

— Sente isso? — Ele raspou quando meu pulso vibrou contra seu pulso.

Eu choraminguei, incapaz de responder a ele. Juntos, nós nos concentramos no tambor constante vindo de mim, na mancha que brotava lá. Totalmente vestida, não poderia estar mais nua.

Ele fez novamente a pergunta que começou tudo isso. Ele poderia me tocar?

Sim. Bem. Lá.

Poet exigiu. Mas não tão antecipado.

Não com a mão.

Ele beijou meu pescoço, meus seios, meu estômago. Ele deslizou da cama e se ajoelhou. De alguma forma, meu corpo tirou sua própria conclusão sobre o que ia acontecer.

A delicada roupa de baixo passou por meus joelhos e tornozelos. Oh, as mãos dele. Elas percorreram o comprimento da minha pele, deslizando-me para a beira do colchão. Ele beijou a cicatriz de leenix na minha coxa.

Enganchando meus joelhos sobre seus ombros, o bobo da corte levantou minhas costas. Seus olhos caíram para olhar entre as minhas pernas, piorando a dor, o local mais úmido.

— Lá vamos nós, princesa — Disse ele. — Tão aberta e bonita.

— Poet —, eu sussurrei. — Por favor.





Ele pressionou um dedo no lábio. *Silêncio.*

Ou alguém poderia nos ouvir.

Então a língua dele tocou naquele lugar. Ele arrastou o vinco, ao longo da umidade, e encontrou o inchaço. Em um zumbido, ele agarrou.

Eu me afastei, uma convulsão chocada de gritos saindo da minha boca. Com cada cutucada daquela língua, rolando e passando rapidamente sobre mim, eu peguei os lençóis. Meus quadris bateram contra sua boca implacável, minhas entranhas derretendo sobre ele. Mordi um travesseiro, fissuras de prazer subindo rapidamente, indo em direção a um ponto de ruptura. Ele me segurou. Ele consumiu aquele terno nó de calor, me atormentando quase ao desmaiar quando meu corpo perdeu o controle contra seus lábios.

Silêncio.

Muito tarde. Eu não teria obedecido se tivesse tentado.





CAPÍTULO VINTE

BOBO DA CORTE

Mesmo em retrospecto, eu posso prová-la. Lembro-me da sensação de seu corpo apertando e depois ficando mole pelos espasmos. Seu olhar, cor de pêssego com delírio e nebuloso ao redor dos olhos, pairou sobre mim com espanto. Eu descansei minha bochecha em suas coxas trêmulas e, ah, que pontes eles fizeram sobre meus ombros. Que lugar magnífico para se estar.

Esse tipo de ajoelhar, não me importo. Nunca.

Eu poderia ter ficado assim pelo tempo que ela quisesse. Exaltou-me descobrir que ela era uma atrevida alta, minha língua penetrando na impenetrável nobre e fazendo-a subir. Eu poderia ter convencido ela de qualquer coisa então. O sentimento era mútuo.

Diga-me que você quer minha respiração.

Diga-me que seus suspiros são meus.

Se ela fosse uma cortesã, eu a teria mantido na minha cama. Eu teria dormido no vale de suas pernas, minha cabeça em seu umbigo, em posição de dar outra rodada uma vez que ela se recuperasse. Nós estaríamos nus até lá. Aquela semana de luxúria em pedaços, completamente vestida, fora caótica. Eu não entendia nada que acontecesse fora desses trechos de tempo. Com meu cérebro meio enlouquecido, meio estúpido, quem sabia que conselho adormecido eu ofereci à Coroa nas negociações de paz.

Quanto ao entretenimento, é de se admirar que eu tenha conseguido golpear esse pedaço de madeira com minhas adagas durante o banquete,





lançando-as em minhas mãos sem abrir um dedo mindinho. Eu estava em ruínas há dias.

Então a princesa não era uma cortesã com a liberdade de relaxar nua comigo. Embora trabalhar com as barreiras da roupa para alcançar alturas com ela tivesse seu apelo. Eu mergulhei debaixo da saia dela e lhe dei outro tipo de euforia, depois a botei pra dormir, beijei o nariz e fui embora.

No meu quarto, cuidei dos efeitos posteriores, agarrando aquele problema infernal e rígido na minha mão e concedendo-lhe alívio. Então eu me limpei e caí de cara na minha cama.

Muito bem. Eu estava destinado ao inferno.

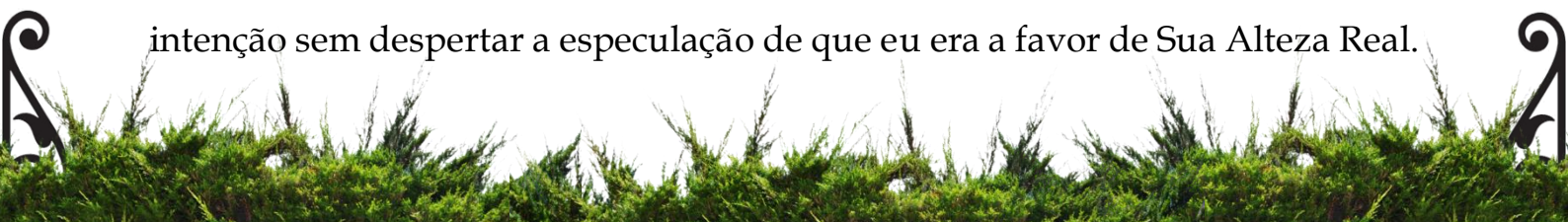
Pelo que me lembro, era isso que eu estava pensando na época. Aquele espinho Real me matou na beira da loucura.

Eu queria fazer coisas para fazê-la feliz. Jogando opções banais como sonetos e flores pela janela, aproveitei o único gesto - além do físico - que eu poderia oferecer. Ela falou comigo sobre herdeiros e herdeiras serem banidos das negociações de paz. Tradição pelo bem da tradição.

Eu detectei as notas contundentes de amargura em sua voz, direcionadas a mim por ser permitido participar das negociações. Não que eu tivesse me desculpado por isso. Ela, ou algum descendente anterior da história, já tentou contestar o assunto? Não, eles não tinham. Ela não tinha. Era um caso claro de aceitação cega. Ela reclamava, mas tolerava isso por alguma noção maluca de dever e respeito.

Nesse caso, a tolerância não mudaria nada. Então eu fiz.

Na manhã seguinte, entrei na suíte de Basil e Fatima sem aviso prévio - um privilégio concedido a ninguém além de mim - e solicitei uma audiência. O assunto era arriscado, pois eu não conseguia mostrar minha verdadeira intenção sem despertar a especulação de que eu era a favor de Sua Alteza Real.





Cheguei com o pretexto de discutir o carnaval do Dia da Cotovia, planejando a discussão para que o tópico se desenrolasse por pseudo-acidente.

A partir daí, meu ponto de ataque envolveu fazer o papel de burro e empilhar uma série de perguntas inocentes a seus pés. *Existia uma doutrina afirmando que os sucessores reais não poderiam participar das negociações de paz até serem coroados? A Primavera não se orgulhava de ser também um reino avançado? Os Monarcas maduros supuseram que eles não tinham nada a oferecer, nada que seus jovens não aprendessem sozinhos?*

Os membros da realeza diriam que essas negociações de paz inspirariam sua juventude? Em que capacidade? Diga!

É uma pena que Inverno e Verão tenham se sentido menos compelidos a trazer seus novos herdeiros para Whimtany, não é? Alguém poderia pensar que eles não consideravam importante, que se seus jovens não tivessem permissão de, pelo menos, ver as conversas, como parte de sua educação, por que se preocupar em honrar o Reino da Primavera com sua presença?

No entanto, o Outono trouxe sua filha. Pelo menos uma Estação entende a magnitude desses eventos. Pena que os outros não deram o mesmo exemplo.

Seria uma boa vontade recompensar Outono por esse senso de dever. Pode influenciar os outros da próxima vez, não? Embora eu tenha medo, não tenho sugestões sobre o assunto. O que eu sei das princesas?

Eu imploro seu perdão. Hoje não é a reunião final? Aquela que lida com os assuntos menos vitais? Não é tão pesado para manter sagrado? Eu pondero se existe uma maneira de oferecer um fechamento exemplar. Algo além do discurso oficial. Algo que não muda a tradição, mas acrescenta a ela. O que poderia ser, ó Coroas conhecedoras?





Não esqueça que sou homem. Enquanto isso, eu posso ter imaginado o rosto da princesa retorcido em êxtase enquanto eu a chupava. Eu precisava de um visual para me manter motivado.

Mas eu discordo. Foram necessárias duas horas, três jarros de cidra e quatro dos meus trocadilhos mais espirituosos para guiar a Coroa da Primavera. Eles chegaram à conclusão que eu esperava que fossem, e eu elogiei sua sabedoria. Que excelente ideia que eles tiveram! No entanto, eles criaram isso?

Foi assim que a princesa do outono foi convidada a participar da reunião final.

Você acha que essa performance é uma medida excepcional do meu carinho por ela, que este seria o começo de um dia sublime. Infelizmente, não foi assim...

Ela estava nos arquivos novamente. Quando Tumble entregou o bilhete para ela depois que voltamos da floresta, foi fácil identifica-la. Ouvi falar dela passando algumas tardes por lá. Não obstante, meu furão poderia encontrar alguém.

Entre fileiras de pilhas altas, a princesa vasculhou uma prateleira de tomos e tubos. Enquanto eu andava na ponta dos pés atrás dela, minha sombra se alargando através das espinhas de folhas de ouro anunciava minha presença. Ela se endireitou.

Meus braços deslizaram por seus ombros, meus dedos puxando um pergaminho envolto. Baixo e exuberante, eu disse: — Leia este.

Ela sussurrou: — Por quê?

— Ele narra uma história de amor proibida.

— Na verdade, é uma lei da Primavera contra a embriaguez pública excessiva.



— Pena. Eu me sinto tão enganado pelo invólucro sofisticado.

— Isso ensinará você a não julgar um pergaminho pelo tubo.

— Ouch. — Com uma risadinha, coloco o item de volta na prateleira. —

Vire-se, para que eu possa cumprimenta-la adequadamente e profundamente.

— Nós seremos pegos.

— Disso, esqueças. — Eu rimava, agarrando seus quadris e a levando para trás no corredor.

A princesa bateu nos meus pulsos, tentando me advertir a deixá-la ir. Chegando a uma distância segura da mesa do catalogador, atrás da última fila de arquivos, eu a girei para me encarar, fazendo um esforço supremo para conter o sorriso pubescente ameaçando estragar o meu sorriso malicioso. Meus braços varreram sua cintura e a puxaram para perto. Rosa espirrou em sua garganta. Eu sabia o porquê. Este foi o nosso primeiro encontro desde que deixei o quarto dela na noite passada.

Desci, com a intenção de escurecer o rubor, e a aqueci com um beijo profundo. Minha língua dividiu seus lábios e correu para ela, imitando um ato que eu ansiava por toda a eternidade. Condenação.

No instante em que minha boca soltou a dela, uma lufada de ar soprou de seus lábios inchados. — Poet. — Ela respirou.

Rouco, perguntei: — Sim, Alteza?

— Eu gostaria que você não tivesse que me chamar assim.

— Sim, meu espinho? — Eu corriji.

— Se alguém nos ver, eu direi a eles que você me raptou.

— Sinta-se à vontade. E no que você está se metendo aqui embaixo? Diga-me ou continuarei a violá-la. E não, eu não estou brincando.

— E-eu esperava encontrar documentação sobre o tratamento de tolos.

Talvez um registro particular do passado que possa ajuda-lo, quando você



decidir se aproximar da Coroa. Algo que eu possa usar também, se eu propuser que a mãe também reconsidere a lei em Mista.

Eu me inclinei para trás. — É isso que você tem feito?

— Durante algumas visitas, sempre que tenho um momento livre.

Eu olhei para ela, envolvido por uma inundação de calor. Ela falou como se este fosse um passo óbvio para ela dar. Ela queria ajudar, o que eu adoraria mais do que qualquer coisa. Estávamos no coração da arma mais poderosa de todas, um lugar de aprendizado e conhecimento, mas eu já havia vasculhado esses arquivos antes. Tentei não ter esperanças de que ela encontrasse algo além dos detalhes da própria lei e dos registros sem alma, listando os nomes e as doenças de cada tolo nascido que já havia sido engolido por essa lei.

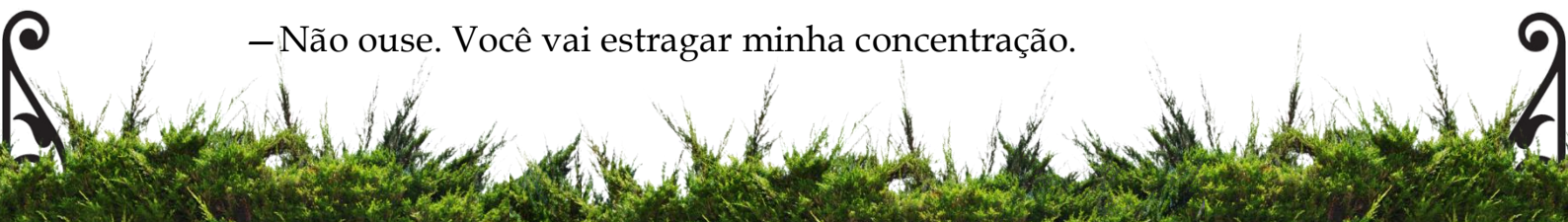
Perguntei se ela havia progredido, fazendo-a franzir o cenho de frustração. Essa expressão fofa testemunhou que ela não estava fazendo tanto progresso quanto queria. Ela ainda tinha uma pilha de crônicas. Enquanto isso, ela compartilhou suas ideias, soluções sobre como tratar os loucos e as possibilidades para aqueles como Nicu, que não eram loucos, mas precisavam de cuidados especiais.

Por alguns minutos clandestinos, sussurramos para frente e para trás. Eu disse a ela os pontos que planejava fazer para a Coroa, debatendo os pontos fortes e os inconvenientes com ela. Recolher as ideias de outro monarca levantava meu ânimo.

Minha mão deslizou para sua parte inferior, para aquele local delicioso onde encontrava suas coxas e acariciou. Suprimindo um sorriso, ela chamou meu nome, parte risada, parte reprovação. Ela se contorceu de um jeito bom, minhas palavras alcançando os lugares certos sob suas saias. Os lugares doces.

— Eu poderia te beijar sem sentido. — Eu disse.

— Não ouse. Você vai estragar minha concentração.





— Em qualquer outro dia, essa seria minha esperança. — Abaixei minha voz. — Você gostou do que eu fiz com você?

Outro rubor. — Muitíssimo. Eu nunca me senti tão...

— Nem eu.

— Não acredito que estamos falando disso em um lugar de antiguidade.

Isso me fez rir. Em um mundo utópico, eu ficaria com ela para que pudéssemos investigar juntos. Nesta realidade, bobos da corte e princesas prosperavam separadamente.

Ainda assim, o desejo de retornar seus esforços diligentes me estimulou. Do que estava por vir, senti uma emoção crescente.

— Seja estudiosa, mas poupe energia mental esta noite. — Quando o espaço entre as sobrancelhas dela se encolheu de perplexidade, eu embalei seu rosto e dei-lhe mais um beijo. — É uma surpresa.

Deixando-a adivinhando, balancei meus dedos e disse *adeus*. Havia muito para se preparar.

Naquela noite, eu me vesti para matar. Em um clima dramático, escolhi preto e branco no meu guarda-roupa. O poli com um fio preto nas pálpebras e adicionei quatro símbolos - um floco de neve azul, um grão amarelo de areia, um caule verde e uma folha vermelha - no canto do olho esquerdo.

Duvidando de mim mesmo, verifiquei minha aparência três vezes no espelho. Empoleirado na minha penteadeira, Tumble me inspecionou com críticas de olhos redondos.

— O que? — Eu perguntei. — Minha obra-prima colide demais?

O furão chiou.

— Certamente, mas você tenta fazer os quatro reinos se harmonizarem em um tema.

Ele chiou novamente.





— Eu sei que preciso parecer muito bem para ela, mas se você estiver reclamando, terei que substituí-lo. Condenação, tenho um reino para encantar, uma monarquia para influenciar, um menestrel para acalmar, uma mãe para sustentar, um filho para amar, uma princesa para impressionar, e então eu tenho você, meu amigo.

Irritado, Tumble estalou no ar.

— Acalme-se. Eu preciso de mais cinco minutos.

Deixando de lado, chegamos à sala do trono mais cedo. Sempre o servo, servi meu cálice de vinho da mesa de cavalete, carregada de bebidas. Sempre o bobo da corte, eu me recusava a esperar a realeza se reunir antes de beber.

No meio da confusão, ela entrou na sala com a mãe. Eu olhei para cima, minha língua agarrando o céu da minha boca. Em um vestido verde Primavera, ela cresceu de um espinho para uma paisagem inteira. Seu cabelo, parcialmente solto, foi jogado ao redor, torcido pelo vento e enrolado com um espectro de pequenas flores silvestres. Seus olhos arregalados, um céu claro.

Infernos. Ela tinha o brilho de alguém recentemente, e repetidamente arrancada.

Seu bobo da corte fez isso. Sua língua faria isso um milhão de vezes, até que seus joelhos se cravassem no chão.

Ela me encontrou do outro lado da sala e tentou permanecer calma, mas provou ser uma tarefa árdua. Eu vi o sorriso lutando para romper. Inúmeros gemidos amoleceram sua boca.

Um respingo molhado no meu pulso me alertou para o excesso de vinho do meu cálice. Eu a estava despindo mentalmente e esqueci o jarro que estava ao meu alcance, o vinho saindo de seus lábios. Minha mão empurrou o jarro na posição vertical. Merda.





Eu peguei um lampejo de seus dentes. Eles cavaram em seu lábio, contendo sua alegria.

A mãe dela também viu meu erro.

Assim como o rei da Primavera, que cantava: —Gracioso, Poet. Intoxicação e falta de jeito exigem que você beba o vinho primeiro.

—Dica muito sábia, senhor. — Respondi com uma farsa falsa, para a diversão de todos.

Os Monarcas estavam de bom humor nesta assembleia final, ansiosos para comemorar e depois se dispersar. Além do parentesco, semanas de conferência produziram sua parcela de animosidade e ataques sibilantes.

A garganta da princesa balançou. Seu olhar ansioso voou na minha direção e recebeu o mais imperceptível aceno de mim. *Seduza-os, Alteza.*

Ela assentiu de volta. A partir de então, Outono e eu nos tornamos invisíveis um para o outro. Essa foi a impressão que demos quando os monarcas se sentaram. Eu me inclinei contra uma coluna, chutei o carretel de linha favorito de Tumble no chão para ele perseguir e notei a tristeza da princesa quando ela se acomodou no que costumava ser a cadeira de seu pai. Uma cena requintada, sua troca de olhares significativos com a mãe.

Basil e Fatima mexeram suas nádegas cheias de massa para ficarem confortáveis, então o rei bateu com as palmas das mãos. Seus colegas saltaram em uníssono, como sempre faziam.

—Eu declaro que este é o encontro final da Estações —, disse ele. —E uma nova ocasião, pois não apenas culminamos esses procedimentos e saímos em paz mais uma vez, mas aprimoramos a tradição tendo a herdeira de Outono como nossa convidada. Um novo ramo de costume que minha rainha e eu propusemos, e nós, membros da realeza, concordamos e esperamos continuar com a soma de nossos filhos nos próximos anos. A partir de hoje, nossos filhos





serão convidados a participar do encerramento das negociações de paz. Princesa Briar, seja bem vinda.

Para seus aplausos, ela sorriu.

—Um gesto apressado —, o rei do verão resmungou atrás de seus bigodes flácidos. —mas tolerável. Minha rainha e eu teremos o prazer de ter nosso filho criado com essa tradição. Uma desgraça que outras propostas sobre atendentes apropriados tenham sido negadas este ano.

Revirei os olhos. Uma farsa para ele, de fato. Eu o fiz rir com o resto deles, mas esse hipócrita - esse ignorante que não conheceria um verdadeiro idiota se esse idiota irritasse uma poça na caneca do rei, muito menos se eu pusesse um espelho na frente do rosto dele - permaneceria decidido a me banir das negociações.

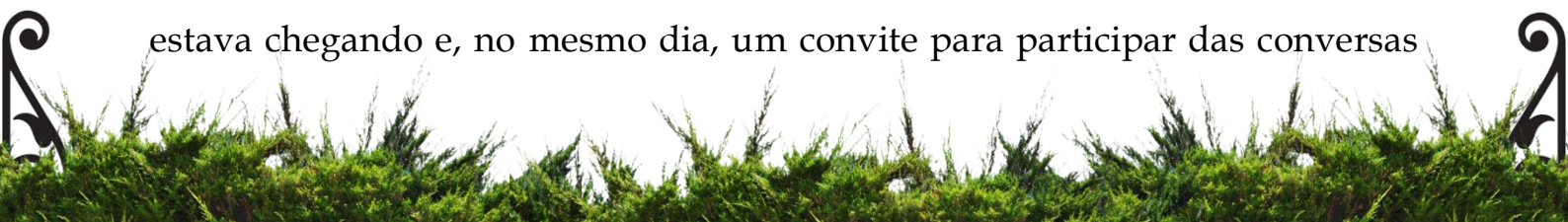
—Devo dizer, — A boca bastante espaçosa de Fatima se gabou. — Cabia a nós estabelecer um precedente, mas argumentos foram feitos a favor. Isso nunca passou pela nossa cabeça até uma conferência com nosso Poet e, de alguma forma, a ideia surgiu em nossas cabeças.

A rainha poderia ter me deixado de fora disso, e as coisas poderiam ter sido diferentes. Porque ela não o fez, isso afetou o clima como uma vela.

Bem, agora eu tinha que olhar.

O sorriso da princesa desapareceu em um fio de fumaça. Seguiram-se várias emoções nocivas, como confusão, decepção e, finalmente, indignação. Os músculos do rosto dela estavam tensos, tentando permanecer neutros, mas eu vi a acusação em seus olhos. Ela pensou que tinha conseguido seu lugar aqui por ser uma princesa perfeita, quando, em essência, eu o dei a ela. Fui eu, não ela, quem fez isso acontecer.

Ela assumiu uma coincidência quando eu lhe disse que uma surpresa estava chegando e, no mesmo dia, um convite para participar das conversas





chegou à sua porta? Aparentemente sim. Ou ela entendeu que essa era a surpresa - mas não havia percebido até esse segundo que eu participei da orquestração.

Ela pegou seu cálice e drenou o conteúdo, sua garganta se estendendo demais. Já ofendi muitas vezes, mas nunca irritei uma garota a ponto de não ter meios criativos para consertar. Meus poderes de percepção haviam me abandonado, já que eu deveria ter previsto essa convulsão, que a Coroa revelaria os detalhes de nosso pequeno amontoado.

De um tópico para o outro, a princesa contribuiu com seus pensamentos com confiança e objetividade. E com um rancor privado.

Ela me ignorou. Apenas para meus comentários, ela permaneceu rígida e seca — toda acesa e sem chamas. Então enviei Tumble para a cadeira dela, para afrouxar o humor dela.

Seu Peido Real Majestade de Verão bebia com calma. No caminho de Tumble, o rei deu um tempo na farra do hidromel, levando meu furão com a bota. Tumble imediatamente voltou para mim, arrastando o rabo.

Com as mãos atrás das costas, dei a volta na mesa, fazendo minhas próprias observações, espalhando vários comentários, zombaria que deveria tê-la irritado, reflexões que deveriam ter chamado sua atenção. Para meu aborrecimento, a princesa apertou a mandíbula e consultou os colegas, zombando de mim por tentar.

— Passando ao assunto dos tolos. — Anunciou Basil.

Meu olhar disparou, assim como o da princesa. Seus olhos dispararam para mim, questionando se eu esperava que isso estivesse na agenda.

Apesar da crueldade coletiva, as leis que declaravam os tolos nascidos como propriedade real e ditavam seu tratamento eram questões restritas ao reino individual. Não eram preocupações unificadas, como rotas de





importação e exportação, territórios neutros, piratas e contrabandistas, códigos de guerra ou imigração ilegal entre as estações.

Então não. Para dizer o mínimo, eu não tinha previsto isso.

Na oportunidade certa, eu pretendia introduzir novas ideias sobre tolos na mente de Primavera, para conquista-las lenta, mas seguramente. No entanto, havia uma recompensa da realeza à minha disposição. As leis não mudariam hoje, mas eu poderia me esforçar para começar, para prejudicar seu fanatismo em uma escala maior. Quer eu estivesse pronto ou não, eu precisava estar.

Finalmente, a princesa e eu trocamos um olhar. Foi um olhar mútuo, criado a partir de três dias em uma floresta floral que declarou esse momento digno de deixar de lado seu orgulho ferido e meu humor. Não tínhamos planejado isso, mas compartilhamos nossas ideias nos arquivos. Isso, e nossa capacidade de ler um ao outro, seria suficiente.

Como formalidade, Basil desenrolou-se e recitou o Decreto dos Tolos. O documento afirmava que, embora os tolos nascidos permanecessem relações de sangue com suas famílias, eles se tornaram propriedade da Coroa. Eles deveriam ser usados tanto para trabalho (se as tarefas exigiam pouco em termos de inteligência) quanto para entretenimento (se eram propensos a desajeitado e cômico), ou para serem mantidos como prisioneiros em masmorras (se fossem violentos ou inúteis).

Quando o rei da Primavera reiterou isso, imaginei que meu filho pertencesse à classe simplória de tolos, sendo assediado em carnavais sempre que perdesse a direção.

Deixando o pergaminho em cima da mesa, Basil congratulou-se com os argumentos relativos a uma nova emenda a ser adicionada ao decreto. A realeza já considerava há algum tempo a opção de trocar tolos entre reinos.





Como parte da troca, o documento dizia: — Os tolos, e tudo o que são, estarão vinculados à sua nova Estação.

Eu sabia sobre essa alteração e esperava que não visse a luz do dia. Como cada estação valorizava mais certos atributos em simplórios do que outros, não tinha ilusões de que esse encontro assinaria a emenda, outra maneira de os abutres transformarem os nascidos em escolhas fáceis.

No Verão, os simplórios infantis teciam redes, trabalhando sem parar, apesar do que faziam em suas mãos. Quanto mais desajeitado, mais divertido e atraente para Primavera. Sedentos por conhecimento, os cientistas de Inverno valorizavam os tolos sedados, e seus estudiosos estavam expressando interesse em pesquisar o comportamento variável dos simplórios - por isso ouvi meus soberanos. E, apesar de ordenar tarefas muito mais gentis, Outono se beneficiava mais dos que possuíam condições físicas.

Quanto aos tolos enlouquecidos, eles apodreciam nas prisões das Estações, problemático, pois os membros da realeza precisavam desses espaços para criminosos — Verão acima de tudo, com o maior número de malfeitores. Brisa do mar à parte, umidade e picadas de mosquito tendiam a irritar seus cidadãos, e eles eram inerentemente muito voláteis. Quem quer que considerasse o oceano um lugar revigorante, precisava reconsiderar a realidade de ondas quebradas, queimaduras solares e areia, amontoados em lugares que ninguém deveria ter.

Embora nenhum dos monarcas desejasse abrigá-los ou tolerá-los, os loucos seriam incluídos na emenda, apenas no caso de uma mudança ou oportunidade imprevisível. Enquanto isso, sem dúvida, a realeza estaria discutindo alternativas de como lidar com o problema.

Rhys, do Verão, resmungou, embora ele fosse mais útil para todo mundo enfiando o bigode na boca. — Proponho um depósito coletivo para os





extravagentes e excessivamente imbecis —, disse ele. — Os que se mostram selvagens ou impossíveis de utilizar. Poderíamos estabelecer um acampamento em solo neutro, em uma das ilhas, talvez. Como uma colônia de leprosos.

Meu sangue brilhava com ódio. — A ignorância é mais contagiosa do que a lepra jamais será.

— Bobice é um perigo —, disse Verão. — Os loucos reclamam, elogiam e ferem pessoas inocentes. Se não for útil, os naturalmente estúpidos são um aborrecimento e um fardo. Isso por si só atua como um contágio. Um caso grave de pulgas.

A princesa respondeu: — Se eles são tão problemáticos, por que não os deixar para suas famílias?

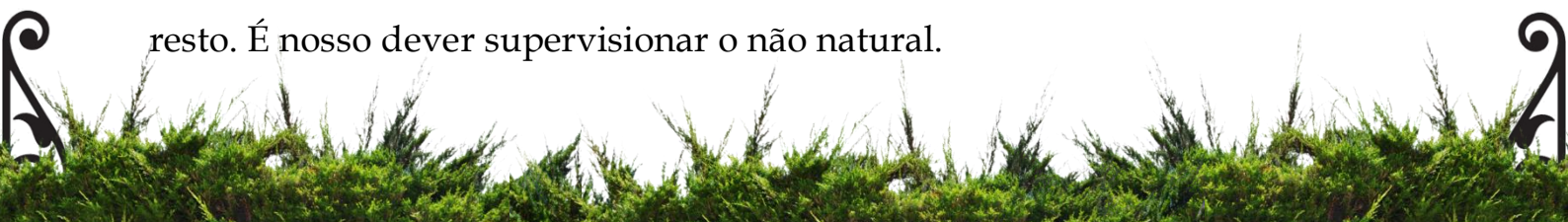
— E permitir que os mutantes baguncem os nossos reinos livremente? Isso complicaria o problema, não o resolveria. Já é ruim o suficiente termos de armazenar os incontroláveis quando não temos celas suficientes.

— Ah —, eu ataquei. — Posso oferecer uma dica, então?

— Sobre o meu cadáver podre, você pode.

— Eu sugeriria me livrar de pessoas feias. Envie-os para esta sua ilha de fantasia, já que ninguém os quer. Isso daria espaço extra nas aldeias.

A cabeça de Rhys inchou para dobrar de tamanho. — Vejo que seu cérebro insignificante exige perspectiva. Por que possuímos idiotas? Porque eles inibem nossos cidadãos. Quem não tem a inteligência de cuidar de si mesmo é um desperdício de espaço. As famílias, tanto ricas quanto especialmente pobres, não podem se dar ao luxo de vergonha ou inconveniência de cuidar de um tolo. Como soberanos, estamos servindo nosso povo carregando o fardo, trabalhando com os tolos capazes e prendendo o resto. É nosso dever supervisionar o não natural.





— Isso não significa que temos o direito de tratá-los com crueldade. — Disse a princesa.

A realeza a encarou: desde quando isso se tornou uma questão de simpatia em vez de praticidade?

— Você fala como se eles fossem um de nós, querida. — Disse Silvia de Inverno, preocupada.

O rei Rhys soprou ar quente. — Você pode vir da terra branda do Outono, mas não seja ingênua, Alteza. Os loucos tendem a explodir a qualquer momento. Quanto ao tolo, se eles são bons para trabalho ou humor, pelo menos têm um objetivo.

— Os padrões de humor da Primavera podem ser mais altos —, Sugeriu. — Se Whimtany precisa de palhaçada, minha espécie pode fazer isso com maior efeito.

— E você custa mais para fazê-lo.

— Em outras palavras, você é barato. Ou você acha que a Primavera é pobre. — Eu deslizei entre Basil e Fatima, coloquei meus braços sobre o topo de suas cadeiras, minhas mãos balançando ao lado de suas cabeças e me inclinei. Eles consideraram minhas palavras, sua atenção um espaço rastejante através do qual implantei uma ideia. — Eu não sabia que essa era a impressão generalizada que você queria dar, Majestade. Estou me dando conta: você pode possuí-los, mas que qualquer reino confiaria isso desesperadamente em serviços não pagos e de baixa renda é inconsistente com a qualidade do seu vinho.

— Para os loucos, proponho uma instalação médica em terreno neutro. — Anunciou a princesa, uma ideia sobre a qual falamos nos arquivos.





O rei Rhys bateu a palma da mão na mesa. — Uma excelente ideia. Uma torre de tolos, onde podemos usá-los para pesquisas médicas. Inverno, seus cientistas ficarão satisfeitos.

A princesa se irritou. — Eu quis dizer um santuário. Uma torre para reabilitação. Se algo não está certo com a mente, deve ser examinado e cuidado. Além dos médicos de cada reino, Inverno pode dedicar um lote de seus estudiosos à causa.

— Você não pode consertar areia movediça. É um risco perpétuo.

— Nós não sabemos disso. De nossos tronos individuais, poderíamos julgar para determinar do que os tolos nascidos sofrem e se eles representam uma ameaça. Se assim for, eles serão enviados para este lugar para cura ou... estabilidade.

— Nossa, estaríamos atendendo a eles mais do que o resto do nosso povo!

— O rei Rhys urrou. — E sem motivo.

— A melhoria da sociedade me vem à mente —, eu disse, como se a perspectiva acabasse de chegar. — Os membros da realeza se consideram reais e com visão de futuro. Se isso for verdade, suas ações devem refletir isso. Não há dignidade em encontrar-se confiando apenas em masmorras, calabouços e guardas bêbados.

— Imagine o seguinte: se você tem talento para compreender melhor as garras da loucura, as pessoas terão fé ilimitada em você. Pense na admiração generalizada. Iria estabelecer que não há nada que as Estações não possam realizar. E que legado para si!

Avalea de Outono torceu em direção à filha. Com uma voz razoável que me deixou tenso, a rainha perguntou: — Quantos médicos sacrificaríamos por esse tratamento, quando muitos de nossos outros cidadãos precisam de





remédios diariamente? Que mão de obra poderíamos poupar para construir esta torre? À custa de quem? Quanto de nossos recursos iria para isso?

A princesa vacilou. —Precisamente. Esses são detalhes a serem deliberados. E quanto aos que não apresentam perigo, eles devem pertencer às suas famílias. Deve ser a decisão dos parentes o que acontece com o sangue deles.

Ela olhou para mim. Na sugestão, eu entrei.

Andando ao lado do comprimento da mesa deles, toquei meu queixo. — Eu me pergunto. Longe de mim, mas conceder às famílias essa liberdade estabeleceria ainda mais lealdade e devoção à sua Coroa. Todo mundo anseia pelo poder de escolha em sua vida, não importa quão insignificante. E vamos lá, não é como se parentes de tolos quisessem manter seu fardo.

Eu gostaria. A maioria não. Nicu tinha uma condição menos exigente em comparação com os outros, então a devoção que eu expressava não seria proferida por todos os parentes de alguém com uma mente diferente. Mesmo assim, isso não justificava entregá-los a algemas. Eram pessoas que estávamos falando. O mundo precisava parar de identificar o que eles chamavam de tolos nascidos como desumanos e sem valor, como tendo apenas fraquezas, sem forças ou almas próprias.

Embora fosse muito cedo para expressar esse ponto. Os habitantes desses reinos tinham meios de subsistência para pensar. Se eles não estivessem envolvidos em negociações que já utilizavam seus próprios tolos relacionados ao sangue com a permissão da Coroa, eram poucas as chances de que essas famílias fossem ligadas. Nesse caso, artistas, estudiosos, pescadores e fazendeiros de todo o reino provavelmente não perderiam suas ferramentas idiotas.





Por mais horrível que eu tenha achado, isso não criaria uma grande mudança nem influenciaria a atitude de ninguém, mas pelo menos renunciar a simplórios seria a determinação das famílias. Esse direito seria instilado - um pequeno começo.

Isso me permitiria ficar com Nicu. Isso vinha primeiro, antes de tudo.

— É um risco menor que cria a ilusão de escolha —, resumi. — As pessoas não terão algo tirado delas, mas terão o poder de 'doar'. O amor deles pela Coroa será ainda mais cimentado.

— Nós levaríamos os tolos a sério. — Objetou Silvia do Inverno.

— E pedindo que nosso pessoal faça o mesmo. — Disse Giselle, de Verão.

— Esta discussão está negando toda a emenda —, cuspiu o marido. — Está negando todo o decreto. O fato de termos desviado esse tempo é além de vergonhoso. Desde quando as aberrações da natureza merecem nossa compaixão?

Sua Alteza do Outono torceu o nariz. — Você poderia dizer que avalanches e inundações são aberrações da natureza.

— Não podemos controlar as falhas da terra, porque elas não têm corações batendo. Não ter esse poder é o grande mistério das próprias Estações. Nossa sociedade, que podemos controlar. — O rei do verão bateu com o dedo na mesa. — É nosso dever.

— Não é nosso dever abusar. É nosso dever ajudar.

— Eles não são normais!

— Mãe? — A princesa desviou-se para Avalea do Outono, implorando: — Você e o pai sempre disseram... Você me disse como devemos tentar... Há alguns que não podem ser ajudados, mas os que podem ser...

A rainha pousou a palma da mão sobre a filha, expressando o próximo pensamento de seus companheiros monarcas. — Como as pessoas se sentiriam





sobre isso em algum reino? Sim, eles podem apreciar a escolha do que fazer com seus parentes tolos - sem criar uma redução notável no serviço. Mas se algumas famílias optassem por manter seus parentes simplórios - por quaisquer razões ou crenças que mantivessem ocultos, haveria integração forçada e interação social nas cidades. Essas famílias seriam acusadas de agredir suas comunidades e serem simpatizantes, o que poderia levar a vergonha, tensão e agressão.

— Além disso, as pessoas veriam seus governantes gastando energia e reservas originalmente destinadas a eles, a fim de ajudar os loucos, ao mesmo tempo em que rejeitavam a possibilidade de um comércio amplamente apoiado. Iríamos favorecer aqueles vistos como defeituosos ao lado daqueles de mente sã que também precisam de nossa ajuda. Eles veriam isso como um desequilíbrio. Uma redução do nosso apoio.

— Mas-

— Então, como eles reagiriam a essa mudança?

— Precisamente. — Destacou o rei do Verão.

O preconceito era uma maldição de gerações. Como as pessoas reagiriam?

Eles se revoltariam. Assim que seria.

O Outono sereno, a Primavera brincalhona e o Inverno plácido tinham seus limites, seus lados sombrios como o Verão.

Desamparado, vi a refutação da rainha mobilizar minha princesa para o lado da realeza na sala do trono. — Você não está apenas propondo uma mudança social monumental, mas também questionando as crenças das pessoas, desafiando-as e arriscando agitação. Você está pedindo que eles façam sacrifícios e duvidem de você. O que você está sugerindo pode levar décadas para alcançar pacificamente.





— Não temos décadas! — A princesa gritou.

Ela quis dizer que eu não tinha décadas. Nicu não.

Ficou tão quieto que podíamos ouvir um barulho de poeira caindo no chão. As expressões atordoadas de sua mãe e todo mundo extraíram um rubor da garota. — Ou seja, não precisamos de décadas. Mas... — Ela baixou os olhos. — Sim. Levaria mais tempo.

Minha boca saiu da sua paralisia. — Pela minha opinião, há mais duas horas para esta reunião. Nos divirta com ideias.

Avalea estreitou os olhos. — Isso não é algo a ser decidido em uma sessão, bobo da corte.

Aquele olhar afundou nos vales. Dizia: *Fique longe da minha filha.*

Ela sabia. Ela sabia que eu tinha feito de tudo para a princesa, menos que ela tivesse um filho. Ela sabia como Jinny sabia, como as mães sabiam.

Como os pais também.

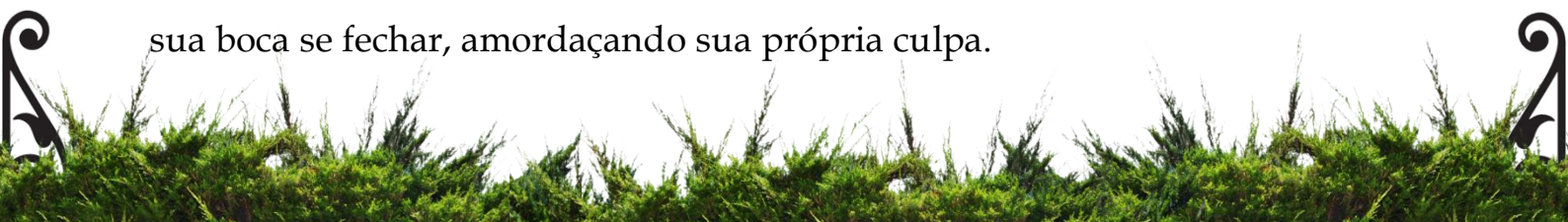
— Outono está certo. Poderia levar anos para chegar a um plano unânime sobre esse assunto. — Concordou Fatima com relutância, junto com o marido.

— Assumindo que todos temos o mesmo objetivo, o que não temos —, Rhys insistiu. — O assunto é discutível.

— Claro. Eu entendo — A princesa murmurou. — Foi prematuro da minha parte sugerir isso.

Senti suas palavras nos meus punhos, vi-as nas colinas que se estendiam além do castelo, levando à cabana de Jinny, e nos fragmentos de luz que rasgavam as nuvens.

Um pedido de desculpas partiu os lábios da princesa, tentando arrancar seu caminho de sua garganta, mas, querida, estávamos cercados. Estávamos em exibição e fizemos uma exibição. Um canto cruel de mim gostava de ver sua boca se fechar, amordaçando sua própria culpa.





Seu remorso insultou a nós dois, pois isso significava que ela havia aceitado seu erro em vez de ficar acima dele e continuar a argumentar. Eu não queria os olhos tristes dela. Eu queria uma retração.

A raiva apimentou minha língua. — Eu não esperava que você aceitasse a derrota facilmente, Alteza. Não é o caminho da realeza. Bastante decepcionante.

Ela endureceu em uma laje de mármore. — Não é derrota. É diplomacia. Se você fosse um de nós, entenderia isso.

— Verdade. Eu não sou um de vocês, e ainda estou aqui.

— Você está aqui como criado, junto com as páginas que nos servem de bebida. Minha mãe está certa. Este é um empreendimento bruto, que não deve ser perseguido precipitadamente.

— Quando você escolhe algemar um problema, não o está confrontando ou sendo diplomática. Você está dizendo ao mundo que não está preparada para resolvê-lo de nenhuma outra maneira criativa ou inteligente. Você está admitindo que é uma tola.

— Poet! — Basil criticou.

Poet, de fato. Eu nos meti nisso e me culpei por não pensar rápido o suficiente para derrubá-la. Eu deveria ter despertado uma palavra, uma frase, uma tosse maldita quando tive a chance, em vez de deixá-la nos levar até o precipício - depois nos virar de volta. Eu deveria ter pensado melhor do que esperar que a princesa não fosse influenciada. Desvios verbais comigo não se comparam a debater com os anciãos reais.

Trair esse assunto mais delicado não era sua intenção. Se o arrependimento em seus olhos era alguma indicação, seus instintos haviam desempenhado pouco papel nisso. Ainda assim, deliberada ou não, sua lógica fez uma escolha e a expressou, deixando-me abalado no processo.





Como é idiota pensar que poderíamos nos unir. Eu deveria ter confiado em mim mesmo, como eu estava fazendo. Passei um ano tentando conquistar a confiança de Primavera. Eu não precisava da ajuda dela.

Não. Eu queria isso. Desiludido, me surpreendeu que eu a queria do meu lado.

Não mais, e nunca mais. Mais uma vez, eu contra eles.

Eu devo ter escolhido a princesa à parte com os olhos, porque as cabeças se inclinavam de mim para ela. Sob aquele horrendo esfregão de bigode, o rei do Verão zombou, sentindo um prazer sombrio ao ver meus soberanos me repreenderem. As rainhas do Inverno piscaram. A rainha do Outono olhou para a princesa. Basil e Fatima apodreceram na minha direção. Com um único soco verbal, eu ofendi todos a realeza na mesa. Meu humor perdeu, eu pisei no gelo fino. A princesa e eu fizemos, e para esta companhia, um tópico tão lamentável.

Se eu persistisse, cavaria uma cova mais profunda. Meu temperamento irromperia e anularia minha astúcia. Isso me levaria a cuspir coisas das quais me arrependeria mais tarde, possivelmente enquanto eu passava um dia na masmorra esfriando meus calcanhares. Na melhor das hipóteses, se eu não me expusesse como simpatizante.

Podemos não ter reunido cada figura de proa, mas tivemos a Primavera. Tínhamos meus soberanos ao nosso alcance, tão perto.

Primavera me dispensou da sala do trono. A princesa teve a coragem de fazer uma objeção, que sua mãe reprimiu ao apertar o pulso da garota. Movimento brilhante, pois minha pretensa amante me fez favores suficientes hoje.





Inclinando a cabeça, dei passos medidos até a porta. Lá fora, tropejei pelo corredor em direção à sua câmara, onde me escondi nas proximidades. Duas horas depois, ela veio.

Parando na frente de sua porta, ela se virou para mim no mesmo instante em que me afastei dela. Fui em direção ao primeiro painel escondido disponível, bati minha palma contra ela e entrei. Meu ritmo a forçou a trotar atrás de mim. Cortamos em um túnel e subimos uma escada aleatória. Eu não poderia me importar menos para onde isso levaria. Nós espiralamos alto, nossos sapatos batendo nas pedras.

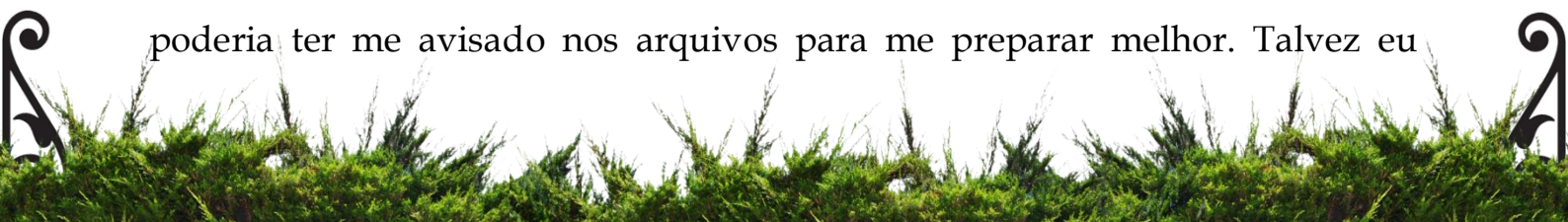
Quando chegamos ao topo, para uma única porta, minhas juntas queimaram. Não importa, porque eu abri a barreira e me joguei para dentro, fechando a porta assim que ela passou. Ah, pensei, contemplando o nosso entorno. A torre do sino, cercada por arcos que davam para Whimtany. No meio, um instrumento gordo de música balançava, sua circunferência prometia uma morte sangrenta aos tímpanos de uma pessoa, se passassem aqui de hora em hora.

—É uma maravilha que a Coroa não use este lugar para torturar —, pensei. —Punição por uma dúzia de gongos. O efeito do ruído é subestimado - não que eu tolere tortura. A visão de sangue me deixa tonto.

—Eu sei que você está com raiva —, disse ela. —Não é como se eu esperasse que tolos aparecessem na discussão.

—Você já sabia como se sentia sobre eles? Disseram-me que ter um ponto de vista sólido com antecedência ajuda quando você é pego de surpresa. A propósito, presumo que a realeza sancionou a emenda e a assinou. É esplêndido saber que entrou em efeito imediato.

—Um ponto de vista precisa de apoio, como em qualquer debate! Você poderia ter me avisado nos arquivos para me preparar melhor. Talvez eu





tivesse encontrado algo de substância se soubesse que parecia mais, mas você me jogou nisso!

— Primeiro, acredito que você fez o seu melhor no cofre. Tentei descobrir informações que ajudariam meu pedido, sem sucesso. O fato de você não encontrar nada não é o problema. Segundo, não conheço um cronograma avançado das peças teatrais das negociações de paz, embora esteja lisonjeado que você ache esse bobo da corte tão elevado. Terceiro, perdoe este humilde servo por pensar que ele estava fazendo algo especial para você.

— Supus que você simplesmente soubesse que eles me convidariam — e essa era a surpresa. Eu não pensei que você tenha planejado, mas eu deveria. Eu deveria te conhecer agora. Quem é você para representar meus negócios? Quem é você para dirigir meu destino? Você me minou e me mortificou!

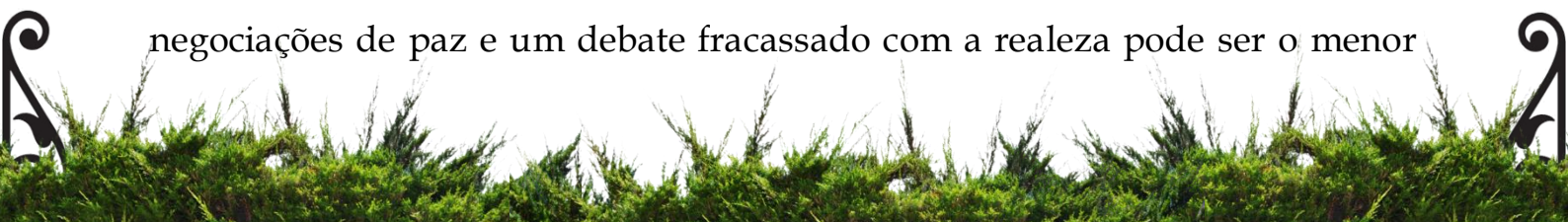
— Não, eu consegui o que você deveria ter feito por si mesma —, eu assobiei. — É disso que se trata. Você é inteligente e autossuficiente, mas deixa a tradição te enganar. Talvez seja por isso que não conseguimos encontrar nada nos arquivos: porque quando você se apega a maneiras e documentos passados, não há nada a dizer! — Eu bati na borda da campainha para enunciar meu argumento. — Você quer que as coisas mudem? Então troque-os!

— É complicado! — Ela gritou de volta.

— Assim é ter um filho, mas eu consigo.

— Você está falando de um filho. Estou falando de sete monarcas e dos princípios de quatro reinos. É isso que tenho contra mim.

— Contra você? — Eu cuspi. — Praga. Desastres naturais. Traidores e assassinos. Um tratado quebrado e uma guerra inesperada com outra estação. Aprimore suas habilidades de princesa, porque se mamãe Outono ainda não a alertou, a devastação é uma responsabilidade do monarca. Um assento nas negociações de paz e um debate fracassado com a realeza pode ser o menor





dos seus desafios. Se você não consegue lidar com isso, pelo menos fingir sua gratidão quando uma pessoa se importa o suficiente com você para ajudar.

— Eu também me importo com você!

Em um instante, eu fiquei na frente dela. — Diga-me então. Diga-me o que sou para você.

De maneira alguma eu tinha planejado questionar isso, nunca. Mal tive a ilusão de que nosso mundo aceitaria nosso encontro, permitindo que ele se estendesse a algo significativo. No entanto, no meio de nossa briga, minha mente exigia saber. Por mais tolo, meu pulso ansiava e martelava para saber.

Naturalmente, a resposta que eu queria não veio. Seus olhos brilhavam, um efeito angustiante na minha alma. Sem perceber, eu a deixei muito fundo em mim.

— Sou Outono. Você é Primavera — ela disse. — Você está ficando. Estou indo embora.

— Você é da realeza. Eu não sou. — Minha risada foi maldosa. — Deve ter sido emocionante para você ter o Bobo da Corte de Whimtany à sua disposição, trazendo seu segredo imundo de joelhos. De muitas maneiras.

Ela ficou carmesim. — Não foi assim! Você es-

— É claro que enquanto você estava ocupada batendo meu coração em pedacinhos na sala do trono, eu teria apreciado que você tentasse não esmagar minha agenda enquanto estava nisso.

— Eles são meus anciãos e reinaram por décadas. Eles fizeram isso mantendo uma aliança pacífica. Eu tive que considerar os argumentos deles.

— Sua idiota inconstante e submissa! Passei um ano preparando a Primavera, mas em uma única mordida você mastigou meus esforços e os cuspiu de volta!





— Eu dificilmente te forcei a rosnar para mim em público. Poet, acredito no que você está fazendo. Estou do seu lado, mas você está vendo isso como pai. Eu tenho que olhar isso como um membro da realeza. Não posso me esquivar do que meus ancestrais colocaram em prática.

— Você quer dizer os mortos e os enterrados? Esses ancestrais?

— Pare de falar baixo comigo, Poet. Não sou uma criança perdida que nunca entenderá a diferença entre esquerda e direita. Eu não sou Nicu!

Silêncio mortal. Quando joguei aquelas adagas no alvo no grande salão, o impacto fez vibrar o punho. Suas palavras foram aquelas adagas. Eu era o marcador. Ela atingiu meu centro, me deixou sem equilíbrio. Eu tropecei para trás, um passo desajeitado, como um tolo.

Como um idiota.

Se o sino tocasse, eu não ouviria. Sua voz me invadiu o suficiente. Se eu já estava lívido antes, não há nada comparado a isso. Esta dor.

Atordoada, ela registrou seu erro. As sobrancelhas dela voaram para a testa, a pele embranquecendo de horror. — Não —, ela implorou. — Não, Poet. Eu não quis dizer...

O que ela não quis dizer foi cruzar essa linha. Mas ela tinha. Isso, depois de tratar meu filho com bondade, depois de me fazer pensar que ela estava acima deles.

O pânico a empurrou em minha direção. — Poet, me des...

Minha palma se levantou, detendo-a. Minha boca se fechou em fúria. Bati meu dedo duas vezes, deixando claro. Nem mais uma palavra.

Ela podia se arrepender de tudo o que queria. Eu tinha certeza de que ela iria, pois perder um bobo da corte era como perder um brinquedo bonito. Sim, ela poderia se arrepender, e daí? Desculpe, não foi a história toda. Quando a





raiva saiu, desenhando palavras como espadas, o mesmo aconteceu com a verdade. Então agora eu sabia como ela realmente se sentia.

Perdida. Foi o que ela pensou dele.

Eu admitiria: às vezes as palavras mais simples tinham os dentes mais afiados.

Boa viagem, pois passei por ela, deixando-a para trás. Nós terminamos. Finalmente terminado.





CAPÍTULO VINTE E UM

PRINCESA

Quando minha mensagem rabiscada para ele ficou sem resposta, o desespero tomou conta de mim. Alegando uma dor de cabeça para a mãe, recusei uma refeição comemorativa tardia com a realeza. Fiquei no meu quarto até que o sino tocou a hora, as vibrações inundando o reino para anunciar a ceia. Meu queixo tremia com a lembrança daquela torre, do que eu havia dito lá.

Sem uma vela ou candeeiro, eu abri minha porta para ver se havia algum guarda do lado de fora, depois rastejei da minha ala e abri caminho para os aposentos dos criados. O quarto dele estava vazio e escuro. Eu ansiava tanto por ele que me impus em sua cama, empoleirada na beira. Coloquei minhas pernas em meu peito e passei meus braços em volta dos joelhos. Enrolada em uma bola, abaixei a cabeça e esperei.

Ele poderia estar entretendo a realeza enquanto eles jantavam. Ele poderia estar fazendo companhia com a única pessoa que me machucaria vê-lo.

Em breve, mamãe poderia voltar ao meu quarto para me verificar. Se eu não voltasse a tempo, teria que inventar mais uma desculpa. Eu a tenho excluído por muito tempo. Ao interpretar aliados - mais do que isso - com o bobo da corte, eu menti para ela. Para ela e para os outros.

Uma princesa não fere as pessoas. Ela não deveria.





Não encontrei nada de substância nos arquivos. Não fiz justiça a Poet e Nicu, e agora as Estações podem trocar tolos nascidos. Posso não ter assinado a emenda, mas meu silêncio contribuiu para sua existência.

A porta rangeu. Minha cabeça se levantou. Uma lasca de luz do fogo se estendia pelo chão, mostrando sua sombra. Ao me ver, ele se assustou. Ele olhou para o corredor e piscou para mim.

— Briar? — Eliot perguntou.

— Olá. — Eu choraminguei.

— O que você está fazendo aqui?

— Eu sei. Eu sinto muito.

Ouvindo o estalo na minha voz, ele suspirou. Não é a recepção de apoio que eu esperava. No passado, ele teria corrido até mim, insistido em saber o que estava errado e como ele poderia ajudar - como eu faria por ele sem questionar. Eu assumi que ele iria me receber, vendo minha angústia.

Em vez disso, ele hesitou. Nós nunca nos encontramos no quarto dele. Eu já estive aqui antes, mas brevemente e com o pretexto de solicitar uma música para um evento, querendo ver onde ele dormia, outra maneira de estar perto dele. A tensão que revestia seu rosto não tinha nada a ver com o escândalo de eu estar aqui, quando o flautista que dividia o quarto com ele podia entrar a qualquer momento. Seu tom brusco sugeria que eu estava invadindo por outros motivos.

Ele atravessou o chão e se estabeleceu ao meu lado. Nenhum braço em volta do meu ombro, nenhuma mão apertando a minha ou bagunçando meu cabelo. Não nos víamos desde o labirinto, mas algo mudou na minha ausência. Quando não estava com mamãe, passara minhas horas secretas com Poet, fazendo coisas que esmagariam Eliot se ele as descobrisse. Eu não tinha o





direito de estar aqui. Horivelmente, indulgentemente, eu estava negligenciando meu amigo. Eu o traí.

Mas ele não sabia disso.

Ele olhou para o alaúde apoiado no canto. Ele deve estar triste por eu ter demorado tanto para encontra-lo novamente. Isso explicaria seu silêncio incomum.

Quando tínhamos quatorze anos, escrevemos uma música juntos. Era sobre cavalos governando um reino animal. Eu me perguntei se ele se lembrava das palavras. Minha contribuição foi terrível, mas ele incluiu as letras irregulares, porque éramos amigos. Era o que os amigos faziam.

Minha garganta se contraiu. Eu não choraria.

—Fui convidada para as negociações de paz. — Eu olhei para os meus pés, percebendo que isso era novidade para ele. Há pouco tempo, ele teria sido a primeira pessoa a saber que fui convidada para as negociações. —Queria causar uma boa impressão e deixar mamãe orgulhosa. Eu tentei falar sobre algo muito importante para... para mim. Mas eu estraguei tudo. Eu senti lá enquanto todos me encaravam. Eu falhei com pessoas que dependiam de mim e não posso desfazer isso.

—Estou surpreso que você me diga isso —, disse ele. —Ou seja, estou surpreso que você valorize minha opinião, pois você não a solicitou nas últimas semanas desde seu retorno da floresta. Você é uma garota ocupada, isso é verdade. Mais ocupada do que você costumava ser, enquanto eu sou um menestrel humilde.

Peguei sua mão preciosa. Seus dedos longos e musicais. — Isso é falso.

Ele se afastou. —Estou confuso porque você iria confiar em mim agora. Considerando tudo o que você escondeu de mim.





A cortina bateu no peitoril da janela. Suas palavras arrancaram o ar dos meus pulmões.

— Eu vi você. — Disse ele, sua careta me desafiando a negar.

— Eliot, por favor. Deixe-me explicar.

— Eu vi vocês juntos. Ontem à noite, quando você o provocou a se curvar e desejar uma noite agradável. Muito antes disso, tive a sensação de quando vocês dois voltaram da floresta, mas ignorei os olhares entre vocês. Recusei-me a acreditar que você faria isso comigo. Mas, pelo bem das Estações, você afrouxava as tranças e parecia que queria se desculpar comigo por alguma coisa. Seu queixo se dobra quando você está agitada, Briar.

— Não pretendíamos que isso acontecesse.

— Nós. — Ele repetiu, como se eu tivesse manchado a palavra e ele estivesse tentando limpá-la.

— Eliot...

— No jantar de ontem, notei como vocês se favoreciam. Eu o segui e o vi entrar no seu quarto e, quando você chegou lá, esperei, mas você não o expulsou. A porta não estava trancada. — Ele engoliu em seco. — Eu vi o beijo.

A mortificação chamecou minhas bochechas. No grande salão, senti alguém nos observando de perto. Eu provoquei Poet, então ele roubou no meu quarto, caiu de joelhos e enfiou a cabeça debaixo das minhas saias.

Devastação deve ter aparecido no meu rosto. A visão disso paralisou Eliot. — O que mais você fez, não quero saber. Depois do beijo, eu não aguentava mais assistir. — Ele ficou de costas para mim. — Você era minha melhor amiga, Briar.

Eu me levantei em membros gelatinosos. — Eu ainda sou.

— Você pensou em mim? Com Poet, você já pensou sobre o que isso faria comigo?





— Sim. Sim eu fiz. Nossa amizade significa tudo...

— Não, não significa. Você o deixou te seduzir. Você, de todas as pessoas, que torce o nariz para sonetos e prefere comer sal a dançar. Mas não, você dançou no labirinto. Quando eu vi você assim, foi como ver aquela menina de doze anos de novo, a animada que fez amizade comigo em um mercado, antes de seu pai morrer.

— Eu apreciei a pessoa que você se tornou, mas você nunca foi completamente você mesma, nunca completamente feliz. Eu sabia que aquela garota estava dentro de você em algum lugar. Eu comecei a ver vislumbres dela, e é por causa de Poet.

Sim e não. Era também por minha causa. Poet não trouxe nada que já não estava lá. Aquela garota havia sido enterrada dentro de mim, adormecida ao lado de meu pai, esperando para ressurgir.

— Nós não... foi especial com ele. Você sabe que eu não me arriscaria se não fosse.

— Briar, eu não tenho ideia do que você faria mais.

— É claro que pensei em você, mãe e no mundo inteiro. Mas ele se tornou outro tipo de mundo — por um tempo. — Falei. — Acabou agora. Não ia durar.

— Você o ama?

— Não como eu te amo!

— Isso é óbvio.

— Você é meu melhor amigo!

— Eu sou seu único amigo. E isso não é uma resposta.

Não era. Lembrei-me da tristeza de Poet quando escondi o que ele significava para mim, e depois do colapso dele quando insultei Nicu. Por um instante, no meu estado perturbado, eu me abandonei e ofendi seu lindo filho.





Eu pronunciei palavras que não quis dizer, nunca quis dizer. Eu não conseguia me punir o suficiente por isso.

Eu adorava Nicu. Eu adorava o pai dele.

Baseado no aperto angustiado do rosto de Eliot, ele adivinhou meus sentimentos. Ele também queria Poet. Ele não sabia sobre a família de Poet, ou que ele gostava de sentir veludo na palma da mão, ou que sentia cócegas atrás dos joelhos, que gostava de tomar banho no escuro ou que dormia com o rosto enrugado - como o seu filho.

A afeição do meu amigo pode ter sido irracional, equivocada, amarrada no romantismo. Ou pode ter sido verdade e lúcida. Como artistas, eles desenvolviam seu próprio vínculo. Eliot pode ter amado Poet de um ângulo diferente, mas ainda era amor.

Durante todos esses anos, nem por um segundo eu temi que um intruso colocasse em risco nossa amizade. Para alguém ficar entre nós, eu supus que seria uma menina, e a preferência de Eliot eliminou essa possibilidade.

Eu nunca contei com outro garoto.

Mas isso não significava que Eliot importava menos para mim. O que quer que eu tenha sentido pelo bobo da corte não fez diferença lá.

Engasguei-me: — Se eu tiver que fazer uma escolha, sempre vou escolher você.

Eliot foi até a porta e a abriu. — E se eu não escolher você?

Memórias do jardim antigo, nosso ponto de encontro, onde sussurramos e rimos juntos. Momentos roubados que costumávamos desfazer e nos envolver. Agora se foi.

A agonia disso. Nós, não somos mais crianças. Ele desviando o olhar, como se minha promessa o repelisse. Eu silenciosamente implorando para ele





olhar na minha direção. Meu menestrel silenciosamente me implorando para sair.

Meu amigo fechando a porta atrás dele quando eu o fiz.

A trava clicando no lugar.



O Dia da Cotovia era um carnaval anual que celebrava o fim das negociações de paz. Começava ao meio-dia e durava até a noite, abrangendo uma das colinas de flores silvestres além do castelo.

No passado, o costume restringia-o à realeza, à nobreza e aos artistas - os da trupe residente do castelo e os grupos de viagem de Whimtany. Mas este ano, o evento recebeu todos os cidadãos, incluindo funcionários e moradores.

O dia forneceu uma variedade de diversões. Acobratas. Malabaristas. Arremessadores de facas, arremessadores de anéis e arremessadores de bandeiras. Competições, torneios e corridas. Zombarias, atos teatrais e marionetistas. Instrumentos de jogo, como vendas e bastões.

Basil e Fatima anteciparam o evento com alegria. Como os Mestres de Alegria designados, a Coroa elegeu alguém para jogar o Tolo do Festival no carnaval. Os atendentes ordenavam ao tolo que realizasse qualquer feito criativo que os participantes imaginassem e depois julgavam o tolo com elogios ou escrutínio.

O Tolo podia ser qualquer pessoa, de uma empregada de copa, a um simplório ou acrobata de uma das trupes, a um nobre. A Coroa planejava consultar Poet - atualmente em julgamento por seu comportamento na sala do trono - e debater sobre uma lista de candidatos.





Consegui convencer a realza de que sua explosão durante a palestra final não nos causou nenhum dano. Os bobos da corte eram excitáveis, afinal, afirmei. E ele não nos ofendeu publicamente, portanto, não era necessário dar um exemplo dele.

No entanto, o Poet recebeu ordens de ajoelhar-se diante de nós e pedir desculpas no dia seguinte. Ele fez isso de forma brilhante e com uma quantidade monumental de desprezo oculto. Principalmente ele apontou para mim, mas pelo menos sua obediência o poupou de açoitamento.

Por todo o castelo, as pessoas falavam das delícias que mais ansiavam. Eles fofocaram sobre quem a Coroa escolheria como o Tolo do Festival. Geralmente era alguém que havia atraído atenção recente para si mesmo - boa ou ruim.

Três dias antes do evento, os trabalhadores começaram a montar a colina, montando palcos e tendas cobertas de hera. Homens feitos de chumbo e areia lançavam postes no solo. Martelos batiam na madeira.

Como todos os anos, mamãe e eu nos oferecemos para ajudar. Equilibrando em cima de escadas, prendemos duas flâmulas - uma rosa e uma verde - ao topo de uma tenda. Conectando todas as tendas dessa maneira, os panos oscilavam de um pavilhão para o outro através do carnaval. Uma teia bonita que seria possível ver à distância.

As rainhas do Inverno e as Sete Tolas se juntaram a nós. Os monarcas idosos supervisionavam os esboços e o arranjo das tendas. As Sete se reuniram em um círculo, rindo e tecendo mais serpentinas.

Meu peito deu um puxão violento. Os cordões coloridos me lembravam a cabana de Jinny, as fitas penduradas no teto para guiar Nicu.

Mamãe disse alguma coisa, sacudindo-me do meu transe.

— Perdão? — Eu perguntei, voltando ao meu trabalho.





— Eu disse, você está bem?

— Claro. Por que você pergunta?

— Você desamarrou e retocou a guirlanda várias vezes.

Olhei para a minha corda verde. — Sou perfeccionista.

— Você é um exagero. — Ela amarrou o pano rosa na base do chapéu da tenda. — Como monarca, tenho orgulho. Como mãe, estou preocupada.

— Eu estou bem.

Eu perdi o sono. Eu sonhei com ele, pensei nele. Eu destruí minha alma por maneiras de expiar, convencê-lo de que ele era importante. Eu o procurei nos corredores. Eu tinha pensado em ir até ele, lutando mais, não aceitando o não como resposta. Eu queria provar a mim mesma.

Às vezes *ele* era Eliot. Às vezes ele era outra pessoa.

Eu puxei rajadas de ar através das minhas narinas. Uma princesa não sofre de um coração partido em público.

A menos que a fonte daquele coração partido tenha aparecido inesperadamente.

O vento suspirou. O sino do castelo tocou.

Muitas vezes, ele chegava em uma cacofonia de sons. Para mim, os barulhos me avisaram tarde demais. Senti sua amargura antes de reunir coragem para procurá-la. Meus olhos flutuaram através de galhardetes flácidos na grama, ferramentas afiadas e rostos barbudos.

Tropecei em um par de íris verdes e cruéis. Poet estava ao lado de uma tenda parcialmente elevada, com um trio de artistas que se esticavam distraidamente e brincavam um com o outro. Seus olhos deslizaram sobre mim com desprezo, depois se afastaram.

Em direção a Eliot.





Meu amigo era um dos artesãos do grupo. Seu olhar cauteloso passou de mim para o bobo da corte. Ciente da brecha entre nós, Eliot aproveitou a oportunidade, estendendo a mão para tocar o braço de Poet. Um acidente vascular cerebral prolongado do ombro ao pulso. Um gesto destinado a roubar a atenção de Poet.

A facilidade mútua deles provou que Eliot não havia confrontado Poet sobre mim. Mas, atualmente, Eliot disse algo, para o qual Poet olhou para os dedos do menestrel e depois para ele. Poet contemplou algo nas palavras do meu amigo. O que Eliot lhe dissera, estava funcionando.

Faminta por punição, eu os assisti juntos. A cada segundo seus olhos permaneciam trancados, outra das minhas costelas rachava. Eu não sabia como falar com esse Eliot, ou com esse Poet, antes carinhoso e transbordando de inteligência. Agora, estranhos que me ressentiam a ponto de me tornar invisível.

Eles poderiam estar juntos sem consequências. Eles tinham esse luxo, essa liberdade. Eu não era como eles. Eu não nasci para ter o amor que queria, não se isso conflitasse com meu dever. Meu reino me possuía. Meus desejos eram os desejos das pessoas. Minhas alegrias eram as alegrias deles. Minha dor, a dor deles. Esse era o custo de quem eu era, mas por alguns dias bonitos, eu esqueci isso.

Poet e Eliot trocaram uma risada, indiferentes ao fato de eu ter visto ou não. Talvez até esperando que eu fizesse. E doeu muito.

— Mocinha —, a mãe retrucou. — Ouça-me quando estiver falando com você.

Virei-me para a mãe e respondi: — Estou *ouvindo*.

— Não use esse tom em mim.





— Fiquei preocupada por um momento. Eu não estou autorizada? Estou ouvindo você há dezoito anos. Não é suficiente?

— Seus olhos estão sombreados. Você está lenta. Você empurra a sua comida. Você causou um alvoroço nas negociações de paz. Você está longe de estar bem. Você está chateada e não vai me dizer por quê.

— Essa é a minha vida. Deixe-me respirar, pela primeira vez.

— Eu sou sua mãe e sua rainha —, ela exclamou. — Você vai se lembrar disso. Se você insiste em fazer o contrário, não é filha de seu pai. Saia da minha frente.

As conversas marteladas e joviais cessaram. Eu empalideci que ela traria o pai para isso, que ela usaria a memória dele para me esfolar. Desci a escada, ciente do olhar de Poet. Dentro de uma hora, a conversa se espalhou, dizendo que Outono havia deixado de lado e brigado diante de Inverno, das Sete Tolas, do Bobo da Corte e de uma série de criados e artistas. E eu não me importava.

Quando passei pelas cortesãs, Vale e Posy me deram um olhar simpático. Cadence baixou a voz e riu: — Quem precisa de um festival? Atormentar um simplório não pode ser mais divertido do que isso.

Mãe não a ouviu. Cadence se certificou disso.

Mas eu ouvi. Poet também. Seu olhar disparou em direção a Cadence.

Um espasmo de ação. Eu me virei, caminhei até a moça e a bati no rosto.

— Briar! — Mãe gritou consternada.

Cadence uivou e segurou sua bochecha em chamas. Seu clã de seis olhou, horrorizadas.

— Isso não foi engraçado —, eu disse entre dentes. — Se você não pode dizer nada sem o devido respeito, mantenha a boca grande fechada.

Ignorando os chamados da mãe, passei por Eliot e Poet. Desci a colina pela cidade baixa e subi a segunda colina até o castelo. Finalmente, cruzando





o caminho do jardim de dalias, que funcionava como um atalho para meu quarto, flexionei minha mão. Minha pele queimava com o contato com o desprezo odioso de Cadence. Era uma maravilha que eu pudesse sentir uma sacudida de satisfação pelo que fiz. Foi contra meus princípios. Desafiava como um real deveria se comportar, especialmente a filha do Outono, conhecida em toda parte como uma menina composta por uma falha.

Estar chateada dificilmente era justificativa. Ao bater em uma das damas de companhia de Primavera, desrespeitei a rainha Fatima e desonrei minha mãe. Eu dei um péssimo exemplo e precisaria fazer as pazes perante o tribunal.

Não pude resistir a um sorriso presunçoso.

Uma mão bateu e me puxou para o mato mais próximo. Abri meus lábios para gritar - até que notei os cabelos prateados e a pele de estopa. — Jinny. — Eu ofeguei.

A mulher trêmula apertou meus cotovelos. — Princesa. Oh, graças as Estações, é você.

— O que é... como você chegou aqui?

— Não consigo encontrar Poet. Eu procurei, mas nunca estive aqui antes. Eu me perdi e... oh, Estações.

— Ele está ajudando a se preparar para o Dia da Cotovia. O que está errado?

Jinny gemeu. — Eu deveria ter adivinhado. Eu não estava pensando.

Não, ela não estava. Ela estava em pânico.

— É Nicu. Eu acho que foram as fitas. As fitas no festival. Ele deve tê-las visto e... eu não sei.

— Diga-me o que aconteceu. — Eu disse severamente.

— Eu acho que foram as fitas. Apressei-me, tentei, mas era tarde demais.

Eles chegaram até ele.





– Quem o pegou? – Eu exigi.

Ela desmoronou em meus braços. – Os guardas. A coroa. Eles o têm. Eles pegaram Nicu!





CAPÍTULO VINTE E DOIS

PRINCESA

Papai havia me descrito como eram os tempos de crise. Eu tinha cinco anos e já estava curiosa sobre o que fazer quando as coisas estavam no pior. Em um castelo, fui exposta a coisas que outras crianças não foram e meus pais juraram ser sinceros comigo. Eles me trataram como uma menina de idade, mesmo quando eu não era.

Meu pai havia dito que muitas vezes ele ficava dormente para aguentar. Seu corpo deixava de funcionar, toda a resiliência indo direto para sua cabeça. O choque da calma o ajudava a pensar claramente durante o caos. Sua mente se tornava uma arma mais afiada.

— Mas e quanto a governar com o seu coração? — Eu perguntei.

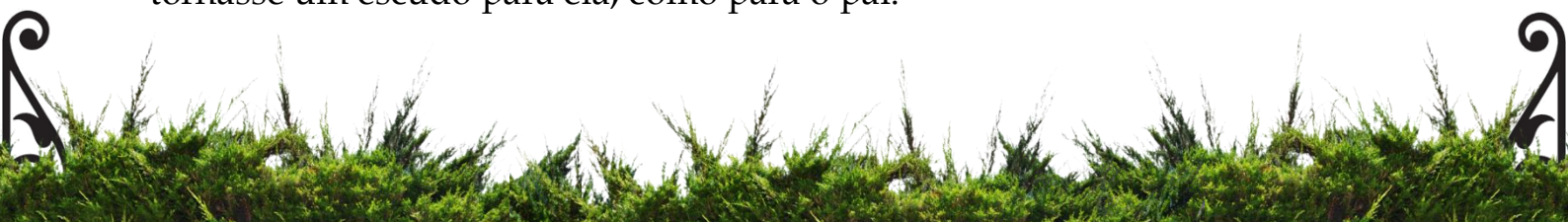
— Ame com seu coração. Governe com sua cabeça. — Ele respondeu.

— Mas talvez minha cabeça e coração possam se ajudar. Eles podem trabalhar juntos. Não é para isso que eles servem?

Pensativo, meu pai me encarou. — Algum dia, se você encontrar uma maneira de usar os dois, me aconselhe. — Ele me colocou em seus ombros e brincou: — Enquanto isso, seu peso é muito mais fácil de suportar.

Meu peso. O peso de uma criança tinha sido mais fácil de suportar do que o de um reino.

Sempre que os problemas assolavam Mista, eu observava a cabeça da mãe se curvar com indecisão e depois me ressentia. Talvez a dormência se tornasse um escudo para ela, como para o pai.





E agora para mim. Antes que as palavras de Jinny pudessem penetrar na boca do meu estômago, a dormência surgiu como um pássaro e a arrebatou.

Um único pensamento percorreu minha mente.

Eles levaram Nicu.

Eles o levaram.

Nicu.

Doente de preocupação, Jinny se esgotara. Enganchando meu braço em volta de sua cintura, eu a guiei para o castelo e pedi um guarda assustado para me ajudar. Registrando suas roupas modestas e as mãos de trabalhadora, o homem confuso a pegou e me seguiu até meu quarto. Eu o senti ansioso para me questionar, sugerir que a levássemos ao médico. Um desmaio de um simples camponês dificilmente justificava uma viagem à suíte de uma princesa.

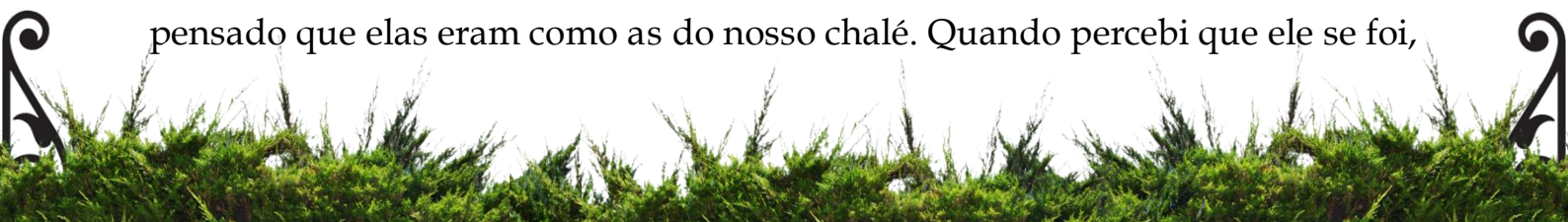
Meu olhar cessou suas objeções. No meu quarto, ele deitou Jinny na cama. Eu o despedi e chamei uma empregada.

Jinny fez um barulho quando eu a envolvi na minha colcha. — Eu tenho que... nós temos que...

— Nós vamos —, eu disse. — Vamos recuperá-lo. Primeiro, me diga como você chegou aqui.

— Nosso pônei e carroça. Existem essas ervas - elas crescem muito distante do chalé, em um trecho da estrada principal. No nosso ritmo, é uma viagem certa para lá e para cá, mas tenho sofrido uma dor de cabeça com algo grave. Eu disse a mim mesma que teríamos cuidado com estranhos.

— Coloquei Nicu no carrinho para que ninguém pudesse vê-lo, disse que era um jogo. Eu estava ocupada reunindo quando ele desapareceu. Ele deve ter... ele deve ter tomado a estrada para o castelo e visto as fitas. Ele deve ter pensado que elas eram como as do nosso chalé. Quando percebi que ele se foi,





eu corri. Eu o vi na ponte levadiça com os sentinelas. Eles o estavam levando embora.

Um grunhido pulou da minha garganta. — Eles o machucaram?

— Nem um cabelo. Ele foi com eles de bom grado, provavelmente pensando que era outro jogo. Poet disse várias vezes para não se atracar com estranhos, mas Nicu não é uma criança que se lembra de tudo o que lhe foi dito.

Se Jinny tinha a carroça com ela, ela deveria estar amarrada onde quer que ela a deixara. — Uma serva está vindo. Não diga uma palavra para ela. Você está doente. Você não me conhece. Estou simplesmente sendo caridosa com uma estranha. Como está sua cabeça agora?

— Não sinto nada. Não consigo pensar nisso.

— Depois de descansar, vá para casa. Poet e eu vamos buscar Nicu, mas alguém precisa estar lá quando o devolvermos.

— Você está dizendo que uma velha vai atrasar você.

— Sim. E não quero arriscar que você seja prejudicada. Você pode ir até a carroça?

— Tente me parar. — Ela prometeu.

A empregada entrou correndo. Eu a instruí a cuidar de Jinny. — Se alguém entrar, se minha mãe entrar, diga que eu encontrei essa mulher no jardim. Ela está aqui por minha insistência. Ela ficará bem com descanso e bebida. Permita que ela saia depois de se recuperar. Compreende?

— Sim, Alteza. — Disse a empregada, depois começou a derramar água e acender uma fogueira.

— Não precisa se preocupar. — Assegurei a Jinny.

Relutantemente, ela fez o que eu pedi e descansou. Saindo do meu quarto, corri pelo corredor.





Nicu poderia estar com frio. Ele poderia estar com fome. Ele poderia estar machucado.

Eu acelerei meu passo. Eu precisava vê-lo e ter certeza de que ele estava bem antes de correr para Poet. Não havia como dizer como o bobo da corte reagiria, ou o que ele faria, quando eu lhe dissesse o que havia acontecido. Eu ainda não conseguia voltar para a colina, sem ver os obstáculos que enfrentávamos, sem saber como estava o filho dele, sem essa informação para acalmar Poet - para me acalmar.

A porta do médico da corte estava entreaberta. Eu vomitei uma mentira ao homem sobre precisar de uma bebida para dormir, confiando que as sombras sob meus olhos eram uma prova adequada dos meus problemas. Os dedos do homem ficaram entre os armários carregados de frascos e tinturas. Os óculos tilintaram, o barulho beliscando minha paciência. Ele se movia mais devagar que uma preguiça. Eu quase gritei com ele.

Armada com uma pequena vasilha de líquido, saí da sala e fui para a masmorra, correndo pelos corredores e descendo uma escada familiar envidraçada com gosma de fleuma. Escondendo a bebida adormecida na manga, desci para o frio úmido, sem me deixar abalar pelos gemidos esguios e famintos, pelos ratos guinchando, pelo cheiro de vômito. Uma tocha solitária iluminava o guarda, um homem barrigudo com hálito de hidromel e uma casca grossa de pele facial.

Ele levantou-se de sua caixa. —Milady. — Ele deixou escapar com espanto.

Desconsiderando sua forma imprópria de endereço, dei a volta no seu posto, meus olhos examinando as dezenas de células que se afunilavam na escuridão. Sombras de trapos sujos e membros esqueléticos. Algemas e





correntes arrastando sobre pedra. Alguém entrecortando. Alguém sussurrando para si mesmo.

O tamborilar dos pés pequenos.

Nicu.

Me reconhecendo, ele tropeçou no canto da cela e apertou as barras, seu rosto esperançoso cutucando a abertura. Seus olhos verdes brilhavam de terror e confusão, implorando que eu o ajudasse. Para salvá-lo.

Cada cubículo não dava espaço suficiente para alguém estender os braços. O guarda não havia esmagado Nicu com outros prisioneiros, o que parecia ser o caso na maioria das celas, mas como a ousada Whimtany se comporta de maneira tão impiedosa. Régia Mista nunca trataria nenhuma criança dessa maneira!

A dormência se dissolveu. Meu coração voltou à vida com uma vingança.

O guarda nem deu a Nicu um cobertor.

Nicu choramingava. Atrás das costas do guarda, pressionei meu dedo nos lábios. *Silêncio.*

O garoto mordeu o lábio inferior. Nesse ponto, eu mais do que cruzei os limites da minha jurisdição. Eu pisei completamente sobre eles. —Fui informada de que você mantinha uma criança aqui embaixo.

— As ordens da coroa, milady. Esse ouriço é um simplório. Ele deve ser algemado enquanto Suas Majestades fazem planos para ele.

— Ele dificilmente é uma ameaça física. Certamente há um lugar melhor para detê-lo.

— As ordens da coroa. — Repetiram o homem e suas mandíbulas.

— Eu gostaria de interrogá-lo. Abra a cela e deixe-nos.

— Milady-





Minha voz ficou quente o suficiente para incinerá-lo. —Pare de me abordar como uma simples nobre. Não sou uma 'milady'. Sou realeza, a princesa de Mista e uma convidada de honra da Primavera. Em outras palavras, 'Alteza'. Suspeito que essa criança possa muito bem ser propriedade contrabandeada do Outono. Seus soberanos me deram permissão para investigar o assunto enquanto minha mãe está ocupada. Agora eu ordeno que você abra a cela!

Ele se atrapalhou com um anel de chaves. Nicu correu para trás quando a porta estremeceu nas dobradiças e se abriu. Outro olhar espinhoso para o guarda o mandou embora. Murmurando, ele voltou ao seu posto na alcova.

Eu corri para dentro da cela e caí no chão. Com um grito baixo, eu estendi meus braços ao mesmo tempo em que Nicu se atirou em mim. Todo o seu corpo tremia. A pele dele estava gelada, os dedos congelados. Queria checá-lo quanto a hematomas, sinais de que ele foi maltratado, mas não pude deixar de lado. Eu o balancei de um lado para o outro, apertando sua cintura e segurando a parte de trás da cabeça com a mão livre.

Ele fungou no meu pescoço. —Garota.

—Sim, sou eu. Estou aqui. Está tudo bem agora. Está tudo bem.

—Eu quero meu papai.

—Eu o pegarei por você. Eu prometo.

—Eu conheci um rei e uma rainha, mas eles não queriam ser meus amigos. E o guarda não queria brincar comigo. Ele gritou coisas más. Ele me chamou de nomes.

Poet ia matar o guarda. Eu fantasiava sobre isso também.

Jinny disse que Nicu foi com os sentinelas de bom grado. Não foi preciso um gênio para supor o porquê. Ele deve ter ficado emocionado ao conhecer





tantas pessoas, acreditando que estava tudo bem. Essa suposição deve ter mudado quando o trancaram neste lugar horrível.

Nicu lançou uma história peculiar. Eu consegui entender e colocar os fatos juntos: Jinny, as ervas que ela precisava reunir, como ele saiu para explorar. Nas margens do bosque, ele viu as fitas de carnaval ao longe. Ele pensou em casa e como deveria seguir as cores penduradas no teto. Ele estava cansado e queria dormir em seu palete, então correu em direção às guirlandas e depois se distraiu com a maravilhosa vista do castelo, suas torres saltando para o céu. Como ele nunca viu nada assim, mudou de ideia e pulou em direção à fortaleza.

Entre uma horda de cidadãos, a criança não sabia o que fazer consigo mesma. Ele saltou de uma pessoa para a outra, repleto de abraços e perguntas. No portão, os guardas imponentes em sua armadura brilhante impressionaram. Eles eram árvores de metal. Seus macetes eram brinquedos gigantes.

Nicu tentou escalar uma das pernas dos homens. O homem o chutou para longe e depois deu uma boa olhada no rosto do garoto. Isso, e uma série de comentários esquisitos, colocaram Nicu em problemas.

Ele chorou nos meus braços, as lágrimas cortando suas bochechas manchadas de sujeira. Ele não entendeu o que estava acontecendo ou por quê.

Eu não entendia. Ninguém deveria.

Quando chamei o guarda e ordenei que ele trouxesse leite, pão e queijo para a cela, o homem corpulento grunhiu. — Ele não está certo, Alteza. Todo mundo sabe que um tolo não é certo por natureza. Eles não podem se defender sozinhos. Eles crescem e se tornam um problema que não pode cuidar de si. Eles não servem para nada, muito menos para a misericórdia da realeza.





— Busquei seu conselho? — Eu agarrei. — Traga-me o que eu pedi. Agora!

Lançando um olhar repulsivo a Nicu, o guarda desapareceu. Nicu observou-o partir e perguntou: — O que é um tolo?

Eu emoldurei seu rosto. — Ouça-me, Nicu...

— É um monstro? Vai me comer como um trovão? O trovão come a grama.

— Nada vai acontecer com você. Eu juro. O trovão não vai te comer porque você é uma fada. Você tem mágica. Papai deu a você.

Quase. Ele quase se iluminou, mas então pulou quando uma criatura quebradiça duas células abaixo gritou, sua voz de papel rasgando. Seu dono repetiu: — Alarme, alarme, alarme!

Nicu encolheu no meu peito. — Não me deixe. Eu estou assustado.

— Não vou a lugar nenhum. — Prometi.

— Papai vai.

— Mas ele volta. Porque ele te ama. Mais que qualquer coisa.

— O amor é o sol. Você também tem um sol amarelo na barriga, Garota. Como papai e Jinny. Está brilhando. Seu cabelo é uma fita vermelha e seus pontos marrons — Ele bateu as sardas no meu nariz. — São manchas da chuva. Se você me deixar, nunca mais haverá cores. Elas vão morrer.

— Não —, eu disse. — Você é toda a cor deste mundo, não eu. Você é Primavera e Verão e Outono e Inverno. Seus olhos são trevos de boa sorte.

— Eu não quero ser colorido sem você, Garota. Você me faz laranja feliz e papai rosa bobo.

— Meu nome é Briar.

— Briar. — Ele repetiu em uma imitação assustadoramente precisa da minha voz.





Ele olhou para mim como se eu pertencesse a ele, como se ele pertencesse a mim. Como se eu fizesse essa masmorra segura.

Eu me detive por tanto tempo, apesar da morte do pai, decepção da mãe, desgosto de Eliot, tudo de Poet. Nicu foi o alfinete que me abriu. Depois de semanas inchando atrás dos meus olhos, duas lágrimas inchadas surgiram e correram pelo meu rosto.

Ele estendeu um dedo e traçou cada caminho molhado. — Você está chovendo.

Estou chorando porque não há nada que eu não faria por você.

Talvez fosse assim que mamãe se sentia por mim. Incondicional. Absoluto.

A luz da tocha solitária pulsava contra as paredes sujas. Nossas sombras formaram um único corpo. Eu me vi desaparecer em Nicu.

Eu amava esse garoto. Eu amava o pai dele por fazê-lo.

Um criado carregando um prato seguia atrás do guarda. Nicu devorou a comida, seus lábios estalando.

Enquanto ele inclinava a cabeça, desenvolvi a poção de dormir. — Você pode comer e beber todas as delícias do mundo, Nicu? Existe algo que faça sua garganta e lábios queimarem ou que fique doente?

Com a boca cheia, ele respondeu: — Quando Jinny come nozes, ela fica com a boca de pato.

— Alguma coisa faz isso com você?

Ele balançou sua cabeça. Eu administrei o leite dele com o conteúdo do frasco e o vi engolir. Soltando minha capa de lã, eu a envolvi em seus ombros e joguei o capuz sobre sua cabeça. Em instantes, ele bocejou. Guiei-o para um lugar no chão, sentei-me contra a parede e o reuni no meu colo.





—Conte-me uma história —, insisti. —Quando você terminar, papai estará aqui.

Sua cabeça pendia contra mim, sua orelha pressionada no meu corpete. Cobri seu outro ouvido para protegê-lo dos barulhos enlouquecidos que nos cercavam. Eles berravam, gargalhavam e choravam através das barras da gaiola. Eles esbarravam nas paredes.

Um conto vazou de Nicu sobre formigueiros e guardas estúpidos, o que fazia cada vez menos sentido quando ele flutuava. Finalmente, suas palavras desapareceram no sono. Quando ele acordou, rezei para Outono que este lugar não passasse de um pesadelo.

Deitei-o com cuidado e notei uma tira vermelha espreitando do bolso. Uma fita manchada de terra, combinando com a do pulso.

A fita que eu amarrei em um arbusto quando segui Poet. Tinha que ser.

Eu tive uma visão terrível de Nicu encontrá-la quando ele se afastou de Jinny e se aventurou mais longe da floresta, esperando ver mais fitas, como ele faria na cabana. Então o festival e suas guirlandas apareceram. Depois o castelo.

Retornando da floresta com Poet, minha venda me impediu de localizar a fita. Eu tinha esquecido completamente. Se não, Nicu poderia não ter terminado aqui. Eu abaixei minha cabeça, a possibilidade seguindo seu curso horrível.

Enfiei o capuz da minha capa em um travesseiro para ele, coloquei o material em volta dele e beijei sua bochecha. —Sinto muito. — Eu sussurrei, minha garganta feita de palha.

Usando minha manga, me livre das evidências de que estava chorando. Levantei-me, cruzei mil léguas até a porta da cela e pedi ao guarda que me





deixasse sair. Eu tinha que fazer isso. Quanto mais cedo eu saísse, mais cedo voltaria preparada. Se necessário, eu reduziria esse poço a escombros.





CAPÍTULO VINTE E TRÊS

BOBO DA CORTE

Eu sabia disso até então. Pois ela me ensinou até então.

No entanto, eu estava prestes a aprender essa lição mais uma vez: um bobo da corte não vê tudo o que está por vir...

O punho dela bateu na minha porta. Certamente, vinha dela, pois ela tinha uma batida em particular. Eu ouvi o formato e o peso da mão dela no som. Era uma batida sem princesa, rápida até a contagem de três, de um conto de fadas cuidadosamente feito. Uma história de três batidas adoráveis, tentadoras e amaldiçoadas. Qualquer que fosse o tolo que lhes respondesse estava condenado a coisas grandes e terríveis.

Inclinei-me na cadeira e apertei a parte de trás do pescoço, os cotovelos apoiados nos joelhos. Eu olhei para o chão, pois tinha muitas grandes e terríveis coisas para me durar.

Cada golpe - meu quarto, meu maldito coração - era ela. Cada um no rosto da princesa enquanto ela me assistia sair da torre do sino, como ela me viu ajoelhado em subordinação ao Monarcas e pedir desculpas por algo que eu não sentia muito.

Na colina, ela brigou com a mãe. Que estripação.

A raiva coloriu sua pele quando ela deu um tapa em Cadence. Que magnífico.

Como não é suficiente. Havia tanta coisa que eu perdi a direção de onde ela veio.





A princesa poderia continuar batendo. Ela realmente não iria querer que eu a recebesse.

Não se ela soubesse que eu tinha companhia.

— Alguém está te chamando. — Disse Eliot do assento em frente ao meu.

— Ignore-a. — Eu murmurei.

Se o surpreendeu saber quem era, não senti. Com base na maneira ferida que eles se olhavam na colina, ele de alguma forma descobriu sobre nós. Ele não disse nada para mim, mas deve ter dito para ela.

Isso foi responsável por sua atenção total hoje. Isso representou nossa brincadeira na frente dela. Nós dois queríamos punir a princesa, mas isso não me fez sentir melhor. Eu duvidava que isso fizesse Eliot se sentir melhor.

Eu fiz isso por causa de Nicu, não pelas negociações de paz. Eu fui muito duro com ela sobre o último, mas o primeiro... eu ainda não conseguia tirar as palavras dela sobre ele da minha mente.

Estar com Eliot tinha me distraído, as horas com ele passando rapidamente. Depois de ajudar a montar o carnaval, voltamos à ala dos criados. O menestrel corou quando pedi para falar com ele em particular. Ele se sentiu traído pela princesa. O problema era que ele a culpou e me perdoou. Ajudei a romper a amizade deles e depois tentei consertá-la.

Sentado um em frente ao outro, eu mal tinha começado a balançá-lo quando seu joelho bateu no meu. — Poet, você parece perturbado. Se você está doente, quero que saiba que sou seu amigo. Eu ouço tanto quanto falo. Seria um prazer ouvir seus problemas - quero dizer, não um prazer exatamente. Não que seja um prazer se você está perdido na angústia.

Isso tinha arrancado um sorriso triste de mim. — Eu entendi o que você quis dizer. Meus problemas não importam. É sobre você que eu quero falar.





Ele se inclinou para a frente e roubou minhas mãos nas dele. — Estou feliz por isso.

— Eliot, você não deveria estar. É mais complicado do que você pensa.

— Eu não me importo. — Ao expirar, ele deu uma guinada pelo resto do caminho e pressionou seus lábios nos meus.

Eu congelei. Atordoado, eu o esperei sair, depois fiz algo inexplicável. Minhas mãos deslizaram para sua mandíbula e a embalaram, moldando nossas bocas.

Eu estava um pouco vulnerável, fraco de ganância - eu tinha consciência disso. No entanto, isso não me impediu de convidá-lo para conversar no meu quarto, em vez de levá-lo a um lugar menos sugestivo. Emocioná-lo me deu uma satisfação genuína que eu não desfrutava há dias.

Sempre, era mais calmo com o menestrel, mais suave e fácil do que com a princesa. Eu me perguntava sobre a possibilidade de ele e eu. Nós nos adaptamos de maneiras mais fáceis e aceitáveis.

Eu inclinei e o beijei mais profundamente. Foi doce como ele gemeu contra a borda da minha língua. Se eu me deixasse ir com ele, talvez não me arrependeria da maneira como lamentava a comoção dela.

Uma pena, porque eu sabia que se eu escolhesse explorar essa coisa de bater nos joelhos e inchar os lábios com Eliot, isso teria o efeito oposto ao que eu pretendia. Teria acabado com ele e a princesa.

Pior, não teria desfeito o que eu senti. Seu beijo foi um conforto egoísta. Nós dois sabíamos disso. Por isso, eu me afastei para olhar para o rosto triste dele. Ele sabia o que eu estava prestes a dizer, mas ele não queria ouvir. Ele queria continuar fingindo por algumas horas.

Corações partidos nos faziam idiotas.





Eu não me imaginava um espécime masculino raso. Eu estava debatendo minha resposta, como desencorajar o resto dele de avançar em mim, quando as batidas chegaram. Foi quando eu abaixei minha cabeça. O destino tinha uma cronometragem espetacular.

—É... é importante —, disse Eliot. —Parece que é.

De repente, aconteceu. Eu levantei minha cabeça, ouvindo quando as batidas perdiam o ritmo controlado e seguiam em desespero. Não, *importante* não a enviou para cá, *trágico*. Por mais que eu quisesse que a princesa fosse embora, algo a entristeceu.

Ela precisava de mim.

Em segundos, eu estava na porta e a encarando. Crescentes azuis desciam sob seus cílios inferiores. Seu peito latejava como se ela estivesse correndo por todo o lugar. Ela passou por mim e voou para o quarto, sem saber de Eliot.

Abri minha boca para avisá-la. —Sua Alteza...

—Onde você estava?! Eu pensei que você estivesse na colina.

—Eu deixei. Sua Alteza...

—Poet. — Ela estendeu a mão, a palma da mão em um curso perigoso em direção ao meu peito ou em direção àquele incômodo espancamento dentro do meu peito. Se a mão dela pousasse lá, ela passaria pela minha pele e encontraria o que estava procurando. Então ela saberia que isso lhe pertencia.

Recuei com uma expressão de ódio. Ela se retirou com uma dor.

Não que eu tenha esquecido a presença do menestrel. A presença dela era simplesmente maior.

—Poet. — Ela começou novamente.





— Eu sei meu nome. Você não precisa continuar dizendo isso. Apenas me diga o que está errado e pronto. As velas estão derretendo, a hora está passando...

Ela agarrou meu rosto. — Eles têm seu filho.

Oh, eu a ouvi direito. Eu ouvi essas palavras inúmeras vezes e de inúmeras maneiras, em pesadelos e faladas de dezenas de bocas. De Jinny, da mãe de Nicu, do bobo da corte morto que eu substituí, de simplórios em grupos de carnaval, de prisioneiros loucos presos em celas e de crianças.

O medo foi uma emoção que eu aprendi mais intensamente. Tornou-se uma segunda língua perversa desde o primeiro momento em que vi meu filho.

Inclinei minha cabeça. Na minha opinião, esse medo havia sido expresso por todos, menos a princesa. Na verdade, levei vários batimentos cardíacos para entendê-la. Quando o fiz, arregacei os dentes. — Eu não estou divertido, princesa.

Ela balançou a cabeça, os olhos brilhando. — Não é uma piada.

Não. Quietos. Não uive.

Essa garota não mentiria para mim. Ela me machucou com muita frequência e com certeza para ser capaz de fingir qualquer coisa. Eu não conseguia entender por que a tinha acusado de fazer uma piada cruel.

Não. Silêncio. Lembre-se de silenciar.

Não era uma brincadeira. Maldita seja, não era. Eu sabia pelos dedos dela apertando minhas bochechas, me segurando com firmeza para que eu não me separasse.

Eles eram a coroa. Eles pegaram meu filho. Eles o tinham.

— Nicu. — Eu resmunguei.

— Sinto muito, Poet. Eu sinto muito.





Minhas mãos trêmulas achataram-se sobre as dela. Toda coisa vil que passava por mim, ela absorvia, porque eu estava prestes a ficar doente. O vômito passou por mim como uma fita.

Meu filho estava aqui. Ele estava neste castelo, longe de seu palete. A princesa descobriu antes que eu tivesse a chance. Eu deveria ter percebido isso imediatamente. Se Nicu estivesse em perigo, meus instintos deveriam ter me dito isso.

Ele esteve aqui. Eu não tinha percebido isso.

Um grito começou no meu umbigo e subiu pelo meu pescoço, prestes a explodir em mim. Isso alertou a princesa, levando-a a sussurrar: — Silêncio.

Eu engoli, forçando-o para baixo. O grito golpeou seus braços e membros no meu peito.

— Você tem um filho?

A voz atordoada a arrancou de mim. Ela recuou, seu olhar pousando em Eliot. O menestrel de olhos arregalados levantou-se de seu assento.

A princesa ficou boquiaberta para ele, depois para toda a cena - a luz fraca das velas, as cadeiras próximas umas das outras, o comportamento perplexo de Eliot - depois para mim. Outra pontada de dor refletida lá, pois eu disse uma vez que nunca trouxe outras pessoas para este quarto. Ninguém além dela.

Perdoe esse bobo da corte, que não poderia se importar em se importar com o que ela pensava. Atualmente não.

Ela se recuperou rapidamente. — Eliot.

— Mas você não pode ter um filho —, ele insistiu. — Você é Poet.

Poet, o bobo da corte de Whimtany. Artista, acrobata, consultor. Amante de amantes. O queridinho da coroa. Ele não podia ter um filho.





Apologética, a princesa olhou para mim. Era tarde demais, para as perguntas na cabeça de Eliot. Como alguém como eu poderia ter um filho? Por que ele foi "levado"?

Perseguindo a penteadeira onde eu mantive minhas tintas, apoiei minhas mãos na mesa e me inclinei. A princesa traduziu meu silêncio como permissão para explicar meu segredo. Só poderíamos esperar que as afeições de Eliot garantissem uma certa confiança - e que minha rejeição não o amargurasse.

Atrás de mim, suas vozes ficaram borradas. Eu olhei para eles no reflexo do espelho. — Onde ele está?

Briar e Eliot se viraram para mim. Ela disse: — Eles o levaram a uma cela.

— Você o viu? Eles o machucaram?

— Ele está ileso, mas...

A parte de trás do meu braço atacou os frascos de tinta. Eles voaram da penteadeira e caíram no chão, estourando vidro e cor através das pedras.

O menestrel virou-se para trás. A princesa se moveu em minha direção.

— Não —, eu disse, detendo-a. — Continue com isso.

Ela explicou sobre Jinny e as fitas. A escarlata que eu lhe dei, e que ela amarrou a um arbusto quando me seguiu, chamou a atenção de Nicu. Ele viu o carnaval, depois o castelo e seu enxame de pessoas.

Eu o ensinei a seguir essas fitas. Por causa disso, meu amor dormia em uma masmorra, enquanto eu estava cinco níveis acima dele.

— Voltamos pelo mesmo caminho —, eu disse. — Você deveria ter recuperado a fita.

— Eu estava com os olhos vendados. — Ela me lembrou.

Se ao menos ela não estivesse. Se apenas um de nós tivesse lembrado durante o nosso retorno que estava lá.





A princesa me informou do guarda posicionado no topo da escada e o posto abaixo, entre as celas. Eu bati meus dedos, convocando Tumble de seu travesseiro atrás de uma cortina. O furão acordou e galopou em minha direção, ouvindo enquanto eu me agachava ao lado dele e dava instruções, instruindo-o a verificar meu filho.

Uma vez que o animal saiu pela porta, eu a fechei novamente e pensei em me retirar para a janela, ou voltar para a minha cadeira, ou... eu não sabia. Nenhum canto deste quarto parecia certo. Meus pés começaram a andar, minhas botas rastreando rosas e verdes, manchando vermelhos e pretos.

— Talvez você possa falar com o rei e a rainha —, sugeriu Eliot. — Eles valorizam você. Se você lhes disser, eles podem abrir uma exceção.

— Não —, protestou a princesa. — Ele esconde isso há um ano. Mesmo que isso não os ofenda, eles não podem fazer uma exceção pública e isso não muda a lei. Nicu pertenceria a eles de alguma forma. — Ela se virou para mim. — Poet, não se arrisque.

— O que então? — Eliot perguntou.

Eu o rodei, olhando em seu rosto uma migalha de decepção. Ele piscou, perplexo e ferido. Não fiz nenhum esforço para disfarçar meu ceticismo, nem era a pessoa que ele pensava, nem confiava nele como a ela. Se ele fosse um cortesão, eu esperaria inveja, ressentimento ou nojo.

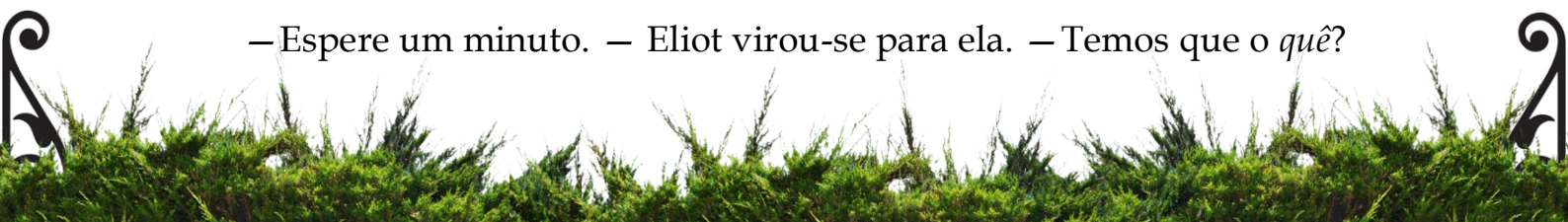
Minha voz derreteu. — Eu preciso da sua confiança, Eliot. Por favor.

Os ombros dele caíram. — Você não precisa perguntar. — Ele respondeu fracamente.

Eu teria me ajoelhado e implorado. Sem hesitar, eu teria me ajoelhado diante de alguém, se fosse o caso.

A princesa disse: — Temos que tirar Nicu de lá.

— Espere um minuto. — Eliot virou-se para ela. — Temos que o *quê*?





– —É a nossa única escolha.

– —Você é da realeza. Use sua autoridade e invente algo. Diga que ele é do outono.

– Fiz isso para vê-lo, mas isso não vai passar pela minha mãe. Ela saberá que ele não é propriedade dela. Ela saberá que ele é da Primavera.

Os meios para determinar um cidadão do Outono de uma Primavera decorriam da falta de documentação de uma pessoa, ignorância dos costumes e sua personalidade - embora não na mesma escala, os de uma mente especial poderiam ser tão influenciados por sua temporada quanto qualquer um.

Meu coração chorou e se enfureceu. A nova emenda comercial oferecia outra opção.

– Então pechinche por ele. — Eu sussurrei.

A princesa empalideceu. — Poet, Mista é a mesma gaiola.

– É o menor dos dois males. É uma gaiola mais larga, sob seu reinado.

– Sob o reinado de minha mãe.

– Ela é uma mulher tolerante de uma terra temperada e você é filha dela.

– Você não pode —, ela chorou. — Você não pode deixá-lo ir como sua mãe deixou. Você não pode fazer isso!

– Em uma fuga, ele pode ser atingido por uma flecha destinada a mim —, cuspi. — Ou, se não conseguirmos, ele poderá ser punido com mais severidade. A negociação é mais segura.

– Temporariamente, porque se você fizer isso, ele crescerá pensando que não valia a pena lutar por ele. Isso poderia arruiná-lo. Ele precisa de você!

– Os cavaleiros são especialistas em tiros —, apontou Eliot. — Se eles apontarem para você, eles atacam você, mais ninguém. E Primavera não culpará seu filho por uma tentativa de fuga. Ele é um jovem tolo - aos olhos





deles, quero dizer. Eles não suspeitam que ele seja inteligente o suficiente para ter alguma coisa a ver com isso, o que será a verdade.

— Arriscar-se por mim não vale a pena. — Eu disse.

— Isso é para nós decidirmos —, disse a princesa. — Mesmo que você não valesse a pena, Nicu vale.

Os guinchos de Tumble bateram pela fresta debaixo da porta, suas garras arranhando a madeira do outro lado. Quando eu o deixei entrar, ele se arrastou pelo chão, girou em torno de nossos pés e depois passou entre nós e a partição. Nós o seguimos até a entrada e a entreabrimos, ouvindo um grupo de galinhas criadas rindo.

— ... eles dizem que as Estações pode negociar com eles agora.

— Você tem certeza que o pequenino capturado hoje não está sendo mantido pela Primavera? A coroa gosta de bobagens.

— Acabei de chegar da colina, que está prevista para o dia de Cotovia. Ouvi os Monarcas. O negócio do Verão com a Primavera: dois de seus simplórios para o único cão. Mãos pequeninas são boas tecelãs, suponho. Ele está sendo levado hoje à noite.

Meus dedos se curvaram. O abominável idiota do verão não perdeu tempo querendo meu filho. Ele nos derrotou.

Mais tarde, quando ele descobrisse que Nicu não tinha capacidade direcional para amarrar mais do que uma simples fita, e apenas com a ajuda de alguém, o rei Rhys descontaria essa irritação no meu garoto. Não tínhamos uma hora de sobra.

A mão da princesa pousou na minha. — Eu tenho um plano.

Eu me virei e caminhei até o meu baú. — Assim como eu.





CAPÍTULO VINTE É

QUATRO

BOBO DA CORTE

Ao pôr do sol, vestimos capas e sapatos macios. O grupo improvável de nós --Tumble, Eliot, eu e a princesa - cada um tinha nossos papéis. Superar todos os inimigos sem ser reconhecido deixa pouco para a imaginação. Ou teríamos que distrair ou imobilizar nossos adversários.

Sua Alteza e eu enfiamos nossas cabeças na esquina, medindo nosso primeiro obstáculo: um guarda postado na escada. Eu procurei nele por algo que valesse a pena bisbilhotar.

Um medalhão. Ele o usava no pescoço, um símbolo amarrado a uma tanga facilmente mastigável. O material humilde da pulseira me levou a suspeitar do medalhão de valor pessoal. Talvez algo da sua dama.

Silenciosamente, acenei com a mão para a princesa e Tumble. O furão irrompeu para a frente, correndo até o guarda e subindo rapidamente pela estrutura.

—O que... — O homem cuspiu.

Tumble pegou a corrente entre suas presas e mastigou. A alça quebrou, o medalhão caindo no chão, para onde o furão saltou.

Meu companheiro pegou a corrente na boca dele e correu pelo corredor. O guarda bateu atrás dele. — Volte aqui, seu verme!





Tão rápido quanto o homem provou ser, Tumble foi mais rápido, contornando pilares e subindo corrimões. Seu rabo felpudo desapareceu nas passagens, levando o guarda em direção à torre mais próxima.

Conhecendo a resistência de Tumble, a distração nos daria dez minutos. Mais se ele conseguisse alcançar a borda da torre e atirar o medalhão para o lado e para o fosso.

Fui na frente da escada, em sintonia com os passos certos da princesa. Ela se moveu sem hesitar, me fazendo sorrir apesar de mim. Anteriormente, ela veio aqui sozinha, para dar comida e sua capa ao meu filho. Ela o confortou e o colocou para dormir, poupando-o de ter que suportar outro minuto consciente da masmorra. Ela desconsiderou o que seus colegas diriam se descobrissem.

Na entrada do poço, parei abruptamente para a princesa, pois ela esbarrou em mim. Estendi a mão e agarrei seu quadril para segurá-la. Sua testa caiu contra mim, entre as omoplatas, sua respiração escorrendo pelas minhas roupas. Levamos um momento para nos tolerarmos.

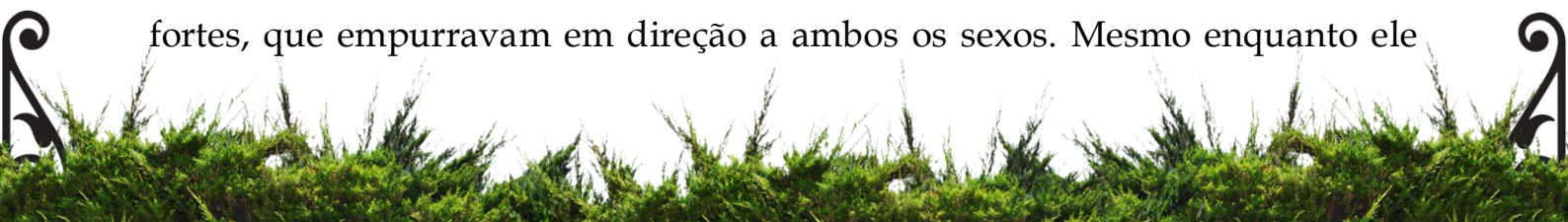
Se algo acontecer comigo...

Se algo acontecer com você...

Eu me perguntava como ela terminaria essas frases. Eu sabia como eu faria.

Um aperto no quadril dela e eu a soltei. A princesa ficou de vigia enquanto eu descia em espiral até o verdadeiro buraco do castelo. A luz da tocha sangrava laranja nos degraus finais.

Entrei na alcova. Lá, eu cumprimentei o segundo obstáculo: um homem-urso que se levantou de seu poleiro, um emaranhado de barba horrenda pendendo de sua mandíbula. Eu sabia sobre os guardas e suas preferências fortes, que empurravam em direção a ambos os sexos. Mesmo enquanto ele





franziu a testa para mim, seu corpo flexionou, como se quisesse causar uma boa impressão. Eu peguei sua centelha de interesse, sua apreciação da minha forma e andei.

— Boa noite, soldado. — Eu ronronava.

— O que te traz aqui, bo-

— Eu tenho um desejo.

— Declare o seu negócio.

— Meu negócio é capitulação. O meu negócio é você.

Aturdido, o guarda bateu nos cílios. — Perdão?

Eu sorri e andei em direção a ele, meu olhar deslizando para cima e para baixo em seu corpo com luxúria desenfreada. — Você conhece meus gostos variados. Eu ouvi os guardas falando sobre isso. Deve ser uma tensão, imaginando, mas não descobrindo, sendo preso aqui sozinho, querendo companhia. Tanta vontade.

— Fique atrás. — Ele agarrou seu porrete, mas sua virilha espasmódica tinha outras ideias.

— Perdoe-me por ousar falar, mas você é magnífico.

— Eu disse, fique onde está. A confraternização durante o trabalho é...

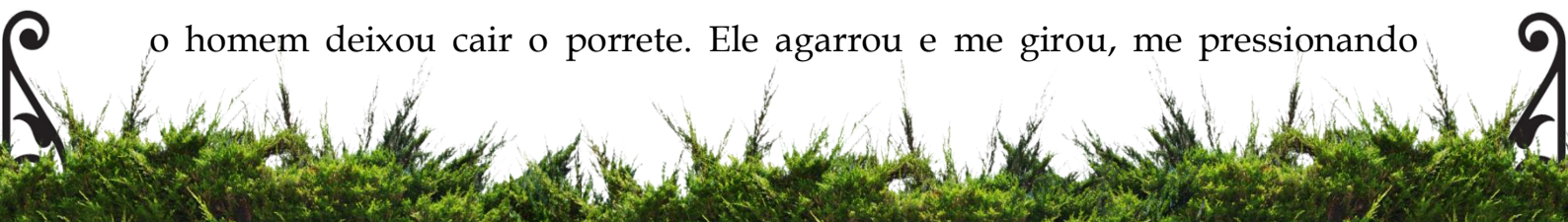
— É o jeito da Primavera —, eu forneci. — Você sabe quantas vezes eu imaginei um homem forte me levando prisioneiro? Não posso mais me conter.

— Meu dedo percorreu seu peito. — Não apelo para você? Porque você apela para mim, meu amor. Você não tem ideia de como um homem peludo me viola em sonhos.

Seus olhos tropeçaram na minha boca. — Eu tenho um emprego.

Inclinei-me. — Quem deve saber?

Capitulação, de fato. Ele mudou de ideia rapidamente. Olhos vidrados, o homem deixou cair o porrete. Ele agarrou e me girou, me pressionando





contra a parede. Soltei um gemido falso, ao qual ele exibiu seus incisivos. — Você gosta de brincar em cativeiro, hein?

Ugh. Suas patas sujas agarraram os laços da minha calça.

— Espere —, eu disse, tirando um cantil de dentro da minha capa e passando a ponta na boca dele. — Vamos tornar isso mais interessante.

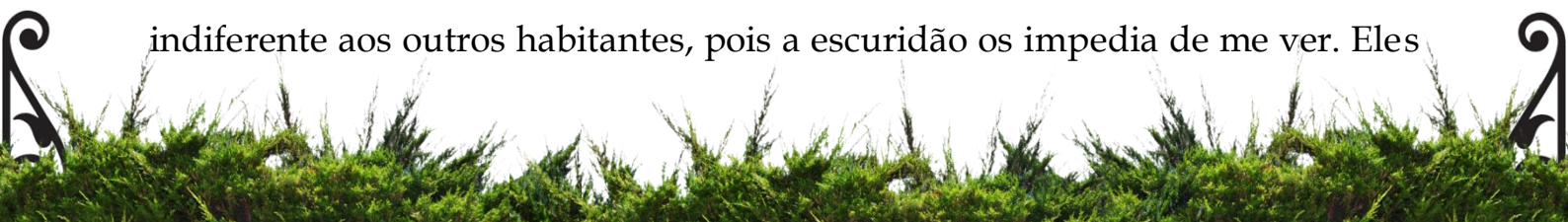
De boa-fé, inclinei a pele e bebi, deixando um pouco de hidromel escorrer pelo meu queixo para obter efeito. O homem assistiu. Por experiência anterior, esse movimento atraiu muitos cavaleiros que gostaram da oportunidade de provar o álcool umedecendo meus lábios.

O homem-urso aceitou o cantil e engoliu em seco. Eu dei a ele um sorriso astuto, de boca fechada, lutando contra a bÍlis quando ele caiu de joelhos e focou na minha virilha - antes de olhar vesgo e cair de lado nas pedras. Cuspi o hidromel, manchado com o mesmo caldo que a princesa usara em Nicu. Quando o procurei, o médico da corte refletiu e murmurou algo sobre insônia potencialmente disseminada.

Pelo cheiro dele, o guarda já estava em seu décimo sono. Quando ele acordasse, esperançosamente, ele acreditaria que estava cochilando no trabalho - não seria a primeira vez - e sonhando comigo enquanto um intruso havia roubado a masmorra. Caso contrário, eu daria minhas melhores palavras para convencê-lo de que não estava aqui.

Ao virar da esquina, os prisioneiros gargalhavam e fizeram um tumulto, suas correntes raspando o chão. Eles não conseguiam ver o que havia acontecido na alcova, mas ouviram as dicas de um distúrbio. Abaixei minha voz por esse motivo, impedindo que me identificasse ao alcance da voz.

Minha calça ajustada e restaurada à sua dignidade anterior, roubei as chaves do guarda e pulei sobre seu corpo mole. Corri para a fila de celas, indiferente aos outros habitantes, pois a escuridão os impedia de me ver. Eles





pareciam muito distantes, tanto na loucura quanto no desespero ou fraqueza, para tentar de qualquer maneira.

Em uma cela, vi um pacote no chão. Amaldiçoando, empurrei cada chave na fechadura. Claro que seria a última que finalmente funcionaria. Abrindo a porta, pulei para dentro e afundei ao lado de Nicu, bebendo em seu rosto adormecido e punhos cerrados.

Minha mão roçou seu cabelo emaranhado. — Estou aqui meu amor. Papai está aqui para levá-lo para casa.

— Mmmfff. — Ele murmurou.

Peguei-o em meus braços, apoiando-o na vertical, de modo que sua cabeça se aninhasse na curva do meu pescoço. Inalando o cheiro dele, pensei, *tenho você agora.*

Segurando meu filho, me virei para encontrar a silhueta da princesa enquanto ela nos olhava da alcova. Como demorei mais do que o esperado, ela deve ter chegado para ver se eu precisava de ajuda. O ângulo a escondia da atenção de todos, menos da minha. Oh, quanto tempo poderia sufocar, pois eu a admirava parada ali, com uma estatura pequena, mas sólida, um tanto quanto a Realeza e mais do que isso. Muito, muito mais.

Nos meus contos e versos, eu não poderia ter conjurado uma pessoa mais corajosa. Ela não sabia nada de lutar, nem tinha força física para isso. Essa terra a condenaria por me ajudar, por acreditar em algo que a maioria das pessoas não acreditava.

Ainda assim, ela estava aqui.

Ela procurou no vigia por armas, mas tudo que o tolo empunhava era o porrete, alto e pesado demais para ela se preocupar. Tudo bem então. Eu tinha minha parte de defesas ocultas, se precisássemos delas.





Apertamos nossos capuzes, impedindo-os de sair de nossas cabeças e nos revelar durante nossa fuga. Subindo as escadas e saindo do poço, a princesa previu: — Eles tocarão o alarme assim que o guarda acordar ou quando o outro retornar.

— Para uma criança tola? — Eu rebati. — Para eles, Nicu não é valioso o suficiente para despertar a cidadela e a cidade baixa.

Verificando se o corredor estava limpo, nos esgueiramos pela passagem e depois descemos por outro poço que levava ao túnel que eu costumava usar para visitar Jinny e Nicu. Infelizmente, cem passos depois, um gongo abafado perfurou o ar. Paramos, nossos olhares disparando em direção ao teto, nossos pés presos pelo som dos anéis impiedosos da torre do sino.

A princesa me deu um olhar *eu te disse*. Bem, eu não podia estar certo o tempo todo.

Nós corremos. Em questão de minutos, vigias invadiriam esta área. Minhas pernas bombearam, meus pés batendo em pedra e cascalho. A cabeça do meu filho bateu no meu ombro, então eu a peguei, tentando mantê-la firme e rezando para que ele não acordasse.

Na bifurcação, virei para o leste, derrapando nos calcanhares nos foles sobrepostos e nas luzes pulsantes de um poço adjacente. Girando, me afastei e conduzi a princesa em direção à rota alternativa que se curvava para oeste, que nos jogaria perto da forja do vidraceiro do lado de fora da cidadela. A partir daí, teríamos que nos esquivar pela cidade baixa - passando pela cabana do guarda-pássaros e pelo pavilhão onde as borboletas eram criadas - para chegar aos estábulos.

Paramos novamente, mais luzes e gritos clamando. Torcendo, vi corpos avançando por trás também, prestes a nos cercar. Eu assobieei, terror cortando através de mim.





Foi esse barulho que despertou meu filho. — Pa... pai...?

Minha palma apertou seus lábios. Frenético, meus olhos percorreram a área. Um nicho embutido na passagem teria sido nossa única graça salvadora, mas quando eu o localizei, eles já haviam nos circulado, quatro guardas desenhando uma circunferência de lanças e espadas em nossa direção - a minha e a de Nicu. A princesa, por outro lado, havia desaparecido.

Rodopiando, procurei por ela, com medo de que ela tivesse sido capturada. Agarrei Nicu, cujo queixo balançava de um lado para o outro por cima do ombro, observando a cena. Ele teria ficado entusiasmado com essa atenção, exceto que os uniformes e feições dos guardas se pareciam com os do homem-urso na masmorra. Foi o suficiente para desencadear o oposto de emoção. Ele enfiou os dedos trêmulos em mim, se aproximando enquanto fazia pequenos barulhos aterrorizados.

Os homens zombaram de mim, a víbora encapuzada que sacudiu as paredes do castelo. Os nós que seguravam meu capuz protegiam meu rosto deles, não importasse como eu me movesse. E se mexer, eu faria. Mas se eu falasse, eles saberiam quem eu era.

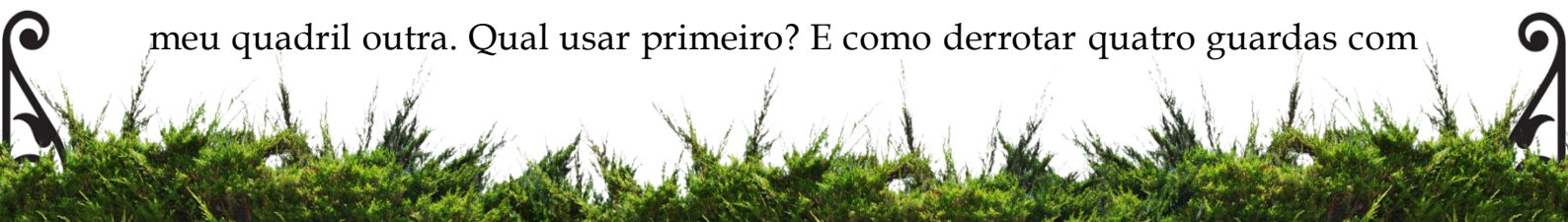
— Você liderou uma alegre perseguição, rapaz — rosnou um dos bastardos, largando a tocha em um suporte de parede. — Agora é hora de desistir.

Minhas narinas se abriram. Apertei meu filho com mais força e balancei minha cabeça lentamente.

— Por ordem da coroa, nos dê o menino!

Se você o quer, terá que me matar primeiro. Você não sabia disso?

No treinamento, um bobo da corte aprende isso: estar ciente de seus adereços o tempo todo. Minha bota direita escondia uma surpresa, a bainha no meu quadril outra. Qual usar primeiro? E como derrotar quatro guardas com





duas armas? E como fazer isso enquanto seguro meu filho? E sem ele ver seu pai cometer assassinato?

— Vamos jogar, como quando eu te giro em casa —, sussurrei para Nicu.

— Você está pronto?

— Uh-huh. — Ele espiou.

— Feche seus olhos.

Ele esmagou o rosto no meu peito e me apertou com todas as suas forças. Eu tinha músculos bons, embora não tão gigantescos quanto os dos meus inimigos. Portanto, contei com outros talentos. Inclinando a cabeça, dei-lhes uma performance de um braço.

Girando para que minhas costas protegessem Nicu, tirei a adaga do meu quadril. Amarrando meu braço para trás, enviei a lâmina para o pé do primeiro guarda. Com um grito, ele deixou cair a espada, tropeçou em uma parede, tombou no chão e ficou parado com o impacto.

O próximo cobrou. Um giro baixo e reverso desviou de sua lança, que roubei após toda a revolução, meus dedos girando-a em um moinho de vento. Ele rachou contra o lado de seu crânio, deixando-o inconsciente.

O terceiro adversário me pegou de surpresa - bem, não é difícil de se fazer com uma criança presa no meu peito. A espada do homem girou, pegou minha lança em um amplo arco e a enviou girando. Aproximando Nicu, eu rolei e arranquei outro adereço da minha bota, em seguida, cortei atrás do joelho do homem. Isso atrapalhou, mas não o impediu.

A pedra sim. Ela o atingiu no rosto, sangue saindo da boca do nariz. Rugindo, o homem atordoado bateu na ferida, no momento em que outra pedra pesada bateu na parte de trás de sua cabeça. Seus olhos reviraram antes que ele desabasse.





O quarto guarda disparou em minha direção com um rugido de leão, balançando duas espadas ao mesmo tempo. Confuso de onde a pedra veio, eu me levantei quando ele avançou. E então eu larguei meu segundo suporte por instinto e dei um soco no homem. Suas espadas caíram ao lado dele no chão.

Chiando e dando tapinhas no meu filho assustado, descobri a princesa do lado de fora do nicho do túnel, outra pedra na mão dela. Em um estupor, ela olhou entre sua arma improvisada e o homem que ela havia esbarrado na inconsciência.

— Arremessadora de pedrinhas —, ofeguei. — Você esqueceu de me dizer que sua mira era tão boa.

— Eu não consegui pegar Nicu de você rápido o suficiente —, explicou ela. — Eu pensei, se tivesse a chance de distraí-los ou fazer alguma coisa... — Ela levantou a pedra. — Foi tudo o que pude encontrar.

— Papa, estamos em casa? — Nicu choramingou. — Eu quero casa. Por favor.

Ela se juntou a nós e acariciou a bochecha de Nicu. — Nós estamos indo agora.

Corremos, pegando a passagem que pretendíamos originalmente. Rasgando minha chave do cinto, empurrei-a na fechadura e dei uma violenta torção, o portão gemendo quando o abri. Atravessamos a vegetação rasteira, em direção aos estábulos da cidade onde Eliot esperava.

Eu peguei cavalos emprestados de lá tantas vezes que conhecia a rotina do cavalariaço e do ajudante. Por volta dessa hora, eles estariam fazendo apostas na taverna.

Eliot pulou no lugar, seu rosto pálido testemunhando o quanto de atraso que a emboscada no túnel causara. Ele parecia quase desmaiar quando nos viu. — Se vocês vão se atrasar por algum motivo neste mundo, e eu quero dizer





sempre, vocês se importariam de me avisar? — Ele segurou enquanto nós lutávamos para recuperar o fôlego. — Envie um sinal de fumaça ou encontre uma maneira de usar a telepatia - eu não me importo. Estações, eu estava no meu juízo final.

— Agora você sabe como me senti quando você teve uma epifania musical e saiu em busca desesperada por tinta, em vez de me encontrar nas ruínas —, comentou a princesa. — Andei por duas horas, preocupada que algo ruim tivesse acontecido.

Eliot fez uma careta. — Eu te disse, a musa é uma amante rebelde. A chamada da sirene deve ser atendida imediatamente ou será perdida para sempre. Poet, conte a ela.

— Duas horas, Eliot. — Ela repetiu.

O par de corcéis que ele segurava puxou meus pensamentos para cima. Por que diabos ele tinha dois com ele?

— Você poderia ser perseguido à caminho de Jinny —, explicou a princesa. — Você precisará de alguém para desviar as massas, caso elas ganhem terreno. Eu sou uma boa cavaleiriça.

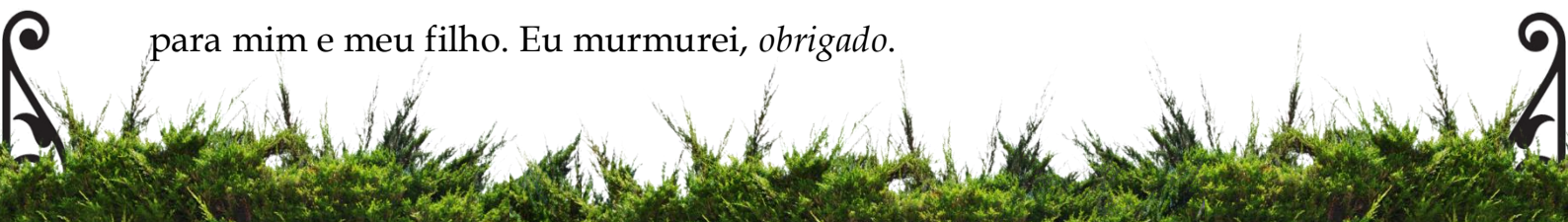
Eu queria discutir, e eu teria, e deveria. Mas Nicu estremeceu contra mim, então eu esfreguei suas costas e murmurei em seu ouvido até que ele cedeu. Eliot assistiu fascinado.

Outro gongo da torre sineira e a cacofonia de aldeões alarmados nos alertaram. Notei que os dois cavalos eram do mesmo pelo castanho. Pensamento inteligente.

— Cuidado. — Eliot nos implorou.

— E você. — Respondeu a princesa, puxando-o para um abraço.

O menestrel retribuiu com abandono. Por cima do ombro dela, ele olhou para mim e meu filho. Eu murmurei, *obrigado*.





A princesa levou um cavalo, Nicu e eu do outro. Corremos para fora da cidade, subindo a colina e entrando na floresta floral. Minha carona saiu da estrada principal, seu peso batendo na terra e nas flores silvestres, sua juba batendo no meu rosto. Enquanto passávamos por entre os galhos, a lua brilhava branca entre nós entre a folhagem.

Outra centelha de terror explodiu com os gritos e relinchos da perseguição. Meus ouvidos se animaram, detectando os números e a velocidade, o ritmo furioso de suas montarias, as vozes reais. Estes não eram vigias. Estes eram cavaleiros. Três deles.

Eu calculei a distância deles. Eles estavam ganhando rápido. Cascos sustentando milhares de quilos perfuravam o solo duro, um grande e selvagem golpe que certamente machucaria a terra.

Pelo amor de Deus, isso é para uma criança tola que agora pertencia a Verão.

Não, também pelo criminoso que roubou a criança, lembrei a mim mesmo.

Juntos, a princesa e eu cavamos nossos calcanhares e voamos. Com menos peso para carregar, ela avançou, os laços em seu capuz finalmente afrouxando, suas madeixas vermelhas batendo como fitas em volta das árvores. Por estações, ela poderia montar.

Segui até que ela lembrou que não podia nos navegar até a cabana sem minha direção, e ela diminuiu o suficiente para eu alcançá-la. Ela e eu já tínhamos vantagem suficiente. Nossos perseguidores não tinham visto um par de cavalos e perceberiam que éramos dois. Eles procurariam por um único criminoso vestido com uma capa escura, montada em um cavalo castanho. A habilidade da princesa em um cavalo superou a minha; no entanto, eu conhecia





a profundidade e a largura dessas florestas. Eu sabia rotas e cantos que ela e os cavaleiros não.

Não que isso fizesse diferença para mim. Eu sabia o que tinha que ser feito.

Com um suspiro, puxei as rédeas.

A princesa parou ao meu lado e trotou para frente e para trás, ela e seu passeio impacientes. —O que você está fazendo? — Ela exigiu.

— Você é mais leve. Portanto, você chegará a Jinny mais rápido.

Os olhos dela se arregalaram. —O plano era para eu...

— Esse é o problema —, tentei brincar. — Um bobo da corte nunca ouve o plano de ninguém além do seu.

— Poet, não. Se eles te pegarem...

— Então me enterre aqui e se certifique de que a lápide seja grande. E cara.

— Não! Este deveria ser o meu sacrifício, não o seu!

Ouvindo o frenesi em sua voz, Nicu começou a chorar, arranhando-me quando eu o tirei do meu colo e o entreguei a ela. Ele se contorceu e me alcançou, gritando: — Papai! Papai!

— Eu não sei o caminho —, a princesa chorou. — Você me vendou os olhos.

— Preste atenção a sua frente. Vá para o sul, por ali. — Eu apontei através da escuridão. — Então siga o primeiro riacho que encontrar. Ouça os sons da água e mantenha-os. Quando você atingir uma pedra de aparência um pouco fálca, confie em mim, você não a perderá, nem à noite, vire para o leste. Independentemente das obstruções, por mais densas ou estreitas que sejam, mantenha seu curso. Você chegará lá.

— Por favor, não. Não, Poet.





Agarrando sua nuca, eu a puxei para perto. — Briar. Cale a boca e vá embora.

Meu filho chorou mais alto, lutando pela minha capa. Emoldurei suas bochechas e beijei sua testa.

Meus queridos. Os únicos.

Fiz o meu melhor, mas me perdi, pois não estou na sua liga. Se essa perseguição terminar mal e esse conto terminar pior, talvez eu não o veja novamente. Então lembre-se, tente se lembrar, meu coração é seu.

Seja boa e alegre. Seja amada em outro lugar.

Ignorando seus pedidos, eu desviei meu cavalo. Batendo através do atalho e de volta para a via principal, uivava no dossel de pétalas. Os cavaleiros me ouviram e vieram se debatendo, papoulas explodindo em seu caminho. Objetos em forma de agulha zuniam por cima do meu ombro por trás, provavelmente dardos bombeados com algum tipo de tranquilizante.

Inclinando-nos para a frente e instigando minha montaria mais rápido, subimos a estrada. Eu não era idiota. Eu não esperava superar os belos cavaleiros da Primavera. Exceto pelo fato de ter crescido dentro desta floresta, eu possuía um olho mais aguçado.

Uma corrente de vento invadiu minha capa e túnica, o frio correndo sobre minha pele coberta de suor. Eu desviei da estrada novamente e escorreguei nas sombras e nos arbustos, empurrando meu cavalo sobre uma colina e tecendo em torno de sebes. Mais e mais fundo fomos.

Aqueles cavaleiros amaldiçoados continuaram chegando. Embora o ritmo deles vacilasse quando eu os desviava, circulando a área duas vezes, depois serpenteando por outra rota esmagada pela natureza. Eu senti a hesitação deles. Talvez eles estivessem se lembrando de mentiras anteriores, rumores de que eu espalhei sobre fantasmas à espreita em certas partes da





floresta. Eu expliquei isso à princesa quando ela se preocupou com uma equipe de busca nos encontrar na casa de Jinny.

Eu poderia ter esgotado os homens, enganando-os a acreditar naqueles rumores mais profundamente. Infelizmente, meu corcel bufou. O pobre animal se cansaria a qualquer momento, levado além de seus limites.

Foda-se. Hora de me esconder.

Equilibrando nos estribos e examinando as árvores, fiquei de pé, dobrei os membros e balancei os braços. Minhas mãos se prenderam a um galho no alto e me joguei na árvore, um movimento que aperfeiçoei quando a princesa me seguiu. Virando, agachei-me no galho enquanto meu cavalo desaparecia na floresta.

Momentos depois, os cavaleiros chegaram, com as capas verdes ondulando. Eles andaram a galope, murmuraram um para o outro, depois apontaram e arrastaram meu corcel para o bosque. Observando e esperando do meu poleiro, meu rosto se enrugou. Apenas dois deles vieram e se foram.

No entanto, deveria ter havido três.





CAPÍTULO VINTE É CINCO PRINCESA

Chegamos ao chalé de Jinny. O pobre Nicu desmaiou durante o passeio, pego entre conversas e chorando até a exaustão.

A mulher mais velha chorou quando nos viu. Não contei a ela o que havia acontecido com Poet, mas pelo jeito que ela se encolheu em sua cadeira perto do fogo, acho que ela sabia. Prometi a ela que tudo ficaria bem e não a culpei por não acreditar em mim.

No caminho de volta ao castelo, o pavor se coagiu no meu estômago. Poet poderia precisar de ajuda, mas ele poderia estar em qualquer lugar. E se ele tivesse se escondido, eu poderia frustrar seus planos ou denunciá-lo.

Mas e se ele estivesse ferido?

Enquanto meu passeio galopava de volta por onde viemos, meu olhar pousou em algo piscando em um berço de flores silvestres. Puxei as rédeas, parando-nos e dando uma olhada no objeto.

Uma lâmina de prata. A Adaga do Poet, a que ele havia perdido enquanto lutava contra o leenix.

Pulei e segui em direção à adaga. Caí de joelhos, peguei e hesitei. O destino me levou a isso, para dizer que eu deveria ir atrás dele? Ou me desviar por outro motivo?





Olhei distraidamente para uma árvore com raízes expostas, cobertas de musgo rosa e trançadas em um nó - gigante o suficiente para uma criança se esconder. Uma criança de doze anos que fugiu do pai em uma noite chuvosa. Uma lembrança tão nova que poderia ter acontecido ontem.

Minha memória. Meu erro.

Eu conhecia essas raízes. Eu não as reconheci da última vez que estive aqui, quando o leenix me feriu, mas eu as reconheci agora.

Balançando de joelhos, derrubei a adaga. Fiquei boquiaberta ao meu redor, neste mesmo lugar em que meu pai morreu, a vida sangrando de seu rosto e me mudando para sempre.

Eu olhei para todos os detalhes. Eu olhei e olhei.

Apenas olhei.

Somente. Olhei fixamente.

Algo no canto do olho zuniu pelo ar e beliscou a lateral do meu pescoço. O musgo ficou turvo, a floresta inclinada e minhas pálpebras caíram. E eu parei de olhar.





CAPÍTULO VINTE E SEIS

PRINCESA

Eles me arrastaram para a corte e me ajoelharam. Atordoada com o dardo que eles atiraram em mim, eu pisquei. Tochas iluminavam os vitrais da sala do trono. Inclinei minha cabeça, me perguntando quanto tempo levou os vidraceiros a criar janelas como essa e por que nunca pensei nisso antes. O que foi preciso para construir este castelo ou o meu castelo?

Quem precisamente fez os degraus da fortaleza de Mista? Quais eram os nomes dos construtores? Como eu não sabia essas coisas sobre minha própria casa?

As restrições dos meus pulsos irritavam. Basil e Fatima estavam de pé no estrado, os rostos apertados com descrença enquanto olhavam para mim. Eles fizeram um espetáculo desse momento. Os cortesãos me cercaram, incluindo as Sete Tolas, com o rosto brilhante de choque.

Até Eliot estava aqui, com o perfil contorcido, a pele verde. Pelo menos eles não o capturaram também.

Os guardas que Poet e eu atacamos estavam em primeiro plano, enlameados e fervendo.

Os Monarcas se organizaram em um semicírculo. Os olhos de minha mãe brilharam com consternação, mas ela ignorou meu olhar suplicante. Ela não falou por mim. Eu me desonrei e a desonrei. Eu insultei Whimtany.

Eu não estava arrependida. Eu acho que eles viram isso.





— Eu digo, princesa Briar —, Basil falou, seu manto balançando ao redor dos pés. — Há séculos que alguém da realeza não julga outro dos seus. Não acredito que estou prestes a dizer isso, mas você foi acusada de roubar a propriedade de Whimtany, de abordar os guardas, e não posso começar a listar o resto. O que nas Estações deu em você? Ainda não responde —, disse ele, virando-se para a esposa. — Querida, me ajude. Estou com dor de cabeça.

— Seu cavalo e sua capa combinam com a descrição do ladrão —, disse Fatima. — A adaga encontrada na sua mão combina com o desenho das usadas nos guardas. Além disso, seu comportamento recente foi observado por muitos...

As pessoas tinham me visto. No dia em que fugi da masmorra, correndo pelos corredores como se um fantasma estivesse no meu encalço, eles me viram.

Posy, Vale e Cadence confirmaram que eu estava vagando pelos corredores na noite em que entramos no labirinto, que era anormal de mim, que os Monarcas interpretaram como potencialmente malicioso. As meninas verificaram relutantemente que eu participei ansiosamente da escapada para o labirinto, outro exemplo da minha recente mudança de comportamento.

As pessoas no castelo me testemunharam furtivamente aqui e ali. Às vezes, na ala dos criados, na maioria das vezes à noite, quando eu encontrava Poet.

Durante as negociações de paz, não consegui me recompor e sugeri que os tolos fossem tratados melhor. Eu tinha brigado com o bobo da corte.

Eu briguei com a mãe em público. Eu bati em Cadence por zombar dos tolos. Eu fui à masmorra e intimidei o guarda para me deixar ver Nicu.

Eliot tentou intervir e dizer algo em minha defesa. Eu balancei minha cabeça para ele.





— Você nega isso? — Perguntou a rainha Fátima.

— Uma princesa não nega nada. — Eu disse.

Murmúrios. Resmungos. Tosses.

O rei Basil franziu os lábios. — Esses eram suas adagas?

— Sim. — Eu respondi.

— Você agiu sozinha?

— Eu agi, Suas Majestades.

— Tome cuidado, Briar de Outono. Você já mentiu duas vezes.

— Era tudo eu. Isso não é mentira.

Ele acenou com a cabeça para os guardas em pé junto à entrada. — Traga-o.

Um pressentimento. Não, não!

As portas duplas se abriram. Ao contrário de mim, Poet não esperou que suas escoltas armadas o pressionassem. Também algemado em ferros, ele desfilou à frente deles e depois caiu no chão, deslizando graciosamente pela superfície polida de joelhos, os braços abertos até as correntes permitidas.

Ele chegou perto de mim, endireitou as mangas e sussurrou: — Olá, meu amor. Eu acho que fomos apanhados.

— Pare com isso, vocês dois —, rosnou Basil. — Poet, estou muito decepcionado. Você nos traiu. Esta é uma brincadeira maciça derivada para o Dia da Cotovia?

— Não é. Dou-lhe a minha palavra como um homem que brinca.

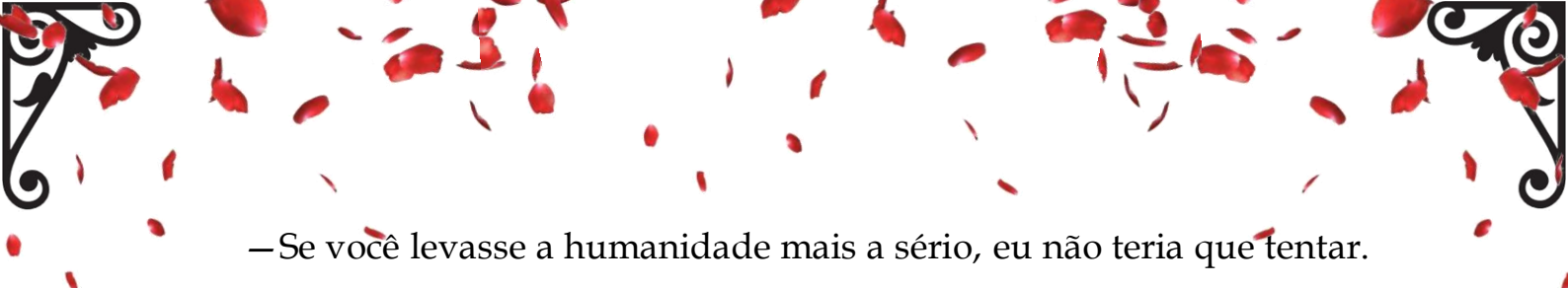
— Você não pode estar falando sério!

— Quase nunca. Mas é por isso que você me paga.

Risadas nervosas ecoaram por toda a assembleia.

— Que pena por você —, observou Sua Majestade. — Se você tivesse levado sua fuga mais a sério, teria superado nossos cavaleiros.





—Se você levasse a humanidade mais a sério, eu não teria que tentar.

Os cavaleiros devem ter suspeitado de dois partidos e se separaram quando Poet tentou criar um desvio. Embora eles também devam ter decidido tão tarde, porque eu consegui entregar Nicu a Jinny antes de ser apanhada. Além do mais, o cavaleiro que me encontrou talvez não tivesse me distraído das lembranças do pai.

— Isso é uma afronta às negociações de paz, princesa Briar —, repreendeu Fátima. — O que Outono tem a dizer por si mesmo?

— Não a difame, Majestade —, disse Poet. — Se ela ficou desonesta, a culpa é minha. Sua natureza branda do Outono não era párea para os meus modos de Primavera enquanto eu a manipulava para ajudar minha causa. Quanto ao motivo pelo qual fiz isso - não que você tenha perguntado, mas tenho um ponto sensível para as crianças e um ressentimento contra o Verão. A Estação e seu monarca me incomodam, então decidi ordenar o temperamento dele por tudo o que vale a pena. Eu admito, ele é um alvo tão fácil que eu me empolguei.

— Seu parasita insuportável! — O rei Rhys gritou.

— A princesa estava sob meu feitiço. E cada um de vocês sabe como é isso.

Eu deveria ter calado Poet há um tempo atrás. Não queria ser pintada como uma garota desmaiando sob a influência dele. Nem deixaria que ele assumisse a culpa sozinho.

— O bobo da corte está tentando ser heroico —, eu disse. — Eu não estava sob feitiço.

Basil respirou fundo, ansioso para julgar seu amado tolo. — Vocês dois são acusados de conspirar para roubar um simplório.





— Aquele que pertence ao Verão —, Rhys nos lembrou. — Diga-me, bobo da corte, como você gostaria de morrer por roubar um rei?

Poet inclinou a cabeça. — Você me deixaria escolher?

— Vou deixar você escolher.

— Excelente. Prefiro a morte até a velhice.

Mais risadinhas surgiram da congregação. Pude ver que a piada de Poet, por si só, tentou Basil e Fatima a perdoá-lo, mas, apesar da adoração pelo Poet, esses monarcas tinham seus limites.

Basil deixou claro: se quiséssemos evitar a retribuição, informariamos à Realeza o paradeiro de Nicu.

Poet e eu seguramos nossas línguas. Eles poderiam fazer conosco o que quisessem, mas não diríamos a eles. A menos que eles considerassem Nicu digno de andar a terra até suas fronteiras, ele permaneceria seguro.

Olhares sombrios passaram por cima do rei e da rainha da Primavera. O engano do Poet os havia realmente ferido. E por que não? Eles confiaram nos conselhos dele. Eles devem ter se sentido como novatos por isso.

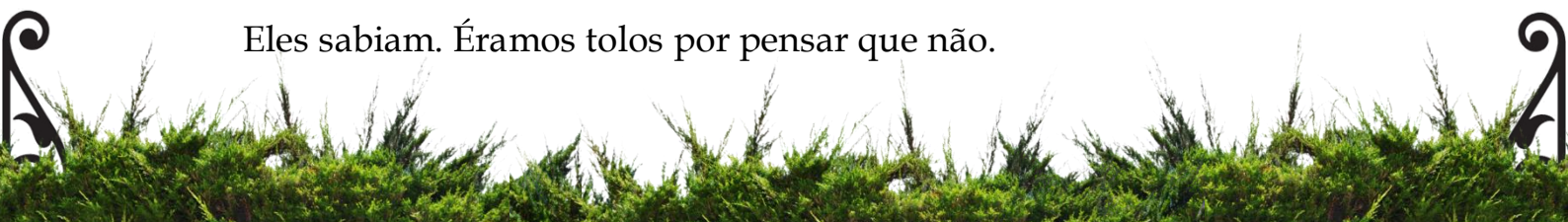
— Bem, então —, disse Basil. — Bem.

— A princesa e o bobo da corte —, Verão zombou. — Parece que vocês dois se tornaram aliados íntimos durante sua excursão na floresta floral.

A expressão da mãe vacilou. Eliot se encolheu. Olhando à frente me impedindo de verificar as reações das Sete, mas os outros que eu podia ver nos encaravam. Eles consideravam Poet como uma praga, eu como uma prostituta, nós dois como traidores.

O significado da Primavera não pode ser esquecido. Os detalhes empilhados contra nós. A atenção que prestamos um ao outro nas últimas semanas — principalmente durante festas — apontou para o óbvio.

Eles sabiam. Éramos tolos por pensar que não.





Eles nos levaram a uma torre reservada para prisioneiros reais e de alto escalão, jogando-nos em celas vizinhas separadas por trilhos. Os cubículos tinham juncos no chão e janelas gradeadas. As portas se fecharam atrás de nós.

No momento em que o guarda saiu, voamos um para o outro, pressionando juntos a barreira. Meus pulsos apertados descansavam contra seu peito, e ele emoldurou minha cabeça quando respiramos um ao outro.

— Ele está seguro? — Perguntou o Poet.

— Sim. — Eu sussurrei.

— Perdi os cavaleiros até perceber que faltava um. Eu sabia que ele tinha ido atrás de você. Tentei te encontrar, mas o dardo dele me encontrou primeiro.

— Ele me encontrou também.

— O pai desesperado e idiota em mim esqueceu de recuperar minhas adagas antes de sair correndo do túnel. Um problema é que eu as usei em performances, o que as torna reconhecíveis. Poderia ter ajudado a não deixar evidências para trás e ter alguns meios de defesa. Ouvi dizer que é isso que as pessoas inteligentes fazem. Eu falhei incrivelmente bem, se eu disser.

— Pessoas inteligentes cometem erros também. Encontrei sua lâmina desaparecida, desde a noite do leenix. Eu estava na grama segurando. Eu não consegui me mexer. Foi assim que o cavaleiro me pegou.

— Que garota sentimental você é.

Comecei a chorar. — Meu pai morreu lá.

Poet ficou tenso, depois gentilmente me puxou para o chão. Como ele não podia me abraçar, ele passou as mãos pelas barras e penteou meu cabelo com os dedos, depois o trançou na frente do meu ombro. Quando ele terminou, amarrou-o com uma de suas fitas, depois prendeu as palmas das mãos nos meus ombros, me puxando para mais perto dele.





Lágrimas vazaram dos cantos dos meus olhos. —No caminho de volta de Jinny, eu encontrei. O local onde eu o vi morrer. Eu nunca pensei em encontrá-lo novamente, e lá estava, exatamente como antes. Eu tinha esquecido como era. É estranho como isso acontece, não é? Você esquece como algo parece, ou cheira, tem gosto ou soa.

— Até que de repente chegue lá. — Ele concordou.

— Como se nunca tivesse sumido.

— Tive esse sentimento algumas vezes.

Por alguma razão, isso me consolou. Então eu contei a ele a minha história.

— Papai e eu gostávamos de explorar nosso castelo quando era pequena —, comecei. — Ele me acordava e me levava para qualquer lugar que eu quisesse. Nós fingíamos ser andarilhos. Eu liderava o caminho...

Minha história continuou em sussurros.

— Mamãe costumava dizer que eu possuía um traço aventureiro e impulsivo como o pai. Ela previu que eu cresceria para ser uma garota ousada, pronta para arriscar e descartar as regras sociais. Quando criança, eu gostava de estar perto de todas as classes de pessoas, mesmo quando não era meu dever.

— Sempre propensa a ataques e risos, minhas emoções deixavam um rastro atrás de mim. Muitas vezes, eles disseram não e perguntava o porquê. Chorei nos braços da mãe e fiz círculos em volta das pernas do pai. Eu falei sobre eles.

— Eu era imprevisível, muito vibrante para o Outono. Eu não me continha com eles ou com ninguém. Meus pais disseram que uma cegonha se perdeu e me libertou da Primavera.





—Quando eu tinha doze anos, viajamos para Whimtany e lá conheci Eliot. Eu estava tão empolgada em fazer um novo amigo que não consegui dormir com a emoção dele. Então, naquela mesma noite, entrei na ponta dos pés no quarto adjacente dos meus pais e pulei entre eles na cama, exigindo que eles acordassem e ouvissem tudo sobre Eliot - na época, eu não tinha pensado em manter meu relacionamento com o menestrel em segredo, mas não importava, porque eu nunca conseguia não contar aos meus pais. O temperamento do pai ficou tenso durante a primeira reunião das negociações de paz, com um humor tão vil que ele me interrompeu e latiu para eu ir dormir. Ele nunca fez isso antes.

—Eu chorei e gritei em espécie. Saí correndo da suíte, magricela o suficiente para passar pelo portão, descer a colina do castelo, atravessar a cidade e subir a floresta. Eu corri para sempre.

—Apesar de estar em plena estação de florescimento em Whimtany, estava chovendo muito. Meu pai procurou no castelo por mim, nos lugares que exploramos e adivinhou que eu tinha desaparecido ao ar livre. Ele me alcançou no cavalo. Ele sabia que eu gostava daqueles bosques.

—Mas eu me abracei atrás de um nó de raízes de árvores expostas, cobertas de musgo rosa. Um lugar bonito para se esconder.

—Eu pensei em puni-lo, brincar com ele, rancor e brincadeira ao mesmo tempo. Pensei como ele ficaria triste quando não conseguisse me encontrar. Como seria maravilhoso quando ele finalmente me encontrasse, porque os pais deveriam encontrar seus filhos. Ele era um rei, tão invencível e atemporal quanto nosso lar. Minha própria fortaleza.

—A tempestade atacou, criando um deslizamento de terra numa encosta vizinha. O pai saltou do cavalo e deu um grito, horrorizado por eu ter sido arrastada pelo dilúvio.





O meu nome. O meu nome.

Briar!

— Eu pensei, que presente quando ele me viu viva. Que presente feliz eu daria a ele aparecendo atrás dele.

Muitas tragédias gigantes mataram pessoas. Batalhas, doenças, veneno.

Raramente se considerava as pequenas coisas. Nós não cuidávamos delas.

— Carregando em direção ao deslizamento de terra, seu pé se prendeu sob uma das raízes expostas da árvore. Sua cabeça bateu contra uma pedra quando ele caiu.

— Eu ri. Eu pensei que era uma brincadeira, ou uma queda tola e inofensiva. Eu pensei que ele iria se levantar, mas ele não. E eu ri dele.

— Rastejando sobre as raízes e cambaleando em direção a ele, caí de joelhos. — *Estou aqui, papai! Eu te enganei!*

— Líquido acumulava em seu crânio e penetrou na minha camisola. Seus olhos atordoados me encontraram e brilharam com alívio, depois com distância, virando neblina.

— Eu parei de rir. Quando eu fiz, ele fechou os olhos.

Uma breve perda de paciência. Um espírito voluntarioso. Um truque.

— A garota imprudente que eu era perdeu o pai dela porque ela estava brincando. Ela não o matou, mas poderia tê-lo salvo. Ela não estava em condições de ser filha, ou qualquer outra coisa. Certamente não uma princesa.

— Então eu mudei. Dobrei-me e enfiei-me em uma gaveta. Por seis anos, desprezei a dança, vagar e sorrir. Eu precisava, caso contrário eu reverteria e me tornaria alguém imperdoável.

Mãe e eu compartilhamos o mesmo medo de nos perdermos. Por isso ela me manteve perto, enquanto eu mantive distância.





— Isso funcionou? — Perguntou o Poet.

Eu tracei um padrão invisível em sua coxa. — Está saindo pela culatra.

— Você era criança. Você não sabia melhor.

— Eu fui tola.

— Você é tola agora, se acha que a culpa é sua.

— Se eu não fosse aquela garota desatenta...

— Se, se, se —, disse ele. — Se muitas coisas.

— Não o sinto por perto há muito tempo, mas senti-o hoje. Era como se eu precisasse ser aquela garota novamente para reconhecer aquele lugar. Quando o fiz, senti-me orgulhosa, não culpada. Não triste. — Eu me aninhei nele o melhor que pude. — Jurei que não contaria isso a você.

— Nós, meros mortais, todos escondemos coisas.

Não importa o que ele dissesse, muitas vezes soava como uma pista para outra coisa. Eu olhei para o chão pintado de fogo e crepúsculo. — Poet não é seu nome verdadeiro. É?

Após um momento de silêncio, ele disse: — Não.

— Você não vai me dizer.

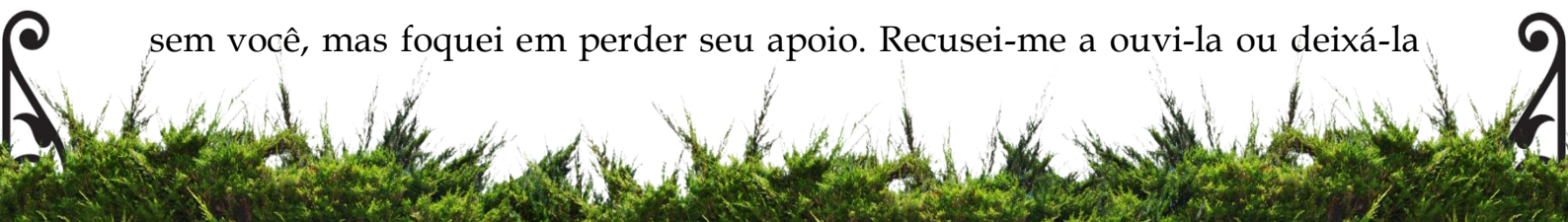
— Isso é embaraçoso.

Eu ri fracamente, depois engoli. — Poet, me desculpe. Sinto muito pelo que disse na torre do sino. Foi... horrível e indesculpável, e eu tenho vergonha. Por favor, acredite que não é assim que eu me sinto sobre Nicu.

A testa do Poet caiu contra a minha. — Obrigado por isso. O que você disse não será esquecido tão cedo, mas obrigado.

— Eu não posso me perdoar.

— Você não deveria, mas eu dei minha parte nos golpes. Eu culpei você pela loucura da conversa de paz. Eu poderia ter tentado convencer a realza sem você, mas foquei em perder seu apoio. Recusei-me a ouvi-la ou deixá-la





explicar. Era mais fácil segurar algo contra você, puni-la. Na colina, exibi minha amizade com Eliot. No meu quarto, deixei que ele me beijasse e o beijei de volta.

A confissão me sacudiu. Meu melhor amigo tentou roubar Poet. E Poet o deixou tentar.

Não que Poet fosse meu, para começar. Ele nunca foi.

— Oh. — Foi tudo o que saiu, minha voz muito desgastada nas bordas para dizer mais.

— Não, *oh* —, disse ele. — Eu mereço pior do que *oh*.

O fato de eu precisar perguntar, de que havia uma razão para perguntar, já era bastante torturante. — Você tem sentimentos por ele?

— Sim. Carinhosos. Se você não existisse ou estivesse longe, um dia esses sentimentos poderão crescer. Ele e eu podíamos ser certos um para o outro, mas nunca fui rasgado ou duvidei de por quem meu coração bate, por mais fútil que seja.

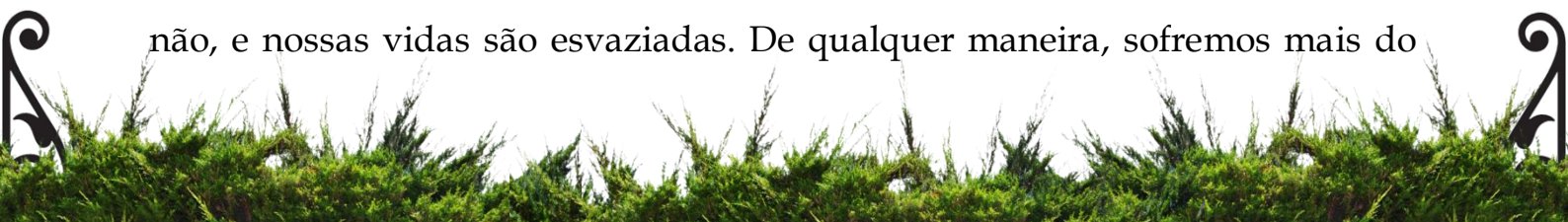
Suas palavras tinham asas. Elas levantaram meu espírito do chão.

No entanto, eu disse: — Muito de mim não quer que você se importe dessa maneira.

— Eu também. Esgueirando-me do castelo para ver meu filho, deitado na Coroa, lutando contra aqueles homens, fugindo dos cavaleiros. Não eram atos de bravura - eram apenas necessários. O que temos aqui e agora? Isso não é necessário. Por isso é corajoso. É o romântico em mim, mas eu tenho uma teoria. Você está pronta para isto?

— Não. Sim.

— A maior coragem que uma pessoa pode ter é amar outra, pois existem apenas dois resultados. Ou o amor dura e nossas vidas são comprometidas, ou não, e nossas vidas são esvaziadas. De qualquer maneira, sofremos mais do





que comemoramos. Eu gostei de sofrer com você. Somos um conto para fogueiras. Isso é tudo. Isso é tudo.

— Não pode terminar aqui.

— Não é tão ruim assim. A princesa e o bobo da corte estão finalmente autorizados a ficar juntos sem escondê-lo.

— Estamos em uma torre.

— O que significa que a hora é preciosa. Se este é o único lugar em que isso pode acontecer, eu aceito.

— Não —, eu disse. — Eu não vou deixar isso passar. Eu pensei que poderia, mas não posso.

Um sorriso surgiu em sua voz. — Quem saberia que eu seria a pessoa sensata hoje à noite.

— Você é um hipócrita, é o que você é. Essa não é a nossa extensão, a menos que deixemos. A menos que você não me queira o suficiente.

— Perdição, não se trata de querer. Ah, sim, eu tenho medo de nunca ter mais, nunca mais beijar você, nunca estar dentro de você, levando você do jeito que meu corpo está gritando há semanas. Eu tenho medo disso. Desde o começo, eu te desejei e continuarei desejando você até que as estações desapareçam. Infelizmente, não conseguimos tudo o que queremos. É isso.

O que ele disse sobre ser íntimo comigo eclipsou o resto da minha discussão. Hoje, muitas emoções me inundaram e depois foram arrancadas de mim. Infinitamente, eu tomava as pessoas como garantidas. Eu não queria tê-lo como garantido também. Eu não queria perder isso.

Minha resposta assumiu uma nota rouca. Eu queria que ele ouvisse, fizesse algo a respeito. — Conte-me sobre *isso*. Leve-me para lá.

Ele falou, sua respiração empurrando contra a lateral do meu pescoço.

— Estou beijando uma garota.





— A garota está beijando você de volta. — Eu sussurrei.

— Estamos nus e entrelaçados. A garota está sentada em mim, de frente para mim, e eu a estou amando.

Torci ao mesmo tempo em que ele levou meu queixo até a boca. Vi os lábios entreabertos e uma lasca do dente torto, como um quarto de lua. Aqueles olhos de trevo dançaram sobre mim.

Seus lábios acariciaram os meus. Soltei um suspiro indigno.

— Eu a estou amando em todos os lugares —, ele murmurou. — Sinto o aperto dos joelhos dela na minha cintura. Estou observando-a se inclinar para cima, arqueando-se para mim, seus seios apontados. Ela está cavando nos meus ombros quando deixamos nossos quadris irem, suas coxas me pegando. Eu a estou amando... porque eu amo, tenho amado e irei amar.

Minhas mãos tremiam, sem lugar para pousar. — Poet.

— Eu a amo —, disse ele, capturando minha boca em um beijo. Pelas barras, sua língua acariciava em mim, como antes em uma parte diferente do meu corpo, da maneira que o resto dele não podia. Eu senti cada varredura longa. Eu amei.

Eu o amava.

Ele era tudo o que doía e me encorajava. Ele era meu desafio e meu conforto. Felicidade. Destemor. Totalmente fora do meu controle. Ainda seguro, enraizado no chão.

Poet me guiou para os juncos. Ficamos ali, alcançando entre as barras, eu traçando sua garganta com as pontas dos dedos. Ele traçando minha boca com palavras.

— Garota confiante e firme, nobre doce espinho,

Como você é adorável e cruel.

Meu corpo está esticado, minha alma está gasta,





do adorável-cruel que você é.

A nobre escolheu o mais baixo,

É o adorável cruel que você é.

Esse truque invisível, esse desprezo predestinado,

Do adorável-cruel que você é.

Então, quando você sair, eu nos lamentarei,

os adoráveis e cruéis que somos.





CAPÍTULO VINTE E SETE

PRINCESA

O cheiro de maçãs ondulou no meu nariz. Eu acordei com os olhos turvos. Poet dormia de frente para mim, emitindo o ronco mais fofo. Sobre as barras, nossas mãos algemadas estavam entrelaçadas entre nós.

Eu não me mexi. Eu simplesmente olhei, ousando desejar mais do que isso.

Deveria ter fedido aqui em cima, mas os vestígios da Primavera e do Outono dominaram a podridão da torre. Meus pulmões puxaram nele - e outra pessoa.

— Temos um convidado. — Ele murmurou, com os olhos fechados.

Eu me virei. Mamãe estava do lado de fora da minha cela, olhando para nós com uma expressão de pedra, as mãos cruzadas sobre o umbigo.

Eu cambaleei de pé. Ouvi Poet fazer o mesmo.

Mamãe levantou o braço. Em resposta, um guarda magrelo com uma cicatriz furiosa cavando sua linha da mandíbula se materializou atrás dela. Ele lutou com as chaves e abriu a porta.

— Venha, filha. — Disse minha mãe.

Eu me encolhi ao ouvi-la me abordar formalmente. Ela olhou para mim como se fosse uma estranha, pela qual eu não podia culpá-la. Não depois de ver meus pulsos amarrados e meus dedos entrelaçados com os de um bobo da corte.





Recuando um passo, meu ombro bateu nos trilhos, levando Poet a colocar as mãos lá. A imagem que fizemos não fez nada para comovê-la.

— Venha —, repetiu a mãe. — Agora.

— Não. Não sem ele.

— Não me teste, jovem. Se necessário, você será arrastada para fora.

Poet falou no meu ouvido. — Prefiro não ficar entre você e outra pessoa. As disputas familiares são um gatilho sensível para mim.

Eu virei. — Eu não vou deixar você.

— Por mais que eu goste disso, não se preocupe comigo. Vá e seja uma boa filha.

— Eu não quero ser boa. Eu quero ficar com você.

— Nunca ouvi um elogio mais esplêndido. — Ele sorriu, terno e triste. — Eu vou ficar bem, eu prometo a você isso.

Nossos dedos roçaram. O guarda entrou em disparada, nos separou e me puxou em direção à mãe.

— Vou encontrar uma maneira de tirar você daqui. — Eu disse por cima do ombro para Poet.

Antes que eu pudesse pegar sua resposta, fui empurrada sem cerimônia pela escada. Eu não ficaria impune na Primavera ou no Outono, mas meu castigo seria menos severo que o de Poet. Com esse pensamento em mente, me afastei do guarda e insisti em cooperar. Mamãe deu-lhe licença para me libertar.

Mais duas escoltas esperavam no fundo. Eu os segui, marchando à frente da mãe furiosamente. Os homens se posicionaram do lado de fora da minha suíte quando ela e eu desaparecemos lá dentro. A luz da manhã soprava através dos vitrais e da varanda.





A porta do quarto se fechou. Preparando-me, virei-me para encará-la. Nós nos olhamos em silêncio.

Então aquela corda frágil quebrou. Ela surgiu em minha direção e me esmagou por ela. — Briar. — Ela se engasgou.

O som triste me quebrou. Minha cabeça pousou em seu ombro, as lágrimas correndo, ensopando seu vestido. — Mãe. — Eu chorei.

Ela me apertou mais forte. — Oh, Briar. Oh minha garota. Me perdoe. Eu tive de fazer isto. Eu precisei.

Eu assenti. Eu sabia por que ela havia feito o que tinha feito, me tratando friamente para o mundo ver. Para eles, ela tinha que mostrar a rainha do Outono. Mas eu mentiria se dissesse que não duvidava dela nem por um segundo.

Sentia falta da ternura que rejeitava há anos. Eu não queria mais sentir. Eu chorei por isso. Chorei porque cheguei aqui com minha mãe, enquanto Poet não estava com Jinny e Nicu. Eu chorei muito. Mamãe também.

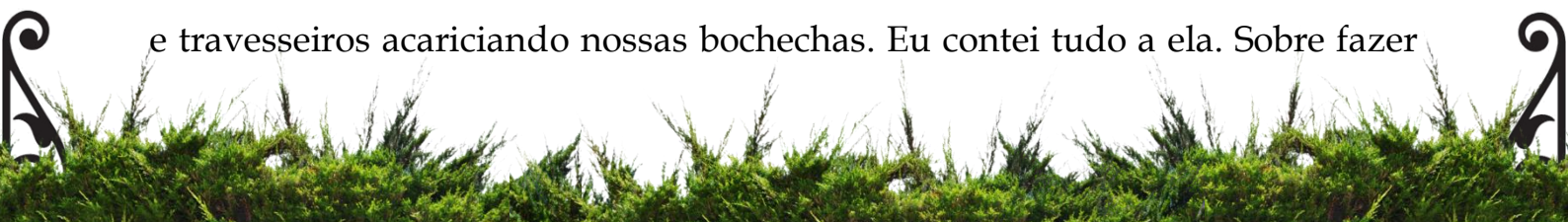
— Eu não tinha sido informada do que aconteceu até que eles te pegaram —, disse ela. — Os cavaleiros poderiam ter prejudicado você, ou você poderia ter caído do seu cavalo. Estações, eu quero estrangular você!

— Sinto muito —, eu disse. — Sinto muito, mãe.

— Estou furiosa e exausta de defender seu caso para a Primavera. Confie em mim, tenho uma pontuação para resolver com você sobre isso, mas no momento só sou grata por você estar bem. — Ela pegou um lenço da penteadeira, enxugou meus olhos e falou calmamente. — O que aconteceu, Briar?

— Não sei por onde começar.

Ela colocou o pano em uma bola e me levou à cama. Entramos, os lençóis e travesseiros acariciando nossas bochechas. Eu contei tudo a ela. Sobre fazer





amizade com Eliot, desejar Poet, proteger Nicu e retornar ao local onde o pai morreu. Embora eu tenha chorado mais algumas vezes, corado em outros momentos, me recusei a me censurar. Expliquei por que afastei a mãe. Eu disse a ela que a amava, o que a fez chorar mais também. Quando terminamos, caímos em uma calma aquática de rio.

Pai tinha sido meu herói. Eliot tinha sido meu herói. Poet era meu herói.

E eu me tornaria minha própria heroína. Essa vida deixou espaço para muitos campeões, porque eu não conseguia imaginar alguém precisando apenas de si.

No entanto, eu perdi os sinais sobre a mãe. Não me lembrei do rosto dela depois que o pai morreu, das coisas que ela disse, como lidara sem ele ou sem que eu lamentasse ao lado dela. Muito envolvida em minha própria dor, eu não prestei atenção. Não reconheci essa heroína que havia se recuperado e governado. Silenciosamente, ela sobreviveu a tudo. Minha heroína silenciosa.

— Eu pensei que trazê-la aqui seria útil —, ela admitiu sombriamente. — Eu pensei que encarar o passado todos os anos nos ajudaria a curar juntas, quando isso só te assustava mais. Foi errado da minha parte.

— Foi errado da minha parte evitar você. Se tivesse uma chance, eu teria ido com você de qualquer maneira. Eu sempre quis ver Eliot.

— E o bobo da corte? Ele coagiu você? Ele te seduziu?

— Eu me preocupo com Poet.

— Pareceu muito mais do que isso. O que você fez e disse, não faria por qualquer um.

— Ele é uma boa pessoa. Ele ama o filho.

A criação de Nicu amoleceu um pouco a mãe. — Incentivei você a abraçar a Primavera, mas não quis dizer isso. Ele pode ser um pai amoroso, mas também é um ancinho. Ele é inferior e...





— Eu sei tudo que nos torna diferentes, mãe. Isso não muda como me sinto.

— É proibido, Briar.

— Ele me faz rir. Isso não deve ser proibido.

Mãe suspirou. — Você é tão teimosa quanto seu pai. Se eu disser para você ficar longe dele, será o contrário. Como é, você não me contou seus segredos.

— Eu precisava guardar segredos.

— Nós devemos esconder as coisas, sim. Devemos fazer coisas que nos prejudicam, especialmente em nossa Estação, mas por favor, pare de se esconder de mim quando estivermos em privado. Você pode falar comigo. Não importa o que você faça, eu te amo. Estou orgulhosa de você. Mais agora do que nunca.

— Por quê? — Eu perguntei. — Eu desobedeci a todas as leis escritas e não escritas.

— As leis não melhoram as pessoas, Briar. Erros melhoram. O amor melhora — ela disse. — O que você fez, não posso dizer que você lidou com isso corretamente, porque não o fez. Você fez más escolhas, mas também valorosas. Se você não é apaixonada por nada, não pode ser uma rainha honesta. Uma rainha toma decisões corajosas, não apenas cautelosas. Você fez o que acreditava estar certo. Você procurou proteger uma criança inocente do ódio.

— Nenhum de nós sabe como ser um governante perfeito, passamos a vida aprendendo como. Mas você demonstrou mais espírito e determinação nos últimos dias do que eu já vi. É por isso que não estou preocupada com a rainha que você se tornará. — Ela colocou meu cabelo de lado. — E eu suspeito há algum tempo sobre Poet.





—O que eles vão fazer com ele?

—Eles ainda não decidiram. Eles convocarão vocês dois perante o tribunal novamente e se oferecerão para ser indulgentes se você lhes disser onde Nicu está. Se você recusar, será banida de Whimtany até sua coroação.

Isso poderia levar séculos. Décadas em que eu não veria Eliot, em que mamãe teria que vir aqui sozinha. Nós nunca pisaríamos juntas na Primavera, porque quando eu for coroada, ela estaria morta, se não fosse mentalmente incapacitada.

Meu peito apertou. Mamãe poderia brigar comigo por isso, mas ela deve entender estar dividida entre o coração e o dever. Eu não poderia ser ajudada. Eu não lhes daria Nicu.

—Briar. — Mãe segurou meu rosto. — Eu odeio ver isso acontecer com você.

—E o Poet? — Eu perguntei.

Ela hesitou. —Primavera não o executará. Mas a recriminação do bobo da corte será física, se houver.

Eles o prenderiam em trepadeiras de espinhos de Whimtany e o deixariam na praça por horas. Ou eles o amordaçariam com pimenta até sua garganta ficar carbonizada e parecer que sua língua estava derretendo. Fosse o que fosse, ele se curaria, mas não esqueceria.

Eles não causariam danos permanentes. Mesmo que ele tenha mentido para a Coroa, eles queriam preservar sua capacidade de falar e brincar. Ou... ou talvez eles o deformassem, o transformassem em alguém irreconhecível.

Eu me sentia mal.

Eles poderiam continuar a procurar Nicu sem a nossa ajuda. Eles podem eventualmente encontra-lo, se a Primavera e Verão forem persistentes.





Sem entrar em pânico, enterrei meu rosto no travesseiro e lutei para respirar. Mamãe esfregou a parte de trás do meu pescoço, murmurando coisas que me escaparam. Não que isso importasse. Eu precisava do toque dela, não de suas palavras.

Palavras. Os escritos.

O decreto dos tolos. Proibido, o documento surgiu na minha cabeça. A intuição fez minha mente acelerar. Eu me sacudi, lembrando cada linha, procurando por algo. Só uma coisa.

—Tolos, e tudo o que são, estarão ligados à sua nova estação —, recitei em voz alta. —Tolos, e tudo o que eles são... ligados à sua nova estação. Tolos... e tudo o que são...

E tudo o que eles são.

Tudo o que eles são!

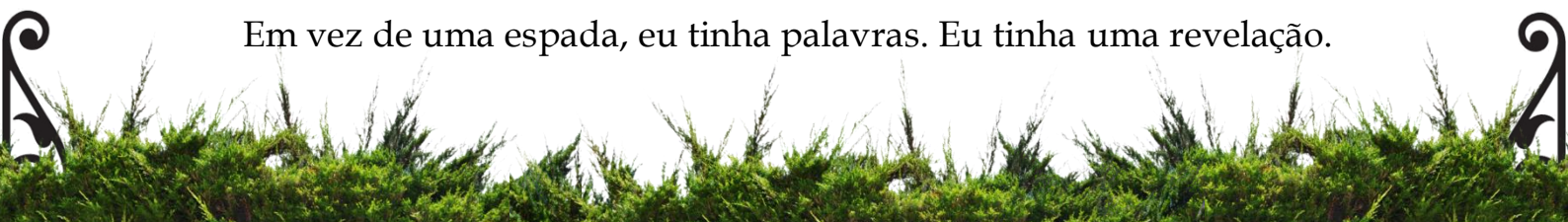
Eu me levantei na posição vertical. O ar abençoado voltou aos meus pulmões. A mãe e o pai eram solidários com os tolos nascidos, mas não tinha sido a época deles para contestar isso. Eu não convenceria Mista da noite para o dia, muito menos os Monarcas. No entanto, até grandes feitos começaram com passos hesitantes. Isso pode não ser o legado da mãe, mas talvez estivesse destinado a ser meu.

—Mãe. — Eu cheguei mais perto. — Eu preciso discutir algo com você.

Duas horas depois, entramos juntas no grande salão, onde os Monarcas estavam tomando café da manhã. Os guardas nos ladeavam, é claro. Whimtany não me queria mais fora de vista.

Eu usava prata, uma cor universal ao longo das estações. O vestido de cetim tinha mangas curtas, uma saia que nadava ao redor das minhas pernas e um cinto de corrente. Parecia usar uma armadura bonita.

Em vez de uma espada, eu tinha palavras. Eu tinha uma revelação.





Para todos os efeitos, a princesa tinha um truque na manga.

Basil e Rhys se levantaram quando entramos. As Rainhas pousaram os talheres, olhando uma para a outra surpresas. Mamãe era esperada, mas eu fui banida de comer com eles. Que eu desconsiderarei isso brilhava em seus rostos.

O artifício astuto do Poet trabalhava para ele, enquanto minhas táticas tiveram um efeito perturbador. Rezei para que o desgaste da realeza me desse uma vantagem. Eles não estavam preparados para negociação.

Cada um deles parecia maior que o normal. Eu me senti seis anos mais jovem.

— Rainha Avalea, isso é anarquia —, disse o rei Basil. — Sua filha pertence ao quarto dela. Você não pode acorrenta-la por um dia? Pelo bem das Estações, guardas!

Caí de joelhos. Agora era a hora de mostrar subserviência.

Meu olhar se levantou brevemente ao ver a mão de Basil disparar, detendo os guardas. Eu segui em frente, falando no chão polido. — Majestades, peço desculpas. Lamento ter mostrado desrespeito durante este mês de paz, especialmente depois que você me honrou em participar. Sou muito grata pelo convite e arrependida por ter causado a tensão nas Estações. Por favor, posso declarar meus negócios?

Eu fui deliberadamente ambígua, pedindo perdão sem realmente me referir a tomar Nicu. Eu nunca expressaria arrependimento por salvá-lo. Nem mesmo como uma mentira.

Os Monarcas se consultaram em silêncio. O rei da Primavera assentiu e me pediu para continuar.

Levantei-me e apertei minhas mãos atrás das costas, escondendo como elas tremiam. Somente mãe, que se colocou atrás de mim, veria isso. — Perdoe





minha intrusão, mas não revelarei o paradeiro da criança. O seu bobô da corte também não irá.

— Então eu vou comer sua humilhação no café da manhã. — Bateu o bigode de Rhys.

— Outono quer o garoto. Trocamos você por ele.

Ele latiu de tanto rir. — Isso é absurdo. As negociações acontecem na sala do trono, entre monarcas, não herdeiros.

Mãe mexeu-se para ficar ao meu lado. Rhys olhou para nós. — Você quer muito essa criança, assim como o seu bobô da corte imbecil. Só isso é motivo para eu recusar o que Outono tem a oferecer. Eu vou caçar o garoto eu mesma. Não tenho escrúpulos em ser maldosa. Foram quatro semanas tentadoras.

— Você quer que as celas do Verão sejam eliminadas dos loucos? Muito bem. Mista vai tirar uma dúzia de almas das suas mãos. Envie-os para nós.

Porque nós os trataríamos humanamente, tentar ajudá-los se pudéssemos, se fosse possível. Nós tentaríamos.

O rei parecia cético. Tentado também. Além de incluir os loucos na emenda comercial como medida de precaução, os membros da realeza não haviam decidido como livrar as masmorras dos reinos deles. Especialmente no Verão, com sua população e clima mercuriais provocando comportamentos mais ilegais do que qualquer outro reino. Pelo preço de Nicu, eu acabei de dar a Rhys uma chance de ganhar mais espaço em uma das prisões do Verão. Eu e Poet não éramos mais importantes para ele.

Eu esperei, meus dedos tremendo na base da minha espinha.

Implorando. Na esperança. *Por favor.*

Rhys conversou em silêncio com a esposa e depois franziu os lábios. — Duas dúzias. — Ele respondeu.

— Dezoito. — Eu disse.





— Vinte.

Poderíamos estar discutindo sobre o preço dos ovos.

Embora tenhamos abrigado os loucos nas masmorras, convenci minha mãe a utilizar um assentamento periférico, uma vila abandonada a um dia de viagem de nosso castelo, onde eles poderiam ser administrados de maneira justa. Nomear guardas e médicos, e empregar camponeses dispostos a supervisionar o local, causaria indignação. Mas a perspectiva de trabalho e salário, com pouco esgotamento de recursos, apaziguaria nossos cidadãos.

Também raciocinei que nosso povo aceitaria uma maior separação entre os loucos e eles próprios, principalmente se discutíssemos os pontos de segurança e mais espaço para os fugitivos reais. Éramos uma terra calma, mas isso não significava que vivíamos livres de rufiões.

O que Mista pensaria quando descobrissem que eu havia trocado pelo filho de meu amante - e com a benção da mãe - era outra questão. Eu teria que suportar o escrutínio público. Isso iria acontecer de qualquer maneira, e para aqueles dois garotos, eu teria feito isso mil vezes.

Advertindo-me para não desmaiar, assenti. Outras duas horas depois, o documento foi redigido.

Depois de assinar, Verão deixou cair a pena sobre a mesa, os dedos manchados de preto. Ele não ficaria satisfeito até que ele tivesse apontado algumas palavras de despedida para mim. — Você pode tirar essa criança do esconderijo agora, mas não pareça tão satisfeita. Isso não muda o seu próprio destino, nem o do bobo da corte.

Eu cruzei meus braços. — Isso será difícil, já que o Poet está agora no Outono.

A realeza piscou, chocada quando os piquei como um espinho muito doce. — A alteração comercial do Decreto dos Tolos declara — eu citei para





eles, para que eles não tenham esquecido. — Os tolos, e tudo o que são, estarão vinculados à sua nova estação.

— Tudo o que eles são, significava suas famílias. O que significava que o Poet estava ligado ao Outono, porque o Poet era o pai da criança.

Com essa notícia, Basil e Fatima embranqueceram.

Rhys fervia para um tom de vermelho. Vermelho escarlate.

— Prove. — Ele exigiu.

— Refute. — Eu disparei.

Não havia meios para verificar isso. As estações dependiam de semelhanças físicas e do reconhecimento divino de um monarca. Para isso, mamãe entrou na conversa e atestou a paternidade de Nicu, agora que ela acabara de se tornar seu soberano.

Além disso, as ações de Poet provaram que ele era o pai de Nicu, assim como suas impressionantes íris verdes. De fato, me surpreendeu que a Coroa não suspeitasse disso.

— Tudo o que eles dizem respeito à mente e ao corpo de um tolo. — Se irritou Rhys.

— O corpo deles é o sangue deles. O sangue deles é a família deles — falei. — Por si só, esse é um fato irrefutável. Mostre-me como isso não se aplica às famílias.

— Não é isso que diz o decreto!

— Mas é assim que se lê.

— Ela está certa. — Admitiu Fátima depois de um momento.

Os monarcas pareciam atordoados, envergonhados por terem perdido isso. Parecia que até os mais poderosos podiam ser tolos.





—Precisamos reformular a emenda —, murmurou Basil. —Temos que conseguir isso hoje. Não podemos trocar parentes de tolos nas Estações. Isso não é sobre eles.

Precisamente porque eu fiz os Monarcas incluírem essa citação em minha negociação com Verão. Eles fariam as alterações necessárias para o decreto, mas o documento comercial assinado e datado entre nós ainda se aplicaria a Poet.

Em uníssono, as Monarcas se viraram para me encarar. Uma princesa deve esperar para ser dispensada pelos mais velhos.

Eu fiz uma reverência. —Suas Majestades.

Antes que Rhys pensasse em queimá-lo, peguei o pergaminho e me afastei em um círculo de prata. Enquanto eu fazia, meu rosto estoico se transformou em um sorriso.





CAPÍTULO VINTE E OITO PRINCESA

Sussurros invadiram meu sono. Eu caí, ganindo enquanto três rostos apareciam entre as cortinas do meu dossel. Vale, Posy e... Cadence?

Vale cantou: — Acorde, acorde

— Sua Alteza. — Concluiu Posy.

Raios cansados da manhã bocejavam pelo quarto. Sentei-me de pé enquanto minhas visitantes afastavam as cortinas da cama e caíam no colchão, enrolando-se em mim em roupões de cashmere.

Cautelosa, segurei o cobertor no meu peito. De acordo com as pinceladas de notícias espalhadas pelas terras, eu havia perdido meu senso e virtude. Eu me tornei uma simpatizante. Eu roubei Poet bem debaixo do nariz da Primavera e elas podem não mais adorá-lo da mesma maneira, mas isso não significava que a corte celebrasse sua iminente partida de Whimtany.

Quem sabia o que essas meninas pensavam de mim agora?

— O que vocês querem? — Eu perguntei.

— Temos suas roupas para o carnaval hoje. — Disse Posy.

— O toque perfeito —, acrescentou Vale, gesticulando para um vestido desbotado com um cinto de couro pendurado na minha tela de troca, junto com um círculo de ervas daninhas.

Dia da Cotovia. Carnaval.





Mas não. O rei e a rainha certamente não me deixaram participar do evento alegre.

E por que essas meninas me traziam essas roupas? Eu não entendi... até que eu entendi.

As meninas explicaram mais. A Coroa preferiria me afastar, no entanto, isso perturbaria a tradição, pois toda a realeza em residência precisavam participar. Além disso, Basil e Fatima tinham planos específicos para mim. Algo que eles tinham todo o direito de solicitar. Eu não via isso chegando, mas não podia me surpreender muito.

Que rude. É nisso que Poet me veria. Ou ele me veria? Ele fora libertado da torre, protegido pelo Outono de um acerto de Primavera, mas minha mãe me aconselhou a me dar um tempo, para que eu não o visse logo depois. E eu assumi que Poet tinha pensamentos semelhantes, já que eu não tinha notícias dele, nem mesmo através de uma mensagem entregue por Tumble.

Mamãe havia me dito que Basil e Fatima o haviam chamado para uma conversa particular, mas mamãe não tinha ideia do que aconteceu. Embora a realeza não pudesse culpa-la pelo que fiz, e em público ela mantinha a aura de uma rainha disciplinada e contrita, seus colegas a tratavam duvidosamente.

As Três Tolas queriam entregar minhas roupas, aparentemente para aliviar o golpe do que estava por vir. No entanto, eu não conseguia entender a presença aborrecida da Cadence aqui.

— Por que você está sendo legal comigo? — Eu questionei.

— Não tenha muitas esperanças —, resmungou Cadence. — Nenhum de nós jamais teve um fraquinho por tolos nascidos, mas o menino é filho de Poet, por isso somos vergonhosamente curiosas—

— Muito curiosas. — Enfatizou Posy.

— ...sobre o que aconteceu entre vocês. Queremos o escândalo.





— A história. — Corrigiu Vale.

— Os detalhes —, traduziu Cadence. — Por um lado, eu gostaria de te dar um tapa tão forte quanto você me deu. Você o roubou de nós, mas há muitos alfas por aí. Se ele preferir você, você não pode ser a princesa abafada que pensávamos que era - ou isso, ou ele fez algo mágico para afrouxar seu corpete. Posso respeitar uma princesa que beija um canalha e tem a espinha para me bater.

Posy e Vale empalideceram para ela. Eu levantei uma sobrancelha.

Cadence jogou os cabelos por cima do ombro. — A última coisa que esperávamos era você rolar conosco no labirinto ou violar a lei. Nós a julgamos mal.

— Uma princesa rebelde é fascinante. — Reconheceu Vale.

— Firme. — Disse Posy.

— Especialmente quando ela está arruinada —, acrescentou Cadence. — Parece a história de amor mais tola, você e ele. Na verdade, isso me faz tolerar mais você.

— Nos escute. Parecemos as criaturas mais rasas. — Posy repreendeu.

— Bem, ela é humana. Ela tem paixões e realmente comete erros. Não tínhamos certeza antes, tínhamos?

— É mais do que isso —, garantiu-me a Vale. — No labirinto, nos divertimos com você.

Posy correu para o centro da cama e enrolou as pernas debaixo dela. — Nós gostamos de você.

Cadence encolheu os ombros. — Depois do que você e Poet se arriscaram por essa mudança... talvez não devamos ser rápidas em desprezar os simplórios. Talvez devêssemos saber mais, se você estiver disposta a nos dizer





o que não consideramos antes. Talvez você nos convença. O que você diz, Alteza? Você está interessada em gostar de nós de volta?

Eu vacilei. O gosto por Poet as tornava tendenciosas. No entanto, elas estavam dispostas a me ouvir, a aprender de forma diferente. As palavras feias de Cadence na colina do carnaval ainda permaneciam em minha mente, mas eu tinha que acreditar que as pessoas poderiam mudar se tivessem a chance. Eu tinha que acreditar nisso.

Eu também estava sedenta por esse momento, percebi. Ter companheiras descansando no meu quarto sem a obrigação de fazê-lo. Seria bom ter aliadas na primavera. Possivelmente amigas.

Eu limpei minha garganta. — Tudo bem.

Apesar de tudo, elas não tinham previsto isso. Nós olhamos uma para a outra, imaginando o que fazer a seguir - e depois caímos na gargalhada.



As meninas me ajudaram com o vestido. Depois que elas me desejaram sorte e foram embora, fui para a varanda. Minhas mãos cruzaram a borda, a pedra fria contra as palmas das mãos. Lembrei-me do meu primeiro dia aqui, quando estava naquele local, desejando estar em casa, sem saber o que estava prestes a acontecer.

Em toda estação, existia o grotesco e a beleza. Malícia e bondade. Ódio e amor. Prazer e perda. Alegria e arrependimento.

Todo lugar tinha seus próprios castelos e cabanas secretas. Tinha alcovas e salões vigiados. Suas salas do trono e masmorras. Suas cores alaranjadas felizes e tempestades que comiam grama.





Primavera me machucou, mas não foi tudo o que senti aqui. Nunca foi realmente. Partir me aliviaria e me mataria, porque eu não podia levar todo mundo que queria.

— Você parece uma tola. — Ele brincou por trás, sua voz musical facilitando meu aperto na borda.

— Muito obrigada. — Eu disse com uma risada seca.

Eliot se moveu para ficar ao meu lado, com o alaúde amarrado no ombro. Ele nunca esteve na minha suíte antes. Eu chamei ele. Uma jogada ousada, mas naquele momento, eu não me importava.

Nós olhamos para frente. Os ingredientes do carnaval, com suas cores e fitas, brotavam da colina de flores silvestres. As tendas brilhavam como se tivessem sido criadas com magia.

Costumávamos aproveitar o festival do Dia da Cotovia juntos. Como menestrel, Eliot desempenhava um papel regular nele. Uma longa pausa em seu desempenho e a enorme multidão de corpos nos permitiram passar algumas horas ao lado do outro, apreciando as vistas sem que ninguém nos questionasse. Em algum momento, encontraríamos uma oportunidade clandestina de dar as mãos, meus dedos macios entrelaçados aos dele.

Meus olhos lacrimejaram. Uma série de palavras não ditas filtrou-se através do silêncio.

Eu te perdi? Ou estou perto de te perder? Ou eu vou te perder hoje ou amanhã? Ou você já escorregou pelos meus dedos quando eu não estava olhando?

— Eliot. — Eu disse, o soluço saindo dos meus lábios.

— Briar. — Ele resmungou.

Nós nos abraçamos. Ele esfregou minhas costas. Eu escovei seus cachos.

— Perdoe-me. — Eu chorei. — Há muito a dizer.

— Sempre existe. — Disse ele.





—Senti sua falta. Eu senti tanto sua falta.

—Eu também. Fiquei magoado e isso não desapareceu, então talvez seja diferente entre nós agora. Mas você significa tudo para mim. Você significa, Briar. Eu o amo e você o ama, mas isso não significa que não nos amamos, não é? Uma amizade para as idades pode sobreviver a isso. O que eu acabei de dizer faz algum sentido? Porque abraçá-la com este alaúde nas minhas costas é desconfortável. Não consigo falar com clareza.

—Talvez depois de um minuto, você se acostume. Eliot?

—Hmm?

—Você se lembra quando tínhamos catorze anos? Aquela música que escrevemos?

—O reino dos cavalos. Oh, isso foi horrível. Suas letras-

—Eu sei —, falei por cima do ombro. —Eu não disse isso então, mas obrigado por usá-las.

—Eu ainda tenho a música.

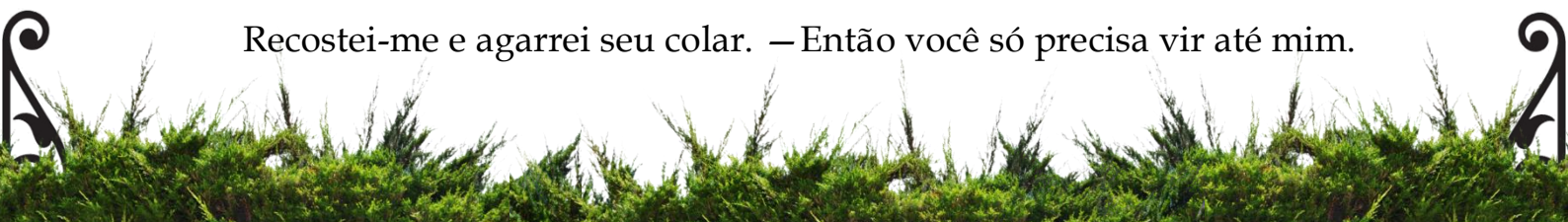
—Você tem?

—O que você acha que eu sou? — ele repreendeu. — Você significa mais para mim do que meninos e, bem, até música. Você significa mais para mim do que meu alaúde. Não esquecerei isso, não importa quanto tempo estivermos separados.

Pode demorar séculos até a minha coroação, quando eu seja bem-vinda de volta à primavera para as negociações de paz. Enquanto isso, os outros herdeiros e herdeiras teriam permissão para participar das reuniões de encerramento das negociações, para crescer com um vislumbre de seu futuro. Eu seria excluída desse direito.

E a mãe viajaria aqui sozinha. E eu não chegaria a ver Eliot.

Recostei-me e agarrei seu colar. —Então você só precisa vir até mim.





— Como? — Ele perguntou, colocando as mãos sobre as minhas. — Não é possível. Ninguém pode viajar entre as estações sem a permissão da coroa.

— Eu falei com a mãe. Planejamos convidar a Primavera para o Outono, não tão frequentemente quanto as negociações de paz, mas ocasionalmente ao longo dos anos. Vou reparar meus erros, lavando-os com elogios, apelando para o lado alegre deles e exortando-os a trazer seus artistas premiados. Por uma questão de lealdade e ver Outono rastejar, eles não recusam assistir, nem ver Poet se apresentar novamente, nem exhibir seu renomado tocador de alaúde, se surgir a oportunidade.

— Você acredita nisso?

— Eu vou fazer isso acontecer —, eu jurei, meus olhos ardendo. — Nos veremos novamente. Algum dia.

— Você está vestida como uma tola, mas soa como uma realeza.

— Não. — Equilibrando na ponta dos pés, eu escovei seus lábios com os meus. — Eu soo com sua amiga.

— Isso, acima de tudo. — Ele sussurrou, sorrindo.

Nossas testas caíram juntas. Enquanto nossas lágrimas secavam, senti meu rosto relaxar, não mais afiado ou comprimido. Eu exalei, soprando parte de mim no vento, para que permanecesse aqui com ele.

Por algum milagre, os ecos do carnaval chegaram até nós. O riso de duas crianças pulando no ar. Um som eterno e estridente. Uma melodia capturada em uma rede de tempo, que não mudaria - mesmo enquanto aquelas crianças mudavam. Mesmo quando eles crescessem.





As festividades começaram, abrindo os braços para as próximas horas. Milhares de pessoas do castelo, da cidade baixa e mais de cem aldeias chegaram cheias de energia.

Nobres e cortesãos. Servos e camponeses. Comerciantes e mercadores. Guardiões e artistas.

Eu me perguntei se Poet já escapara da floresta para este festival quando criança. Ele poderia ter. Ele pode até ter cotovelado comigo de passagem.

Artistas aéreos voavam. Acrobatas capotavam em tábuas oscilantes. Os contorcionistas mantinham-se em posições impossíveis, agindo como barras para seus parceiros caírem. Havia contadores de histórias e adivinhos, lições de empunhar as espadas dadas por cavaleiros, um espetáculo de marionetes que Nicu teria gostado.

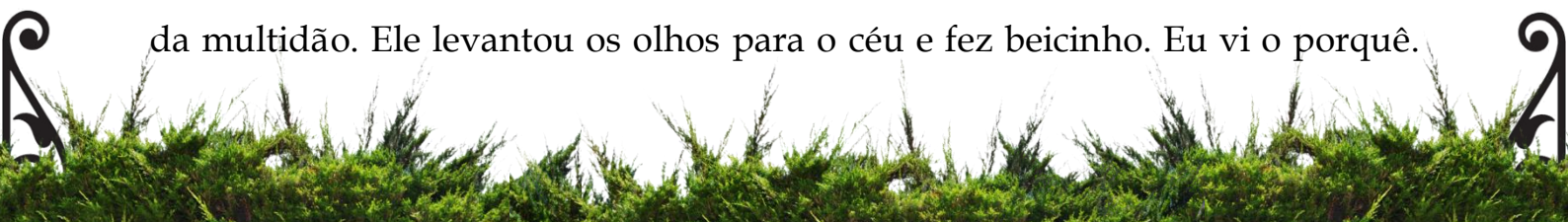
E pontos turísticos que ele não teria gostado. Não muito longe, um rapaz simplório de cerca de doze anos estava sendo perseguido em torno de um curral por porcos. Ele gritou como se fossem monstros, talvez porque é isso que ele realmente pensou que viu.

Em outro círculo, duas mulheres atarracadas com características semelhantes às de Nicu se coçavam enquanto as pessoas aplaudiam. E, caído, um homem idoso parecia intrigado com o ambiente, enquanto os jovens esticavam os braços, prontos para disparar ovos contra ele.

Essas cenas doíam mais do que minha própria humilhação, a multidão se separando quando eu entrei. Alguns olharam para mim com simpatia, porque eu ainda era da realeza. Outros se comportaram de forma mais insensível, me lançando olhares de reprovação.

Eu, a tola do Festival.

E ele. Acompanhado por um guarda, Poet se materializou do outro lado da multidão. Ele levantou os olhos para o céu e fez beicinho. Eu vi o porquê.





Eles o vestiram com roupas tradicionais de bobo da corte: calça verde escura até o joelho, meias e uma jaqueta colorida. Abas penduradas em torno de seu decote e pulsos. Sua touca de sino - feita de pétalas para distingui-lo dos outros bobos da corte, marcando-o como o Tolo do Festival - tocando enquanto caminhava.

Apenas dois detalhes revelaram seus verdadeiros gostos. Uma única lágrima negra, orlada por pequenas gemas verdes, que pendiam de seu olho esquerdo. E suas unhas brilhando em preto.

Primavera havia encontrado uma maneira de nos desprezar publicamente. Basil e Fatima haviam mudado as regras para sua conveniência, nomeando mais de um Tolo do Festival. Quão reais deles, pensei com sarcasmo.

Poet piscou para mim. Eu agrupei um sorriso.

Basil e Fatima fizeram seu discurso introdutório e levantaram os braços. Sinos soaram e foliões explodiram em gritos de alegria. Com isso, Poet e eu pertencemos ao carnaval e a qualquer nobre ou real disposto a nos comandar ou assediar. Desde que caímos a favor, foi principalmente o último.

Continuou e continuou. Seríamos parados e mandados buscar bebidas ou fazer truques. Eles vendaram os olhos dele e de mim, depois nos fizeram caçar um ao outro enquanto um monte de gritos nos enganava - ou a mim, pelo menos, já que Poet me achou mais rápido do que eles teriam preferido.

Eles amarraram minha perna direita à esquerda dele, forçando-nos a andar juntos por uma hora. Eu não era tão graciosa quanto o bobo da corte.

Uma condessa me pediu para dançar em uma corda baixa enquanto desviava do cajado que ela entregou a Poet, esperando que ele me cutucasse. Quando ele recusou, ignorando o cajado, a nobre me cutucou nas costelas. Eu tropecei na corda.





Poet me pegou e depois arrancou o cajado da mão da condessa. Seu aperto furioso sugeriu que ele poderia tê-lo varrido sob seus pés e deixado a mulher deitada de costas. Em vez disso, ele girou o cajado de mão em mão, pelos ombros e ao redor do pescoço. Uma visão estonteante.

Satisfeito, ele empurrou o cajado de volta para ela, a mulher assustada mal conseguindo entender a tempo. O espetáculo ganhou títulos impressionados e inquietos dos espectadores. Um trio de acrobatas residentes bufou, ousando parecer orgulhoso. Apesar das transgressões de Poet, todas as pessoas não gostaram de vê-lo reduzido a isso. Eles respeitavam sua arte e liderança.

A exibição do Poet se tornou um aviso silencioso: não importa o que eles nos fizeram fazer, não quebraríamos. Tendo cuidado, porque se ele estivesse tão inclinado, ele poderia virar qualquer brincadeira. Seria um tiro pela culatra no culpado e faria dessa pessoa o motivo de piada.

Negar tudo o que eles esperavam, ele poderia ofuscá-los, se quisesse.

Com o passar das horas, as pessoas baixaram a guarda. Pétalas atadas a drogas derretiam em suas línguas, visões inspiradoras e olhos vidrados. Eles giraram ao som de alaúde e tambor. Apesar de todo o preconceito contra mentes distorcidas, consumir essas flores provou ser hipócrita, mas os foliões se desculparam porque o efeito era tão temporário quanto os espíritos, não algo intrínseco.

Na sua tenda, o amargo rei do Verão nos pediu. Ele exigiu um verso de Poet e ordenou que eu o aguardasse e testemunhasse. Mas, quando Poet começou, o rei Rhys começou a ignorar Poet e conversar com a rainha Giselle, falando alto sobre as palavras do bobo da corte. O resto dos atendentes seguiu o exemplo.





Uma tática humilhante. Ninguém jamais havia ignorado Poet antes.

As Sete Tolas estavam por perto. Fae, Questa, Rhiannon e Lisette riram - como a maioria, sua admiração por Poet havia diminuído. Quão facilmente alguém pode se tornar popular, apenas para cair tão rapidamente do pedestal.

Vale, Posy e Cadence não riram. Eu me preocupei em causar uma brecha na amizade das Sete, mas apreciei o apoio delas.

Mamãe ficou longe, como eu implorei. Ela protestou, mas cedeu, concordando em permanecer em sua tenda, misturando-se aos visitantes. Era mais do que manter a pretensão de ser uma rainha arrependida e disciplinar. Também não queria que ela me visse ridicularizada assim, mesmo sob o disfarce de celebração.

Eu fiz muito para azedar as relações de Mista com a Primavera. Embora não me arrependesse de fazer isso por Poet e Nicu, sabia que essas relações tinham que ser restauradas pelo bem do meu reino. Essa degradação foi uma espécie de trampolim.

Se o desrespeito de Verão incomodou Poet, ele não deixou transparecer. Ele começou outro verso, tecendo uma história que me transformou em uma guerreira - eu gostei disso - e exagerou o rei do Verão em um soberano fictício. Um monarca que não conseguia enxergar além do bigode coberto de mato para ler as letras pequenas no Decreto dos Tolos. Eu abaixei minha cabeça, tentando não rir.

O mesmo aconteceu com outros que começaram a prestar atenção. Poet terminou com aplausos que chamaram a atenção do rei Rhys e o confundiram.

Poet olhou na minha direção. Em voz alta, aplaudi. Nenhuma lei criminal impedia o que eu estava prestes a fazer. Havia uma lei social, mas já violamos isso. Tínhamos atenção suficiente - e não o suficiente.

Regras foram feitas para serem alteradas hoje? Nós obrigáramos.





O povo queria dois tolos? Nós lhes daríamos dois tolos.

Fui até Poet, agarrei seu rosto e o beijei.





CAPÍTULO VINTE É NOVE

BOBO DA CORTE

O beijo dela sempre era uma experiência incrível, assim como minhas performances. No entanto, combine os dois e solte-os no meio de um festival, e é uma maravilha totalmente nova. Antes da congregação, demos a esses idiotas mais uma coisa para falar...

Exclamações de espanto ondularam de uma pessoa para outra. Eu parei, então a beijei de volta, sorrindo em seus lábios. A recepção do nosso público nos estimulou enquanto nos envolvíamos. Embora não seja a melhor maneira de apaziguar a Primavera, convém à ocasião. O festival intoxicou as pessoas apenas o suficiente para elas nos assistirem com uma pitada de intriga. Ah, esse era o brilho da vida na corte.

As Sete Adoráveis usavam uma mistura de reações. Quatro delas ficaram boquiabertas, enquanto Vale, Posy e Cadence assobiaram.

Um som primitivo saiu do rei Rhys. Isso separou a princesa e eu.

— Algum outro pedido, Majestade? — Eu perguntei, fingindo inocência.
— Eu poderia oferecer outro verso, ou minha companheira adorável e eu poderíamos continuar nos beijando, ou talvez você queira que surpreendamos essa alegre companhia de outras maneiras. A menos, claro, que você esteja satisfeito e queira que nós...

— Saiam! — Ele latiu.





— Como você quiser. — Nós dois dissemos.

Eu fiz uma reverência, a princesa fez uma reverência e fomos embora. Do lado de fora da tenda, arranquei aquela monstruosidade com sino e enfiei no meio de um arbusto. Não havia nada a ser feito sobre o pesadelo cafona em que me vestiram.

Logo eu percebi. Ele sairá em breve.

Enquanto a luz do dia prosperava em suas horas finais, multidões invadiram o local. Era a hora em que bebidas e pétalas alucinantes, flerte e exaltação, deixavam as pessoas em um estado de distração. Eu conhecia os padrões comemorativos de Whimtany. Muito envolvida pela embriaguez, a multidão havia esquecido os acrobatas e simplórios. Eles se esqueceram.

Nós também por um tempo. Fugimos do turbilhão daquele lugar, dos requintados e dos corruptos, incapazes de ajudar ou salvar os atormentados no carnaval. Hoje não. Ainda não. O conhecimento nos queimou, nos fez buscar algo bom e esperançoso para combatê-lo. Algo que todo mundo merecia.

Eu e minha princesa desaparecemos na floresta, no pulmão profundo da primavera. Mãos entrelaçadas, dedos entrelaçados, corremos direto e seguro para dentro de nós mesmos, nosso desafio, nosso desespero. Voltaríamos ao carnaval, mas não até as estrelas brilharem e a lua subir no céu. Antes disso, corríamos, corríamos, corríamos, fragmentos de alegria e atrocidade se transformando em pedaços e depois desaparecemos. Fugimos de tudo.

Eu fui despido de inteligência e palavras, ela de inibições. Voamos por um caminho, levando ao que não poderíamos desfazer depois que aconteceu. E nós sabíamos que isso iria acontecer. Ficaríamos sem fôlego, e então cairíamos no chão sem fôlego e empurraríamos nossos corpos além de seus limites.





Uma tarde. Apenas esta. Apenas uma para saborear.

Nossos corações se tornaram coisas violentas. Eles se debatiam dentro de nós, porque queríamos isso, e corremos para ele, cegamente e com a cabeça clara. Tornou-se uma corrida. Nós nos separamos, nossas pernas e braços bombeando. Eu senti o quanto ela queria me derrotar. Embora minhas pernas fossem mais longas, ela assumiu a liderança - pela largura de um cabelo.

Sabíamos para onde ir? Eu sabia, ciente das joias secretas da floresta, mas ela não. De alguma forma, ela nos levou lá de qualquer maneira.

Diminuindo a velocidade, peguei sua mão. Lemos um ao outro bem, pois ela entendeu que o desafio havia terminado, pois alcançamos o esconderijo especial que eu tinha em mente. Era um caramanchão moldado por uma fileira de árvores dobradas e suas flores caídas, criando um dossel arqueado de flores pendentes. Videiras deles cortinavam a entrada. Eu as afastei e a virei para dentro.

Assim que paramos, nos rendemos. Ao mesmo tempo em que ela me alcançou, eu a agarrei. Meus lábios pegaram os dela com uma ferocidade amorosa, separando-os para a minha língua, arrancando um gemido dela.

Recuando, enquadrei seu rosto em minhas mãos. Ela fez o mesmo, e eu não sabia dizer se isso significava que estávamos nos segurando ou deixando de lado. Esse mistério seria resolvido mais tarde.

Quantas coisas emaranhadas dentro de mim então: o fluxo e refluxo de admiração, tristeza, raiva, inveja e outras sensações secretas que precisavam de chaves ou páginas em branco ou um milhão de horas para serem identificadas.

Cada uma de suas curvas pressionou contra mim, o calor emanava de seu pequeno e apertado centro, matando e me enrijecendo ao ponto de agonia.





Eu faria o que fosse necessário para garantir que ela não deixasse este lugar sem suspirar e gritar.

Eu a esmaguei em mim e afundei nela novamente. O céu da tarde vazava pelo dossel e nos queimava. Nós nos fundimos, uma colisão de lábios e dedos gananciosos. Eu a beijei sob um forte raio de sol.

Enquanto minha boca provocava seus lábios inchados, minhas mãos fizeram um rápido trabalho com os laços em suas costas. Ela me livrou daquela horrível jaqueta forrada de abas, a tirando pelos braços e acima da cabeça. Iniciamos sapatos e botas, depois paramos em uma tentativa esfarrapada de acalmar o inferno.

Eu estava diante dela em calças. Suas mãos subiram pelos músculos do meu estômago, saboreando-as e me estremecendo. Ela inclinou a cabeça para beijar meu peito. Ele subiu e caiu em um frenesi controlado enquanto ela viajava mais baixo para sacudir minha pele com a língua. Ah, merda.

Provocado pelo que deve ter sido um gemido masculino curvado - eu fiquei muito desorientado, meus joelhos muito fracos, para dizer - ela fez isso de novo, achatando a língua sobre o meu mamilo, como se fosse açúcar de uma colher. Ela plantou beijos de lá para o meu pescoço, para debaixo da minha mandíbula, e eu queria rasgar suas roupas e nunca olhar para trás.

Como o bom garoto que eu não era, eu esperei. Eu a deixei explorar e circular meu corpo.

Dançando atrás, dedos na minha espinha.

Ela surgiu na minha frente, corada nas bochechas e de olhos brilhantes. Ela agarrou os ombros do vestido, o material tremendo em sua figura. Minhas mãos tremeram, então eu as dobrei em punhos. Eu queria que ela fizesse a escolha, não a seduzisse.





A camisa de linho foi a seguir, espirrando em torno dos dedos dos pés, limpando o último vestígio de pensamento inteligente e cavalheiresco. Para outro homem, ela era mais magra do que deveria, com quadris retos e pele muito pálida. Para mim, ela brilhava com colinas e declives de sardas, picos cremosos e tesouros afundados - tão incrivelmente bonitos. Tão pequena, essa garota do Outono.

Minha senhora afiada. Minha Briar.

Uma sarda escura estava enfiada na curva acima do peito, a ponta da pétala do peito tentando ser provada.

Ela olhou dos meus olhos para os meus pés, em um pedido tácito. Tudo o que ela desejava era meu comando. Eu enrolei meus dedos, acenando para ela se aproximar. Ela fez, permitindo-me colocar as mãos nos meus quadris. Juntos, descemos a calça, me revelando para ela. Carinhosamente, ela desviou o olhar, mas eu sabia que ela queria espiar.

Depois de um momento, seus olhos se agitaram. Sua boca se abriu com a dureza entre nós, dela para ser tomada. Eu soltei uma rajada de ar. Eu não me chamaria de dotado de uma aparência gigantesca, mas eu era um espécime satisfatório, por isso fui elogiado. No entanto, eu temia se ela gostaria que de mim nu.

Eu escovei meus lábios nos dela. Minha boca ficou ali até que seus músculos relaxaram.

Flutuando sobre a grama, eu a guiei pelo meu colo, suas pernas abrangendo minha cintura. Nós nos tocamos e acariciamos, assobiamos e choramingamos. Meus lábios dançavam por toda parte, sugando a carne de seu pescoço, deslizando sobre seu ombro. Apoiando sua coluna inferior, arqueei-a tão para trás que não consegui mais ver seu rosto, minha boca





cobrindo um de seus belos seios. Meus lábios selaram ao redor dela, desenhando ruídos dessa garota incrível, sons que atingiam as árvores.

Mais. Mais alto.

Mais alto veio quando eu encontrei aquele nó suave entre suas pernas. No instante em que apertei o polegar contra ele, um grito pulou dela e caiu no meu coração. Nós trocamos de lugar, ela me amando em voz alta, eu a amando constantemente.

Usando meus dedos, eu a preparei para nós. Ela se enrolou ao meu redor, apertando quando doía, gemendo quando se sentia bem.

Ainda não tínhamos pronunciado uma palavra. Minha boca roçou seus pulsos, onde os ferros a cortaram. Silenciosamente, falei contra o pulso dela e contei meu nome.

Não Poet. Não o bobo da corte de Whimtany.

Meu nome verdadeiro.

Ela sorriu. — Olá senhor.

— Olá, querida. — Afastei uma mecha de cabelo da têmpora dela. — Como você está se sentindo?

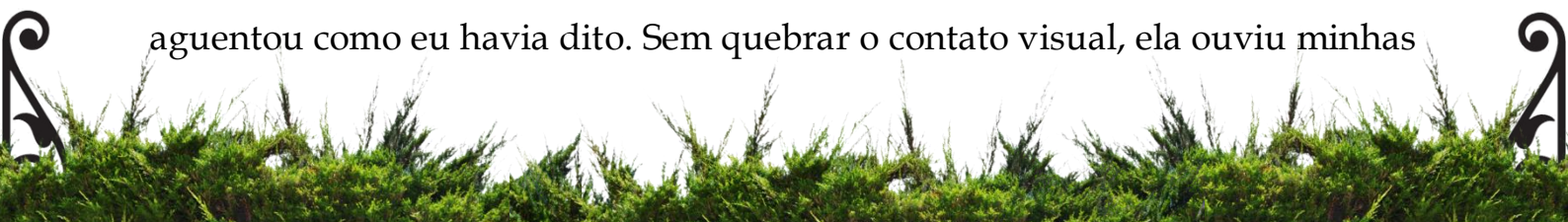
— Apaixonada.

Eu a posicionei acima de mim e segurei seu rosto. — Então me segure. Você vai precisar.

Então. Ah e então.

Eu rolei para cima e a estiquei. Briar fez uma careta de dor. Meus dentes afundaram no meu lábio inferior, seu aperto quente tão glorioso, dominando meu autocontrole. Foi tudo o que pude fazer para não arruinar isso, cambaleando pela umidade.

Forçando-me a mover-me com cuidado, murmurei garantias. Ela aguentou como eu havia dito. Sem quebrar o contato visual, ela ouviu minhas





palavras. — Estou em você, Briar. Eu nos imaginei assim. Como eu queria me mexer por dentro de você. — Eu disse, pontuando a última palavra com um cutucão da minha cintura entre as coxas dela. — Eu queria você. Eu acumulei tanto desejo que está estampado em mim.

Isso mudou tudo. Minha voz líquida e a inclinação dos meus quadris afrouxaram a princesa. Finalmente, seu desconforto desapareceu. Ela começou a se contorcer, soluços caindo dela quando ela caiu no meu colo.

O meu corpo de dançarino sabia sobre ritmo e movimento. Ela precisava de mim por mais tempo, mais fundo.

— Há mais —, eu disse. — Devo lhe dar o resto?

— Eu... eu não aguento.

— Você pode. Eu sei isso. Eu sinto. — Agarrei suas costas. — Então agora eu vou preenchê-la docemente.

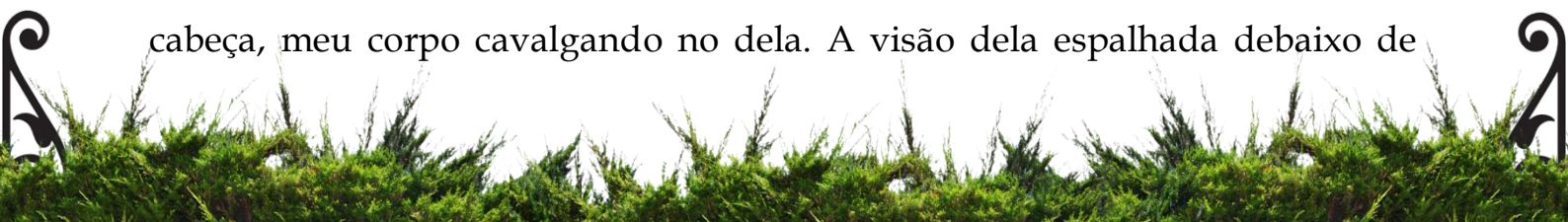
Afundi-a totalmente em mim, alívio e prazer brotando de nossas línguas. Observando o rosto dela, parei quando minha pélvis esbarrou na dela. Seus olhos navegaram para os meus e ancoraram lá. Cara a cara, pele com pele, niveladas entre si. Como iguais.

Segurando seus quadris, ajudei com o ritmo, transformando-nos em um. Quando eu estava prestes a deixá-la completamente, eu balancei para frente. Novamente. E de novo. E de novo. A cada golpe, puxava gemidos de nós dois que se espalhavam pela floresta.

— Espere, amor. — Eu ofeguei por seus gritos. — Fique comigo.

Mas não conseguimos mais. Era impossível.

Quando eu nos empurrei para a beira e não aguentei mais, eu a torci na grama e me equilibrei ligeiramente nos joelhos, seus membros subindo ao meu redor. Levantando meu torso, eu segurei suas mãos em ambos os lados de sua cabeça, meu corpo cavalcando no dela. A visão dela espalhada debaixo de





mim, tomando o peso dos meus impulsos, me levou a pura loucura. Eu pensei que poderia morrer. Ou eu poderia apenas matar nós dois.

Sua expressão me implorou. *Termine isso.*

Nunca termine isso.

Caí para frente e nos agarramos, avançando um contra o outro, impotentes. Briar curvou-se no chão, jogando a cabeça para trás e se desfazendo em meus braços.

Meus músculos tremiam quando eu a segui, atingindo o lugar certo, me jogando sobre o precipício. Eu queria ouvir todas as coisas selvagens que fizemos um para o outro, esperando que o mundo inteiro também nos ouvisse.

Por fim, não precisávamos ficar em silêncio.





CAPÍTULO TRINTA

BOBO DA CORTE

Meu amor, é aqui que eu nos levei. Neste caramanchão florescente, ando à deriva e lembro-me dessa história com você como minha companhia. Não sei como essa história termina, mas é hora de descobrirmos...

A princesa e eu estávamos cochilando. Enquanto a luz agradável passava sobre nós, eu me afogava dentro e fora de seu abraço, dentro e fora de nossa história. Eu me agitava apenas quando ela se agitava.

Eu estava descansando em cima de Briar, minha cabeça no vale de seus seios, suas pernas me aninhando. Eu desejava mais tardes assim, fluidas e eternas. Para outro casal de amantes, pertencer a Outono deveria ter garantido isso. Viver no mesmo reino deveria ter fechado a divisão.

Se fosse assim tão simples.

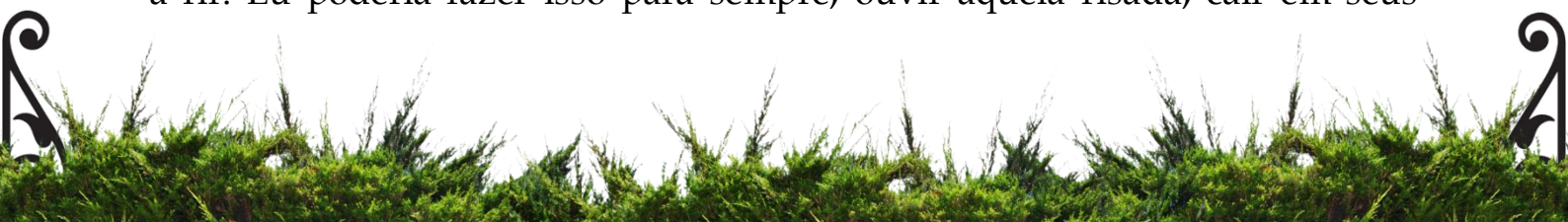
Seus dedos enrolaram no meu cabelo quando ela piscou para mim. — Oi.
— Ela sussurrou.

Ela não sabia o quão feliz e arrasado essa palavra me fez. Ansiava por amarrar o *Oi* em uma fita e desenrolá-lo todos os dias.

Eu me arrastei pelo corpo dela e rolei, levando-a comigo, a cabeça no meu ombro, seus cachos uma bagunça vermelha no meu peito. Uma névoa perfumada de caqui e suor flutuava de sua pele nua.

Ela tocou o V dos meus quadris. Maldição, como eu gostei disso.

Na verdade, eu gostei tanto que estava começando a aparecer, fazendo-a rir. Eu poderia fazer isso para sempre, ouvir aquela risada, cair em seus





braços e tomá-la novamente. Havia pelo menos meia dúzia de coisas ruins que eu gostaria de fazer com ela.

Timidamente, ela me tocou lá. Respirei fundo, meus quadris balançando.

— Briar —, eu resmunguei, colocando minha mão sobre a dela. — Se você continuar fazendo isso—

— Eu sei —, disse ela. — Deixe-me tê-lo.

A mera passada da palma da mão, o polegar deslizando sobre os meus pontos fracos, me derrotou. Caí de volta na grama, perdendo-me em suas mãos. Moldando meus dedos em torno dos dela, ensinei-lhe ritmo e a pressionar antes de me dissolver completamente. Eu me deitei lá, ofegante e voluntariamente à sua mercê.

— Você é lindo. — Disse ela, beijando meu queixo.

Malvada. Inferno.

Eu puxei Briar em cima de mim, meu corpo subindo pelo dela, deslizando dentro dela, tirando o ar dela. Repetidas vezes, fomos. Ela se inclinou para a frente, segurando meus ombros para se equilibrar enquanto subíamos, cantando bobagens.

Eu a queria em todas as superfícies abandonadas disponíveis. Eu a queria acima de mim como agora, abaixo de mim como antes, na minha frente como um dia. Eu queria o cabelo dela indisciplinado e derramando em sua pele sardenta. Eu queria vê-la carinhosamente fodida por mim. Queria que ela estivesse atravessando meu quarto com nada além de minha camisa, as mangas penduradas nos pulsos, a bainha ondulando em torno de suas coxas.

Eu a queria rápido e devagar. Eu a queria louca e macia. Eu a queria na escuridão e na luz do dia. Na cama dela e na minha cama.





Mas esse pedaço de grama tinha que ser suficiente. Movendo-me nela, eu vivi a fantasia. Eu prolonguei com um suspiro duro e um estalo duro dos meus quadris, certificando-me de que ela me sentisse bem durante a noite.

Depois, caímos em um ataque de peso, espalhados e sorrindo.

O crepúsculo desceu, lembrando-nos o carnaval esperado. Um por um, os foliões notariam nossa ausência, mas ainda havia muito o que discutir, a saber, que ela havia negociado eu e meu filho para Outono.

Ela tinha minha gratidão por isso. Até certo ponto.

Uma vez libertado da prisão e interrogado pela Coroa, corri para Jinny e Nicu. Atormentado por pesadelos, meu filho ainda não havia se recuperado do que aconteceu. Eu o segurei e o convenci a dormir, o pai enfurecido em mim planejando maneiras de fazer meus antigos soberanos sangrarem por seus ouvidos.

Por mais que eu desejasse ver Briar, a única razão pela qual retornei ao castelo antes de nossa jornada para Mista foi porque eu fui escolhido a dedo para ser o Tolo do Festival. O que me roubara horas confortando Nicu e despedindo-me de Jinny.

Embora uma mentira com a qual estivéssemos relacionados pelo sangue permitisse que ela viesse conosco, seus ossos eram velhos demais para fazer a viagem. A mulher que me criou, a quem jurei não abandonar - como meus pais fizeram comigo, como a mãe de Nicu fez com ele - terminaria seus dias sozinha. O conhecimento me inundou de dor. Quando contei, chorei mais do que ela. Ela sorriu bravamente, segurando meu rosto e me dizendo para ficar bem, ficar juntos e fazer um lar para Nicu.

A intolerância existia em uma nota mais calma em Mista. No entanto, ainda era intolerância, e eu teria que forçar Nicu a partir do único lugar que ele conhecia.





A visão do rosto de Briar me trouxe conforto. — Suponho que estou sob seu comando agora. Mas então, eu sempre estive.

Ela levantou-se sobre o cotovelo. — Era a única maneira.

Eu bati no nariz dela. — De fato.

— E nós? — Ela perguntou.

Nos. E nós?

Antes de eu deixar a casa ontem, Jinny me entregou um frasco. — *Dê isso para Briar. Ela vai precisar com você por perto. Ainda não estou planejando ter outro neto.*

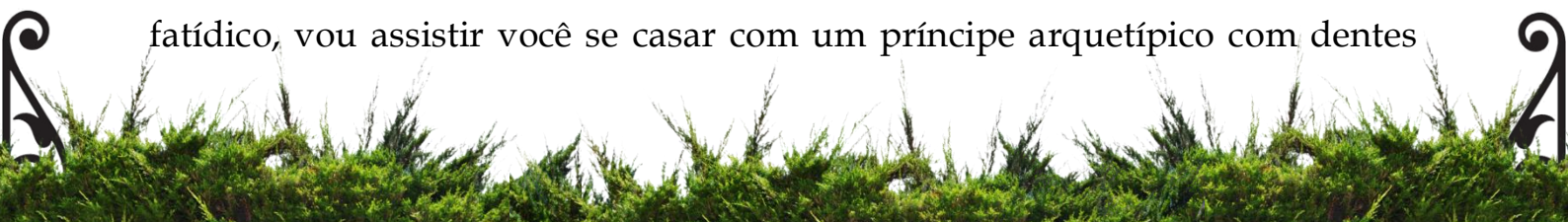
Era uma mistura de amoras e outras ervas impronunciáveis destinadas a afastar as crianças, eficazes quando tomadas dentro de dois dias de atividade brincalhona. Sempre pensando no futuro, eu tinha certeza de que Briar planejava procurar um remédio semelhante mais tarde, talvez pelo médico da corte ou com a ajuda das Três Adoráveis. No entanto, recebê-lo de Jinny seria menos humilhante para Briar.

Não dei nenhuma indicação de que tiraria as roupas da princesa em um futuro próximo. Mas Jinny teria um presente por saber melhor.

Se essa princesa e seu bobo da corte estavam criando um hábito, era a questão. Cada Estação possuía um meio de prevenção. Precisaríamos de uma mistura semelhante novamente? Frequentemente?

As Estações não nos separam mais, deixando milhares de outros conflitos pela frente. Ela era da realeza. Eu era alvo de uma piada, uma bugiganga a ser apresentada em festas.

Dor ondulou através de mim. Eu me equilibrei ao lado dela, querendo pegar as palavras de volta enquanto as pronunciava. — Serei seu bobo da corte. Vou entreter e aconselhar, como convém à minha Estação. Em algum dia fatídico, vou assistir você se casar com um príncipe arquetípico com dentes





perfeitos e boas maneiras à mesa e, com baldes de bebida, vou zombar dos convidados do casamento.

Negação escalou em seu rosto. — Na torre do sino, você perguntou o que significava para mim.

— Eu apenas queria saber. Eu não estava contando com isso por mais, por mais que quisesse. Foi você quem me lembrou nossas diferenças.

— E então eu mudei de ideia.

— Esgueirando-se por nichos sob a cobertura da noite? Falando em enigmas para se comunicar ou usando o Tumble para enviar missivas? Escorregar para o seu quarto e partir antes do amanhecer? O romance é tão trabalhoso, você não concorda?

— Seja sério por um momento! — ela retrucou. — Não quero ocultar o que compartilhamos. Nem de novo, e não no meu reino. Pode levar anos, mas um dia o povo aceitará.

— Teremos o suficiente para facilitar a implementação de nossos grandes planos para os tolos nascidos —, respondi. — Ultrapassar esses limites deixará pouco espaço para muito mais.

— Como você disse, uma princesa tem coisas mais difíceis de se lidar. Eles não precisam nos celebrar, mas se eu provar que sou uma realza, eles respeitarão minha escolha.

— *Era uma vez, uma princesa e um bobo da corte —, narrei. — Eles esperaram a vida inteira para receber as bênçãos de seu reino, o bobo da corte observando e esperando a princesa crescer em seu papel. Logo, seus dias se tornaram mais ocupados, cheios de novos rostos e obrigações. Ela conheceu príncipes e nobres, discutiu com eles à mesa, participou de um amor cortês. Ela recebeu seus colegas e súditos, com menos e menos tempo para ficar ociosa nos braços de um bobo da corte. Quando eles perceberam que haviam se separado, o banquete estava frio.*





— Isso não vai acontecer. — Disse ela.

— É assim que essas histórias terminam, pois não são realmente histórias.

— Eu sei que você não quer ser rei.

— Boas Estações, não.

— Bem. De qualquer maneira, não é a solução certa ou sábia, mas a mãe governa sem um marido. As rainhas podem ser líderes por conta própria.

Isso não era inédito na nossa história. Desde que as estações se uniram há um século, o poder e a paz não exigiram alianças. Os padrões, por outro lado, foram bem-vindos.

— Você está disposta a abandonar um rei em favor de um amante servo —, resumi. — Um bobo da corte, órfão, com um filho bastardo e tolo. Não poderia haver uma combinação pior para lançar as pessoas.

— Não vejo nenhum dos dois dessa maneira.

— Eu sei, mas é assim que o resto do mundo nos vê.

— Não para sempre. E vou nomear um herdeiro quando chegar o dia. Eu não tenho que dar à luz um. Vou me casar com Mista e amar você.

Engoli. — Isto não é suficiente.

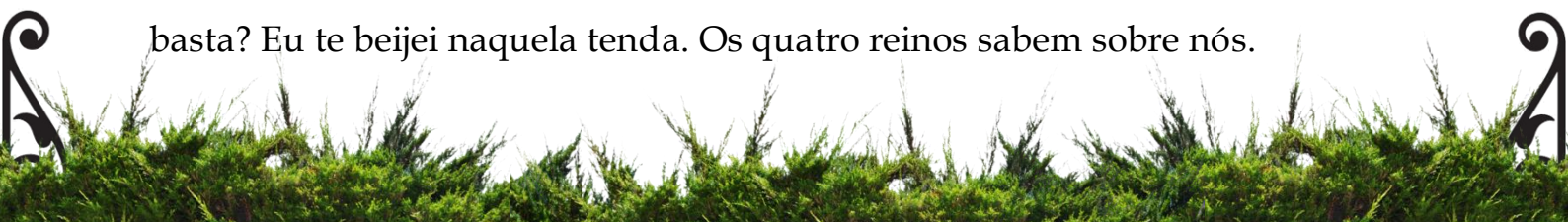
— O que? — Ela perguntou, recuando como se eu tivesse dado um tapa nela.

Eu agarrei seus pulsos. — Ouça-me, Briar.

— Não! Depois de tudo o que aconteceu, ofereço meu coração. Ofereço-me para governar sem um rei para que eu possa estar com você, e essa é a sua resposta? Que eu sou - que não somos suficientes?

Minha própria tristeza refletida em seus olhos. Tentar explicar isso pareceu errado. E ainda: — Não será suficiente para nenhum de nós.

— Eu tomo minhas próprias decisões. Eu escolho isso. Por que isso não basta? Eu te beijei naquela tenda. Os quatro reinos sabem sobre nós.





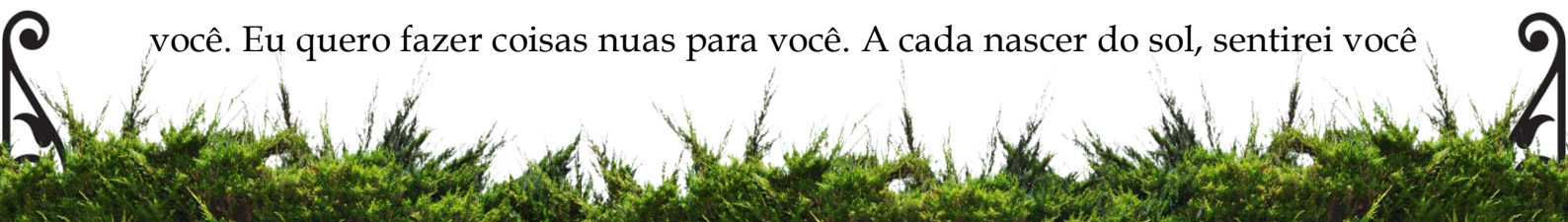
—Somos artistas, você e eu. Com arte e resiliência, iremos desfazer a impressão que causamos, até que o mundo a reduza a um breve e apaixonado encontro que terminou. Os nobres vão cortejá-la, e você os deixará - pelo bem das aparências. Mas em breve, você terá pretendentes a sério, belos nobres, com cabelos e bolsos dourados - até o ranho deles não terá preço. Você obterá a aprovação do seu povo, que espera uma combinação impecável. Você não será capaz de resistir a isso.

—Vamos discutir sobre o pouco tempo que você tem para nós, como cada sorriso que você compartilha com outro homem era apenas uma fachada. Você vai se ressentir de mim por questioná-la, e eu a ressentirei por fazer uma careta para todas as donzelas e rapazes que batem seus cílios para mim. Você vai odiar que eu não parei de flertar e provocar, embora você saiba que é meu ofício. Desejarei o luxo de segurar sua mão nos corredores e subir em sua cama sem precisar disfarçar e escalar uma parede. Vamos brigar, interpretar mal ações e palavras, passar dias e depois semanas sem ter um momento a sós. Vamos dizer as coisas erradas e reagir teimosamente. Interlúdios ficarão repletos de tensão e mesquinharia.

Eu enfiei a lâmina. —E Nicu vai ver isso acontecer.

Briar apertou um punho na boca e se afastou. A visão era um inferno na terra. Eu queria que ela me impedisse de arruinar isso, mas ela não podia, e eu não podia deixá-la.

—Ele ficará com o coração partido, querendo você como mãe e se perguntando por que ele não consegue vê-la. Ficarei com o coração partido, sabendo que não posso explicar de uma maneira que ele entenderá. Enquanto eu estiver fazendo malabarismo com você ou curvando-se a seus pés - dos quais eu desfrutarei -, também quero sacudir você, gritar com você, tocar em você. Eu quero fazer coisas nuas para você. A cada nascer do sol, sentirei você





se afastar, palavra por palavra, olhar por olhar. Eu não aguento isso. Não faça disso o nosso futuro.

Ela ficou de pé. Agitando uma tempestade, ela jogou sua camisa e se virou para mim. — Vista-se.

Bem, bem. O primeiro pedido dela.

— Se lhe agrada, Alteza.

— Isso não me agrada. Gostaria de mantê-lo nu, mas não poderei dizer o que tenho a dizer. Vista-se, Poet.

Levantei-me e vesti minhas roupas horríveis. Terminado, eu abri meus braços.

Ela bufou e ergueu os ombros. Oh-oh.

— Você é um covarde —, disse ela. — Você disse que se eu quisesse que as coisas mudassem, eu deveria mudá-las. Você disse que eu não deveria me apegar a maneiras passadas. Você me disse que me amava.

— Sim. Eu disse isso.

— E você disse que amar é bravura. Temos a chance de nos tornar algo diferente, mas você insiste em dobrar o rabo. Bem, eu não vou deixar você. Você pode embelezar suas palavras, mas eu mantenho as minhas. Se eu faço uma promessa, não a quebro. Minha vontade é tão forte quanto a minha promessa, e se você não sabe disso até agora, não me conhece!

Meus olhos se arrepiaram. — Bria-r

Mas calei a boca quando ela se ajoelhou diante de mim. — Me dê sua mão.

Hipnotizado, eu a coloquei na dela, chocado enquanto ela falava. — Eu juro que não vou abandonar nenhum de vocês. Nicu terá minha adoração todas as manhãs. Ele vai me receber na cabeceira dele todas as noites. Vou sentar-me com ele. Eu vou ouvir suas histórias. Amarrarei fitas por todo o castelo. Segurarei a mão dele nos corredores e o levarei à mesa, para que ele





possa ver seu pai cortejar o grande salão. Eu não vou deixar ninguém o machucar. Eu sou sua. Eu sou sua, Poet. Você vem primeiro, porque você é minha família. Assim como minha mãe, meu pai e Eliot - você é minha família.

— Não tenho vergonha de amar vocês, e lutarei para amar vocês dois com tudo o que sou, e não vou esconder isso - fingi por tempo suficiente. Não tenho medo do julgamento de Mista. Além do mais, isso não é apenas para nós, é para as pessoas. Um dia faremos a diferença juntos, seremos um reino melhor e mostraremos a eles que nenhum outro companheiro poderia existir para mim além de você. Vamos mostrar a eles um novo tipo de união. — Ela sugou o ar.

— Tudo certo?

Quando chegasse o dia, ela seria uma rainha inspiradora. Para minha sorte, eu estaria lá para testemunhar, com o privilégio de aconselhar e depois a admirar do fundo da sala.

Transfixado, eu a encarei. A pior resposta da história vacilou na minha língua, mas pensei em algo que Jinny havia dito na cabana.

— Você me diz —, ela disse. — Agora que ninguém pode ouvi-lo, exceto a velha Jinny. Sem suas roupas e pensamentos extravagantes, você me diz, agora que somos apenas nós.

— Eu não posso amá-la. — Eu sussurrei, embora fosse tarde demais para isso.

Jinny tinha me estudado com olhos desgastados. Os aromas de ervas e fumaça de lenha estavam grudados em seu xale, o primeiro presente que comprei para ela do meu salário como bobo da corte. — Lembra quando eu lhe disse que você sabia o que fazer sem mim? Está na hora de você descobrir isso. Se não, o que isso ensinará a Nicu?

O que isso lhe ensinaria sobre amor, liberdade e princípios? Sobre si mesmo? Na maioria dos dias em nosso mundo, entre tribunais e camponeses, dentro e fora de castelos, existia sabedoria em contenção, pois concedia poder.





Outros dias, tirava nossa alma. Pois o que pensávamos ser seguro poderia muitas vezes ser um perigo maior do que viver, tentar, ousar.

Para uma pessoa tão hábil, eu me provei notavelmente tolo. Se Briar me queria, ela queria meu filho. Ninguém nos quer do jeito que ela queria. Ninguém a desejaria do jeito que podíamos. Negar isso era negar o nosso valor.

Isso eram mentiras.

Afundando em um joelho e nivelando-me com Briar, torci a mão dela para que eu pudesse beijar seus dedos e lhe dar minha resposta.





CAPÍTULO TRINTA E UM

PRINCESA

Eu respirei fundo, trigo. O ar fresco continha os aromas de talos dourados e milho doce. Descansando as costas no tronco da árvore, observei o céu. Era uma tarde cinzenta em Mista, uma pausa entre o que foi e o que será feito. Havia algo de particular em um céu cinzento. Agarrei-o com as duas mãos, saboreando-o antes que o resto do dia me reivindicasse.

Colhemos grãos ao nascer do sol. Adorava o dar e receber da terra. O trabalho silencioso. As silhuetas dos coletores. Eu entre eles, meus músculos doendo.

Costumava deixar as pessoas desconfortáveis em trabalhar ao meu lado, especialmente quando voltei da Primavera com companheiros inesperados, três anos atrás. Mas eles se acostumaram à minha presença. Eles começaram a conversar comigo sobre suas vidas, expressando suas preocupações e esperanças. Ainda era difícil para eles confiarem em mim, mas lentamente o solo começou a afrouxar.

Eu nunca me senti mais verdadeira comigo mesma. Talvez isso os tenha atraído, quando eles não esperavam. Eu não parecia nem agia como mamãe, mas havia tentado provar meu próprio valor. Um pouco de Inverno plácido, um fragmento de Verão ardente, uma quantidade surpreendente de Primavera brincalhona e um coração cheio de Outono. Andava em linha reta, mas relaxava, ria enquanto dava um exemplo real, ocasionalmente dançava e ousava. Eu quebrei um molde. As pessoas e eu estávamos aprendendo juntos.





A colheita era meu esforço pessoal. Mamãe tinha outras responsabilidades prementes. Poet tinha suas próprias tarefas, além do fato de que ele se recusava a usar esparadrapo.

Minha respiração chegou ao meu umbigo. Ao som de risadas, eu deixei para lá.

A alguns metros de distância, Nicu mergulhou em uma montanha colorida de folhas que ele construiu, criando uma explosão ao seu redor. Ele se cobriu com elas e se aconchegou por causa do frio ao ar livre, e porque ele gostava de ser envolvido. À noite, ele seguia as fitas, entrava furtivamente no meu quarto e subia na minha cama. Assim como seu pai.

Nicu se mexia entre Poet e eu, amarrando-nos juntos. Eu reunia Nicu ao meu lado, cheirando leite e chuva em seus cabelos.

Mais tarde, eu acordava e encontrava o pai apoiado no cotovelo, nos admirando. Os dois mantinham quartos próximos ao meu, mas chegariam a mim em algum momento. Poet chegaria lá mais cedo, por outros motivos que não o sono. Então ele partia ao amanhecer para treinar.

Nicu espirrou, fazendo com que mais folhas se espalhassem. Ele bufou quando riu.

Desde o começo, fora doloroso, com os habitantes de Outono encarando Nicu como todos os tolos nascidos, olhando-o com desconfiança e condescendência. Isso o confundiu, como eles rejeitaram sua simpatia, hesitaram com sua conversa obscura.

A desaprovação da corte do bobo da corte e do filho tinha sido constante. Não exibimos nossa família, mas também não a ocultamos. Ficamos humildes, mas orgulhosos. Qualquer um que puxasse eu ou minha mãe para o lado, ou menosprezasse, havia recebido uma palestra severa.





Às vezes, me sentia leve e invencível. Outras vezes, culpa, incerteza, ressentimento e pavor me deixaram de joelhos. Então a mão de Poet pegaria a minha, ou eu veria Nicu sorrir, e encontraria forças para subir novamente.

Sim, houve ira por causa de minhas escolhas, meus amores e, principalmente, minhas intenções com os nascidos tolos. Naquele primeiro ano, houve um tumulto na calada da noite. E eu me culpei. Eu era egoísta e tola, pensei. E eu me joguei no caos, e em meio a telhados de palha em chamas na cidade baixa, eu me ajoelhei diante do meu povo, ficando quieta até que notassem minha presença.

E Poet, tendo se abaixado ao meu lado, ficou em silêncio enquanto eu falava, convencendo todos a parar, empurrando um espelho diante deles, mostrando a eles o que deixamos Outono se tornar. E no dia seguinte, o povo e seus governantes limparam a bagunça juntos e depois seguiram em frente.

Poderia haver outro lapso na natureza de Mista. Uma revolta poderia acontecer novamente. Sabíamos disso, mas faríamos o possível para evitá-la.

Até agora, Poet e eu tínhamos suportado. Além das nossas lutas. Além dos dias em que demos um ao outro o tratamento silencioso, perdoamos um ao outro. Gritando entre lágrimas, beijos e sarcasmo, caretas e risadas. Nós suportamos por causa dessas coisas.

Eventualmente, as objeções públicas cessaram. A corte e os cidadãos de Outono pararam de esperar que eu crescesse com a minha "paixão" ou que a mãe colocasse o pé no chão. Eu sabia que as pessoas ainda desprezavam Poet e eu em particular, mas eu lhes dei motivos para se concentrarem mais em minhas habilidades do que em quem eu amava. Poet lhes dera razões para acolher um bobo da corte. Ambas as coisas, uma novidade.

Todos os dias eu fazia o que podia para este reino e minha família.





Criar Nicu às vezes podia ser extenuante. Eu sucumbia a momentos em que tinha que sair da sala para me conter, para não gritar quando ele se recusava a ouvir, ou para me repreender quando falhava em explicar as coisas da maneira certa. Ou eu estaria cansada demais para falar, para fazer mais do que abraçá-lo.

Poet também teve momentos de fraqueza. Quando um de nós precisava de uma pausa, o outro assumia. E os momentos felizes superaram os obstáculos. Nicu era espirituoso, criativo e afetuoso, ensinando-nos o que ensinamos a ele.

Embora com menos frequência, ainda tínhamos que defender Nicu para os outros. As pessoas que permitiam que seus filhos se aproximassem dele sempre foram uma raridade, e partia nossos corações ao ver sua expressão desamparada. Ele estava acostumado a ficar sozinho, mas não estava acostumado a rejeição.

Mas hoje era um bom dia. Pela primeira vez, ele fez um amigo. Uma criada cuja mãe trabalhava nas cozinhas. Uma garota a quem Nicu chamou de Beleza.

Ela bateu na porta do meu quarto, querendo entregar um pedaço de bolo que ela havia assado com a mãe. Ela conheceu Nicu durante o período em que ele se perdeu, apesar das guirlandas de fita espalhadas pelo castelo - uma manhã de pesadelo para Poet, mamãe e eu.

A garota e um guarda escoltaram Nicu de volta para o quarto. Ela não gostou quando ele disse que ninguém queria ser amigo dele. Ela sabia como era ser julgada por algo que não era culpa dela. A classe dela, doença dele, levaram a hoje. Eles me lembraram minha amizade com Eliot, exceto que coraram em vez de dar uma cotovelada.





Após a colheita, tomei banho e me troquei para levar Nicu em nosso passeio diário. Sempre mantive minha agenda limpa para isso. Eu o levaria para explorar, como meu pai fez comigo. Para os pomares ao norte do castelo. Ou para os campos de milho do leste. Ou para os campos de trigo ocidentais. Ou passearíamos pela cidade baixa do sul, agrupada em meio a árvores repletas de folhas de rubi e topázio - como aquela em que eu atualmente me sento, perto do moinho da vila.

Os aldeões e agricultores prestaram-nos pouca atenção. A tensão havia diminuído um pouco. Eu possuía minhas escolhas sem vergonha, e isso ganhou um grau experimental de respeito. Depois de três anos, era um começo.

O guarda que estava nos escoltando estava por perto. Ele soltou um resmungo, alertando-me que nosso precioso recesso havia terminado.

— Está na hora de descansar. — Eu disse.

— Ughhh —, Nicu lamentou. — As folhas vão ficar com raiva.

— Tentativa brilhante, mas não vai funcionar comigo. — Eu conhecia seus truques, assim como os de seu pai. — Quanto mais cedo você dormir, mais cedo poderá ver sua amiga novamente.

Nicu ficou de pé. Levantei-me com ele e espanei minhas saias. A parte de cima do vestido era creme, passando pelo meu pescoço, as mangas curtas cobrindo meus braços e deixando meus ombros e braços nus. Âmbar transparente, cortado para se assemelhar a camadas de folhas, compunha a saia. Meu cabelo caía solto e rebelde.

Mamãe fazia uma pausa do dia para despertar Nicu mais tarde. Ela ficou tão apegada a ele que isso se tornou uma rotina.

Nós voltamos para o castelo. Persianas vermelhas e alvenaria marrom.





Nicu demorou um pouco para entender que não era Primavera, apesar da mudança de visão e clima. Ele sabia que as texturas, sons e cheiros eram diferentes, mas não havia entendido o porquê.

Uma vez que ele tinha, ele exclamou: — Mas as estrelas são as mesmas!

Ele estava certo. Elas eram.

Ele se recuperou do medo de guardas. Ele parou de esperar que Jinny se materializasse em cada esquina. Ele sabia os nomes de todos os tipos de maçã e podia listar os animais em Mista sem pausa. Ele pensou que as folhas eram joias recém-nascidas.

No Portão Leste, a entrada particular da coroa, ele ofegou. — Mamãe, olhe!

Meu peito apertou. Eu olhei, embora não para onde ele indicou. Eu olhei para ele.

Ele me chamou de mamãe.

Nicu olhou para mim como se nada tivesse acontecido, embora minha expressão fosse clara para ele ver. — Você vai chover?

Eu ia chorar?

Um nó na garganta. — Hoje não.

Ele apontou novamente. — Veja.

Aos sete, ele se tornou um idiota mandão. Rindo, vi a fita escarlate amarrada em torno de uma das barras do portão. Sentindo o que isso significava, eu liberei nossa guarda. Coletando a fita com uma mão e apertando os dedos de Nicu com a outra, eu sorri. — Vamos.

Guinchando, conduzi-o ao pátio, onde descobrimos outra afixada em uma panela de taboa. Nós a agarramos e seguimos em frente, passando por criados e nobres assustados. Jogamos o jogo, seguindo a trilha de escarlate pelo





castelo. Fitas presas a um fardo de feno, um alqueire de peras, um caule de abóbora, uma vela apagada, um banco e as portas duplas do grande salão.

Estourando através delas, nós o encontramos. O salão brilhava com velas de cera para o banquete desta noite, quando nosso bobo da corte brincava e dançava para Mista.

Para mim. Comigo.

Seu corpo estava pendurado na minha cadeira no estrado, as pernas penduradas em um braço, a cabeça apoiada no outro. — Você está atrasada. — Disse ele ao teto.

— E você está brincando. — Eu disse.

— É meu trabalho, princesa.

Ele ficou sentado, convidando o filho a pular nele. — Eu ganhei! — Nicu se gabou. — Eu fiz uma amiga, papai!

Poet levantou uma sobrancelha para mim. Eu balancei a cabeça em confirmação.

— Conte-me a história. — Disse Poet.

— Não. — Nicu disse. Ele deu uma mordida de amor ao seu pai e pulou no chão, vendo Tumble rolando como um tronco pelas pedras.

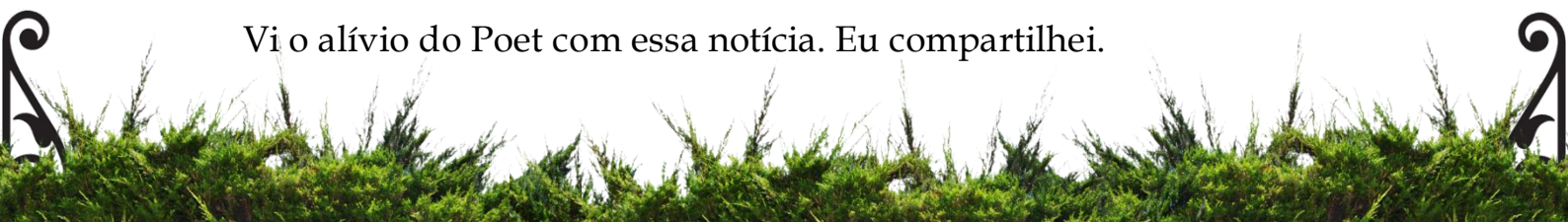
Mantendo uma para mim, dei a Nicu o resto das fitas para ele e o furão para brincar. Nicu rastejou de quatro, transformando-os em uma trilha sem rumo para Tumble por todo o corredor.

Poet levantou-se e abriu os braços. — É tudo o que eu ganho? — Ele perguntou, mas Nicu e o furão já estavam perdidos em seu próprio mundo.

— Acostume-se a isso —, comentei. — Ele está preocupado. O nome dela é Beleza.

— Esse é o nosso garoto.

Vi o alívio do Poet com essa notícia. Eu compartilhei.





Vestido cedo para a noite, ele usava um casaco de veludo vermelho até o tornozelo, os punhos enrolados do jeito que ele gostava, com uma calça marrom escura enfiada nas botas. A visão dele ainda tinha a capacidade de me roubar o ar.

Eu levantei a fita solitária. — Você não pode fazer nada de forma simples, pode?

— Pereça o pensamento. — Ele andou na minha direção. — Você diria que gosta de mim?

— Sim —, eu ri. — Mil vezes, sim.

— Nesse caso. — Com reverência, ele amarrou o comprimento vermelho do material em volta do meu pulso, como se fosse um anel. Seus dedos roçaram minha pele, provocando calor sob o meu vestido. Ninguém me derretia como ele.

Nenhuma oferta poderia me deixar mais orgulhosa de aceitar.

Poet tornou-se essencial para Mista, sem que eu tivesse que intervir. Ele encantou cidadãos e dignitários, me aconselhou, ensinou novatos a se apresentar e supervisionou os "tolos nascidos", como o mundo insistia em chamá-los.

As Estações ainda os trocavam. Outono participava apenas para coletar as almas que fomos capazes de prover. Mantivemos as relações reais, oferecendo um melhor tratamento. Sem expor ao ridículo. Não havia provocações ou brincadeiras com eles. Demos a eles habilidades de comércio, se possível, e os pagamos de maneiras que os outros reinos não: boa acomodação, muita comida e cuidados médicos.

Mantivemos os loucos em uma vila isolada, vigiada, mas com condições e médicos humanitários. Era muito mais complicado e, às vezes, julgávamos





mal a capacidade de uma pessoa. Superestimado. Subestimado. Melhorar isso levaria uma vida inteira de trabalho.

Poet e eu éramos uma força a ser reconhecida. Com a aprovação de mamãe, fizemos discursos públicos em todo o reino, apresentando histórias e verdades, instando nossa audiência a reconsiderar a santidade das Estações - nossa fé coletiva no divino mistério da natureza. Conversamos com todo camponês, todo comerciante e todo nobre. Nós os ouvimos, debatemos com eles. Nós aprendemos e educamos.

Mamãe estava certa. A mudança levaria mais tempo do que esperávamos, e mais dificuldades pela frente. Papai costumava dizer que tudo começa com uma semente.

Um dia, Primavera me receberia novamente. Eu me sentaria nas negociações de paz. E o Outono contestaria o decreto dos tolos.

E um dia, espero que as Estações se juntem a esse respeito. Teríamos uma chance maior juntos do que separados. Cada um de nós tinha algo a contribuir.

Até então, Poet e eu tínhamos que nos mover devagar, encontrar um equilíbrio, dar o exemplo. Ano após ano - um ato de malabarismo, meu bobo da corte gostava de dizer.

— Por falar em histórias, você não perguntou por que eu te trouxe aqui.

— Disse Poet.

— Os bobos da corte não esperam para serem perguntados. E princesas nunca perguntam, elas mandam. — Respondi.

— Pensei em uma história, na verdade, tenho isso em mente há eras, mas não a considerava novamente até recentemente. Pedacos e pedacos muitas vezes vêm à mente, mas não o escopo maior. Percebi que há mais na história agora. Gostaria que sua aprovação recitasse para a folia de hoje à noite. — Ele





se inclinou e sussurrou: — Um aviso: algumas partes não são adequadas para os ouvidos de uma criança.

— Eu não me preocuparia. — Inclinei meu queixo para onde Nicu havia se enrolado na cadeira da mãe e adormecido, enquanto Tumble mastigava a ponta de uma mesa. As fitas estavam espalhadas por toda parte.

Poet e eu estávamos nos tocando sem pensar o tempo todo. Mas com o nosso menino descansando, Poet aproveitou o momento. Com um rosnado perverso, ele me puxou para ele.

Na cara dele, eu vi cem expressões. Eu as colecionei desde o momento em que chegamos à Mista. Hesitação e saudade de casa. Preocupação e frustração. Impaciência comigo, impaciência por me receber. Determinação na sala do trono. Humor privado do outro lado do grande salão. Travessura quando ele me provocava.

Ele enfurecia e me empurrava. Ele me fazia rir.

Ele fazia amor comigo. Na minha cama. Na cama dele. Na minha mesa. Contra a parede.

Com raiva e agitação, nos apressávamos, nossos membros martelando. Outras vezes, era paciente e doce, lento e longo. Nossas bocas pastavam juntas, línguas pressionadas, mas não se movendo, enquanto nossos quadris balançavam. Tortura sem fim. Profundidade requintada.

Ele me levou de inúmeras maneiras. Eu o fiz se render em um grito, sintonizado com cada parte dele. Todo som, todo gosto.

Ele agarrou meus lábios em um beijo arrepiante. Apertei-o para mim, separando-me.

Ele soltou minha boca em um gemido. — Briar. — Ele solicitou.

— Hmm... — Eu respirei contra sua bochecha. — Ah, sim. Como essa história começa?





—Permita-me, Alteza.

Segurando minha mão, ele me acompanhou até minha cadeira ao lado de um Nicu sonhador e acendeu uma única vela. Ele realmente era incapaz de fazer as coisas simplesmente, pensei com carinho.

Agitando o pulso, ele se curvou e deu um sorriso. —Começa com uma fita.





EPÍLOGO

BOBO DA CORTE

Como você percebeu, a história não terminou naquela floresta da Primavera. Isso continuou e continuará se eu tiver algo a dizer sobre isso. Você sabe, muitas vezes tenho algo a dizer.

Eu não sou o mesmo tolo que começou essa história. Eu ainda sou perversamente bonito, sempre uma coisa brilhante, mas também inteiro. Sou de uma nova Estação, nova coroa, novo propósito. Eu sou um pai espetacular para o mundo ver. Sou amante de apenas um.

Para muitos, meu nome é Poet. Para outros, é outra coisa.

Ouso dizer que estou melhorando com a idade. É principalmente por sua conta. Você me superou. Você me superou de uma maneira esplêndida. Minha língua afiada perdeu a batalha de vontades.

Você também mudou, meu amor. Minha Briar.

A primeira vez que dancei em nossa história para você, você estava dormindo ao meu lado naquele caramanchão da floresta. Assim, eu repeti a história em silêncio, um tipo de ensaio. E hoje à noite, será revelado a muitos. Mas você sempre foi quem soube e ouviu antes que eles soubessem.

Eu poderia prometer reter detalhes privilegiados, mantendo-os puramente entre nós. Com nossa audiência do Outono, eu prometi ser humilde e discreto, me impedir de me gabar.

Mas você não teme a verdade.

E eu não sou tão bom mentiroso.

